



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO E HOSPITALIDADE
DOUTORADO**

RENAN DE LIMA DA SILVA

**ESQUIZOGRAFIAS DE FAVELA:
Sinalizadores de Turismo e Lazer na trama de (Auto)Transpoiese,
em Favelas do Rio de Janeiro, Brasil**

**CAXIAS DO SUL
2024**

RENAN DE LIMA DA SILVA

ESQUIZOGRAFIAS DE FAVELA:

**Sinalizadores de Turismo e Lazer na trama de (Auto)Transpoiese,
em Favelas do Rio de Janeiro, Brasil**

Tese de Doutorado submetida à Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Turismo e Hospitalidade.

Linha de Pesquisa 2: Turismo, Hospitalidade Cultura e Educação.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Maria Luiza Cardinale Baptista.

CAXIAS DO SUL

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

S586e Silva, Renan de Lima da
Esquizografias de favela [recurso eletrônico] : sinalizadores de turismo e
lazer na trama de (auto)transpoiese, em favelas do Rio de Janeiro, Brasil /
Renan de Lima da Silva. – 2024.

Dados eletrônicos.

Tese (Doutorado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-
Graduação em Turismo e Hospitalidade, 2024.

Orientação: Maria Luiza Cardinale Baptista.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Turismo. 2. Autopoiese. 3. Favelas - Rio de Janeiro (RJ). 4. Lazer. 5.
Ciência. I. Baptista, Maria Luiza Cardinale, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 338.48

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Márcia Servi Gonçalves - CRB 10/1500

RENAN DE LIMA DA SILVA

ESQUIZOGRAFIAS DE FAVELA:

Sinalizadores de Turismo e Lazer na trama de (Auto)Transpoiese, em Favelas do Rio de Janeiro, Brasil

Tese de Doutorado submetida à Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Doutor em Turismo e Hospitalidade.

Linha de Pesquisa 2: Turismo, Hospitalidade Cultura e Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Luiza Cardinale Baptista.

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Maria Luiza Cardinale Baptista (Orientadora)

Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof.^a Dr.^a Aline Passuelo de Oliveira

Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Dr. João Luíz Fernandes

Universidade de Coimbra – Portugal

Prof.^a Dr.^a Kerlei Eniele Sonaglio

Universidade de Brasília

Prof. Dr. Odenei de Souza Oliveira

Universidade Federal do Amazonas

AGRADECIMENTOS

Este texto, coletivo singular, é a representação e expressão de muitas subjetividades. Agradecer aqui é, ao menos, reconhecer os coautores que, junto comigo, caminharam e contribuíram com a construção do percurso que é aqui apresentado.

A 'com-versa' científica aqui apresentada tem marcas da minha subjetividade e da subjetividade dos que, comigo, deram voltas juntos. Este texto é a realização de um sonho que, em algum momento, por mim, sequer foi possível se constituir como sonho. Era no máximo o vislumbre de algo que eu ainda nem podia sonhar.

Por isso, quero aqui agradecer as primeiras pessoas que acreditaram em mim, minha mãe, Rosilene Santos de Lima, minha Tia e também mãe, Rosenilda Santos de Lima e minha vó, mãe de muitos, incluindo eu Jordeli Santos de Lima. Obrigado por cuidarem dos meus sonhos e desejos para que esses, nos encontros com os Becos, pudessem vislumbrar Vieiras.

Agradeço ao meu pai, Manoel Messias da Silva, que, mesmo preocupado muitas vezes com meus caminhos, sempre possibilitou que eu continuasse andando. Obrigado pai, por ser inspiração e exemplo para muitas das narrativas presentes nesta Tese. Agradeço ainda a Clarice Vieira da Costa, por estar sempre ao lado do meu pai e, junto com ele, cuidar para eu continuar caminhando.

Quero agradecer também aos meus irmãos Dérick de Lima da Silva e sua linda família, e meu maninho, Matheus Costa da Silva. Obrigado por me darem força, por serem luz e brilho na minha trajetória. Ainda quero agradecer aos irmãos de vida, amigos de infância, presentes nas brincadeiras e nas narrativas Faveladas aqui contadas, Obrigado Bairro de Cosmos, Favela de Santa Margarida, onde nasci e aprendi a forma como conto tudo que apresento aqui.

A partir daqui, quero contar da potência que me sustenta, que vislumbra e me faz acreditar, me fez perceber, que é possível brotar em território de intempérie. Antes de tudo, quero agradecer a minha orientadora, mãe acadêmica, professora Doutora Maria Luiza Cardinale Baptista. Obrigado por me permitir compartilhar essa existência e esse trabalho com você. Obrigado por confiar em mim, obrigado pelos irmãos que você me permitiu ter além da academia. Obrigado por nos proporcionar um mundo, uma Ciência e um Turismo melhor.

Quero agradecer aqui especialmente ao Amorcomtur! Grupo de estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiése. Agradeço sua líder, Prof. Malu, por nos permitir estar juntos. Agradeço aos integrantes do grupo, por me ouvirem, me ensinarem, agradeço por existir Amorcomtur! Agradeço por ser Amorcomtur em toda parte, junto com vocês.

Agradeço aos meus amigos de Caxias do Sul, agradeço aos meus amigos do Rio Grande do Sul, obrigado por me permitirem ser 'cariucho'. Agradeço ao Luan Pazzini Bitencourt, amigo querido e revisor ABNT deste trabalho, obrigado por tanto. Quero ainda agradecer a minha família caxiense, obrigado por me receberem, me acolherem, não é só hospitalidade, eu agradeço ao amor de vocês por mim, obrigado por tanto.

Quero agradecer ainda ao Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade. Agradeço pela oportunidade, pelos ensinamentos de cada professor no presente e no passado. Obrigado por fazerem parte da minha trajetória. Quero agradecer também aos meus colegas de turma e a todo corpo discente do PPGTURH. Nós fazemos parte da construção e manutenção desse programa, agradeço por fazer parte junto com vocês. Agradeço a Regina de Azevedo Mantesso, secretária do PPGTURH, por todo acolhimento e paciência.

Agradeço ainda aos avaliadores deste trabalho e também agradeço a Capes e ao Governo Federal, sem a bolsa, não seria possível produção desta pesquisa.

Agradecendo, percebi que sou grato por ter tanta sorte, por ter tanto o que agradecer. Obrigado a cada um que, de uma forma ou de outra, também constitui minha Favela e esta Tese Favelada.

RESUMO

A Tese proposta tem como **foco de estudo**: Esquizografias de Favela, considerando sinalizadores de Turismo e Lazer, na trama de (Auto) Transpoiese, em Favelas do Rio de Janeiro, Brasil. Como **objetivo geral** proponho: realizar Esquizografias de Favela, considerando sinalizadores de Turismo e Lazer, na trama (Auto)Transpoiese, em Favelas do Rio de Janeiro, Brasil. Especificamente tenho como objetivos: apresentar a proposição conceitual Esquizografias de Favela; relatar ‘com-versações’ sobre Turismo e Lazer – da Fachada ao Averso da Trama Ecosistêmica; esquizografar sinalizadores de Turismo e Lazer que expressam a trama de (Auto)Transpoiese em Favelas no Rio de Janeiro. Este estudo está fundamentado na visão holística de autores contemporâneos, como Capra (1991; 1997) e Crema (1989), e nas proposições ecosistêmicas sobre ciência, trabalhadas no Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese. A produção envolve uma trama teórica, com uma multiplicidade de autores relacionados às seguintes temáticas: Epistemologia do Turismo e do Lazer; Esquizoanálise; Biologia amorosa e do conhecimento; Espistemologias do Sul; Ecologia de Saberes. Metodologicamente, trabalha com a estratégia Cartografia dos Saberes em combinação com as Matrizes Rizomáticas, propostas por Baptista (2014; 2017; 2020a) e atualizadas pela autora em 2023 (Baptista; Eme, 2023). A Cartografia dos Saberes propõe cinco grandes trilhas, sendo elas: Trilha Trama Entrelaços Nós da Pesquisa; Trilha dos Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva; Trilha Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica; Trilha Usina de Produção ou Trama dos Fazeres; e Trilha Dimensão Intuitiva da Pesquisa. Já as Matrizes Rizomáticas contribuem para verificação do equilíbrio fluente da pesquisa, sendo expressas em quadros-síntese e retomadas recursivamente durante a escrita. Em termos de resultados, há a proposição do conceito de Esquizografias, percebendo subjetivamente os Aversos das Tramas dos ecossistemas que compõem os universos da Favela do Turismo e do Lazer. As Esquizografias se insinuam como inscrições vivenciais singulares e subjetivas, que são sinalizadores dos Aversos do Turismo e do Lazer, a partir da ideia de Averso apresentada por Baptista (2021a). Esses sinalizadores apresentam a produção de (Auto)Transpoiese (Baptista, 2022) de lugares e sujeitos como brotação espontânea desejante desde as subjetividades dos territórios de intempérie das Favelas do Rio de Janeiro, Brasil. Nesse sentido, a tese se posiciona, propondo a consideração de uma Episteme Favela, a partir do grau zero de significação Favela, em suas conexões epistemológicas, históricas, filosóficas, sociológicas, ecosólicas e holísticas. Assim, a Tese apresenta a Favela como universo de (auto)transpoiese, de sobrevivência em territórios de intempérie, constituindo-se, portanto, também em universo de (auto)transpoiese de Turismo e do Lazer.

Palavras-Chave: Esquizografias; Favela; Ciência; Averso do Turismo; Averso do Lazer.

ABSTRACT

The proposed thesis focuses on the study of Schizographies of Favelas, considering Tourism and Leisure indicators, in the weave of (Self)Transpoiesis, in Favelas of Rio de Janeiro, Brazil. As a general objective, I propose: to carry out Schizographies of Favelas, considering Tourism and Leisure indicators, in the weave of (Self)Transpoiesis, in Favelas of Rio de Janeiro, Brazil. Specifically, I have the following objectives: to present the conceptual proposition Schizographies of Favelas; to report 'com-versations' on Tourism and Leisure – from the Facade to the Reverse of the Ecosystemic Weave; to schizograph Tourism and Leisure indicators that express the weave of (Self)Transpoiesis in Favelas in Rio de Janeiro. This study is based on the holistic vision of contemporary authors, such as Capra (1991; 1997) and Crema (1989), and on the ecosystemic propositions about science, worked on in Amorcomtur! Study Group on Communication, Tourism, Amorosity and Autopoiesis. The production involves a theoretical weave, with a multiplicity of authors related to the following themes: Epistemology of Tourism and Leisure; Schizoanalysis; Biology of Love and Knowledge; Epistemologies of the South; Ecology of Knowledge. Methodologically, it works with the strategy Cartography of Knowledge in combination with the Rhizomatic Matrices, proposed by Baptista (2014; 2017; 2020a) and updated by the author in 2023 (Baptista; Eme, 2023). The Cartography of Knowledge proposes five major paths, namely: Weave Interlaces Research Knots Path; Personal Knowledge Path or Subjective Dimension; Theoretical-Conceptual-Bibliographical Weave Path; Production Plant Path or Weave of Doings Path; and Intuitive Dimension of Research Path. The Rhizomatic Matrices contribute to verifying the fluent balance of the research, being expressed in summary tables and recursively resumed during writing. In terms of results, there is the proposition of the concept of Schizographies, subjectively perceiving the Reverses of the Webs of the ecosystems that make up the universes of the Favela of Tourism and Leisure. The Schizographies insinuate themselves as singular and subjective experiential inscriptions, which are indicators of the Reverses of Tourism and Leisure, based on the idea of Reverse presented by Baptista (2021a). These indicators present the production of (Self)Transpoiesis (Baptista, 2022) of places and subjects as a spontaneous sprouting of desire from the subjectivities of the weathered territories of the Favelas of Rio de Janeiro, Brazil. In this sense, the thesis positions itself, proposing the consideration of a Favela Episteme, from the zero degree of Favela significance, in its epistemological, historical, philosophical, sociological, ecosophical and holistic connections. Thus, the Thesis presents the Favela as a universe of (self)transpoiesis, of survival in territories of inclement weather, constituting itself, therefore, also in a universe of (self)transpoiesis of Tourism and Leisure.

Keywords: Schizographies; Favela; Science; Reverse of Tourism; Reverse of Leisure.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do Estado do Rio de Janeiro	191
Figura 2 - Mapa Município do Rio de Janeiro.....	191
Figura 3 - Divisão Zona Sul, Norte, Oeste e Centro do Rio de Janeiro	194
Figura 4 - Mapa destacando o Morro da Providência no centro do Rio de Janeiro e o presidio de Ilha Grande	204
Figura 5 - Mapa ocupação armada do Rio de Janeiro	207
Figura 6 - Favela Santa Margarida, Baile de Natal da B12	217
Figura 7 - Divulgação, Baile de Natal da B12 2023.....	218
Figura 8 - Compilado de fotos de divulgação festas em Cosmos e Santa Cruz.....	240
Figura 9 - Foto turma da U.V.A	242
Figura 10 - Foto do churrasco de reencontro da Turma da U.V.A.....	243
Figura 11 - Compilado Baile de Roma	245
Figura 12 - Compilado imagens de divulgação	246
Figura 13 - Compilado de imagens, movimento de Tentear.....	266
Figura 14 - Foto pipasgrafia	268

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - MATRIZ 1 - TRAMA E RIZOMAS VERIFICAÇÃO DA COERÊNCIA DA PESQUISA.....	82
Quadro 2 - MATRIZ 2 - DETALHAMENTO DO RIZOMA RELAÇÃO 'ENTRELAÇOS NÓS', OBJETIVOS, CAPÍTULOS E SUBCAPÍTULOS	87
Quadro 3 - MATRIZ 3 - COMPOSIÇÃO TRAMA TEÓRICO-CONCEITUAL-BIBLIOGRÁFICA DA PESQUISA [Trilha Trama Teórico - Conceitual - Bibliográfica da Cartografia dos Saberes].....	88
Quadro 4 – MATRIZ 4: COERÊNCIA OPERACIONAL E DINÂMICA DA PESQUISA. CAPÍTULOS [TRILHA USINA DE PRODUÇÃO OU TRAMA DOS FAZERES DA CARTOGRAFIA DOS SABERES].....	90
Quadro 5 - Sinalizadores e síntese dos sinalizadores.....	236
Quadro 6 - Correspondência entre sinalizadores síntese e movimentos das pipas	237
Quadro 7 - Correspondência entre os sinalizadores síntese, movimentos de pipa e elementos cartografados	238
Quadro 8 - Síntese de narrativas, movimentos de Currupio	248
Quadro 9 - Síntese de músicas, movimentos de Chapar	252
Quadro 10 - Síntese de músicas, movimento de Debicar	258
Quadro 11 - Síntese de músicas, movimento de Tentear	263

SUMÁRIO

1 SOLTANDO A PIPA NA INTRODUÇÃO DA TESE...	8
1.2 BECOS E VIELAS DA PESQUISA.....	20
1.3 NOS BECOS E VIELAS, O PESQUISADOR FAVELADO	23
2 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS E PERCURSO DA INVESTIGAÇÃO	38
2.1 BECO: CIÊNCIA EM CONDIÇÃO DE INTEMPÉRIE, FAVELA.....	40
2.2 VIELA: RECONHECER SUJEITO, FAVELADO!.....	45
2.3 BECO: CONTATOS ATREVIDOS DE PRIMEIRO GRAU, O ENCONTRO COM O TERMO <i>SAPERE AUDE</i>	49
2.4 BECO: CONTATOS ATREVIDOS DE SEGUNDO GRAU, MERGULHO TEÓRICO NO TERMO <i>SAPERE AUDE</i>	52
2.5 BECO: INSPIRAR PARA SUBIR O MORRO	60
2.6 CARTOGRAFIA DOS SABERES E MATRIZES RIZOMÁTICAS	63
2.7 VIELA: REFLETINDO ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS.....	68
2.8 VIELA: REFLETINDO MATRIZES RIZOMÁTICAS	77
3 ESQUIZOGRAFIAS DE FAVELA!.....	97
3.1 ESQUIZOANÁLISE	105
3.2 SUJEITO TRAMA - APONTAMENTOS PARA ENTENDER O CAMINHO PELA ESQUIZONÁLISE DA FAVELA.....	119
3.3 DESEJO	128
4 TURISMO E LAZER-TRAMA	137
4.1 TURISMO DE FAVELA, SEGREGAÇÃO E CONTROLE NA ORDEM DO DESEJO	159
4.2 O AVESSO DO LAZER-TRAMA	170
5 VIAGEM ENTRE BECOS E VIELAS	181
5.1 DOIS RIOS: PONTES ENTRE ABISMOS, FACHADAS E AVESSOS DA ZONA SUL (NORTE) E DAS FAVELAS (SUL) DO RIO DE JANEIRO	187
5.2 RIO DE JANEIRO E SEUS POLOS DE PODER	190
5.3 FAVELA!.....	197
5.4 FAVELA E VIOLÊNCIA	201
5.5 ESQUIZOGRAFIAS DE SINALIZADORES DE TURISMO E LAZER.....	208
6 SÍNTESE DA TRAMA – O QUE A FAVELA ENSINA – O FESTIVAL DE PIPAS.	228

6.1 ARRIAR.....	239
6.2 CURRUIPIO	247
6.3 CHAPAR	250
6.4 DEBICAR	256
6.5 TENTEAR.....	262
6.6 SINALIZADORES DE CUIDADO	268
7 'TÁ NA HORA DE ENTRAR...'	272
REFERÊNCIAS.....	282

1 SOLTANDO A PIPA NA INTRODUÇÃO DA TESE...

É que eu tenho alma de pipa voada
Ela me deu linha e depois voei
Solto pelo céu, quero saber de nada
Ela me deu linha e depois voei
Voei, voei, voei (ei)
Eu voei, voei, voei (yeah yeah yeah).



Com o pensamento lá em cima que nem pipa
O ritmo do meu dia, a correria é quem dita (é)
Pensando nela que é hit, igual Iza, Anitta
Sorriu pra mim, fiquei igual Kevinho, cê acredita (Rashid; Emicida; Lukinhas, 2020).

A pipa sobrevoa, tema, escrita, viagem, teoria, epistemologia e Favela. O sujeito favelado prepara-se para poder se fazer presente, contemplar o morro e reconhecer suas potências, potencialidades. Assim começa a escrita de quem transita, se move e se põe em viagem, de quem reconhece na incerteza e, nas intempéries desse universo, vê a possibilidade de se descobrir, se reinventar, aprender e ensinar. 'Soltar pipa' é reconhecido aqui como ato micropolítico, que, através do Lazer, permite o sujeito se soltar, viajar, voar. É sobre essa dimensão de reconhecimento e importância do Lazer em alinhamento com o Turismo que se trata esta Tese. Então, permita-me contar um pouco desse atrevimento de quem transita por territórios potentes e desafiadores, territórios de intempérie, as favelas do Rio de Janeiro.

Ser sujeito de Favela e poder 'sentir sentires' que são também fazeres e saberes fractais, dissipativos, ecossistêmicos, envolve dinâmicas e processos marcados por complexidade da brotação e poética, poesia de quem escreve e se inscreve, sobrevoando os Becos e Vuelas da Favela. Introduzo, assim, esse olhar, convidando para voarmos juntos e dançar pelas poesias escritas dos Becos e Vuelas da Favela, em mim, na orientadora, nos participantes do grupo de pesquisa do qual participo no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, o Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese.

Antecipo que esse texto é, ao mesmo tempo, produção científica e exercício de autopoiese, no sentido de poder me reconhecer autor de uma pesquisa, envolvendo uma ciência que pode brotar desde a Favela, reconhecendo o meu eu sujeito Favela em trânsitos, quando, então como linha, é permitido ao sujeito favelado poder voar,

como pipa, espelhando (Baptista, 1996) os sujeitos da Favela, contemplando a Favela.

Essa escrita tem se construído com orientação ensaísta, muito mais pela forma como se propõe, metodologicamente, do que somente pelo gênero em relação a sua proposição literária. A realidade é que, como proposta cartográfica, a escrita se faz a medida que se caminha, de maneira artesanal e, nesse caso, reconhecendo Becos e Vieiras (Rolnik, 1989, 2011). No caso, o espelhamento é singular do sujeito que produz a tese, mas também é plural, de sujeitos em territórios de intempérie, que são as favelas do Rio de Janeiro, mas não só. São as favelas da vida, em sentido metafórico deslizado. É o que faz desta produção potência de enunciação de produção de vida.

Assim, projeta-se uma escrita artesanal (Eme, 2021), que conta uma viagem investigativa (Baptista, 2018) reconhecendo o sujeito da viagem como parte integrante desse processo. Trata-se de cartografia que reconhece emoção em comunhão com a razão, e, dessa forma, inscreve a pesquisa paradigmaticamente, considerando sua dimensão holística, com orientação alinhada com a ciência contemporânea, a partir de Crema (1989), Capra (1991), Maturana e Varela (2001) e Baptista (2022).

Os sentires e o atrevimento da Favela, sintetizados na expressão '*Sapere Aude*', são marcas desta cartografia, como orientação propositiva a partir do significado da expressão – 'atreve-se a conhecer' -, como abordado em outro momento (Silva; Baptista, 2023). Essa condição emerge de 'com-versas' entre orientando e orientadora, e também como traço de narrativas especulares que brotam dessas 'com-versas', fazendo emergir poeticamente os entrelaços nós da referida pesquisa. Ressaltamos que, esse reconhecimento se alinha com a proposição de 'com-versar' como ato de dar voltas com, como para Maturana (1988) e Baptista (2021), e que sinalizam os entrelaçamentos nós, como 'nós juntos' de pesquisa, que significam a pesquisa em seu processo artesanal e, nesse caso, cartográfico.

Dessa maneira, é possível reconhecer esse processo também como contação de história, como narrativa de pesquisa, que é narrativa de viagem pela e com a Favela. Considero aqui o pressuposto de "pesquisa como viagem investigativa" e a produção como "narrativa de viagem", de Baptista, em seus vários estudos, com conexão também à arte de viajar e contar viagem (Botton, 2012; Martinez, 2012). Se conto a Favela e falo como favelado, solto linha para a pipa que se permite tomar o vento de frente e se põe a voar, transitando artesanalmente pelo céu e, nesse

momento, permitindo ver, ao longe de cima, Becos e Vieiras por onde vamos nos embrenhar ao longo da pesquisa.

Portanto, permitam-me apresentar brevemente a panorâmica desse lugar que representa meu lócus de pesquisa, onde se insere meu foco de pesquisa e sobre o qual vou contar um mix poético, não só com romantismo estético literário da poesia, mas como ato micropolítico (Guattari; Rolnik, 1996), de quem conta poesia como escreve a si mesmo. Trata-se de se perceber transversalmente, ao se permitir contar, mesmo em uma sociedade que promove as ausências (Santos, 2002) da Favela, cerceando a liberdade da mesma, através de um sistema embasado no Capitalismo Mundial Integrado (Guattari, 1985). No caso aqui, a proposta é permitir brotar desejos aprisionados dos sujeitos, aprisionamentos que se dão através das capturas sistematicamente postas desde a subjetividade de acoplamentos maquínicos.

Conto Favela a partir do conceito implícito na expressão '*Sapere Aude*', que encontrei originalmente na série Merli (Lozano, 2019-2020), '*Sapere Aude*', com significado 'atreva-te a conhecer', vem representando, para mim, a oportunidade de me reencontrar academicamente e, principalmente, repensar minha vivência nos encontros e 'com-versas' com a minha orientadora, e nos encontros caóticos do AMORCOMTUR! Grupo de estudos em Comunicação Turismo, Amorosidade e Autopoiese, da Universidade de Caxias do Sul.

Lembro-me que, simultaneamente ao encontro com a série, atendi convites, na mesma época, e retornei ao grupo de pesquisa, onde repensei minha trajetória, meus saberes e fazeres. Dessas vivências, emergiu nas 'com-versas' do grupo e com o grupo, a ressignificação da Favela em alinhamento com o Turismo e o Lazer, o que remonta à concepção da tese aqui apresentada.

Portanto, 'atreva-te' a conhecer' é atrevimento em processo científico do eu pesquisador, no reconhecimento do emocionar, e na proposição da percepção das subjetividades narradas, percebidas e tratadas, holística e esquizoanaliticamente. Essa Favela, subjetiva e objetiva, holística e de trajetória de vida, é a que conto e proponho através das Esquizografias do Turismo e do Lazer nesta e desta pesquisa. (Silva; Baptista, 2023a, 2021).

Vale lembrar que '*Sapere Aude*', 'atreva-te a conhecer', é expressão que ficou amplamente conhecida como o lema do Iluminismo de Kant (1985) escrito pelo autor no século XVIII precedendo a revolução francesa, onde o autor propõe que frente à passividade do sujeito sobre os processos reflexivos, se fazia necessário uma nova

era do pensamento, a sobreposição da razão sobre a emoção, o que orientou a Revolução Científica¹.

Essa dinâmica, no entanto, foi inspirada em um poeta romano, epicurista, Quinto Horácio Flacco, e tem na poesia desse autor a inspiração referida por Kant. Flacco propõe o atrevimento frente à possibilidade de se pôr em movimento e continuar se movimentando, não aceitar passivamente as posições postas, pois, “aquele que chegou está apenas na metade do caminho”². Então, para seguirmos adiante, proponho: ‘atrevam-se’ a conhecer comigo, a partir de narrativas, o meu encontro com essa expressão e com uma Favela em outra rotaçãõ.

1.1 VISLUMBRES DOS OPERADORES DE LEITURA

Os operadores de leituras apresentam-se como elementos preliminares, nós que transversalizam a pesquisa (Baptista, 2000). Esses nós contam, provisoriamente, a pesquisa, e são tratados como dispositivo para escrita e leitura desta pesquisa, algo que será mais bem abordado e aprofundado posteriormente, na discussão estratégico metodológica.

Nesse ponto, apresento alguns desses nós teóricos, que servem como sinalizadores que ajudam a vislumbrar as Vuelas que buscamos com a escrita deste estudo. Alguns desses Vislumbres são representativos da forma como vou moldando e percebendo a própria construção da Ciência em mutaçãõ, desta pesquisa como mapeamento mutante.

Sendo assim, cabe descrever, minimamente, a compreensãõ de Favela, em alinhamento com os Becos e Vuelas, apresentando, conceitualmente, as Esquizografias do Turismo e do Lazer, como sinalizador panorâmico daquilo que veremos ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Como dito anteriormente, no entanto, a pesquisa se inscreve, artesanalmente, a partir do autor cartógrafo, em narrativas que contam não só através da escrita, mas também através de aspectos que podem ser lidos e significados, para além das palavras postas em texto. Considero, aqui, dimensões sutis da produçãõ de

¹ A expressãõ aqui corresponde à grande transformaçãõ do pensamento científico, que caracterizou o final do século XVI e início do século XVII, que pode ser retomada em texto de Capra (1991).

² Traduçãõ livre do trecho de Flacco (2023), livro 1, carta 2, verso 40 e corresponde em latim as palavras “*Dimidium facti, qui coepit, habet*”.

significado, que extrapolam as materialidades. Como diz a orientadora deste estudo, “o texto é uma teia-trama” de significações, há dimensões que se expandem e conectam os sujeitos para além do que está sendo dito.

Vale dizer que se trata de um texto que reconhece na Esquizoanálise (Deleuze; Guattari, 2004), a característica fractal do inconsciente e da produção do desejo. Por conta disso, se escreve de maneira dissipativa, processual, espelhada em múltiplas narrativas que contam, desde o inconsciente, os movimentos dessa viagem. Essas narrativas representam, assim, traços especulares do sujeito que escreve, imagens, narrativas pessoais vividas e ouvidas, músicas e tudo mais que signifique elementos objetivos e subjetivos como traços especulares (Baptista, 1996) da existência do Turismo e do Lazer na Favela.

Com a Esquizografia, a escrita esquizo, que compreendo ser possível contemplar a Favela, em seus saberes e fazeres. Falo Favela em reconhecimento dos elementos e de diversas significações que o termo tem, tomando a expressão como tratamento desde os seus sujeitos referindo-se a si mesmo. Trata-se de algo que contempla as subjetividades dos sujeitos favelados, e dessa contemplação de subjetividade, reconhece suas multiplicidades desde o inconsciente.

Dessa maneira, compreendo Favela para além das denominações como periferia, subúrbio, quebrada, vila, comunidade, lugar de ocupação irregular, espaço de segregação financeira, espaço de violência e falta de infraestrutura. Parto da matriz botânica que inspira o termo desde a planta que dá nome ao espaço por ligação histórica com o morro de Belo Monte, na Bahia. **Entendo Favela como brotação espontânea em território de intempérie** e, como tal, como ecossistema dotado de artifícios que permitem sua sobrevivência e graça em existência, novamente aproximado, planta que faz brotar flores e espinho.

Favela
Orgulho e lazer
Estamos à vontade.
Nós somos,
Favela, orgulho e lazer
Estamos á vontade...
Somos mais você (MC Marcinho, 2003).



Território que faz brotar é síntese matricial de sentido a que chego para falar de Favela, reconhecendo atrevimento, ao falar desse termo, sem deixar de levar em consideração valores objetivos que também significam esse espaço. Convém deixar

claro, contudo, que, para falar da Favela, considero em primeiro plano, o avesso das significações, o avesso do Turismo e do Lazer, na lógica do Avesso Trama de Baptista (2021a)³.

Dessa forma, a escrita que se faz em traços especulares e cartográficos se apresenta esquizográfica, reconhecendo como operador de linguagem, **a metáfora dos Becos e Vieiras da Favela**, como orientação de andar pela pesquisa e encontrar seus fractais e, como disse Arlindo Cruz (2007), “seus mitos e seres de luz”.

Esses encontros são narrados também nas muitas ‘com-versas’ teórico reflexivas. Desse modo, há traços de desejos e espelhos no (o sentido de desejo, a partir de Deleuze e Guattari (2004), Guattari e Rolnik (1996), Baptista (2013), Melo (2018), dentre outros trabalhos aprofundados posteriormente) sentido dos Becos e Vieiras, como matriz metafórica do trânsito pelo território de intempérie. Nesse sentido, parto do reconhecimento de que quem anda por Becos e Vieiras pensa e sente Becos e Vieiras, deseja e se vê, sendo também Becos e Vieiras. Constitui-se assim, em acoplamento com o universo existencial do movimento de vida. Soma-se a isso, a percepção de que o Desejo, como ensinam Deleuze e Guattari (2004, 1995), se movimenta a partir do sentido de **Desterritorialização, Simulação e Reterritorialização**. Representa o reconhecimento de que o sujeito que encontra **Beco**, faz dele lugar de paragem e ao mesmo tempo, possibilita o momento de perder o chão de si mesmo, **Vislumbrar** as possibilidades de seguir caminhando, como orientação na Simulação desejante, e encontra na decisão de por onde seguir, momento de reterritorialização, que é o trânsito pela **Vieira**.

Isso se apresenta, especularmente, em vários momentos de aproximações com o lócus de pesquisa, a Favela, e faz contar em música que o Lazer da Favela é possibilidade de viagem, e como tal o vislumbre da reconstrução de si mesmo, (Auto)Transpoiese (Baptista, 2022).

³ Expressão conceitual dos textos de Baptista, que aparece a primeira vez em texto conjunto na Revista Rosa dos Ventos (Baptista *et al.*, 2020), mas é mais profundamente discutida pela autora em 2021. A expressão apresenta alinhamentos de Avesso Trama, como consideração as dinâmicas complexas de Morin (2007), a teia da vida de Capra (1997), entre diversos outros autores, na síntese de uma representação de uma fachada no fenômeno de movimentos e encontros, que, no avesso, apresentam uma gama de significações para além da fachada.

Um belo dia eu sonhei ter uma vida bela
 Hoje eu ando de moto pela viela
 Sucessada com as gata
 Evoluiu, tô naquele clima
 Falando disso, daqui a pouco eu busco ela
 Hoje mais cedo foi churrasco e piscina
 Daqui a pouco é Netflix e umas cerva
 Só eu e ela, só eu e ela [...]. (Hariel *et al.* 2019)



Esses vislumbres e essa dinâmica do desejo são desdobramentos que sinalizam a constituição do problema desta pesquisa. Compreendo que a deriva histórica com que se constituiu o Turismo, acadêmica, cultural e capitalisticamente, não é suficiente para perceber as nuances das materialidades e subjetividades dessas Viagens/Favela. Provavelmente seja por isso que, com frequência, há estranhamento, quando apresento o binômio Turismo/Favela. Estranhamento ou não entendimento imediato sobre o viés com que o binômio é trabalhado aqui, nesta tese.

Por isso, também é importante destacar que reconheço que a Favela viaja, mas que há um entendimento singular a respeito de que viagem proponho essa consideração, desde que viagem posso condicionar essa afirmação. Desse modo, entendo que se o sentido de viagem e o sentido de Lazer estiverem relacionados à condição de estar fora do território habitual, ou, ainda, a condições de trabalho regulamentadas para reconhecer no tempo do ócio, a possibilidade do vislumbre do desejo pelo Lazer, então a Favela não viaja (Souza, 2010).

Parece-me, contudo, que, desde a epistemologia do encontro com os Becos, “você não viaja”, “Favelado não tem momento de Lazer”, “A Favela só tem pobreza e violência”, há brotação espontânea e (auto)transpoiética. A verdade é que a espoliação que a Favela encontra como Beco, faz brotar Vislumbres de Vuelas que condicionam as possibilidades, mas não o Desejo dos sujeitos favelados. A Favela encontra possibilidade viajar entre Becos e Vuelas, através de suas próprias características de voo. Em música, poesia, arte, lazer, cultura e turismo, é possível perceber que os sujeitos se transformam em movimentos de desterritorialização desejante (Baptista, 2013).

Eu, eu viajei o mundo todo, olha, puta que pariu
 Primeiro eu passei na 13 que é o baile do Brasil
 Eu fui lá pro Jacaré que é o baile de Paris
 Fui parar lá na Colômbia que é no Complexo do Lins
 Contatin', pode chegar que o baile tá sinistro
 Você tá no chapadão que é o baile do Egito
 Piei lá na Zona Sul, baile cheio de novinha

Curti baile de Moscou que é o baile da Rocinha
 Atravessei pro Vidigal pra ver a melhor forma
 E o pau tava quebrando no baile da Califórnia
 Fui pra um lugar envolvente, novinha, preste atenção
 Fui pro baile da Itália, Complexo do Caçã
 Ah, não posso esquecer, nisso tudo eu tava na onda
 Fui pro baile da Maré que é o baile da Holanda
 E o que marcou nessa viagem, eu fumadão demais
 Fui parar lá na Mangueira que é o baile de Dubai
 [Refrão]
 Vem que tá maneiro, vem, vem que tá maneiro
 Eu viajei o mundo todo dentro do Rio de Janeiro
 Vem que, vem que tá maneiro, vem, vem que tá maneiro
 Eu viajei o mundo todo dentro do Rio de Janeiro
 Baile do Brasil, baile de Paris
 Baile do Egito, baile de Moscou
 Baile da Califórnia, baile da Itália
 Baile da Holanda, baile de Dubai (MC Flavinho, 2018).



Desta música decorre a percepção, ainda incipiente, dos movimentos de desterritorialização desejante, sinalizados nos processos de produção desde a Favela. A especularidade — condição de espelho — encontrada na descrição da viagem feita pelos sujeitos da Favela, aproxima práticas de Turismo e de Lazer, desde uma condição política molecular⁴, como apresentada por Guattari (1985).

Assim, a Favela vai se mostrando, em traço especular, de espelhamento de uma matriz de sociedade que não se inscreve capitalisticamente, não se limita a subscrever-se e reescrever-se conforme essa produção sistemática de cerceamento. Encontramos a explicação disso no Livro Amar Brincar, de Maturana e Verden- Zöller (2009), em que somos apresentados a um fundamento esquecido do humano, de uma sociedade cooperativa que, desde suas funções biológicas, tem no amar, reconhecimento do outro como legítimo em convivência, as aspirações necessárias para a vida em sociedade, para a brotação de vida. Maturana denomina esse processo de produção de vida como Autopoiese, ou, como chama Baptista, (Auto)Transpoiese (Baptista, 2022).

Essa condição pode ser a potencialização para a construção de um novo passado, a significação de uma mudança que, a meu ver, é sinalizada a partir do desejo viagem que eu encontro na potência da Favela. Mesmo em condição de intempérie, através do movimento, os Becos servem como momento de parada para

⁴ A expressão corresponde as ideias críticas de Guattari (1985), em que o autor contrapõe Molar ao Molecular, como ideia filosófica que representa o Molar como a composição de unidade, e o Molecular como a ideia de multiplicidade e indivisão. No caso uma política Molecular leva em consideração os múltiplos atravessamos e o acoplamento dos sujeitos e não só a unidade de um coletivo de pessoas homogêneas.

o vislumbre de caminhos, de Vieiras. Isso torna a Favela um lugar de Brotação de um novo antigo, de uma sociedade Matrística (Maturana; Verden- Zöllner, 2009), não matriarcal, mas de uma sociedade que tem seu fundamento na cooperação e não na competição, como matriz de produção de si mesmo, de (Auto)Transpoiese (Baptista 2022).

A (Auto)Transpoiese, para além da autoprodução, a poiese de si, apresentada por Maturana e D'Avila (2015), é uma condição que Baptista (2022) indica como a transversalização de múltiplos fatores em transformação no nicho ecológico, no universo existencial ao qual o sujeito está ligado. Desse modo, o que se apresenta é a Favela, como lugar para perceber esses sinalizadores, como elementos capazes de ressignificar, reconhecer elementos que têm no sentido da Viagem, do Lazer, a potencialidade para a reconstrução dos sujeitos. A Favela ensina isso!

Na sequência de operadores de leitura, temos a aproximação entre Turismo e Lazer, com a compreensão e proposição de suas existências políticas, a partir do conceito de Averso do Turismo (Baptista, 2021a), que representa, aqui, uma reformulação epistemológica proposta ao Turismo, e por extensão para o Lazer. Dessa forma, o desenvolvimento dessas práticas emerge em território de intempérie da Favela, como condição micropolítica de produção de (Auto)Transpoiese, desde o desejo.

O sujeito da Favela viaja, em uma produção micropolítica (Guattari; Rolnik, 1996) de Turismo e Lazer desejante (Baptista, 2013), que representa o avesso do que se convencionou chamar de Turismo e de Lazer. Trata-se de algo que Baptista (2021a) apresenta como o Averso do Turismo, em contraposição a um Turismo de Fachada. Essa fachada do turismo que coordena a captura do desejo do sujeito, acoplado maquinicamente o fundamento do Turismo, a viagem, a uma condição de consumo, que representa segregação de quem pode consumir e quem não pode consumir.

Vale ressaltar, entretanto, que de nada vale essa captura, para o sujeito que deseja, não o consumo da viagem, mas que deseja a produção de si mesmo, e que aprendeu, em território de intempérie, a produção de linhas de fuga⁵, esquivo, dissipativas, que possibilitam a reconstrução de si mesmo.

⁵ Vale lembrar que linhas de fuga são linhas de produção, fora dos movimentos opressivos e determinísticos de uma engrenagem cheia de dogmas das lógicas de poderes dominantes, conforme Deleuze e Guattari (2004), Guattari e Rolnik (1996)

A produção desse sujeito, chamamos em 2021 (Silva; Baptista, 2022), Esquizografias, para representar a inscrição na ordem da subjetividade do caminho desse sujeito, reconhecendo suas práticas como linhas de fuga fractais, esquizo, em sentido de múltiplos espelhamentos na sociedade, traços especulares que derivam e refletem-no em dimensões múltiplas, como apresentado por Baptista, em 1996.

Essas Esquizografias representam a produção micropolítica de um Averso do Turismo, descolado da Fachada, que é marcada pela captura do desejo, que apresenta o turismo como uma prática exclusivamente capitalística, pré-fabricada e encenada. O sentido do Averso do Turismo, em aproximação com o Lazer, pode permitir a percepção tanto do Turismo como do Lazer, como produção desejante micropolítica, subjetiva e afetiva, desde a condição do desejo (Deleuze; Guattari, 2004), demonstrada pelos movimentos de Desterritorialização-Simulação-Reterritorialização.

No caso da Favela, percebemos o caminhar inscricional⁶ (Baptista, 2013) dos sujeitos, em uma condição de intempérie ambiental e, principalmente, sócio imposta maquinicamente. A concepção de linhas de fuga faz perceber que a existência dos sujeitos desse espaço possibilita sua condição subjetiva intrinsecamente ligada à condição de desterritorialização desejante, ou seja, de acionamento de campos de reinvenção, de (Auto)Transpoiese.

Essa representação fica evidente, quando espelhamos a concepção de desejo, **Desterritorialização - Simulação - Reterritorialização**, com a metáfora dos Becos e Vieiras da viagem vida e viagem investigativa. Entendo que a concepção de desejo pode ser apresentada como analogia com o caminhar entre **Becos e Vieiras da Favela**, como território de brotação em meio às intempéries.

- 1- No encontro com Becos, percebo pontos de parada que se mostram oportunidades para olhar para dentro. O beco é território potente para se desterritorializar.
- 2- No vislumbre, encontro o momento de olhar para fora e para dentro, simulando possibilidades de reterritorialização, do encontro com as Vieiras, de enxergar por onde seguir caminho.
- 3- E no fluir pelas Vieiras, como a produção da reconstrução de si mesmo a partir dos movimentos anteriores, a oportunidade de se reterritorializar, de encontrar

⁶ O termo corresponde a uma inscrição, que inscreve, cria e aciona potencialidades, segundo a autora.

outros becos e seguir viagem em direção a novos encontros com Becos, e Vislumbres Vieias.

Isso aparece como condição necessária de brotação de viagem dos sujeitos na Favela, que encontra, nesse Turismo e nesse Lazer, do avesso, uma potência na impossibilidade de viajar ou acessar determinados espaços de lazer, na lógica da fachada⁷. Daí aparece a condição de brotação espontânea do próprio desejo em linhas de Fuga, em potência de invenção de si, de (Auto)Transpoiese, com a emergência dos avessos como território potente de brotação de vida e também das viagens e lazer.

Para Guattari (1985), há uma fragilidade na ideia de indivíduo como condição de unidade. A ideia de individualidade se esvai ao perceber que a máquina social dominante tem demasiado poder de sugestão sobre essa unidade, condicionando um grupo. A questão, é que nessa situação, tanto a ideia de desejo do sujeito, quanto a ideia de identidade coletiva se perdem, visto que, nem o sujeito deseja sem influência da máquina social dominante, nem a identidade coletiva se refere à aspectos singulares de um grupo.

Dessa forma, o autor (Guattari, 1985) diz que para que haja condição de existência de um sujeito militante, há de se reconhecer a necessidade de acabar com a ideia de vida privada. A ideia é que, para que haja um grupo desejante para além da alienação social, é necessário que os sujeitos se reconheçam em movimento de transversalização, de múltiplos acoplamentos, que estejam ao mesmo tempo olhando para dentro e para fora, para além das amarras condicionantes da máquina social dominante.

O movimento revolucionário deve portanto construir para si uma nova forma de subjetividade que não mais repouse sobre o indivíduo e a família conjugal. A subversão dos modelos abstratos secretados pelo capitalismo, e que continuam caucionados até agora, pela maioria dos teóricos, é um pré-requisito absoluto para o reinvestimento pelas massas de luta revolucionária (Guattari, 1985, p. 17).

O que nos cabe, neste texto, é a percepção da contribuição que isso pode gerar para aqueles que produzem e fazem do Turismo condição para sua 're invenção social'. A ideia é propor um olhar para além da percepção dos sujeitos que compõem

⁷ Os termos Fachada e Averso nesta Tese, estão fundamentados em Baptista (2021a) representando a produção capitalística X o avesso das trama complexas de constituição, seja do Turismo, do Lazer ou das dinâmicas comunicacionais dos encontros e relações interpessoais.

a atividade do Turismo e do Lazer, que são desconsiderados capitalística e subjetivamente como compositivos, inclusive, daquilo que é usado contra eles mesmos.

Não se trata de uma condição devolutiva, de contracultura e/ou contrapartida da Favela com um Norte, no sentido atribuído por Santos e Meneses (2010), mas da percepção epistemológica de que sul e norte não são condições necessariamente geográficas. Digo isso com consideração às Epistemologias do Sul, de Santos e Meneses (2010), que se alinham à construção também política deste texto, onde temos, na representação do sujeito que escreve, uma tentativa de contemplar sua singularidade e a coletividade que permite a sua existência singular, desde o Sul que ocupa como sujeito favelado na Academia.

O que estou salientando é uma percepção que leva em consideração a condição Sul, não como geográfico, como apresentado por Santos e Meneses (2010). Percebo que, mesmo em um país do sul global, como o Brasil, neste caso, há segregações capitalísticas de *sul's* que fazem brotar suas próprias condições singulares e que são reconhecidas, ao menos neste trabalho, como potentes.

Trata-se de uma condição que apresenta espelhamento, pelo acoplamento com o Capitalismo Mundial Integrado, num sentido que faz com que, em prol de uma fachada, se produza e reproduza, uma subjetividade que segrega territórios dentro dos próprios lugares do país, que podem ser contrapostos como Norte e Sul. Percebo isso nos territórios de poder do Rio, como a Zona Sul do município, os lugares 'turísticos', frente aos lugares favelados, as Favelas; da mesma forma que percebo isso, na relação acadêmica com algumas falas, algumas escolhas, alguns tratamentos subjetivos quanto às emoções, por exemplo, face às objetividades defendidas como pesquisas com "rigor científico". Nesse sentido, vale refletir sobre quanto da nossa condição epistemológica de 'sul Brasil' sofre segregações, pelo tratamento, como periferia, dos espaços de brotação do desejo. Isso se dá no ato de não reconhecimento dos múltiplos saberes que compõem a imagem que nos propomos a exportar, cientificamente, socialmente, politicamente, turisticamente etc.

A Favela Viaja! é uma frase síntese, que descreve o problema que é dizer que a 'Favela não viaja' ou falar da Favela como espaço de espetacularização da violência e da pobreza, de um modo que negligencia a brotação espontânea de linhas de fuga singulares nesse território de intempérie, com potência de desterritorializações desejantes, geradoras de viagens e de lazer. O que me toca é, quando a Favela viaja,

a Favela ensina, não necessariamente prática funcionalista de técnica sobre produção de viagem ou de lazer. Seria reducionista e contraditório epistemologicamente que falasse disso. Falo, isso sim, como reconhecimento desde sua potência como se portar frente à intempérie, algo que já é feito e pode ser reconhecido nessas epistemologias do Sul.

Frente às ausências e às emergências (Santos, 2002) de um território de intempérie, o aparecimento de linhas de fuga reconhece a potência da existência da (Auto)Transpoiese dos sujeitos desse espaço em construção subjetiva. Contemplar o acontecimento dessas condições produtivas é complexo e processual, de modo que perceber e detalhar como compreender essa processualidade é algo que transcorre a construção do problema de pesquisa sobre o qual essa Tese se debruça.

Assim sendo, o problema de pesquisa se inscreve e leva-nos à questão problema como sendo: **Quais os sinalizadores de Turismo e Lazer, esquizografados na trama de (Auto)Transpoiese, em Favelas do Rio de Janeiro, Brazil?**

As dobras e desdobramentos das discussões epistemológicas que se propõem neste estudo decorrem desse questionamento, que tem como embasamento a tese de que **A Favela viaja e produz lazer esquizograficamente, como condição potencializadora de (Auto)Transpoiese de lugares e sujeitos.**

Em certo sentido, então, a Favela é o ecossistema que sustenta a dimensão turística no Rio de Janeiro, no seu Avesso. A Favela viaja, a Favela ensina a superar as condições de intempérie. A Favela compõe o tecido da teia-trama do ecossistema turístico do Rio de Janeiro, não como periferia, mas como universo de produção de si, de Lazer e de Viagens.

1.2 BECOS E VIELAS DA PESQUISA

Entre becos e vielas
 Rainha da favela [...]
 O trabalho aqui é bem feito
 Respeita o serviço nego
 Não te dou uma semana
 Pedindo pra voltar [...]
 (Ludmilla, 2020)



De onde vêm os becos e as vielas para contar a pesquisa? Como ponto de partida, decidi trazer os versos acima, com a afirmação de potência, relacionada à

expressão que significa, aqui, um tratado de orientação da escrita: Becos e Vielas. O termo vem da música da cantora Ludmilla, de 2020, empresária, mulher preta, funkeira e favelada. Ela não é só favelada, é a Rainha da Favela.

Como venho apresentando neste texto, o espelhamento e o reconhecimento decorrem da compreensão do quanto Becos e Vielas estão presentes como caminhos e direcionamentos, de alguém que se constitui sujeito, cidadão, no reconhecimento do seu lugar. Alguém que, em caminhos tortuosos dos Becos e Vielas, em função geográfica e urbana, entendeu que esses caminhos servem como analogia, aqui, da forma como a subjetividade de pesquisador se assemelha ao modo como o sujeito favelado aprende a transitar, a existir, a produzir vida.

Ao mesmo tempo, a presença da Rainha da Favela, neste momento inicial da conversa, traz a reflexão a respeito de algumas contraposições. Por exemplo, é representativo que alguém, vindo da Favela, seja capaz de, em algum momento, pelo seu trânsito em Becos e Vielas, se considerar Rainha, ainda que haja muitos discursos que, midiaticamente, representem a Favela, em seus Becos e Vielas, pejorativamente. Chama a atenção, ainda, a representação de alguém que, popularmente, tem tamanha força, que, mais do que se dizer favelada, se autodenomina rainha da Favela. Além disso, ela reconhece, no seu trânsito entre os Becos e Vielas, a oportunidade da sua coroação.

Posso destacar, aqui, o orgulho que senti, a partir dessa música e de outras, de ser favelado, de me dizer favelado. Desse modo, emerge a capacidade de refletir, olhando para histórias de vida, que serão aqui narradas. Percebo, então, a oportunidade de reconhecer os Becos e Vielas por onde transitei durante a vida, vislumbrando a expressão como analogia de amarração da pesquisa, envolvendo desde as memórias pessoais, os saberes que me constituem como sujeito, até as reflexões que só são possíveis, no momento, por conta desses trânsitos.

Esse reconhecimento está presente claramente na música, quando o favelado se 're-conhece', se liga de novo e se conecta consigo, tendo, nessa reconexão, a oportunidade de perceber que o seu jeito de produzir mundo, o produz enquanto sujeito, e ordena as suas conexões, os seus acoplamentos e suas relações.

No livro *El Arbor del Vivir*, de Maturana e Dávila (2015), os autores se apresentam como em trama, como o nicho ecológico no qual estão inseridos, de maneira a refletir suas relações e transversalizações em seus pensamentos, associações e produções. Com base também nesses autores, minhas reflexões aqui

são corroboradas. Esse tópico apresenta a matriz desses trânsitos, a matriz da produção do autor da proposição da tese, como sujeito que existe pelos seus trânsitos entre Becos e Vieiras, de vida, de existência e de produção de mundo. Sujeito que viaja e que descobriu que viaja, que pode viajar, mesmo que, a todo o momento, o mundo fora da Favela, diga que viajar não é para favelados. A Favela viaja! E eu viajo, pois descobri que viajar não é a propaganda que aparece na TV. Esta tese é sobre isso, sobre os profundos sentidos da viagem e sobre os avessos da Favela, do Turismo e do Lazer.

A produção deste texto de apresentação reconhece, nos encontros e nos desencontros, nas relações estabelecidas pelos sujeitos, entre sujeitos no mundo e com o mundo, a oportunidade de perceber meus saberes em existência a partir de, por, e através desses encontros e desencontros. Trata-se de algo que, metodologicamente, se fundamenta e, posteriormente será mais bem aprofundado, na Cartografia dos Saberes e nas Matrizes Rizomáticas de Baptista, que foram demonstradas conjuntamente com Eme, em um texto de 2022 (Baptista, 2014, 2020; Baptista; Eme, 2023). No texto em questão, Baptista apresenta a Cartografia dos Saberes como uma estratégia plurimetodológica, que reconhece os processos autorais presentes desde as subjetividades que compõem o sujeito, e que, desde aí, organiza-se em uma descrição, a partir das Matrizes Rizomáticas como equilíbrio fluente da pesquisa. Esse aspecto está demonstrado nas Matrizes Rizomáticas, apresentadas por Eme, como exemplificação da aplicação prática da estratégia metodológica que orienta também este estudo, dentre tantos outros produzidos pelos pesquisadores do Amorcomtur! Grupo de estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese.

A orientação de pesquisa é fundamentada na Cartografia dos Saberes, como reconhecimento dos caminhos da pesquisa. O que apresento aqui são caminhos trilhados e refletidos desde sempre e que ganham novas dimensões, quando percebidos a partir dessa estratégia metodológica. Dessa forma, o que me interessa contar é o processo de desenvolvimento desta pesquisa, nos contatos que essa proporcionou, mas também no que ela mexeu na minha própria compreensão da minha trajetória, das minhas memórias, dos meus saberes. Isso é possível, pois a Cartografia dos Saberes se divide em trilhas em que o autor escreve e se inscreve à medida que avança na pesquisa. Essas trilhas são apresentadas por Baptista, inicialmente em 2014 e 2020, e atualizadas em 2023 pela autora, em texto publicado

junto com Eme. Baptista apresenta essas trilhas como sendo Trilha Trama dos 'Entrelaços nós' da Pesquisa; Trilha dos Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva, Trilha Trama de Saberes Teórico-Conceitual-Bibliográfica; Trilha Usina de Produção ou Trama dos Fazeres e Trilha Dimensão Intuitiva da Pesquisa.

Orientado por duas trilhas da Cartografia dos Saberes, a Trilha de Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva associada com a Trilha Dimensão Intuitiva de Pesquisa, que escrevo este texto, reconhecendo que, neste caso, não trânsito por trilhas, mas por Becos e Vielas, desde a infância até a vida adulta. Becos e vielas de um sujeito que tenta crescer, social e intelectualmente, e que apresenta suas histórias em narrativas que se propõem como organização, reflexão e jeito de fazer pesquisa, no formato em que está sendo apresentado.

O reconhecimento de si (de mim, no caso) é possível de ser associado como dispositivo de pesquisa, através das Trilhas da Cartografia dos Saberes Pessoais. Esse reconhecimento se inscreve a partir de processos que são de contar, narrar histórias de vida, em uma apresentação que reconhece, desde Martinez (2012), Nunes e Duarte (2020) e Botton (2012), uma forma de apresentar as vivências, escritas, como jeito de apresentar e se apresentar enquanto parte da pesquisa, através de narrativas.

Desse modo, as narrativas de viagem (Silva; Baptista, 2023a), quando entendidas, em uma relação imbricada com o reconhecimento da pesquisa como viagem investigativa (Baptista, 2022), são expressão de processos em que o eu autor se constitui e escreve. As narrativas de viagem apresentam-se como dispositivo de pesquisa, desde esse tópico, como forma de me inscrever, reconhecendo meu inconsciente, transversalizado no nicho ecológico no qual estou inserido, como parte da construção na pesquisa científica e nessa 'Viagem Investigativa'.

1.3 NOS BECOS E VIELAS, O PESQUISADOR FAVELADO

A escrita desse tópico é o reconhecimento dos Becos e Vielas, como metáfora inspiradora dos caminhos e descaminhos da tese. Também decorre do alinhamento com escritos de Maturana e D'ávila (2015), bem como de Baptista (2018), que defendem e demonstram a valorização dos saberes dos sujeitos, desde sua constituição pessoal, do seu lugar, dos seus saberes, na produção do conhecimento. Assim, como diria Arlindo Cruz (2011):

É o meu jeito de ser
 Falar com geral e ir a qualquer lugar
 E é tão normal de me ver
 Tomando cerveja, calçando chinelo no bar
 Não dá pra evitar bate papo informal
 Quando saio pra comprar um pão
 Falar de futebol e do que tá rolando
 De novo na televisão
 Suburbano nato
 Com muito orgulho mostro no sorriso
 Nosso clima de subúrbio
 Eu gosto de fritar, de jogar uma pelada
 Domingo de sol
 E fazer churrasquinho com a linha esticada
 Num poste passando cerol
 Cantar partido alto no morro
 No asfalto sem discriminação
 Meu nome é favela
 É do povo do gueto a minha raíz, becos e vielas
 Eu encanto e canto uma história feliz
 De humildade verdadeira
 Gente simples de primeira
 Salve ela, meu nome qual é?
 (ARLINDO CRUZ, 2011).



Para conversar sobre a tese, parto, então, do meu lugar, do reconhecimento do meu lugar, entendendo que ele é caminho, caminho do sujeito como sujeito, e do seu trânsito no mundo, como forma de produzir mundo, também como forma de produzir mundo do conhecimento. Dessa forma, reitero que o Beco, como analogia da maneira como se escreve e como me inscrevo, também não é bloqueio. É ponto de paragem, de reconhecimento, de introspecção e de olhar, vislumbre da Viela. O Beco é um território de existência que dá passagem para a Viela, por processos de desterritorializações desejantes agenciados. A Viela, vislumbrada, possível pelo encontro com o Beco, é o encontro com o caminho do possível, do tortuoso, que pode até ser associado em alguns sentidos, mas que me permite seguir. É ponto de passagem, que começa no Beco e termina no Beco, para começar novamente, mas que tem implícito o gozo de me fazer sentir livre, em fluxo pela Viela.

Becos e Vielas representam a minha constituição, desde sujeito favelado que sou eu, em uma inscrição de jeito de me mover e desejar, me mover desejando, em encontros possíveis desde as minhas viagens, a partir do meu lugar, que me fazem me reconhecer, sujeito entre Becos e Vielas. Isso representa a marca do meu jeito como autor desta proposta de tese, nas viagens de pesquisa que serão aqui narradas. Viagens que são possíveis, pois estão presentes nas histórias que trago, para

apresentar meus saberes pessoais. São histórias apresentadas em fragmentos de vida, que ajudam a compreender as narrativas da grande viagem da Tese.

Isso decorre do meu traço como autor da Tese, no sentido de como transitar no mundo e como produzir mundo, propriamente distante das subjetividades capturadas desde o desejo⁸. Sujeito que cresceu vivendo e desejando como foi e como é possível desejar, em movimentos que se organizam no reconhecimento da parada dos Becos e no vislumbre das Vieias.

Neste ponto da pesquisa para explicitar esta trama objetiva subjacente, gostaria de começar contando um pouco sobre mim. Para isso, preciso alinhar a minha escrita, o meu jeito de escrever, buscando acertos com quem lê a escrita que apresenta sentires íntimos. Esse processo também demanda, de mim, a coragem de escrever narrativas emocionais, mas que apresentam, desde o emocionar, o fundamento do meu linguajar racional acadêmico, percebendo transpoieticamente a interface entre emoção razão na produção da pesquisa (Maturana; D'Avila, 2015). Reflito que a busca desse 'acordo de significação' é um dos grandes desafios para mim e para quem se coloca no caminho de produção de uma Tese. O acordo não é só meu, ele é nosso e assim precisa ser, pois preciso da compreensão, não só do que eu vou contar, mas do meu jeito de escrita, do meu jeito de ser, que é assim pelo conjunto de saberes que a Favela me deu, ou me negou, em combinação com as minhas experiências, na brotação das minhas subjetividades. Um texto de vida que foi sendo forjado em Becos e Vieias da existência em Favela, mais precisamente na Favela de Sta. Margarida, em Cosmos no Rio de Janeiro.

Por conta disso, algo em alinhamento com o que me representa, também cientificamente, é a escrita em primeira pessoa. Não poderia ser diferente, visto que se trata de falar sobre meus saberes, meus trânsitos por Becos e Vieias. O reconhecimento dessa possibilidade é também a valorização desses saberes, o que me possibilita apresentar minhas histórias, como caminhos que me levam às possibilidades de narração, descrição e interpretação que eu sou capaz de produzir agora.

⁸ Considerando a captura do desejo a partir de Guattari e Rolnik (1996) onde os autores apresentam engrenagens de poder para manutenção do *status quo*, que geram a manutenção do poder capitalístico e cultural, a partir de capturas da engrenagem subversiva desse sistema, que é a micropolítica de um sujeito desejante. Ou seja, captura o desejo do sujeito, para limar o seu direito de desejar, em prol de uma micropolítica de manutenção de poder no capital financeiro e simbólico vigentes.

Isso é epistemologicamente coerente com a minha concepção de Ciência atual, desde Crema (1989), Baptista (2023) e Santos e Meneses (2010), e corresponde aos meus caminhos metodológicos até a produção do sujeito cientista, como sujeito Cartógrafo. Decorre de percurso marcado pelo encanto com a Etnografia, que se evidenciou na produção da dissertação de Mestrado (Silva, 2015), que, em fluidez, deu sequência ao desenvolvimento do meu olhar para a Cartografia dos Saberes (Baptista, 2014; Baptista; Eme, 2023). Desse modo, lembro que é possível, pois a Experiência etnográfica de Clifford (2002) me apresentou, como pressuposto teórico, o reconhecimento do sujeito pesquisador como integrante ativo da pesquisa.

Dessa forma, o eu sujeito pesquisador, aqui, é apresentado desde uma trama de saberes contados em narrativas, de algumas viagens no tempo e no espaço, que constituíram meus saberes, como parte indissociável do meu medo fazer ciência. Sendo assim, não há como narrar e contar minhas histórias, sem que seja em primeira pessoa. Não há como produzir esta pesquisa, sem me associar e associar meu desenvolvimento a ela, e não há como produzir reflexão, sem contar histórias, que são também pessoais. Por conta disso, escrevo em primeira pessoa e saliento que as passagens em aspas e itálico são referentes a histórias que, neste primeiro momento, servem para apresentar os Becos e as Velas que transitei, antes, e os Becos e as Velas que encontrei nesta pesquisa.

(BECO) “Sou filho de pais separados e tenho dois irmãos, um mais velho e um mais novo filho do segundo casamento do meu pai. Uma vez, eu perguntei para a minha mãe como o meu nome foi escolhido. Então, soube os motivos da escolha tanto do meu quanto do nome do meu irmão mais velho. Ela me contou que, desde a adolescência dela, por conta das habilidades esportivas dela na escola, era apaixonada por esportes. Quando então engravidou e teve filhos, homenageou dois esportistas. Um era piloto de fórmula 1, Dérick Warwick, e o outro, expoente do vôlei brasileiro, Renan Dall Zotto, nome com o qual ela me batizou.” (Diário de Pesquisa).

(VIELA) Essa história representa um hábito familiar, como forma de ver o mundo, visto que esses esportistas tinham expressão midiática mundial, independentemente de suas nacionalidades. Minha mãe, desde então, incentivou bastante o meu interesse pelo mundo, me ensinou o olhar de encantamento que eu trouxe de criança e que significava, para mim, a possibilidade de conhecer o impossível, de ver através dos esportes e de importantes personagens, pela tevê, aquilo que não era frequente, que não era cotidiano.

Acredito que, desde aí, tenho uma faísca do que eu busco no turismo. Gosto das palavras de Allis (2016), quando o autor pergunta quanto de turismo há no seu cotidiano e quanto de cotidiano há no seu Turismo?. Não há pretensão, aqui, no sentido de buscar, necessariamente, uma resposta para essa pergunta, mas percebo que se trata de me valer da pergunta, para buscar respostas sobre o 'meu Turismo' possível ou o turismo no meu cotidiano.

Na infância, o que me representava eram os mundos que eu era capaz de descobrir. Eu tinha um encantamento pelo diferente, mas o diferente que fizesse sentido. Quando isso não era acessível, aprendi, desde cedo, que precisamos encontrar formas de dar sentido pelos nossos caminhos, os caminhos possíveis. Nesse sentido, quero contar uma história sobre um dos primeiros Becos que encontrei, que, ainda que seja infantil, pode representar um pouco do que estou tentando significar aqui.

(BECO) *“Quando criança eu tinha uma admiração muito grande pelo meu irmão mais velho o Dérick. Ele era um excelente desenhista, e quando eu o via desenhando tudo que eu queria era ser como ele. Eu não lembro exatamente quantos anos tínhamos, mas ele é quase dois anos mais velho, e eu nunca tive a disciplina necessária para ter tamanho cuidado com os desenhos. Dessa forma, nunca consegui reproduzir os desenhos com a habilidade que meu irmão tinha. Então desenvolvi estratégias para desenhar. Depois de uma Olimpíada, me lembro que, o que mais me encantava na Olimpíada não eram os esportes. Claro havia gosto por muitos deles, mas eu sei que o que eu nunca perdia e faço questão de ver até hoje era a cerimônia de abertura, mais especificamente o desfile das nações, com um porta bandeira, e os hábitos culturais brevemente representados nas roupas e nos gestos dos atletas de cada delegação. Era maravilhoso cada vez que o narrador apresentava uma nação nova, nas Olimpíadas, pessoas novas, esportes novos e uma nação nova para torcer, uma bandeira nova para conhecer. Eu não era um excelente desenhista, mas eu desenhava bandeiras. Quanto mais diferente, mais representativa. Eu amava as minhas bandeiras, sei até hoje o nome de países que nunca mais vi, pois, cada bandeira nova era um novo tema de pesquisa e me preencheria por dias, em meus cadernos de desenho, recheados de bandeiras, de cultura, de nações; recheados de sonhos, do mundo que eu conhecia, sendo o menino que tinha direito de viajar me encantando com as bandeiras, do jeito que era possível, eu já viajava” (Diário de Pesquisa).*

(VIELA) Essa história representa Beco, em função da cristalização da minha frustração infantil, de não conseguir desenhar, não conseguir viajar, não ter direito de viajar. Um beco que foi imprimindo, em mim, a ideia de que a Favela não desenha, a Favela não produz arte e cultura, também a ideia de que a Favela não viaja. De fato, me dou conta hoje que, se o objetivo for desenhar como todos desenharam, eu não desenho; se o objetivo for praticar esportes que sempre me foram negados, eu não sou esportista; mas eu tenho direito de reconhecer meus saberes, minhas habilidades.

Eu tenho direito de viajar, de ser sujeito do conhecer, de me pôr em estranhamento e de fazer disso parte do meu cotidiano.

Coloco-me em desterritorialização, que representa a partida da matriz dos movimentos do meu desejo (Baptista, 2022). Sendo assim, coloco-me em disposição de um movimento de viagem, de uma viagem que estou narrando aqui como investigativa, mas com o entendimento que temos no Amorcomtur! - grupo de pesquisa do qual eu faço parte. Trata-se de uma viagem de vida (Baptista, 2018). O menino que tem direito de viajar desenhando bandeiras, quando assume esse direito não tem só direito de viajar. Ele tem direito de ser quem é, de onde é; direito de ser o que é, por sua construção subjetiva que faz com que seja capaz de vislumbrar Vuelas, caminhos que brotam pelo reconhecimento do Beco. Assim, desliza do 'eu não sei desenhar', 'eu não posso viajar', em direção a 'eu desenho, eu viajo'. Desse modo, entende o que provavelmente seja a síntese da tese: **A Favela viaja! Talvez, mais que isso: a Favela ensina a viajar, como é possível, saltando sobre e sobrevivendo às condições de intempérie.** Assim também **a Favela faz Teses.**

Parece claro que isso não significa estagnação e assentamento. Isso não significa não produção ou acomodação. Isso significa que a valência, os valores que estão presentes na produção de mundo desse sujeito não estão presos, capturados pela produção capitalística (Guattari; Deleuze, 2004). Diferentemente, são 'linhas de fuga', escapes à lógica axiomática modelizante. O seu desejo não é completamente livre, encontra Becos, mas também é capaz de produzir Vuelas, que, ainda que ninguém veja, para esse sujeito, é viagem de um valor que subjetivamente se constrói pelo entendimento de onde vem e de tudo que lhe foi negado. Ter vivido entre becos e vuelas é um traço subjetivante, decorrente de um processo de subjetivação, como nos ensina a Esquizoanálise.

(BECO)“Quando mais novo, eu vendia ferro velho, não necessariamente pela construção de uma necessidade financeira. Tive a felicidade e o privilégio de à medida do meu crescimento, haver também, em parte da minha família, uma ascensão familiar, posta principalmente nas oportunidades que meu pai teve. Oportunidades que, posteriormente, ele me ofereceu, em muitos momentos. Entretanto, descobri cedo que meu sonho só tinha valor para mim, e o sonho grande ou o sonho bobo não encontraria vias fáceis, não encontraria sempre Vuelas. Seria necessário buscar, a partir dos Becos, os vislumbres das Vuelas, pois as viagens que tinham (tem) valor para mim, não necessariamente têm valor para todos, mesmo quando são aqueles que buscam me dar oportunidades que vislumbrem serem boas. Minha noção de valor, eu aprendi quando quis ser músico, não profissionalmente, mas tinha o sonho de tocar com alguns amigos. Esse grupo de amigos juntava comigo latinhas para serem trocadas e, com o dinheiro, poder visitar as feiras livres do Rio de Janeiro. Em um momento, decidimos usar esse dinheiro para comprar instrumentos. O primeiro show foi no bairro, levamos caixas

de som e bateria, com carrinhos de mão. Em outro momento, alçamos voos mais distantes e fomos convidados para fazer um aniversário, em uma cidade vizinha. Foi maravilhoso e perigoso viajar na caçamba do carro que conseguimos para nos levar. Mais uma vez, também aqui, o menino da favela estava viajando, fazendo acontecer a viagem” (Diário de Pesquisa).

(VIELA) Perceber as oportunidades acontecerem e lutar para que elas aconteçam tem, para mim, um valor, que viagem nenhuma ‘ganha’ teria. Assim, conheci lugares e pessoas que só foram possíveis nesse e em outros momentos, pois aprendi que, para sonhar, preciso saber o momento de parar e refletir, em Becos, os vislumbres da melhor forma de encontrar Vuelas para seguir meu caminho. Esse traço da viagem me faz reconhecer não só o meu lugar, mas os meus saberes. Saberes que, de catador e vendedor de produtos recicláveis, significam hoje as viagens que eu ainda produzo, viagens que são também acadêmicas na Ciência, as viagens que eu ainda vou produzir.

Os contatos e os encontros, as disposições e as trocas da música são aspectos que já representavam meu desejo de viajar, mas, em outros momentos, eu não era capaz de reconhecer como sendo viagem. Como disse anteriormente: “a Favela viaja!”, ainda que os integrantes desse ecossistema e de outros nem sempre reconheçam como viagem. Os caminhos e descaminhos que encontrei nas minhas viagens não poderiam ser planejados, pois são representativos do desenvolvimento dissipativo⁹ da composição do meu inconsciente, do meu desejo. Assim nessa fluidez, compõem-se os ecossistemas dos quais eu faço parte e a maneira como sou capaz de percebê-los. Isso pareceu complicado, em um primeiro momento, para a epistemologia vigente no turismo. Trata-se, de fato, do reconhecimento de tramas complexas. Por conta disso, entendo a importância de produzir com narrativas os encontros que me fazem perceber as viagens nessa perspectiva ampliada. Talvez, se tenha que pensar no que Baptista (2021) chama de o Averso do Turismo, que podemos transpor, também, em sentido amplo, para o Averso da viagem – para além das fachadas pré-fabricadas e das modelizações e hierarquizações. Isso quer dizer que a Favela viaja a sua maneira, ao seu modo. Assim como ocorre em outras instâncias da vida, há níveis de apropriação das condições de movimento, que nos

⁹ Aqui, trato o encontro com o inconsciente na Esquizoanálise por Deleuze e Guattari (2004). Nesse texto, os autores propõem uma ampliação de sentido para pensar o inconsciente, não uma estrutura que se manifesta apenas pela linguagem, mas como um corpo dissipativo, fractal que produz subjetivamente o tempo todo, todo o tempo, em acoplamento com engrenagens máquinicas de produção social.

possibilitam sair de uma condição atribuída de periferia para assumir a condição de florescer em território de intempérie, Favela.

Sendo assim, a significação do que eu vivi justifica minha argumentação, de modo que o que eu produzo é produto do que já produzi, como nos ensina Maturana e D'ávila (2015). Desse modo, refletir a partir da narração dessas viagens representa o conhecimento gerado a partir dos movimentos dos meus desejos, que não seguem, necessariamente, a mesma lógica da produção capitalística, nem dos formatos rígidos e tradicionais da escrita científica. Percebo que, ainda que em momentos eu tenha sido capturado, tenho aprendido que Beco não é ponto final, e sim ponto de partida, e a Viela leva sempre a um novo começo. Vamos adiante.

Meu pai, Manoel Messias da Silva por quem tenho profundo respeito e admiração, nasceu e cresceu no mesmo bairro onde resido, fato que faz com que muitas de nossas histórias se misturem. Ao longo da minha vida, fui percebendo que meus trânsitos e caminhos também eram reflexos, uma produção espelhada (Baptista, 1996), pelo complexo subjetivo que constitui o inconsciente do sujeito por quem tenho profunda admiração e respeito.

(BECO)“Ainda na adolescência, fiquei sabendo que meu pai, junto com alguns amigos, que por sinal me contaram essa história, tinham um grupo de jovens que, para poder transitar entre outros bairros, se amontoavam com a intenção de conhecer meninas nas festas, bailes desses outros bairros. Na época, esse grupo ficou conhecido como a ‘Turma da UVA’ (União de Vagabundos Anônimos). Encontros entre esse grupo e grupos de outros bairros eram conflituosos e, ao mesmo tempo, cheios de charme e sexualidade. Eu soube de danças em grupo e o prestígio que fazer parte dessa composição acompanhava na época e ainda hoje tem representação na memória do meu lugar” (Diário de Pesquisa).

(VIELA) Beco é também o encontro com aquilo que me significa, que faz brotar em mim a representação das histórias daquilo que de mim é ancestral. Esse reconhecimento se dá na percepção de como as singularidades daqueles com os quais me entrelaço fazem com que a minha própria singularidade possa existir.

Como é possível perceber, o complexo significado e processo do meu reconhecimento como sujeito, que tem, na sua natureza, sexualidade, charme e conflitos, envolve marcas que eu não trago sozinho, mas, que decorrem do processo de espelhamento do que compõe a minha história e o meu lugar. Nesse sentido,

afirmo que a Favela viaja, e a viagem da Favela é traço de significação do grau zero¹⁰ do sentido de Turismo. Apresenta-se como primeiro movimento, ainda antes de eu me perceber como sujeito que viaja. Isso significa que a minha viagem começou, antes mesmo de eu existir.

A importância de perceber isso significa também o seu resultado, nos processos dos sujeitos que compõem essa história. Sou capaz de perceber que, ao passo que o encontro com essa história é, para mim, vislumbre de Viela, para muitos sujeitos que inclusive fizeram parte dessa história, da Turma da UVA, essa história é Beco, e escondê-la é necessário para existir no mundo.

Ocorre que nem tudo que se fazia na época era lícito e, de certa maneira, os sujeitos que fazem parte dessa história não são mais os mesmos. Estão em outras viagens, mas o que compõe a minha viagem, nas formas de vislumbres de Vielas, hoje, só é possível se sou capaz de perceber de onde esses movimentos vêm, na deriva histórica que precede e orienta a minha existência.

Claro, nem sempre fui capaz de perceber essas nuances dos Becos e Vielas onde eu estive; entretanto, a liberdade encontrada no fluxo dos meus desejos, dos desejos que me compõe, como pesquisador e turismólogo, não estão na minha história, são a minha história. Ao mesmo tempo, são brotação de intempéries, que é a própria definição de favela, o que significa que não são apenas a minha história, mas representam a transversalização de muitas outras histórias, de pessoas que vivem nos territórios conhecidos como Favela e de tantos outros que vivem em territórios de intempérie, que receberam outras denominações. Territórios em noção ampliada, como está sendo proposto nesta Tese.

Desse modo, perceber e fazer as pazes com meu passado é ser capaz de reconhecer os meus lugares, os meus sujeitos, os meus saberes pessoais, que são a representação das reflexões que sou capaz de fazer hoje. Negá-los, em algum momento, foi a única possibilidade de me fazer (e de me sentir) gente. Para poder viajar, era preciso me descaracterizar como favelado, mas, viajar com meus desejos livres só é possível quando eu reconheço que eu viajo do jeito que viajo, por ser Favelado. Logo, mais uma vez, a Favela viaja, meus agradecimentos à Turma da UVA por isso.

¹⁰ Grau zero como reconhecimento ao fundamento do Turismo, a partir de sua ontologia em alinhamento com a ecosofia. Esse aspecto foi discutido por Baptista em texto de 2023, em que a autora apresenta o 'Grau zero' do Turismo como sendo a viagem.

(BECO)“No início da minha adolescência, eu queria ser surfista. Queria acompanhar meu irmão mais velho e os amigos dele, que, ainda que nem sempre conseguissem surfar, tinham a permissão dos adultos de se aventurar em viagem para a praia, para surfar vez ou outra com pranchas emprestadas. Eu nunca consegui ou pude ir com eles. Foi então que eu comecei a andar de skate, pois era o vislumbre da praia no meu bairro. Quando eu pude viajar, começar essa viagem e surfei (tentei) a primeira vez, foi um momento maravilhoso. Logo em seguida, aprovei no vestibular e me mudei para o Rio Grande do Sul, onde, vindo do Rio de Janeiro, passava ideia de ser um surfista, alguém que vivia na praia, e nem mesmo contava que, na maior parte do tempo, a minha praia era o asfalto da Favela onde eu nasci” (Diário de Pesquisa).

(VIELA) A praia representava, para mim, a Favela que deu certo e que, para dar certo, deixou de ser Favela para se tornar um bairro nobre. Isso aparece na minha fala, quando penso sobre como me apresentei sempre, em lugares que não eram o ambiente da Favela. Isso aparece na fala de tantos alunos e conhecidos, com os quais convivi e convivo.

Em alguns momentos, eu assumia a verdade de ser oriundo da Favela, quando disso havia alguma representação dos saberes que eu precisava marcar. Entendo hoje que esses saberes transversalizam todas as minhas viagens, de modo que o que apresento como Beco e Viela hoje é o reconhecimento da Favela como constituição da praia, e a praia como inerente à Favela. Na prática, tratam-se de ecossistemas que coexistem e transversalizam-se de alguma maneira. Percebo que isso ocorre, ainda que seja difícil, para a Favela, se sentir incluída na praia, pois o movimento demanda força e um certo grau de balanço, malandragem, para conseguir viabilizar ‘ser praia’. Com frequência, os aspectos sociais que emergem e ganham visibilidade são os de ‘a Favela não viaja’, ‘a Favela não vai à praia’. Para ser aceito nesse espaço, em muitos momentos, é preciso negar o que há de mais precioso, o próprio lugar que constitui o complexo singular do inconsciente do sujeito, fazendo com que ele mesmo, dessa marca de sobrevivência às intempéries, aprenda a viajar ‘apesar e para além de’, aprenda a surfar e se fazer mar, maresia, alegria, em verso, em prosa, em ginga, em samba ou bailes *funks*.

Para poder dizer hoje ‘a Favela viaja’, revejo minha trajetória em que, por muitos momentos, eu mesmo me senti impelido a dizer - não só academicamente, mas também na Academia - que eu não era favelado, e que eu não era a Favela. Hoje, reconheço dela e nela o mar que me compõe. O mar é Favela, e a Favela é o mar, um mar de gente que deseja ser mar. Gente que se sabe e se reconhece, no desejo de ser o Rio de Janeiro, aquele do mar e valorizado para o turismo. Em muitos

momentos, na contradição própria da sociedade atual, para ser mar, é imposto sobre o sujeito a traição do próprio desejo, e por conta disso, a negação da própria Favela. O sujeito da Favela, então, às vezes, nega a si mesmo e seu território, para ser mar, sem perceber que o fato de ser Favela é ser proveniente de uma episteme que ‘sobrevive às intempéries’ é o que aciona uma potência genuína, espontânea, profunda, fazendo que com que possa ser mar, ser Becos e Vieiras, ser o que quiser. Aos poucos, contudo, há sinais de mutação, como é o caso de expressões em canções características do ecossistema da Favela, que denotam que, com diz o slogan conhecido: “A Favela venceu!!” Muitos exemplos serão trazidos para esta tese, muitos exemplos, quem sabe, serão também incentivados por esta tese!

Quando posto isso, em contexto com o foco e a realidade do universo existencial estudado, o que se tem é que a Favela venceu. A síntese dessa frase serve à percepção de uma pulsão de investimento desejante, que não compete à característica segregada do desejo, e sim a uma relação nômade com o mesmo.

A favela venceu
 O favelado hoje tá no topo
 Máximo respeito
 Nós viramos o jogo
 Quem não conhece um baile de favela
 De favela
 Fudeu
 Através do funk hoje nós temos voz
 E são os playboys que se inspiram em nós
 Lançando o bigodinho
 E o cabelinho na régua
 Na régua
 Eles desacreditaram de nós
 E olha onde hoje nós tá
 O microfone me deu voz
 E os amigos aqui eu vim representar
 No Baile de favela
 Na Colômbia, na Mangueira e o PPG
 Baile de favela
 No Mandela, na Gaiola e CDD
 Baile de favela
 O P.U. , no Chapadão e Nova Holanda
 Baile de favela
 Na Rocinha, Jacaré também vai ter (MC SCAR, 2020).



A Favela vence no movimento do desejo de um sujeito que encontra potência para ser quem é. A Favela vence, quando da sua pulsão brota alegria, força, desejo mesmo em território de intempérie. A Favela vence, não quando disputa e ascende a um reconhecimento social de sua importância e beleza, mas quando reconhece sua

potência, e faz brotar de si mesmo o necessário para a produção de sua subjetividade, (Auto)Transpoiese (Baptista, 2022).

Assim, reconhecer a trilha dos meus saberes pessoais significa poder dizer que sou a pesquisa que aqui se apresenta, pois, a pesquisa que aqui se apresenta também me constitui existencialmente. Favela, mar, Academia, rua, professor, aluno, orientando, orientador, complexos antagônicos, que são complementares em suas complexidades. As viagens que faço hoje são as viagens que me compõem. Eu me movimento pelo presente pelos movimentos do passado, e assim, produzo meu futuro, a partir do reconhecimento desses movimentos.

(BECO)“Filho de pais separados, eu fui criado majoritariamente por mulheres, especificamente, minha vó, minha mãe e minha tia. Ainda que tenha marcas potentes dos homens que fizeram parte da minha formação subjetivamente, a marca dessas mulheres se faz presente na minha vida, tanto em força quanto em amorosidade. A passagem mais difícil das nossas vidas foi quando eu tinha 6 anos, a morte da minha vó, mãe da minha mãe e da minha tia. Vi o maior papel de força e um dos maiores de afeto se perder. Viúva desde nova, minha vó criou as filhas, construiu uma casa com trabalho de doméstica e ainda tinha tempo para chegar em casa e brincar comigo. Perder ela foi o primeiro e mais doloroso Beco que eu me lembro de ter encontrado. Ainda assim, como aprendi na Favela, vi ou vejo hoje os vislumbres de vielas. Encontrei na minha mãe o afeto de sempre intensificado, e na minha tia (dinha), a força e a potência da favela em produzir amor com o trabalho. A partir desse momento, vi a transversalização de força e carinho se fazer presente no papel dessas duas mulheres, orientadas pelo papel da que havia nos deixado, e a partir disso, as viagens e tentativas de me fazer acreditar o que minha vó quis sempre para nós. Ela nos ensinou que nós somos capazes de fazer qualquer coisa, inclusive viajar” (Diário de Pesquisa).

Acho justo ter começado minhas reflexões por histórias de infância e terminar voltando à infância. Pude perceber que aquilo que eu sei e sou academicamente, se dá pela minha forma de conhecer e saber o mundo. Tanto na vida, quanto na vida acadêmica. Tudo aquilo que eu não sei e quero descobrir é resultado da maneira como eu sou capaz de me mover no mundo, considerando as intempéries que se atravessam nessa viagem.

Aprendi cedo e sigo aprendendo que ser feliz é reconhecer os vislumbres das Vielas e a importância dos Becos, bem como aprendi, já mais tarde, que o meu encontro acadêmico é resultado desses aprendizados. Também no meio acadêmico, eu sou quem sou porque sou Favela!

(Beco) “Desde muito novo eu aprendi que a educação poderia significar poder conhecer o mundo, viajar, e me tornar alguém importante, deixar de ser favelado, lembro que quando fui fazer graduação no município de Jaguarão no Rio Grande do Sul, não falava sobre a minha narrativa humilde como matriz de potência. Vivi momentos de insegurança ao falar do meu lugar, sempre conduzindo a narrativa para o mais longe possível da palavra favela, e ainda assim sofri com casos de xenofobia pelo meu sotaque ou com uma estética de malandragem

de um menino favelado. Quando condicionei minha vida para o processo acadêmico e decidi fazer mestrado, a escolha de pesquisa foi falar sobre praias, algo presente e que me representava bem, sem precisar reconhecer a potência do mar de gente de onde eu vinha. Retornei como professor para dar aulas na Unipampa, falei sobre o mundo que eu descobri quando sai do meu lugar, mas nunca fui capaz de reconhecer a Favela, nas minhas falas, nesse primeiro momento como docente” (Diário de Pesquisa).

Perdi e ganhei, como Beco e Viela. Ganhei ao perceber e realmente ganhar mundo pela Educação, mas perdi quando me permiti ser negado, desde a matriz do meu desejo, quando sequer fui capaz de perceber que, por não aceitação de mim mesmo, não falava da episteme que me constituía, que é a própria Favela como matriz de potência.

Isso representou Beco para mim, um Beco que encontrei na própria educação, onde não podia sentir a vontade de falar de mim desde a minha realidade, no reconhecimento do meu lugar, e no jeito de conhecer desse lugar, de modo que a própria educação, não produzia para mim, nós que me ligassem comigo mesmo e pudessem significar para mim e para outros em condição de intempérie, a potência de existir nessa condição.

Baptista (2021a) propõe os entrelaços nós na Educação, versando sobre os nós que os olhares sobre as próprias narrativas podem representar para os vislumbres de futuro. Em analogia, entendo esse processo como a importância de perceber os nós, os pontos de paragem como Becos, que possibilitam os vislumbres do futuro, sendo isso parte importante do processo de Educação. A possibilidade é que, desde o reconhecimento dos próprios saberes, haja o incentivo para que outros também reconheçam a si mesmos e seu modo de produção, em uma orientação que é vislumbre de um sul contra hegemônico e emancipador de um norte pasteurizado (Santos; Meneses, 2010).

(Viela) “Voltei a dar aula em 2022, dessa vez aprovado como professor substituto não de qualquer universidade, mas de uma universidade na minha cidade no Rio de Janeiro, uma universidade que eu não pude frequentar quando tentei o vestibular, mas que na época era minha primeira escolha. Voltar como docente era representativo, pois, significava que aquilo que eu era, tinha na potência de brotação, existido, re existido, sobrevivido. A Favela virou mar, e o mar virou Favela pois, nessa estada como docente, fiz questão como hoje faço, de perceber a potência da Favela na minha constituição enquanto sujeito e ao me marcar como sujeito que viaja por becos e vielas, fui capaz de encontrar, outros sujeitos, meus alunos nesses mesmos becos e vielas, e juntos pudemos vislumbrar vielas através da educação, mas dessa vez, vielas que reconheciam o nosso lugar como potência de brotação” (Diário de Pesquisa).

Meus momentos como docente da UNIRIO não são exatamente o início dessa história com o Turismo visto dessa forma, mas é onde eu fui capaz de vislumbrar a Viela dessa produção, que tem na potência do reconhecimento das viagens da Favela, a capacidade de oportunizar que pessoas, através da Educação, reconheçam os nós de suas narrativas, de sua história, de seu inconsciente e dos seus desejos, como potência de reconstrução de si mesmo, Autopoiese.

Foi gratificante, mas, principalmente, foi um processo de descobrimento, de importâncias e de reconhecimento dos meus saberes e dos meus fazeres. Poder reconhecer e descobrir os saberes e os fazeres dos meus alunos me faz perceber que o processo acadêmico não precisa negar os fundamentos emocionais de constituição do sujeito, nem mesmo suas matrizes geográficas e culturais de existência, de conhecer.

Ao contrário, percebi que, ao reconhecer o emocionar, as subjetividades dos sujeitos da Educação, seus nós, somos e fomos capazes de reinventar turismo e viagens, de refletir sobre novos processos e práticas de viagem, ao passo que descobrimos um pouco mais de nós mesmos, daquilo que desejávamos e daquilo que nos dava alegria de existir.

Descobri, em histórias acadêmicas que pretendo contar aqui, que o meu desenvolvimento é possível por vários motivos. Um deles é o modo como me ponho diante do que eu não sei, com humildade e com um jeito de perceber essa imperícia como a oportunidade de produzir mundo, de produzir vida e de viajar, para outros universos existenciais, de saberes e fazeres.

Há também uma ginga e determinação proveniente da constatação de que o não já se tem, já que as condições são de intempérie. Então, na prática, há a intuição de que a força para produzir ações só pode levar a uma condição de melhora. Entendo hoje que essa compreensão me constitui à medida que por ela eu transito e dela produzo movimentos, de tal modo que sou hoje capaz de perceber um traço de Turismo, de viagem, compositivo dos meus fazeres, que se orientam e culminam nessa produção.

Assim sendo, o que se segue é o meu reconhecimento de momento, mas também o reconhecimento daquilo que eu não sei, mas que entendo que, quando souber, só serei capaz de saber pela singularidade da complexidade que compõe minha própria subjetividade. Por conta disso, só sou capaz de pensar e produzir as reflexões que serão apresentadas, pelas histórias que me fazem, que me constituem

e que, ao me constituírem, fazem com que eu seja capaz de reconhecer aquilo que orienta a produção do meu próprio desejo, com base nos meus saberes, na minha episteme, e na episteme de quem aprende a se mover, transitar, viajar em um território de intempérie, e que faz disso a potência para viajar, pois A Favela Viaja!

2 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS E PERCURSO DA INVESTIGAÇÃO

Falar sobre as escolhas metodológicas do trabalho envolve uma dupla posição de pensamento que eu reconheço de maneira meta-textual, como olhar para dentro e para fora de si ao mesmo tempo (Guattari, 1985). Esse metatexto é algo próprio de uma produção que inscreve esquizograficamente o sujeito e a pesquisa.

Isso significa que, ao mesmo tempo que a metodologia trata desta Tese, ela também faz reconhecer a posição que a Tese ocupa num ecossistema amplo que é o da Ciência.

Assim, mais do que marcar a forma de escrita e produção da Tese, este espaço serve como lugar de posicionar politicamente o alinhamento epistemológico que transversaliza esse trabalho. E ainda mais do que isso, é possível relacionar a produção com o que transversaliza o pesquisador, seu aprendizado sobre si e sobre a Ciência ao longo do curso de doutoramento.

É propício, e de fato acontece ainda que não seja declarado, que na metodologia o sujeito pesquisador perceba sua evolução, sua trajetória e perceba sua produção e posição epistemológica. No caso é onde há o reconhecimento do sujeito como cientista, ao menos para mim foi assim.

Dessa forma, saliento como forma de introduzir o assunto que vamos discutir nesse capítulo e que eu vou apresentar na sequência, que o que se segue é uma inflexão profunda sobre as bases epistemológicas do pesquisador em relação aos temas pesquisados, bem como das pesquisas que embasam este estudo.

Por conta disso, a apresentação das estratégias metodológicas neste estudo, não se restringe a materiais e métodos quanto as suas funções e produção contextuais, mas sim de uma construção que leva em consideração o traçado teórico epistemológico e científico que foi feito para que chegássemos as considerações técnicas e teóricas que se alinham nesse estudo.

Dessa forma, apresentamos a orientação estratégico-metodológica deste texto como dito e discutido por Lopes (2005), onde a autora apresenta que todo trabalho científico tem uma dimensão epistemológica, uma dimensão teórica, uma dimensão metódica e uma dimensão técnica. Dessa forma, apresento uma panorâmica que se aprofunda a medida em que vamos encontrando métodos e técnicas que se alinha com os objetivos da pesquisa, bem como com aquilo que à transversaliza.

Por conta disso apresento para discutir a grande configuração dos caminhos percorridos nesta pesquisa, a construção e relação epistemológica que me levou a escrita do primeiro tópico intitulado “Beco Ciência em condição de intempérie, Favela”, em que apresento a compreensão de fundo desta pesquisa em relação a matriz científica e o holismo como orientação de produção de ciência do pesquisador que escreve e se inscreve nesta produção. Este se torna ponto de apresentação da dimensão epistemológica da metodologia, bem como o tópico seguinte.

Posteriormente, apresento o tópico intitulado “Viela, reconhecer sujeito, Favelado!” em que apresento os caminhos percorridos como cientista e as escolhas que me trazem academicamente ao privilégio de cursar doutoramento na sociedade desigual do Brasil.

Na sequência, apresento dois Becos que se interligam e se complementam, de uma maneira que se relacionam com o tópico seguinte na construção da dimensão teórica da metodologia. Esses dois primeiros Becos são intitulados “Beco, contatos atrevidos de primeiro grau, o encontro com o termo *Sapere Aude*” e “Beco contatos atrevidos de segundo grau, mergulho teórico profundo no termo *Sapere Aude*”. Nestes dois, apresento olhares para dentro e para fora em movimento de desterritorialização. Mais especificamente, apresento o encontro com o termo ‘*Sapere Aude*’, que em latim, significa se atreva a conhecer em dois momentos, um através de uma experiência pessoal que me deu coragem para retomar meus estudos, e um outro momento em que eu me aprofundei no termo para poder falar sobre ele a partir também de sua fundamentação teórica.

Seguindo, apresento mais um Beco “inspirar para subir o morro”, tópico em que apresento a minha relação com as escolhas metodológicas, como ponte entre a dimensão teórica e a dimensão metódica da orientação desta pesquisa. Neste tópico, escrevo sobre inspiração, orientação metodológica teórica sobre as estratégias metodológicas que se alinham com as escolhas teóricas e fundamentação epistêmica deste estudo.

Finalizo então, apresentando as estratégias plurimetodológicas e processuais da Cartografia dos Saberes e das Matrizes Rizomáticas, que como dobras se complementam e contribuem para a construção da dimensão metódica e técnica deste estudo.

Neste tópico, apresento a maneira como desenvolvi metodicamente esta pesquisa, bem como inscrevo e escrevo os entrelaçamentos nós de desenvolvimento da

pesquisa, de modo que, escrevo sobre a fundamentação das estratégias da Cartografia dos Saberes e apresento a maneira como as Matrizes Rizomáticas contribuem para a construção de um equilíbrio fluente para a pesquisa. Posteriormente, apresento o preenchimento das matrizes rizomáticas, bem como as práticas e técnicas de pesquisa que se apresentaram ou que foi possível prever até aqui.

Através dessa breve apresentação, acredito poder traçar uma panorâmica sobre a apresentação epistemológico, teórica, metódica e prática que se segue sobre a construção e orientação metodológica desta pesquisa.

2.1 BECO: CIÊNCIA EM CONDIÇÃO DE INTEMPÉRIE, FAVELA

Pois bem, passemos então a falar sobre a passagem do tempo e a maneira como venho me relacionando com os pressupostos epistemológicos que apresentam a Ciência como sou capaz de ler hoje. Acredito que essa apresentação se faz importante pois, para conseguir apresentar, como inflexão, como então chegamos à inspiração Cartográfica dos Saberes que está posta nesta pesquisa, é necessário que eu apresente um traçado epistemológico, de viagem investigativa que justifica através do meu posicionamento científico, a escolha dessa dimensão metodológica.

A percepção sobre os avanços para quem os está produzindo fica nublada, ou mesmo, turva, em relação às percepções possíveis sobre passagem do tempo da Ciência. Dessa maneira, os avanços e os caminhos percorridos tendem a ser mais bem percebidos, quando vistos nas grandes mudanças paradigmáticas. Esses aspectos são marcantes para essas mudanças e tendem a ser mais fáceis de perceber, em relação ao passado, mas tão logo mais difíceis no presente e nos fios que aparecem à medida que estão sendo construídos, ainda mais quando esses fios são postos em projeção futura.

Boaventura Santos, no texto *Um Discurso sobre a Ciência* (1988), apresenta olhares críticos sobre a passagem da compreensão científica sobre o meio, a passagem dessa compreensão sobre o homem e os problemas que só podem ser vistos nessa passagem com as informações presentes, sendo, a partir disso, sua proposição para os caminhos onde as ciências tendem a avançar no futuro.

O paradigma dominante, durante muito tempo, vem sendo caracterizado por uma percepção de ciência subdividida e reducionista, onde as subjetividades são

subjugadas em detrimento das objetividades, o que, muitas vezes, corrobora e condiciona o discurso de que as Ciências Naturais são mais avançadas e desenvolvidas que as Ciências Humanas, principalmente as que buscam aspectos de subjetividade. Esse discurso, ganha força, pois há a ideia ilusória, estruturalista, reducionista e cartesiana, de que as Ciências Naturais podem ser reduzidas e medidas segundo parâmetros passíveis de serem aferidos, aprovados ou reprovados.

A grande questão é uma polarização científica sistematizada capitalisticamente e de desenvolvimento funcionalista na pesquisa, com ênfase no subdesenvolvimento das percepções complexas da natureza, e, principalmente, na invisibilidade das subjetividades de uma humanidade nas Ciências Naturais. Constrói-se, assim, uma não percepção de que as Ciências Naturais e as Humanas estão, por mínima interpretação ecossistêmica, atravessadas todo o tempo e em todo espaço, umas pelas outras.

Tal dimensão é proveniente de avanços do paradigma relacionado à astrofísica mecânica para o de uma Física compreendida a partir da mecânica quântica, onde os aspectos invisíveis e imensuráveis estão presentes, ainda que não possam, por enquanto, ser aferidos (Santos, 1988). Essa ideia direciona à interpretação de que a dimensão humana e os múltiplos complexos naturais devem e podem estar presentes em aspectos situacionais complexos, e tais aspectos não podem ser desconectados, ignorados.

O caráter local das medições e, portanto, do rigor do conhecimento que com base nelas se obtém, vai inspirar o surgimento da segunda condição teórica da crise do paradigma dominante, a mecânica quântica. Se Einstein relativizou o rigor das leis de Newton no domínio da astrofísica, a mecânica quântica fê-lo no domínio da microfísica (Santos, 1988, p. 55).

Sendo assim emerge novos pressupostos científicos, esses, alinhados e com vinculação direta aos novos aspectos acerca da Física Quântica e dos micro fatores relacionados a essa nova dinâmica de compreensão do mundo e da natureza socioambiental.

A crise nesse sistema de Ciência apresenta-se e começa a ser construída a partir da existência da mecânica quântica, mas ainda pode ser sentida com avanço das ciências ditas não ciência, por tratarem do não reducionismo dos focos e dos estudos. Os pressupostos epistemológicos em que posiciono esta Tese, correspondem a uma ecologia de saberes, de atravessamentos de corpos subjetivos

e objetivos, de encontros comunicacionais (Baptista, 1996), de saberes e fazeres, de ciências que, em sua pluralidade, compõem a Ciência.

Tanto nas sociedades capitalistas como nas sociedades socialistas de Estado do leste europeu, a industrialização da ciência acarretou o compromisso desta com os centros de poder econômico, social e político, os quais passaram a ter um papel decisivo na definição das prioridades científicas (Santos, 1988 p. 59).

Segundo os autores que fundamentam minhas proposições, portanto, os aspectos problemáticos ao desenvolvimento da Ciência, no paradigma anterior, são suas ligações com o capitalismo e as construções sobre as quais o mesmo está assentado, de maneira que qualquer mudança científica, passa justamente pelo distanciamento da ciência do poder capitalístico e social desse sistema.

Essa condição significa que a escrita desta Tese, em se tratando de uma proposição de Favela, está inscrita em uma direção de produção que a torna epistemologicamente, holística, processual, complexa e ecossistêmica, mas também, complementarmente, micropolítica¹¹ (Guattari; Rolnik, 1996). Posicionada em alinhamento com o sentido de desejo, essa Ciência pode perceber singularidades no coletivo e se expressar por linhas de especularidade (Baptista, 1996).

Para entender o sentido desse posicionamento, também político, é necessário perceber do que se trata essa ciência, em sua compreensão processual, em uma leitura que ousa, mas se fundamenta junto a autores como Crema (1989), Capra (1991, 1997), Baptista (2014, 2023) Santos e Meneses (2010), Santos (2010; 1988).

A proposição decorre, em princípio, do contato com Capra (1991, 1997), que apresenta, no texto *O Ponto de Mutação*, literalmente, o processo de mudança do olhar sobre a ciência. Trabalho aqui com a percepção da Física Quântica, desde quantum como metáfora, *quantum*¹² transversalizado, ou seja, em salto quântico, até a confluência e potência de energias, como foi sinalizada por Einstein¹³. Esse viés de abordagem contribui para o entendimento de que a perspectiva energética

¹¹ Micropolítica, é aspecto apresentado por Guattari e Rolnik (1996), no texto *Micropolítica: Cartografias do Desejo*, em que os autores aprofundam algumas das ideias de *Revolução Molecular*, de Guattari (1985), contraponto uma produção política macro em nível molar, e as ações de produção política que se inserem através de produções políticas moleculares, micropolítica.

¹² Momento de variação energética com quantidade mínima de propriedades, no caso aqui, trazido como deslizamento conceitual como analogia para o ponto de mutação e transversalização de ecos, universos existenciais que transversalizados precedem os saltos quânticos.

¹³ A contribuição de Einstein está aqui sinalizada, com reflexões feitas a partir dos textos de Capra (1991, 1997)

circunscreve as próprias possibilidades, que, desde Einstein, podem ressignificar subjetivamente a Ciência. Alerta, no entanto, que não se trata de desconsiderar a objetividade que em muito contribuiu e contribui para o avanço e os processos da ciência, mas de ampliar as possibilidades em perspectivas que reconhecem as explicações dos fenômenos, em contexto com seu universo existencial. Emerge, então, o reconhecimento do ecossistema de acoplamentos de universos existenciais com universos existenciais, em uma leitura a partir de Maturana (1989), que propõe, na ontologia do ‘Com-versar’¹⁴, encontros de universos condutais consensuais, com universos condutais consensuais¹⁵.

Das reflexões, brotam algumas perguntas que orientam o pensamento sobre epistemologia e as viagens investigativas, que alinham o desenvolvimento desta pesquisa, bem como a construção metodológica que decorre da escolha por esse posicionamento. O que é atrevimento na Ciência hoje? O que pode ser considerado ser atrevido na Ciência em relação ao Turismo? Que Turismo gostaríamos de ousar conhecer? Existe Ciência na viagem? Existe viagem na Ciência? A razão posta no Iluminismo é a única forma de conhecer o mundo? O que pode ser considerado uma viagem ousada? Um turismo ousado e atrevido? A ousadia em viajar enquanto faz pesquisa, e conhecer enquanto se viaja, também é uma forma de Ciência? Isso é atrevimento?

A proposição deste estudo, claro, não é responder necessariamente essas perguntas, mas as estratégias metodológicas e de orientação de desenvolvimento desta pesquisa, contam histórias que levam em consideração essas perguntas. Há reconhecimento, aqui, de que são questionamentos transversais as estratégias e escolhas operacionais, em termos metodológicos. De algum modo, essas perguntas aparecem ao longo do desenvolvimento, inscrição, leitura e escrita desta pesquisa, ainda que não necessariamente explicitamente.

A realidade apresentada por Santos (1988), no texto *Um discurso sobre a Ciência*, destaca aspectos que precisam ser levados em consideração. O autoconhecimento e a contemplação dos universos existenciais são integrantes da

¹⁴ A proposição de Maturana é enunciada como ‘Ontologia do Conversar’, em um dos seus textos (Maturana, 1989), mas essa proposição aplicada aos estudos Amorcomtur! ganha a singularidade do modo de enunciação proposto por Baptista, daí ‘com-versar’, ‘com-versações’, termos que veem sendo amplamente trabalhados pela autora e demais pesquisadores do grupo (Baptista, 2021; Baptista; Bernardo, 2020)

¹⁵ A redundância construída pelo autor é proposital, para sinalizar o caráter recursivo das condutas e ações.

narrativa de pesquisa que se insere num fractal complexo e dissipativo do universo existencial. A esse fractal, chamamos, aqui, com referência a um texto propositivo conceitual (Silva; Baptista, 2022) **Esquizografia Turística**, como resultado de um **olhar cartográfico desde a Esquizoanálise (Deleuze; Guattari, 2004), da realidade complexa encontrada no universo existencial da Favela, com vistas a contemplar aquilo que agenciamos.**

As Esquizografias turísticas são inscrições rizomáticas esquizoanalíticas passíveis de serem cartografadas, e geram sinalizadores de potência (Auto)Transpoiética de sujeitos e lugares. Isso implica dizer que podem ser também cartografias, no sentido de mapeamento mutante e processual; são rizomáticas, porque pressupõem derivas e brotações em fluxos irregulares; e são esquizoanalíticas, porque são produzidas com os pressupostos dessa grande orientação de ação, intervenção e investigação, nos universos existenciais. Esse aspecto se expressa como ciência, já no reconhecimento da existência do sujeito no universo existencial da pesquisa. Isso é considerado em uma lógica que é holística, como nos ensina Crema (1989), contemplando ao máximo subjetividade e objetividade daquilo que tangencia e atravessa a pesquisa, e que apresento como posicionamento epistemológico e micropolítico de pesquisa. Em síntese: **a Tese corresponde a Esquizografias turísticas e de lazer, que são produções de inscrição vivencial esquizo**, ou seja, vivências e reflexões turísticas e de lazer, que são consideradas, na Tese, pela lógica da Esquizoanálise. Vale dizer que Esquizografias se aproximam e se inspiram nas cartografias, como mapeamento subjetivo, mutante e processual.

Como é próprio da orientação metodológica deste trabalho, propomos Ciência a partir de pressupostos epistemológicos corroborados pela compreensão de Ciência percebida a partir das leituras, da (Auto)Transpoiética produzida em 'com-versas' com os autores que fundamentam esta Tese.

Desse modo, antes de mais nada, é necessário que seja apresentada a posição epistemológica e científica que orienta este trabalho, ainda que em desenvolvimento. De maneira processual, esse ato é não só necessidade para a produção do que vamos discutir aqui, mas, principalmente, se trata de poder posicionar a discussão epistemológica, como ato político e emocional, fractal, dissipativo e processual, considerando assim ato científico com pressupostos holísticos.

Por conta disso, o texto escrito explica a necessidade, neste trabalho, de contemplar minhas emoções (Maturana; D'avila, 2015) como fundamento emocional da minha racionalidade. Delas se orientam as minhas escolhas científicas, a minha postura e meu olhar científico sobre o mundo, como ato micropolítico de produção de desejo, como para Guattari e Rolnik (1996). Tal orientação e explicitação é necessária visto que estamos falando e vamos falar de Favela.

Ressalto, desde já, não se trata de propor dar voz à Favela. Também não se trata de falar pela Favela, se trata de me reconhecer Favelado e, como sujeito desse ecossistema, apresentar o que me singulariza enquanto cientista e Favelado, em uma condição que possa contemplar aquilo que é importante, no fundamento emocional do meu linguajar (Maturana, 1988; Maturana; D'avila, 2015).

Portanto, apresento aqui narrativas do meu encontro com a Ciência, da mesma forma que descobri pela Ciência, como se dá o meu encontro e trânsito na vida. Sujeito que transita pela Favela, aprende com o encontro em Becos e Vieiras, analogia científica que sinaliza a episteme e compreensão singular de Ciência, de um sujeito que vive a vida reconhecendo Becos e Vieiras, em vários sentidos.

2.2 VIELA: RECONHECER SUJEITO, FAVELADO!

Há muito tempo, a Ciência é algo atrai meu interesse, de modo que perceber o universo existencial do Turismo em trama como aspecto cultural foi tema de pesquisa de Mestrado, pensando a aproximação da cultura do *surf* com a cultura do turismo (Silva, 2015). Como resultado, foi proposta a apreciação do estudo do Turismo como cultura, mas, na época, a leitura e interpretação dessa cultura (Geertz, 1989) foi feita com base nos pressupostos científicos da Antropologia, a partir de uma construção de estrutura social. Esse olhar limitava aspectos da compreensão, o que fazia com que a realidade encontrada não fosse percebida plenamente em sua singularidade. Como resultado do encontro com o foco estudado e o universo da investigação, senti, a posteriori que perdi aspectos sentidos a serem encontrados no lócus da pesquisa. Nesse sentido, esse acontecimento me proporcionou perceber que a abordagem se limitava, na forma de olhar da proposição etnográfica como matriz metodológica. Esse entendimento foi possível, ainda que a partir do olhar de Clifford (2002), o encontro com a pesquisa se desse de maneira única e não passível de reprodução.

Essa circunstância gerou a busca de um maior aprofundamento sobre os aspectos subjetivos da Ciência, que culminam nessa abordagem que está sendo apresentada. No caso, não só a partir de uma nova compreensão metodológica, mas do aprofundamento do posicionamento teórico, epistemológico e científico, em sua apreciação e abordagem do Turismo e do Lazer, como focos da escrita deste estudo. Trata-se, neste caso, de uma ampliação de sentido, desde o tensionamento com as engrenagens capitalísticas, por parte do sujeito que escreve, e se inscreve, ou seja, implica uma escrita que se reconhece micropolítica, no foco e tramas de desdobramento e acoplamentos (Guattari; Rolnik, 1996).

Durante meu processo de Mestrado, tive como ‘objeto de estudo’¹⁶, um olhar sobre as práticas culturais da comunidade das praias do Farol de Santa Marta em Laguna, Santa Catarina. Em termos teórico-metodológicos, trabalhei esse tema através da Antropologia como olhar, com a utilização da etnografia como aplicação técnica de pesquisa. Na época, tive uma preocupação sobre a sustentabilidade da atividade do Turismo na comunidade, principalmente através de suas dinâmicas sociais, baseadas nos encontros e desencontros que produziam sobre o meio, interferências socio-ambientais (Silva, 2015).

Trato esse breve relato em relação a um primeiro momento de pesquisa, pois a utilização da etnografia, baseada na Antropologia, pressupõe uma preocupação social. A utilização da sustentabilidade como termo, no entanto, considera as interferências no ambiente natural como mote, que, na minha visão, não deveria distinguir o sócio do natural na preservação do ambiente, de modo que, na época já sinalizava para uma preocupação ecossistêmica, ainda que na época não fosse trabalhada nesse ideal terminológico.

A utilização da etnografia foi possível por uma construção de pensamento que o Mestrado me proporcionou, a integração entre o sujeito pesquisador e o objeto pesquisado. Nesse sentido, fui percebendo que o ‘objeto’ se modifica no contato com a subjetividade do olhar do pesquisador, e o pesquisador se modifica à medida em que vai se embrenhando no ‘objeto pesquisado’ (Clifford, 2002).

Já na época, era possível perceber que o que se buscava era uma singularidade no objeto de pesquisa, o que envolvia os aspectos imperceptíveis do ponto de vista objetivo. Estava tomando consciência da subjetividade no processo de

¹⁶ Na época, ainda denominava ‘objeto de estudo’. Nos estudos recentes do Amorcomtur!, optamos por denominar ‘foco de estudo’ (Baptista; Eme, 2023).

pesquisa que se dá pelas relações que se estabelecem pela pesquisa e independente dela, numa dinâmica de encontros e desencontros, que independem diretamente do próprio objeto empírico. A relação com o lugar de pesquisa, com o lócus, não se trata, portanto, de um aspecto estritamente percebido objetivamente, enquanto espaço geográfico, ou objetificado e passível de ser “controlado” pelo pesquisador, mas sim, de um universo foco da pesquisa que é imbricado com o pesquisador, sendo lócus e pesquisador inscritos em uma relação simbiótica de mudança do foco pesquisado, no contato com o pesquisador, e do pesquisador em deslizamentos de compreensão de mundo, a partir do contato com o foco e o universo em questão na relação com a pesquisa.

Com base nesses deslizamentos, decidi estudar um aspecto específico; as dinâmicas de hospitalidade daquelas praias. O objetivo não envolvia entender o porquê de cada um dos processos, mas ser capaz de aprender e apreender, para apresentar, a existência dessas singularidades, dessas subjetividades.

Com a Antropologia, pude trabalhar condições imperceptíveis de subjetividade comunicacional, nas dinâmicas de práticas de hospitalidade e turismo, de conflitos e concordâncias, afetos e desafetos, no núcleo do desenvolvimento do turismo e dos deslocamentos de segunda residência com os residentes. Foi um processo importante, que ajudou a construir a estradam, na sequência dos estudos.

Ao pensar os avanços, na docência e como pesquisador, mais o acúmulo de vivências decorrente do meu retorno ao Rio de Janeiro — o que ocorreu no de 2018 —, foi possível perceber que os aspectos da etnografia e Antropologia, aos quais me aproximei para meus estudos de Turismo durante a dissertação de Mestrado, não dariam conta de explicar ou demonstrar ações, buscar sentido, aos fenômenos com os quais me deparava pela dimensão de Caosmose, caos - osmose - no cosmo (Guattari,1992) que fui percebendo. Claro que isso não invalida os processos científicos anteriores, ou a importância desses, durante trajetória acadêmica e de ciência.

Aos poucos, no entanto, fui entendendo que se tratava de compreender como o sujeito, de um percurso de viagem pela Ciência, podia contribuir para a Ciência, observando o desenvolvimento da própria complexidade e compreensão de uma realidade altamente imbricada de fios e desafios, caóticos e dissipativos, efêmeros, anuviados, fluidos e múltiplos. Esse aspecto apontou para novos aprofundamentos

metodológicos e epistemológicos, como percebi na minha trajetória acadêmica no contato com a Favela e, principalmente, no retorno à Favela.

A Favela, segundo a percepção trabalhada, conforme já mencionei, não significa periferia, também não significa só criminalidade, não significa só festa, não significa só alegria, nem só tristeza. Pressupõe um ecossistema (Baptista, 2020), constituído por múltiplas trilhas de fazeres, caminhos e descaminhos, perceptíveis na própria estética de construção urbana da Favela, nas escolhas e nas necessidades, nas individualidades comunitárias, nas discordâncias que concordam, subjetiva e objetiva, na singularidade homogênea, na contradição.

Pela contradição, na contradição, que é contraditório para quem vê, se dá a autonomia inventiva de brotação de quem a faz, ao acaso de múltiplas complexidades (Morin, 2007), em território de intempérie. A Favela pode parecer contraditória, para quem a vê. Para quem a constitui e produz, é complexidade decorrente de quem, malandramente¹⁷, desliza entre Becos e Vieiras. Temos aqui o que me cabe entender: complexidade esquizo sobre a qual me debruço.

Dessa forma, desde uma abordagem científica antropocêntrica, como a Antropologia, há restrições no sentido de perceber as linhas de fuga¹⁸ pelas quais eu me acostumei a transitar. Ocorre que, com um método que não compreende os maquinismos esquizo, fico preso às apresentações, quando, na verdade, quero as conversações, os contatos, e os avessos da malandragem que inscreve sujeitos em potências de brotação (Auto)Transpoiese (Baptista, 2022; 2023).

Perceber isso, não é negar a Antropologia como compositiva desse processo, é entender como deriva a minha trajetória, é perceber o deslizamento da minha realidade de vida e de pesquisa, bem como compreender a deriva da própria percepção de que a Antropologia contemporânea aplica fundamentos que são caros à cartografia.

Sou Favela, sou Favela, falo de Favela e contemplar a Favela é poder propor aquilo que não só me contempla, mas que eu espero contemplar também à Favela.

¹⁷ O termo está sendo utilizado aqui, em sentido inscricional (Baptista, 2000), de potencialidade inventiva de linhas de fuga, o que implica 'mal andar' pelos caminhos pré-fabricados e, por entre Becos e Vieiras, gingar a ginga da vida possível em território de intempérie. Nesse sentido, o malandro 'sobrevive' às agruras da engrenagem maquinica capitalística e, por isso, escapa da morte pressuposta, acionando (auto)transpoiese no cotidiano das Favelas do Rio de Janeiro.

¹⁸ Termo utilizado a partir de Deleuze e Guattari (2004), Guattari e Rolnik (1996), com relação a transbordos de uma suposta estrutura do inconsciente. No caso os autores se referem as linhas de fuga, para tratar as condições de brotação espontânea de movimentos desejantes, tendo como primeiro movimento, a desterritorialização.

Nesse sentido, falo de uma ciência da Favela, de uma abordagem epistemológica que se reconhece Favelada.

2.3 BECO: CONTATOS ATREVIDOS DE PRIMEIRO GRAU, O ENCONTRO COM O TERMO *SAPERE AUDE*

Como marca de circunscrição, uma circunscrição aqui proposta, escrevo, como dito anteriormente, de modo também a me inscrever no texto. Atrevimento é característica que textualmente também me define, e eu percebo como algo da minha relação com o ecossistema que é foco desse estudo. Além disso, reconheço que o atrevimento também se dá ao escrever, a partir do sujeito que se escreve como sujeito desse ecossistema. Proponho, assim, falar de atrevimento, de uma Ciência atrevida, de uma Ciência que se atreve a conhecer uma Favela que, para poder conhecer, faz questão de antes de mais nada se Re-conhecer.

Na matriz do reconhecimento, conto o encontro do sujeito que escreve com a palavra 'atrevimento', a partir da expressão '*Sapere Aude*', e que tem, nessa expressão, condição explicativa da compreensão e posicionamento de Ciência, a partir do qual se inscreve esse texto. O encontro com essa expressão ocorreu em período de afastamento da academia, pela vivência com as intempéries da vida. E durante esse afastamento, houve o encontro com a expressão, em uma série audiovisual chamada Merlí (Lozano, 2019-2020), que conta a história de um professor não ortodoxo de filosofia, que ensinava a partir do encontro com estudantes e os seus universos existenciais, reconhecendo suas histórias de vida.

Essa série teve como desdobramento um *spin off*¹⁹ série intitulada Merlí: *Sapere Aude*, contando a continuidade da história de um dos personagens, em suas incursões pelo período do curso de Filosofia na universidade. O encontro com essa história promoveu reflexões duplas que se dão para o desenvolvimento da proposição de tese e também de outros textos sobre a temática (Silva; Baptista, 2023).

A expressão Spin off tem sido utilizada em Comunicação como sinônimo de derivagem, para se referir a produtos derivados ou derivações de algo já desenvolvido ou pesquisado anteriormente. No caso específico, refere-se a uma derivação da série dramática Merlí (Lozano, 2019-2020), que não é objeto de análise propriamente deste texto, mas que o inspira a partir da experiência com a série, como tópico de discussão e reflexão, nas 'com-versações' (Maturana, 1989) entre orientando e orientadora.

Desse modo, há aqui uma orientação duplamente reflexiva, que significou e significa o reconhecimento e a escrita teórica de um posicionamento epistemológico no desenvolvimento desta Tese. O primeiro olhar se dá no reconhecimento do fator emocional que essa série desencadeou, nas bases de desenvolvimento desta proposta de Tese, quando, em afastamento do meio acadêmico, encontrei, na série, espelhamento relativo às intempéries que me afastaram da Academia. Além disso, há o reconhecimento de ter, no papel da orientadora desse trabalho, alguém que motivava tanto quanto Merlí, um atrevimento instigado afetivamente no desenvolvimento do trabalho.

Um segundo olhar está no próprio aprofundamento do termo '*Sapere Aude*', em sua tradução como 'se atreva a conhecer'. No encontro com a série, em combinação com as conversas com a orientadora, busquei as bases da significação do termo, passando pela sua significação como lema do Iluminismo, posto por Kant (1985), chegando ao poema que inspirou o autor e que foi escrito por Horácio Flacco, filósofo epicurista.

Esse recuo no tempo permitiu fundamentar a lógica de atrevimento, com que penso a expressão '*Sapere Aude*', em relação à Favela, foco desse estudo. Da mesma forma, também foi possível perceber que esse atrevimento está na produção de uma Ciência diferente da relacionada e proposta pelo Iluminismo, o que configura também o atrevimento em relação à Ciência, da maneira como postulamos aqui.

Começando com a discussão filosófica do aspecto 'com-versado' na aproximação entre autor e orientadora, proponho ousar, ter coragem de refletir um ao outro em aspectos atrevidos, no próprio ato de construir uma pesquisa científica 'com-versada', como Maturana (1989) defende, no texto *A ontologia do conversar*, ou seja, dando voltas juntos. O resultado, nesse momento ainda parcial, do que estamos escrevendo aqui, se constitui a partir de um processo de encontro e 'com-versações', narradas e refletidas, em encontros semanais entre orientando e orientadora. Mais do que isso, este resultado se conserva a partir de um significado de 'com-versação' (Maturana, 1989), em que o autor apresenta essa ação como dar voltas com, em aproximação que possibilita o sentido de existir do sujeito em sua concepção, amorosa, biológica e cultural. Isso significa o entendimento das conversações como algo natural, espontâneo, desde a condição biológica e cultural dos sujeitos aqui envolvidos, em proposição de Tese.

Desse modo, percebo que o encontro com a série audiovisual representou, também, a lembrança e a possibilidade de me aproximar em ‘com-versas’ com a orientadora e com o grupo de pesquisa Amorcomtur!. Esse atrevimento é sintetizado na volta ao grupo de pesquisa e aos encontros caóticos, reuniões semanais que produzem em ‘Com-versas’, sentidos refletidos em produções que, subjetivamente, inscrevem também esse texto, e tantos outros textos do Grupo que significam esta pesquisa.

Assim a produção científica que se propõe nesse texto leva em consideração fundamento emocional na constituição da racionalidade. Como dito por Maturana e D’avila (2015), o fundamento do racional do humano está no seu emocional, em que o sujeito, antes de se pôr a refletir, sente emocionalmente suas experiências e encontros. Essa composição nos põe a pensar sobre o aspecto racional da ciência, que, muitas vezes, negligência os fatores de subjetividade em favor da objetividade. Essa condição faz com que esta Tese se posicione, epistemologicamente, também em relação aos estudos de subjetividade. Em atrevimento, trata-se de pensar objetividade e subjetividade, não contrapondo uma a outra, mas complementarmente, em reconhecimento ao universo existencial complexo da Favela, em seus âmbitos turísticos e de lazer.

Desse modo, tanto em relação a uma epistemologia do Turismo como em relação a uma epistemologia do Lazer, parto do reconhecimento em atrevimento, de subjetividade e objetividade do universo existencial da Favela. ‘Com-versas’ sobre episteme, que se orientam por uma lógica conceitual de episteme, como proposto, em orientação, por Baptista: “O conjunto de saberes, valores, percepções e sentimentos, que, entrelaçados, direcionam a produção do conhecimento”. Este conceito está citado também em texto que compartilhamos a autoria (Silva; Baptista, 2023a).

A proposição aqui envolve poder pensar que, desde a etimologia da expressão ‘*Sapere Aude*’, há potência na direção da ousadia, curiosidade, coragem, e movimento em direção à condição do conhecimento, do ato de conhecer. Daí temos a nossa segunda via de desenvolvimento da expressão, que significa nossa posição epistemológica e científica.

2.4 BECO: CONTATOS ATREVIDOS DE SEGUNDO GRAU, MERGULHO TEÓRICO NO TERMO *SAPERE AUDE*

Atrever, etimologicamente, tem origem no Latim e tem em seu significado ‘achar se capaz de fazer algo’ (Origem das palavras, 2023). Tem como seu sinônimo ‘Ousar’, e, em sua descrição em Latim “*Aude*”, seu significado é ter coragem para fazer alguma coisa. Quando nos propomos transpor esse significado para a Ciência, em relação ao foco em que se inscreve esta Tese, temos uma Ciência atrevida, que tem coragem de se escrever desde a Favela, que conta Favela e a contempla nesses contares. É a episteme de um universo existencial por si só atrevido.

Neste sentido, como já foi dito anteriormente nesta proposição de Tese, o reconhecimento de saberes, de uma ecologia de saberes, como para Santos (2010), que reconhece a Favela como Sul não necessariamente geográfico, mas um Sul de saberes e de uma episteme que reflete as condições subjetivas da existência de seus sujeitos. Uma epistemologia do Sul (Santos; Meneses, 2010).

Em relação à produção de Ciência, isso se apresenta no reconhecimento das subjetividades presentes no fundamento emocional da relação do humano, aspecto descrito por uma percepção maquínica do inconsciente, a partir da Esquizoanálise de Deleuze e Guattari (2004).

Proponho, então, em mergulho profundo na expressão ‘*Sapere Aude*’ para a compreensão científica do termo, sua aplicação como tema do Iluminismo proposto por Kant em 1789. A proposição orienta, historicamente, o que se convencionou chamar Revolução científica, em uma leitura como sendo cartesiana, reducionista e mecanicista, herança herdada desde o Iluminismo, se tomarmos como fundamento da crítica o texto de Crema (1989) sobre Holismo.

Roberto Crema (1989) apresenta criticamente a construção da Ciência, em bases que tendem a concatenar as dinâmicas dos universos existenciais funcionalmente, em partes que podem ser vistas separadamente e explicar os fenômenos em sua completude. Em um novo olhar sobre a Ciência, a partir do Holismo, entretanto, que também orienta este trabalho, é possível perceber que essa perspectiva, ainda que importante para o desenvolvimento da Ciência, durante alguns séculos, tende a negligenciar aspectos subjetivos, só percebidos levando em consideração também dinâmicas que remetem à completude dos universos existenciais, o todo dessa complexidade.

Não se trata aqui do não reconhecimento da importância que há no paradigma científico decorrente da Revolução Científica, mas sim de poder se atrever a pensar distinto para ampliar essas possibilidades. De fato, quando vamos às bases que condicionaram a escolha do termo '*Sapere Aude*', como lema de um movimento que pressupõe a razão na compreensão do mundo, percebemos que esse aspecto é coerente com o que significava ser atrevido na época.

Em meandros do século XVIII, a escrita sobre a Razão procede como atrevimento, em uma dinâmica que, social e culturalmente, previa a aceitação sem um grande pensamento crítico. Dessa forma, Kant definiu o Iluminismo como:

O esclarecimento [**Iluminismo**]²⁰ é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento (razão) sem a orientação de outrem. Tal menoridade é por culpa própria se a sua causa não reside na falta de entendimento, mas na falta de decisão e de coragem em se servir de si mesmo sem a orientação de outrem. Sapere aude! Tem a coragem de te servires do teu próprio entendimento! Eis a palavra de ordem do Iluminismo (Kant, 1985, p.100) [grifo meu].

O esclarecimento apresenta-se, para Kant (1985), em uma síntese de atrevimento que se adequa ao sentido e sentires do momento. Surge o questionamento: esse atrevimento ainda é o único que cabe, quando pensamos a Ciência e a Epistemologia hoje? O que seria o sentido do atrevimento, em sua produção filosófica e não vinculada a um movimento?

É interessante, então, uma incursão pelo sentido apresentado por Kant, como inspiração poética que orientou a escolha pelo termo '*Sapere Aude*'. Kant (1985) diz que emprestou o termo de um filósofo epicurista, poeta lírico, de Roma, chamado Quinto Horácio Flacco (2023), especificamente do escrito *Epistularum liber primus*, livro 1, carta 2, verso 40, em 20 a.C., em trecho que diz: “aquele que começou, está na metade da obra, ouse saber”, que, em nossa interpretação, representa a importância de continuar o movimento.

Vale ressaltar que o termo ficou amplamente conhecido no Iluminismo de Kant, mas a proposta, aqui, é pensar desde sua base para entender o sentido que inspirou Kant, na escrita do Texto “o que é o Esclarecimento?”. Quando Horácio Flacco escreve o que “começa está na metade da obra, ouse saber”, o poema que continua

²⁰ Fiz este destaque em grifo, pois, em algumas versões o termo é traduzido como Iluminismo e, em outras versões, como Esclarecimento.

em tradução livre, “Comece! Prorrogar a hora de viver direito é sentar à beira e aguardar que o rio se esvaia. Ele, no entanto, flui e fluirá fugaz para todo sempre.”

Continuar a leitura e compreender a base da inspiração Kantiana contribui para entender a processualidade com a qual é pensado o aspecto de ousar, em uma leitura que denota atrevimento adaptativo na realidade, movimento e fruição do sujeito que se põe a conhecer.

Salema (2013), a partir da leitura do trabalho de Horácio, classifica-o como expoente da poesia lírica latina. Assim, quando pensamos a interpretação do seu trabalho, em associação aos avanços de Kant, repensamos as possibilidades da expressão que significa a posição epistemológica em que se insere esta Tese.

Trata-se de se por a pensar as próprias vivências e atrevimentos que significaram na deriva histórica do desenvolvimento da Ciência, as possibilidades de repensar e ressignificar a própria proposição da expressão. Isso nos coloca em necessidade de compreender a expressão, em seu sentido de acoplamento com as novas leituras e possibilidades da Ciência, em reconhecimento de saberes que são importantes também para ampliar aquilo que vem sendo proposto epistemologicamente. Isso fica claro em leituras atrevidas sobre as Epistemologias, em expressão máxima para este texto as *Epistemologias do Sul*, de Santos e Meneses (2010).

Quando busco olhares sobre a poesia de Horácio, encontro Bruna (1992), que apresenta os escritos do autor como apreciação poética que sintetiza na ousadia ou atrevimento, uma racionalidade reflexiva que não necessariamente se exprime só através da Ciência. No caso, a referência é a de um movimento de reflexão, na direção do se sentir bem, do bem-estar. Nesse caso, a racionalidade está posta como poética de um movimento de saída da inércia da aceitação passiva do que nos transversaliza, e no reconhecimento desses atravessamentos como saberes. Saberes da relação do sujeito com o mundo, sujeito múltiplo, transversalizado pelos saberes e fazeres decorrentes do seu acoplamento com o mundo, em sentidos para além da racionalidade somente, avançando para a fruição em um rio de processualidade. “Comece! Prorrogar a hora de viver direito é sentar à beira e aguardar que o rio se esvaia” (Flacco, 2023, s.p).

A produção da Ciência, como posta aqui, se dá em reconhecimento desse processo de movimento, também como processo de viagem, como proposto por Baptista (2018, 2022), na terminologia viagens investigativas. Há ousadia, em

perceber que a deriva histórica da Ciência é viagem de movimento de saberes, no espaço e no tempo, a partir de sujeitos que se inscrevem desde seu inconsciente - movimento partido, dissipativo e processual (Guattari; Deleuze, 2004). Então, é possível perceber que ousadia, para a Ciência, nesse momento, está relacionada à orientação de contemplar uma Ecologia de Saberes (Santos, 2010), que reconhece não só a racionalidade, iluminista de uma ciência, mas também seu fundamento emocional (Maturana; D'Avila, 2015), e subjetivo do inconsciente (Guattari; Deleuze, 2004).

A leitura significa perceber o sentido de atrevimento, como coragem de conhecer, ser capaz de perceber, desde a episteme do universo existencial Favela, que está no foco do estudo, aspectos de um todo contextual, que pode sinalizar traços a serem cartografados. A abordagem é feita, portanto, reconhecendo saberes do todo (Crema, 1989) ecossistêmico complexo, em que se inscrevem as dinâmicas estudadas.

No ecossistema Favela, não se trata de desconsiderar a objetividade e a razão, mas de perceber a importância da subjetividade e da emoção, do afeto, em contribuição com a existência de um ecossistema complexo recheado de objetividade e subjetividade. Os níveis de racionalidade não estão postos partidos e desconectados nos sistemas, mas na possibilidade de compreensão das relações fluidas dos movimentos de acoplamentos e transversalizações, anteriores à própria matéria e desde a matéria, complexa (Morin, 2007). Isso é apresentado por Crema (1989), na discussão sobre Holologia e Holopraxis, em uma apresentação que referencia para este texto a forma como se constitui uma pesquisa que se insere no paradigma holístico.

Desse modo, no texto, Crema (1989) é salientado a importância de proposição de uma teoria que busque olhar também para a completude e a contemplação, que leve isso em consideração, em sua concepção teórica e prática de produção, um modo em que não necessariamente aja a dualidade antagônica Subjetividade/Objetividade e Razão/Emoção. Desse modo, reconheço a necessidade de uma ciência que valoriza traços de especularidade e relação entre essas partes no ecossistema, transversalizado e complexo, poroso e dissipativo, e não delimitado como sistemas fechados, ou somente abstrato e filosófico.

Significa dizer então que há a ampliação dos níveis de racionalidade, na produção de saberes, interpretação, descrição e narrativa do mundo, para além do

que pode ser medido e contabilizado pela sua funcionalidade. Existem fluxos ativos de acoplamentos (Auto)Transpoiéticos, entre sujeitos, natureza, cultura e sociedade, universos existenciais vividos, sentidos e compreendidos em amplitude contemplativa. Vale ressaltar que trato de contemplação, não como categoria de observação, mas como reconhecimento de completude. Não se trata de falar sobre a Favela, mas de contemplar Favela na Ciência e Ciência na Favela.

Em consideração à leitura de Crema (1989), as ‘com-versações’ realizadas no Amorcomtur! envolvem uma leitura que considere sujeito escritor, favelado, turismólogo, professor, doutorando, em ‘com-versas’ com o universo existencial, o foco de pesquisa, o grupo de pesquisa e em muito com a orientadora. Isso reconhece o Self (Crema, 1989) do sujeito que escreve e se inscreve (Baptista, 2013), com olhares que se atravessam em sinalizadores de especularidade, ampliados em uma simbiose razão/emoção, ‘*Sapere Aude*’.

“Quando tinha por volta de 5 ou 6 anos, minha vó, trabalhadora doméstica de dois lugares, voltava para casa nos trens urbanos, e nos vagões ou em uma das estações por onde ela passava, ela comprava sempre dois pacotes de biscoitos, um para me dar e outro para ela mesma. Em um dia, em virtude das intempéries financeiras de uma moradora de uma das favelas do Rio, ela acabou trazendo só um pacote e pedindo para que eu dividisse com ela. Eu me recusei, em uma birra e egoísmo de uma criança de cinco anos, e então ela passou a brincar e correr atrás de mim até que eu desse pra ela. Desde então, ela passou a sempre trazer apenas um, como uma tratativa narrada de uma brincadeira só nossa de todos os dias”.

A reflexão sobre a narrativa, em alinhamento com aspectos que me chamaram atenção nos textos lidos, constitui duas frentes possíveis de fluxo de raciocínio. O reflexo de uma especularidade (Baptista, 1996) presente na confiança e expectativa da minha vó, daquilo que ela representava e representa para mim, e uma vivência de intempérie que, ainda assim, possibilita dispositivos de brotação de alegria. Trata-se de reconhecer o florescimento do desejo e a (Auto)Transpoiese de potencialização de reinvenção do sujeito.

Há também, aqui, a indicação do traço de especularidade, na construção de uma Ciência que reconhece o grau científico e a potência da produção de existência do sujeito cientista, e desde essa produção. Uma proposição que valoriza e defende a importância desses elementos subjetivos, na constituição daquilo que discutimos aqui.

Entendo que o que eu conto, conta sobre mim, e eu sou a pesquisa bem como a pesquisa sou eu, sujeito imbricado, transversalizado e constituinte do ecossistema que estudo, a Favela. Não é possível, nesse caso, que sujeito e ecossistema sejam desvinculados, e esse não ser desvinculado significa ato micropolítico (Guattari; Rolnik, 1996), que se posiciona na produção desejante desta pesquisa, e não contraponto capital X cultura, mas, gesto complementar, fluindo entre essas duas engrenagens.

Isso é representativo como consideração à leitura de uma realidade, de um laço que significa para o sujeito, o ponto de paragem e o ponto de passagem, na criação combinatória de uma confluência, que em outro texto (Silva; Baptista, 2023b) chamamos como Becos e Velas das vivências do sujeito. Representa também a percepção de uma singularidade da minha relação com essa memória e com o acontecimento dela, e os desdobramentos, as dobras que fazem com que eu reconheça sentires parecidos, espelhados nos sujeitos do meu lugar, eu sujeito, eu sujeitos. Um emaranhado de nós que compõem a trama ecossistêmica também do meu lugar, singular e plural. Como nos ensina Arlindo Cruz

O meu lugar é caminho de Ogum e Iansã
 Lá tem samba até de manhã
 Uma ginga em cada andar
 O meu lugar
 É cercado de luta e suor
 Esperança num mundo melhor
 E cerveja pra comemorar
 O meu lugar
 Tem seus mitos e seres de luz
 É bem perto de Osvaldo Cruz
 Cascadura, Vaz Lobo e Irajá
 O meu lugar
 É sorriso é paz e prazer
 O seu nome é doce dizer
 Madureira, lá laiá
 Madureira, lá laiá (Arlindo Cruz, 2007).



Desse modo, o que se segue é uma leitura e explicação das escolhas de estratégias metodológicas que se alinham com orientação teórica posteriormente aprofundada, mas, principalmente, reconhecendo o universo existencial e o foco de estudo onde estamos inseridos, de modo que o 'estamos' reconhece parceiros, vivências e experiências que absolutamente significam a existência deste estudo em percepção ampliada.

Descrevemos a viagem em uma Ecologia de Saberes (Santos, 2010), que prioriza a ação e o reconhecimento da escrita desse trabalho como ato micropolítico (Guattari; Rolnik, 1996), holístico, complexo e processual. Percepção ampliada de ciência que não fala desde ou por um reconhecimento de um Sul Epistemológico (Santos; Meneses, 2010), e sim que busca contemplar ao máximo o universo existencial como o mesmo é inscrito nesta pesquisa.

Pensando estrategicamente uma metodologia dissipativa, fractal, complexa, holística e processual na Ciência, proponho ‘Com-Versar’ a estratégia metodológica da Cartografia dos Saberes e das Matrizes Rizomáticas, de Baptista, em uma amarração do reconhecimento dos Becos e Vias encontrados na pesquisa.

O foco de estudo são as Esquizografias de Favela, considerando sinalizadores de Turismo e Lazer, na trama de (Auto)Transpoiese, em Favelas do Rio de Janeiro, Brasil. Esse foco se constrói em dinâmica multi processual complexa, de inter-relacionamentos objetivos e subjetivos autônomos, efêmeros e espontâneos em certa medida.

Dessa forma, começar a descrição do processo de escolha metodológica pelo processo de escolha do foco de pesquisa, se sustenta epistemologicamente, em uma escrita de atrevimento, que reconhece e toma o ‘*Sapere Aude*’, como orientação micropolítica e epistêmica. Isso justifica, então, a proposição de uma estratégia de abordagem metodológica que precisa ser capaz de compreender as características plurais e singulares, sobre as quais o pesquisador vai se debruçar.

Considerando esses aspectos, entendo que o desenvolvimento da escolha do foco como foco e não como objeto de estudo, demonstra desde já, o desdobramento do reconhecimento epistemológico já na escolha de sua abordagem, no caso aqui as estratégias metodológicas da *Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas*, atualizadas por Baptista e Eme (2023). Essa maneira de ver o mundo e olhar para esse aspecto da pesquisa e das viagens investigativas, demonstra, já na proposição de ‘foco’ de pesquisa, como defende Baptista (Baptista; Eme, 2023), orientação para a pesquisa holística, processual e ampliada. Assim, conforme proposição da autora, a abordagem de ‘objetos’ de estudo dá lugar aos focos de estudo, como complexas tramas de significados e significações, afetos e reflexões, objetividade e subjetividades.

Essas nuances inebriadas do olhar complexo da Esquizoanálise, em que se baseia também a Cartografia dos Saberes, por certo acabam por encobrir, na explicação de suas características pratico-operacionais, alguns aspectos teóricos fundantes e as subjetividades inconscientes, nas quais a orientação vai se desenvolver, e que justificam a minha maneira de perceber o mundo, o Turismo e a minha própria trajetória acadêmica.

Essa opção decorre do deslizamento e da inquietação pessoal e de vivência no universo em que desenvolvo a prática de pesquisa. No início da pesquisa, originalmente, tinha feito a opção pela utilização do termo periferia. O processo que levou à ideia de uma transposição desse termo para Favela, contudo, se deu na construção feita para pensar a própria Cartografia dos Saberes como estratégia metodológica.

Usar a Cartografia como processo significa, mais do que trilhar suas trilhas, um compromisso de identificação de sinalizadores, que estão descritos em seus pressupostos, e só podem ser vistos enquanto caminhos de pesquisa, se compreendidos e comprometidos na minha existência esquizo como pesquisador holístico.

Sendo assim, mais do que só pela trilha de saberes pessoais, a cartografia me inscreve no mundo, e eu inscrevo a cartografia como pressuposto que me direciona a olhar pelo caminho no qual eu estou inserido. Dessa forma, pesquisar uma dinâmica plural como as práticas de Lazer e Turismo na Favela indica um olhar que seja também sobre pluralidade, esquizoanaliticamente pensado, olhado e tratado como um quebra cabeças, uma singularidade que, para quem está no cerne da composição, é também, como diz a orientadora deste trabalho, movimento confluyente, de encontros que apesar de contraditórios em muitos sentidos, se re-produzem, recursivamente em confluência.

Entender essas composições subjetivas singulares é necessário na transposição do termo, já que Favela tem sido tratada como periferia, mesmo que algumas delas fiquem próximas ao centro, no caso do Rio de Janeiro. O centro do Rio fica na zona sul e o verdadeiro centro, do ponto de vista geográfico, é considerado periferia, no caso Madureira. Isso explica o desenvolvimento de centros comerciais diversos, e que sul, norte e oeste, são aspectos que necessitam ser compreendidos em contextualização. Contextualização essa orientada pela apreciação de

Epistemologias do Sul (Santos; Meneses, 2010), em relação a centros de poder e não disposições geográficas.

Dito isso, essa reflexão decorre do processo de aproximação com a Cartografia, aproximação com pressupostos científicos a partir dos quais é construída, não só com a escolha da Cartografia dos Saberes, como decorrente composição cartográfica, mas de seus pressupostos, da compreensão da construção da Cartografia dos Saberes, para sua utilização em (Auto)Transpoiese do próprio sujeito de pesquisa, bem como da pesquisa.

2.5 BECO: INSPIRAR PARA SUBIR O MORRO

Teoria, teor-ia, teo-ria. Fico, assim, brincando com a palavra, pensando na sua etimologia. Teoria.¹ Penso no quanto, para muitos alunos, as disciplinas teóricas constituem-se, apenas, em entulho de currículo. Trata-se, apenas, daquilo que se interpõe entre o início e a “parte boa” da faculdade, que, para eles, a priori, é a prática. Surgem, então, idéias sobre como isto se constituiu, essa imagem pública de que a teoria é descartável, de que não é necessário compreender profundamente os processos, mas, somente, saber o necessário para executar tarefas. Temos, então, a fragmentação entre o saber fazer e saber saber (Baptista, 2003, p. 1).

Penso que um texto/comunicação sobre o coração da tese – a Metodologia - precisa tratar de inspiração. Baptista é inspiração teórica, metodológica, epistemológica e afetiva, não por ser a orientadora deste trabalho, mas pelas muitas conexões dos caminhos em seus múltiplos vieses da Ciência. Também é referência das caminhadas juntos, em inspiração nas estratégias metodológicas e dispositivos das trilhas da pesquisa e estratégias escolhidas, a partir da *Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas*, criadas por essa autora, parceira e orientadora desta Tese (Baptista, 2014, 2017, 2020; Baptista; Eme, 2023).

Ao dizer isso, quero salientar que não se pode confundir os sentidos de inspiração, apenas pela última palavra, afetiva. Mesmo com a importância do sentido afetivo, ou seja, o que aciona os nossos afetos, a inspiração de Baptista nesse trabalho se dá pelo reconhecimento da relevância das palavras precedentes, em contribuições para Ciência e para o Turismo, e pelo alinhamento com as proposições desta Tese. O que está em pauta aqui é reconhecer que orientadora também pode ser referencial teórico, porque suas contribuições são diferenciais para o que a Tese propõe.

Assim, trata-se, aqui, de refletir e viver a condição de inspirar e respirar, de menino-homem favelado que se atreve a pensar, e a produzir Ciência, trama de saberes, ‘teor-ia’ a respeito do que encontra entre Becos e Vielas. São tantos questionamentos: quanto do que enxergo direciona para a reflexão, e quanto do que encontro imobiliza no pensamento? Reflito que o eu, sujeito favelado, encontrou uma profusão de Becos. Percebo que, ao mesmo tempo, muitas vezes, o discurso travestido de Viela, era sedução, “venha por aqui e não pare pra pensar”; “se movimente pela Viela, sem se preocupar em parar em Becos e refletir”; “Tome o vento na cara, quem pára não tem tempo de se divertir”. Tantas vezes, o discurso se mostrou Beco, não no sentido de ‘paragem para seguir viagem’, mas no sentido de ‘canto imobilizador’ e despotencializador. Tantas vezes, eu ouvi: “Deixa disso, isso não é para ti!”, ou “Você tenta filosofar, mas isso não é pra ti. Faz uma coisa mais simples!”. Hoje entendo mais sobre os jogos da teia-trama da vida, da Educação e da Ciência, como gosta de se referir a orientadora desta tese. Hoje entendo também que os impedimentos e as impossibilidades estavam na mente de quem dizia e que nunca foram a minha condição. Demorou, mas entendi.

Fiquei pensando em como produzir uma tese em ‘Teor-ia’. Qual o teor desse discurso, e onde esse discurso ‘ia’ me levar? Não há resposta para isso, e o que escrevo aqui não é uma tentativa nesse sentido. Procuro, no entanto, em meio a tantas Vielas, encontrar Beco, inspiração de vislumbre, não de promessa do vento na cara, do caminho fácil, não refletido e não compreendido. A Viela, em sua condição de abertura de passagem para outros mundos, só existe em comparação com as paragens. Assim seguimos. Esta é a grande sinalização das estratégias metodológicas e da própria Tese, na relação direta com a Episteme Favela – a composição existencial de sujeitos e lugares entre Becos e Vielas.

Também, por isso, declaro que Baptista é fio teórico desta Tese, coautora e cúmplice parteira, nas grandes orientações epistemológico-teórico-metodológicas. Seria assim, mesmo que a autora não fosse orientadora deste trabalho. Digo isso, pois consigo perceber que nossas ‘com-versas’, nossas ‘voltas juntos’ representam o encontro com a alegria, o gozo de poder ser feliz pensante, viver a condição de pesquisador amoroso, que sente e pensa e vive a Ciência com alegria. Sentir e pensar, algo como caminhar e sentir, os peripatéticos aristotélicos, aqui evocados como recurso estético literário para uma narrativa, que conta como estamos caminhando, juntos e múltiplos, plurais coletivos. Assim, os caminhos da Tese são

singulares e plurais, com as marcas do grupo de pesquisa Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese, nosso nicho ecológico.

Algumas pistas do encontro com a inspiração teórico-metodológica... Em *Entulho de Currículo*, Baptista (2003), reflete sobre como promover amor pela teoria, algo que ecoou em mim a partir do encontro com o texto, sendo um jovem adulto com 'pré conceitos' com a prática do pensar, associada com a transversalização imposta pelo ecossistema no qual eu estou inserido. No texto, ela inspira, reflete algo, que, retomando em estudos anteriores, a autora já vinha discutindo desde sua Tese (Baptista, 2000), e que no texto de 2003, ficou ainda mais claro. No caso, fica claro que o texto reflete no sujeito a crença do poder... como devir. Destaco que não se trata de acreditar que o jovem adulto pode pensar. Trata-se de reconhecer que ele já pensa e que pode amar esse traço nele mesmo.

Sim amar! A mesma autora contribuiu para que eu tenha descoberto amor, como "aceitação do outro como legítimo outro na relação" (Maturana, 1985, p.23). Amar como quem reconhece o outro e no reconhecer o outro reconhece a si mesmo, como trama de devires, trama de sentires outros, que significam a própria existência e autoprodução, (Auto)Transpoiese (Baptista, 2022).

Penso que é preciso reconhecer, neste ponto do texto, que a trama teórica da Tese, mesmo a Esquizoanálise (Deleuze; Guattari, 2004) o Holismo (Crema, 1989), a complexidade (Morin, 2007), a Cartografia (Rolnik, 1989; 2011), a Biologia Cultural Amorosa (Maturana; D'avila, 2015) entre outras teorias que brotam nesse trabalho, tem sua inspiração nas reflexões teóricas, de Baptista. Seus textos me levaram a outros textos, que se entrelaçaram com os seus e os meus pensamentos, fazendo a composição complexa que sustenta teoricamente esta tese.

Isso é reconhecer inspiração de alguém que acredita nesta produção e representa, nela, o reconhecimento da contribuição científica, não só para o Turismo, com as múltiplas produções do Amorcomtur!, mas mesmo antes disso, na consideração de que, aquilo que trago como posicionamento de Ciência, tem ponto de partida o encontro com os textos e reflexões de Baptista, Cientista Holística, Comunicóloga, Turismóloga.

Percebo, que estou construindo um trabalho — a Tese — que, genuinamente, brota em 'com-versas' sobre Ciência, e de fato, por vezes, aparece a partir de uma narrativa em primeira pessoa, e em outros trechos em terceira pessoa. Isto decorre

do fato de que esse texto reconhece o papel do trabalho coletivo singular da relação com a pesquisa enquanto escritora de si mesma, e da orientadora, enquanto cúmplice do pensamento apresentado aqui. Isso se dá, pois, do ponto de vista teórico, metodológico, epistemológico, neste Beco, reconheço a importância do conhecimento produzido por Baptista, ao longo de sua trajetória, e do conhecimento produzido pelo Amorcomtur!, em associação com a produção desta pesquisa.

2.6 CARTOGRAFIA DOS SABERES E MATRIZES RIZOMÁTICAS

A escolha da estratégia metodológica segue em busca de uma orientação de procedimentos científicos que se identifiquem com a proposição ecossistêmica complexa, processual e holística *a priori*. Como vem sendo ressaltado, trata-se de buscar uma orientação alinhada com os pressupostos científicos em que o estudo está sendo realizado, e com o qual se alinha.

Desse modo, esse estudo tem clara inspiração nas contribuições científicas e para o estudo do Turismo de alguns autores, mas reconhece que tem seu início, na concepção de ciência para um mundo N'ovo, terminologia proposta por Baptista (2023). Desse olhar para o mundo decorre o aprofundamento inspirado em Deleuze e Guattari (2004), na sua concepção esquizoanalítica em *O Anti-Édipo*, e *As Epistemologias do Sul*, de Santos e Meneses (2010), para citar alguns exemplos. É necessário deixar claro que o encontro com essas linhas teóricas centrais da Tese, se dá como reflexo e a partir do contato com os autores, em primeira mão, nos estudos de Baptista. Há um mergulho profundo nas produções dos autores, mas a entrada para seus textos se deu pelas conversações encontradas nos textos de Baptista, nas aulas, nos encontros caóticos do Amorcomtur e nas orientações.

Essa orientação está posta na compreensão trama de ciência, em um trânsito não disciplinar, que possibilita o encontro com múltiplos autores e costuras teóricas, buscando o avesso das leituras possíveis em viagem investigativa (Baptista, 2015, 2021). Entendo que reconhecer essa orientação de abordagem é reconhecer um jeito de fazer pesquisa e fazer ciência, artesanal (Eme, 2021). Isso é possível a partir das contribuições de Baptista, como inspiração no estudo do Turismo, mas primordialmente como inspiração na concepção de ser cientista, reconhecendo uma abordagem epistemológica coerente com a visão de mundo, a pulsão de vida, uma linha de pesquisa no Turismo que posteriormente será devidamente aprofundada.

Assim, não poderia desconsiderar essa abordagem na descrição dos fazeres de pesquisa enquanto narrativa, algo que coordena a orientação estratégico-metodológica, com a qual abordo o foco e em que pauto o desenvolvimento de pesquisa, tendo como inspiração a contribuição de Baptista (2014, 2020a), não só para o Turismo, mas para a Ciência como um todo.

Para a pesquisa, identifico que, desde antes de a pesquisadora falar sobre as epistemologias do Turismo, já havia sinalizações importantes para essa composição estratégico metodológica e o reconhecimento do fazer Ciência como fazer viagem investigativa (Baptista, 1996; 2000; 2013; 2014; 2020a). Desse modo, entendo a abordagem que apresento aqui como deriva do pensamento da autora, que discorre sobre um jeito singular de fazer pesquisa, que, nesse caso, se aplica ao Turismo, mas, principalmente, emerge de um jeito de fazer pesquisa, que, em sentido mais amplo, está alinhado com uma visão de mundo N'ovo, prestes a nascer em reconhecimento de Ciência, marcada por muitas mutações.

Nessa direção, a apresentação da abordagem estratégica desta tese, em seu viés epistemológico, teórico, metodológico, se apresenta com a enunciação da grande trama teórico metodológica da *Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas*, apresentada por Baptista (2014, 2020a) e atualizada pela autora, em texto publicado junto com Eme (2023).

A Cartografia dos Saberes é uma estratégia metodológica proposta por Baptista (2014, 2020a). A estratégia reconhece a produção de Ciência como metáfora de viagem, viagem investigativa, sua produção nessa direção se alinha com a pesquisa em Turismo, e proporciona reflexões para a produção da Ciência como um todo.

A Cartografia dos Saberes, é orientação teórico metodológica, que se inscreve de maneira plural, processual e complexa, com olhares sobre as subjetividades da ciência e a ampliação de sentidos e sentires, ampliação de possibilidades que quando reconhecidas, potencializam a (Auto)Transpoiese de lugares e sujeitos.

A autora, Baptista (2014, 2020a; Baptista; Eme, 2023), propõe metaforicamente a pesquisa como uma viagem pela floresta, em consonância com seus estudos sobre a Amazônia. Nesse caso, seria pesquisa como caminhar por trilhas, que se encontram e se dissipam, em nós de passagem e nós de paragem, espaços de confluência que são denominados previamente como os entrelaços nós da pesquisa.

A orientação metodológica, é uma inscrição que se anuncia textual, mas, não se limita apenas a isso, condizendo com os olhares onde buscamos encontrar os elementos a serem cartografados, reconhecemos o ato de mapear, de maneira mutante, como apresentado por Baptista (2014), os elementos subjetivos e objetivos que compõe o universo existência da pesquisa, que se apresenta como cartográfica.

Os caminhar, se inscrevem a partir das trilhas metodológicas da pesquisa, trilhas que a partir da Cartografia dos Saberes orientam o caminhar nessa viagem, não limitando, mas possibilitando no encontro a ampliação de sentido do próprio sujeito pesquisador em cada um de seus movimentos. Se trata de reconhecer, a característica concomitante de seu caminhar, de modo que, as trilhas se caminham o tempo todo e ao mesmo tempo, e são sintetizadas de maneira holística, nas Matrizes Rizomáticas como inscrição para verificação do equilíbrio fluente da pesquisa.

A Cartografia dos Saberes, em atualização recente (Baptista; Eme, 2023), pressupõe trilhas estratégicas para a produção da pesquisa, de maneira a perceber a produção da mesma alinhada com a (Auto)Transpoiese do sujeito que se inscreve na pesquisa. Para tanto, há proposição de cinco trilhas, na última atualização, que se espelham em inspiração com a analogia de trilhas em meio à floresta, e que nesse caso singularmente, em deslizamento, como dobra Deleuziana (1991), espelham o caminhar pelos Becos e Vieiras da Favela, como movimento do desejo do sujeito em território de intempérie, sua Esquizografia.

Essas trilhas, como são chamadas na fundamentação, são: Trilha Trama dos 'Entrelaços Nós da Pesquisa'; Trilha dos Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva; Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica; Trilha Usina de Produção ou Trama dos Fazer; Trilha Dimensão Intuitiva da Pesquisa.

A Trilha Trama dos 'Entrelaços Nós da Pesquisa' sinaliza para os nós investigativos da pesquisa, em alinhamento com a proposição de nós de confluência, que significam os entrelaçamentos encadeados que dão sequência a esta proposição de Tese. No caso, são nós já sinalizados nesta pesquisa, aspectos que, posteriormente, serão desdobrados em capítulos descritivos e argumentativos para a percepção do foco de pesquisa, sendo eles: Esquizografias de Favela; O Turismo e seu Averso; O Lazer e seu Averso; A Favela e seu Averso; Esquizografias, sinalizadores de Turismo e Lazer.

A inscrição que remonta a esses nós de confluência da pesquisa, como nós de passagem de um vislumbre Viela, são possibilidades por ora estudadas, mas que

brotam desde uma fruição subjetiva do sujeito, que percebe a pesquisa que vive à medida que caminha.

O encontro com cada um desses nós é recurso de retórica de viagem, mas, nesse caso, é também brotação subjetiva do sujeito que está cartografando, desde sua constituição plural eu múltiplo. Isso decorre da processualidade de reconhecimento dos próprios sentires, dos próprios fazeres, de uma dimensão subjetiva que só é possível desde o sujeito que escreve e se inscreve.

Dessa forma, há aqui o reconhecimento de mais uma das trilhas da Cartografia dos Saberes, a Trilha de Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva da Pesquisa. Essa trilha trata do caminhar do pesquisador em suas intensidades abstratas, que possibilitam a singular escrita da pesquisa, e o encontro e explicação com as linhas de fuga, Vieias que o pesquisador é capaz de encontrar. Trata-se de reconhecer o Eu autor, múltiplo, complexo e plural, em seus acoplamentos singulares ao longo da vida, seus sentires que desdobram em seus olhares e espelhamentos, aquilo que possibilita o reconhecimento do seu Desejo, seus movimentos de Desterritorialização, Simulação e Reterritorialização.

Esse reconhecimento possibilita a transversalização de encontros com a dimensão pesquisa como viagem investigativa, sujeito que se coloca nesse caso em viagem investigativa (Baptista, 2018), entre Becos e Vieias. É como Becos e Vieias que vemos o encontro com a Trama de autores que significam este trabalho, em encontros possíveis que reconhecem na subjetividade do autor, suas escolhas de referências bibliográficas em revisão narrativa.

Conto essa viagem como quem conta o caminhar, de 'com-versas' feitas com os autores, a partir de fios que se conectam a quem proporciona esse movimento. A Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica aparece como a trilha que conta esse caminhar, de encontros e desencontros com autores e desses entre eles. Como Becos, em cada ponto de parada, reconhecendo a importância de parar, olhar ao redor, reconhecer sentires e vislumbrar Vieias. Desse Vislumbres, o encontro com um mundo de autores e seus universos de significação, e a escolha de Vieias para seguir viagem, como resultado do processo de conhecimento da própria subjetividade especular, espelhada nesse Autores.

No caso, desse Vislumbre Viela, é possível contar a proposição dessa viagem, transitando pela Trama Teórico-Conceitual-Bibliográfica, que, quando sobreposta à Trilha Trama dos 'Entrelaços Nós da Pesquisa', sinaliza as escolhas teóricas

alinhadas com os nós de pesquisa, especificamente. São teorias que transversalizam os temas Turismo e seu Averso, o Lazer e seu Averso, a Favela e seu Averso, Esquizografias de Viagens e Lazer e (Auto)Transpoiese de lugares e sujeitos.

A Trilha Usina de Produção ou Trama dos Fazeres apresenta-se na pesquisa desde o processo de produção da escrita, perpassando as escolhas de levantamento bibliográfico e de dados, em reconhecimento da pluralidade de saberes a serem contados. É nessa trilha que produzimos nosso fazer político científico, reconhecendo o aporte holístico processual esquizo que se concentra na descrição desta pesquisa, mas que orienta estrategicamente a forma como o sujeito autor se posiciona frente a uma Ecologia de Saberes que encontra no foco da pesquisa.

Dessa dimensão, brotam sentires e aproximações investigativas, que, nesse momento, é o que estou apresentando: a definição de aproximações e ações investigativas, em uma pulsação que reconhece adversidades, incertezas e o acaso do encontro cartográfico esquizo, partido e dissipativo do universo existencial da pesquisa.

Isso representa a possibilidade de perceber ausências e emergências (Santos, 2002), como elementos significativos de uma pesquisa que reconhece seu fazer também como ato micropolítico de produção. De modo que o sujeito que pesquisa como sujeito político que produz o faz em reconhecimento a saberes que brotam desde um Sul de poder simbólico e capitalístico, onde, efetivamente, o universo existencial da Favela está posicionado.

Perpassando cada uma dessas trilhas em produção ou mesmo antes de sua produção, reconheço os saberes abstratos e inconscientes, de acionamento maquínico dos acoplamentos do sujeito pesquisador, em encontros no universo existencial da pesquisa. Isso significa a produção investigativa em profundidade, alinhada com o reconhecimento de uma ecologia profunda (Capra, 1991), de significação ecossistêmica desses encontros.

Desse modo, a Trilha Dimensão Intuitiva da Pesquisa se faz presente no reconhecimento do todo, desde o Holismo (Crema, 1989), não com pretensão de explicar o todo, como completude, mas como princípio da existência de intensidades abstratas que dobram os sentidos da pesquisa (Deleuze, 1991). Desses sentires, se faz o movimento, em afetivação de um emocionar que possibilita o raciocinar (Maturana; D'ávila, 2015), em alinhamento com um universo de saber que,

humildemente, pressupõe o todo e sua interferência nos processos maquínicos de acoplamento subjetivo.

2.7 VIELA: REFLETINDO ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Gostaria de propor uma reflexão, a partir das bases da proposição Cartografia dos Saberes, em seu suporte de produção, prática operacional, em alinhamento com os direcionamentos sobre as singularidades que cabem ao foco de pesquisa deste estudo.

A criadora da estratégia metodológica (Baptista, 2014, 2020a), apresenta a Cartografia a partir de Rolnik (1989; 2011), em Cartografia Sentimental. Tanto a autora da Cartografia dos Saberes, como sua inspiração esquizoanalítica, apresentam argumentação em relação à utilização dessa abordagem teórico metodológica, como uma proposição mutante que acompanha a mudança da paisagem.

Essa passagem é importante em relação à diferenciação da abordagem em contornos qualitativos da cartografia geográfica, visto que a principal singularidade, de uma em relação a outra, é a característica de descoberta e não demarcação respetivamente. Dito isso, avançamos,

[...] na cartografia com o viés esquizoanalítico, há uma abordagem que incorpora fluxos incorporais a-significantes, linhas de confluência de energias, dimensões abstratas e incorporais, com ampla presença do inconsciente, em associação a materialidades. A Cartografia pautada pela Esquizoanálise é orientada por fluxos, desenhada por linhas de confluência e de passagem, que não nega as materialidades, mas as extrapola. Ela se produz e precisa ser lida com o coração aberto para outros mundos de significações, para além do mundo concreto das manifestações das materialidades da pesquisa (Maria Luiza Cardinale Baptista, Declaração em orientação. Registro em Diário de Pesquisa).

Essa condição pode ser percebida, já na proposição Cartografia Sentimental de Rolnik (1989; 2011), como inspiração de apropriação da Cartografia dos Saberes, mas é na Cartografia do Saberes que a autora (Baptista, 2014, 2020b), postula reflexões sobre o processo cartográfico para pesquisa, que promova o reconhecimento das subjetividades da pesquisa de maneira processual e contextualizada.

A Cartografia Sentimental declara a necessidade de percepção da pesquisa em relação a sua pluralidade de possibilidades, ampliando e reconhecendo saberes

como ato micropolítico, como Rolnik, junto com Guattari, propõe em *Cartografias do Desejo* (2004).

De fato, “todas a entradas são boas desde que as saídas sejam múltiplas”, como está previsto no manual do cartógrafo, título dado por Rolnik (2011, p. 65) a uma parte do seu trabalho, em que postula a postura frente a prática cartográfica. Segundo a autora, o cartógrafo está no limiar da sua própria abertura para o mundo em intensidades profundas e abstratas até onde o sujeito se propõe. Essa condição coloca o cartógrafo no limite das possibilidades em planos de intensidades afetivas, conexões múltiplas de acasos desterritorializantes e políticos, entendendo seu fazer como a existência social da re existência de territorialidade esquizo, subjetivas desde a psique do inconsciente.

Desse modo, a condição de escrita das bases metodológicas desse texto, reconhece, no plano de produção da pesquisa, ato micropolítico desde a brotação do desejo, que se faz a partir do movimento, considerando Turismo em uma lógica Ecosófica Ontológica (Baptista, 2023). Esse processo de produção busca o encontro com o desejo de viagem – na vida e na pesquisa - e no encontro com o desejo reconhece movimentos de Desterritorialização - Simulação – Reterritorialização, tão caros aos estudos esquizoanalíticos. Dessa forma, também reconhece esse movimento no sujeito que produz a cartografia, como processo de descoberta dos próprios desejos, em uma lógica processual, plural, de modo que não só não descarta o plano das intensidades subjetivas, como torna esses, sinalizadores de produção de viagem, produção de subjetividade.

Por conta disso, a Cartografia dos Saberes, enquanto estratégia metodológica deste estudo, busca a possibilidade de descobertas investigativas em viagem de vivência da pesquisa, de maneira intrínseca, salientando para a “potência de criar uma sistematização, sem aprisionamento” da cartografia.

Assim não existe ‘um único caminho, mas o que eu denomino de ‘trama de trilhas ’e possibilidades a serem acionadas. São pistas que cada pesquisador vai compondo, numa espécie de trama metodológica, ao compreender mais profundamente o fenômeno que está estudando. Essa composição implica em mergulho no objeto/ fenômeno escolhido para estudar e no conhecimento já produzido a respeito, por outros investigadores, bem como no reconhecimento e a efetivação, possíveis com a vivência da pesquisa (Baptista, 2014, p. 344).

Desse modo, a ideia não é alterar ou pensar criticamente os pressupostos metodológicos de ciência, em sua importância política científica para sociedade, mas sim reconhecer com respeito o sentido ecológico dos saberes (Santos, 2010) e das possibilidades de saberes que podemos descobrir na viagem investigativa. Algo que Guattari (1985) propunha para repensar o próprio paradigma científico, de modo que a reflexão epistemológica claramente ultrapassa a abordagem metodológica:

[...] não poderia ser abordado sem o questionamento dos métodos comuns de pesquisa em ciências humanas que, sob pretexto de objetividade, tomam todo o cuidado em estabelecer uma distinção máxima entre o pesquisador e seu objeto [...]. A ciência não tem nada a ver com justas medidas e compromissos de bom-tom! Romper as barreiras do saber vigente — na verdade, do poder dominante — não é fácil (Guattari, 1985, p. 38).

A ciência, essa ciência inspirada em Baptista e atravessada pelos referenciais teóricos apresentados pela autora, como a Esquizoanálise (Deleuze; Guattari, 2004), a Biologia Cultural (Maturana; D'Avila, 2015) e o Holismo (Crema, 1989), não é pensada aqui de maneira inocente. Diferentemente disso, trata-se de propor, de assumir posição micropolítica e de escolher em território de conflito, também na Ciência. Vale dizer, contudo, que isso é feito sem promover o conflito, mas se atrevendo a pensar distinto, com respeito, a partir da ética na relação, apresentada por Maturana (1985) e Baptista (2014).

Pensamos esta pesquisa com atrevimento, do '*Sapere Aude*' contextualizado, que reconhece o acaso e as subjetividades da pesquisa, os múltiplos encontros comunicacionais tramados e especulares (Baptista, 1996), de possibilidades de um devir conhecimento, como processo de descoberta com o caminhar da pesquisa, com a brotação da tese. Assim, está em pauta o reconhecimento da tese na Favela e da Favela na tese. A Tese é Favela, como brotação espontânea em território de intempérie.

Como mapeamento mutante que acompanha a mudança do devir pesquisa, essa possibilidade permite vislumbrar um devir Ciência, que reconhece os fazeres de descoberta micropolíticos (Guattari; Rolnik, 1996) e que orientam as emergências frente às ausências (Santos, 2002) múltiplas, principalmente em uma pesquisa que se inscreve em território de intempérie.

Falamos de uma constituição abrangente, que reconhece o plano de intensidades abstratas do sujeito que escreve, em sua pluralidade de acoplamentos maquínicos, o eu plural do sujeito esquizo em suas possibilidades de espelhamento,

traços de especularidade. Isso se dá em aprofundamento na realidade estudada, reconhecimento de um foco de estudo para além de sua objetificação, que possibilita uma trama de abordagem técnico científica sobre aquilo que tomamos como sinalizadores de pesquisa, a partir de um objetivo geral e alguns objetivos específicos.

Objetivo Geral: Realizar Esquizografias de Favela, considerando sinalizadores de Turismo e Lazer, na trama (Auto)Transpoiese, em Favelas do Rio de Janeiro, Brasil.

Objetivos Específicos:

- Apresentar a proposição conceitual Esquizografias de Favela;
- Relatar ‘com-versações’ sobre Turismo e Lazer – da Fachada ao Avesso da Trama Ecosistêmica;
- Esquizografar sinalizadores de Turismo e Lazer que expressam a trama de (Auto) Transpoiese em Favelas no Rio de Janeiro.

Se tomarmos bases epistemológicas desde a cartografia sentimental, proposta por Rolnik (1989; 2011), temos orientações do ser cartógrafo, em uma condição que reconhece a busca pelo desejo, em sua constituição e produção psicossocial. O desejo como processo de descoberta, que propõe o cartógrafo como sujeito do encontro e da descoberta.

Por isso, não se trata de desconsiderar as possibilidades ou critérios científicos tradicionais na produção da Ciência, mas desde sua base epistemológica, reconhecer, na produção cartográfica, espaço para o estiramento dos limites do conhecimento. Significa, isso sim, permitir-se descobrir, uma relação ética de processualidade que propõe, como motor de criação de sentido, os sentires, intensidades abstratas dos afetos do sujeito que produz e do sujeito que encontra.

Agora, quem produz e quem encontra em uma cartografia no Turismo? O que Rolnik (1989, p. 66) sugere, é que “o que define, portanto, o perfil do cartógrafo é exclusivamente um tipo de sensibilidade”, em que o sujeito se coloca sempre em movimento, próximo às mudanças da cartografia, de um modo que importa menos que ‘o que fazer’ e mais ‘o que é feito’.

Frente a isso, não se trata de definir sujeitos, atores e protagonistas, já que, num processo de produção de desejo, a desterritorialização desejante coloca em movimento os sujeitos do Turismo (Baptista, 2014), com um pouco menos de tentativa de distinção entre visitantes x visitados, ou outras categorias já estudadas no Turismo. Desse modo, sendo esses vinculados ao ecossistema turístico comunicacional

subjetivo (Baptista, 2020b), me atrevo a dizer que são todos, inclusive pesquisadores, sujeitos do Turismo. E de que forma não seriam?

De fato, já nas “com-versas” com Rolnik, é possível perceber a participação do sujeito da pesquisa, eu autor, a relação imbricada e desejante com o foco de estudo como apresentado epistemologicamente. Em um sentido que reconhece mais do que objetos, devires (Deleuze, 1991) mas também a brotação de desejo no processo de produção de (Auto)Transpoiese (Baptista, 2021) da própria tese, ou da Trama Teses²¹, como um Rizoma (Deleuze; Guattari, 1985), uma trama de devires.

Trazendo essa questão para o universo desta pesquisa, importa menos quem faz Beco, ponto de paragem, encontro com intempérie e dificuldade, e quem produz Viela, possibilidade de passagem, encontro com a possibilidade do devir. Importa mais, quem descobre possibilidade, quem, frente ao Beco, se põe a sentir devir, simular Vielas, com uma atitude frente à intempérie, sempre em movimento em direção ao devir Vielas do desejo.

O cartógrafo é o sujeito que busca esses encontros, não por uma definição, menos ainda por uma explicação ou uma revelação do universo existencial em foco nessa pesquisa. Segundo Rolnik (2011, p. 66), para o cartógrafo, ‘entender’ “não tem nada a ver com explicar muito menos com revelar”. Venho dizendo, nesse texto, assim como expressei em outros com a temática envolvendo meu universo existencial, que não tenho a intenção de dar voz à Favela, ou revelar processos de subjetivação de produção do desejo, mas, sim, de me sentir contemplando a Favela, em seus fazeres e dizeres, como forma de me contemplar, de me poder fazer ser Favela, sujeito autor de uma produção Favela. Entendo que Favela é espaço de brotação do desejo, desejo esquizo, que não separa sujeito produtor de produto, pois não entende essa lógica de consumo nos processos de produção.

Encontro na Favela o fazer Turismo, em seu sentido desejante de produção psíquica e cultural, que faz com que seu estudo, a busca por sua cartografia, me aproxime no processo de mutação, próprio da produção desterritorializante, daqueles que produzem, como eu mesmo, enquanto produtor desses desejos, dos meus desejos.

Referência à multiplicidade de textos produzidos, mexidos, tirados, as múltiplas teses que se desenvolvem e, por vezes, ainda que não façam parte do escrito aqui, reverberam nos lugares e sujeitos que constituem esse texto, singular e plural.

Coloco-me, como cartógrafo, como ato de enunciação de autoria, mas quero contemplar na concepção de “corpo vibrátil”, de Suely Rolnik (1989; 2011), o reconhecimento do processo de produção, que, mesmo que o eu autor esteja desse lado da tela, entenda que aqui comigo estão sentires e encontros de produção de afeto que fazem com que, além de cartógrafo, eu seja também cartografia. Me ponho a vibrar junto com aquilo que eu encontro vibrando, em produção de Becos, Simulação e Velas, a partir de cenas que acontecem o tempo todo e que eu gostaria muito de poder contemplar neste estudo.

Desse modo, eu produzo e me produzo, no encontro dos movimentos de quem produz e se produz, (Auto)Transpóieticamente reconhecendo os processos de produção de desejo, permitindo-se e encontrando no processo de brotação de vida, pesquisador, favelado, a potência do desejo e do sujeito desejante.

A Esquizoanálise, enquanto substrato teórico metodológico que transversaliza este trabalho, é uma proposição não ligada necessariamente à esquizofrenia, mas um lembrete atento para a percepção das linhas de fuga que desmancham territórios e produzem movimentos de desejo (Rolnik, 2011). A cartografia, que reconhece os saberes presentes nesse processo de movimento do desejo, que reconhece o desejo e o movimento como imbricação tramada, é sintetizada por Baptista (2014) como Cartografia dos Saberes. A autora faz isso em processo que postula postura frente à orientação cartográfica sentimental, mas alinha processo de produção de caminho de pesquisa como viagem investigativa, viagem vida pelas trilhas de saberes. Demonstra, assim, reconhecimento proposto e alinhado com a Esquizoanálise, e com outras teorias de um paradigma científico e linha teórica, ecossistêmica, holística, complexa, subjetiva e processual.

Para tanto, decidir por uma orientação que signifique refletir o processo cartográfico, reconhecendo-o esquizo subjetivo do inconsciente de quem encontra e de quem é encontrado, necessita também do reconhecimento de seu traço singular plural.

Desse modo que, reitero aqui o reconhecimento que tem como pressuposto teórico metodológico as linhas da cartografia em seu atravessamento esquizoanalítico. Nesse sentido, a orientação metodológica desta pesquisa, a partir da contribuição e do olhar de Baptista e Eme (2023), contempla pressupostos científicos e acompanha a mutação da Ciência, ao mesmo tempo que acompanha a mutação do ecossistema, em que e sobre o qual a pesquisa se desenvolve.

Isso demonstra que frente à pesquisa, há uma postura cartográfica alinhada com pressupostos da esquizoanálise como também para Rolnik (1989; 2011), expresso no texto *Cartografia Sentimental* como postura ética de significação do ser cartógrafo, em sua aplicação técnica:

O cartógrafo sabe que é sempre em nome da vida, e de sua defesa que se inventam estratégias, por mais estapafúrdias. Ele nunca esquece que há um limite do quanto se suporta, a cada momento, a intimidade com o finito ilimitado, base de seu critério: um limite de tolerância para a desorientação e a reorientação dos afetos, um “limiar de desorientação”. Ele sempre avalia o quanto as defesas que estão sendo usadas separam ou não para proteger a vida. Poderíamos chamar esse seu instrumento de avaliação de “limiar de desencantamento possível”, na medida em que, afina, trate-se, aqui, de avaliar o quanto se suporta, em cada situação, o desencantamento das máscaras que estão nos constituindo (Rolnik, 1989, p. 70-71).

Essa condição direciona a postura frente à pesquisa, de consideração e abertura às estratégias múltiplas e processuais, aos múltiplos caminhos possíveis de serem encontrados, e principalmente de serem caminhados no encontro com os Becos e Vieiras da Favela.

A Cartografia sentimental reconhece o atravessamento e a postura dos encontros do sujeito, suas afetividades e sua posição como “corpo vibrátil” produtor da pesquisa. Na sua abertura para os fluxos sensíveis, no entanto, quando desse encontro decorrer a necessidade de sistematização, para contar saberes apreendidos, há um hiato. Assim, com a Cartografia Sentimental me vejo frente a um Beco, ponto de parada, de encontro como aquilo que não me permite seguir. Sei o que sentir em relação ao encontro na viagem com a condição desterritorializante, mas, só encontrei na Cartografia dos Saberes (Baptista; Eme, 2023), as possibilidades de Vislumbres, trilhas de possíveis Vieiras para seguir com a pesquisa. Nas trilhas sinalizadas e no acoplamento com as matrizes rizomáticas, consigo entender como sistematizar e demonstrar a pesquisa qualitativa, com essa dimensão de complexidade e profundidade.

Não há, nesse ponto, a desconsideração com a Cartografia Sentimental, e sim a progressão do reconhecimento de brotação no território de intempérie. De fato, já na Cartografia Sentimental encontro como estratégia de possibilidades de construção de dispositivos frente a pesquisa que acompanha a mudança da paisagem, que reconhece a existência de Becos e Vieiras (condição subjetiva do universo existencial da pesquisa), mas como caminhar com esses dispositivos?

É claro que esse tipo de avaliação nada tem a ver com cálculos matemáticos, padrões ou medidas, mas com aquilo que o corpo vibrátil capta no ar: uma espécie de *feelling* que varia inteiramente em função da singularidade de cada situação, inclusive no limite de tolerância do próprio corpo vibrátil que está avaliando, em relação à situação que está sendo avaliada (Rolnik, 1989, p. 71).

É dada a orientação frente aos encontros, inclusive reconhecendo o corpo vibrátil como parte integrante da produção do encontro do cartógrafo com o universo existencial da pesquisa. Mas ainda que haja um reconhecimento frente a postura, em relação a pontes de produção de pesquisa, é nas trilhas da Cartografia dos Saberes que esse trabalho é contemplado.

A orientação estratégica da Cartografia dos Saberes permite um maior refinamento em relação à produção da pesquisa, pelas aproximações e ações investigativas, na produção de caminhos/trilhas pela viagem vida/pesquisa. Essas trilhas são sinalizadores que transcendem o papel do Corpo Vibrátil, reconhecendo-o em movimento de investigação.

Haja visto que os caminhos pelas trilhas se escrevem, mas principalmente se inscrevem em um reconhecimento pautado em encontros de viagem, que são mais refinados, alinhando nós, de pesquisa da Comunicação e do Turismo. Por conta disso, significam, para esta pesquisa, postura metodológica, mas também teórico epistemológica. Esse aprofundamento se dá, no reconhecimento do trabalho de Baptista, já na Comunicação, mas que trazia sinalizadores da pesquisa em viagem, e da pesquisa que reconhece o Turismo, em seus múltiplos campos de saberes, em uma Ecologia de Saberes (Santos, 2010):

No início, a **viagem** parecia ser a “busca do método”, enquanto conjunto de instrumentos técnicos operacionalizadores da pesquisa. Era ainda uma idéia reduzida de metodologia, que se ampliou, mais tarde, também para outras dimensões, para outras “instancias”, no dizer de Lopes: epistemológica, teórica, metódica e técnica (Baptista, 1996, p.16).

Esse trecho, do primeiro capítulo do livro *Comunicação. Trama de Desejos E Espelhos*, de autoria de Baptista (1996), apresenta o primeiro momento encontrado em que a autora sinaliza a pesquisa como viagem investigativa. Desse reconhecimento, posteriormente, se entende como dobra dos seus caminhos das pedras, o deslizamento para a compreensão da pesquisa como viagem investigativa, proposta a partir de 2013, com a aproximação de Baptista com os estudos do Turismo. A apresentação desse trecho busca apresentar a deriva histórica das produções da

autora da Cartografia dos Saberes, com vistas a corroborar o motivo da escolha por essas estratégias metodológicas.

A autora tinha como inspiração a Cartografia Sentimental de Rolnik (1989, 2011), contudo, o desenvolvimento do seu trabalho apresentou, pelo alinhamento com o Universo da Comunicação e seu trabalho posterior na Tese de doutorado sobre o processo de produção da escrita do jovem adulto (Baptista, 2000), uma percepção da prática da cartografia, mais refinada do que sua inspiração. Baptista apresentou direcionamentos operacionais para a execução da Cartografia, com orientação Esquizoanalítica e Holística. Essas proposições se mostraram mais palpáveis, além de propositivas na criação de pontes para o desenvolvimento científico, algo que fica claro com a criação do AMORCOM – Grupo de Estudos e Produção em Comunicação, Amorosidade e Autopoiese, em 2011, que posteriormente viria a se tornar o AMORCOMTUR! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese, em 2013, na Universidade de Caxias do Sul. Tanto um quanto o outro grupo tem, na atuação conjunta, a possibilidade de vislumbres do caminhar do cartógrafo, orientado pelos pressupostos da Cartografia dos Saberes, algo que contempla a pesquisa por Becos e Vieiras, possibilitando vislumbres do movimento do desejo, através das relações de caminhar pelas trilhas cartográficas.

A Cartografia dos Saberes propõe o trabalho do cartógrafo alinhado com a Cartografia Sentimental, como sujeito que “[...] em nome da vida, pode e deve ser absolutamente impiedoso” (Rolnik, 1989, p.71). Busca compreender o desenvolvimento dessa vida, no entanto, em pluralidade de sentidos que perpassam o político e psicológico, mas são também sociais amorosos, biológicos, fisico-químicos, quânticos e de energias abstratas subjetivas e objetivas, que devem ser levadas em consideração na pesquisa.

Dessa percepção, deriva a compreensão de que Baptista (Baptista; Eme, 2023), tem, na Cartografia dos Saberes, um refinamento da aplicação dessa orientação metodológica, que reconhece o encontro comunicacional do sujeito nele mesmo, do seu encontro com seu inconsciente como parte compositiva da paisagem que o cartógrafo busca cartografar. Algo que acontece se percebemos o alinhamento não só com a Cartografia como metodologia da esquizoanálise, mas com o reconhecimento do processo de escrita e relação com a pesquisa como viagem, viagem vida.

Dito isso, amplia-se a possibilidade de artifícios e dispositivos descritos no encontro e na produção dessa pesquisa, que vão tratar dos encontros, encontros com Becos e Vieiras, apresentando os Vislumbres dos movimentos do desejo em território de intempérie. Desses movimentos, além do reconhecimento mutante do encontro com aspectos que estão para fora de mim, há a tentativa de poder falar dos movimentos que acontecem me contemplando, plural e singularmente. Desterritorialização desejante, que só pode ser apresentada se narrada, e é sobre narrativas que se debruça a maior parte das aproximações investigativas feitas até então.

2.8 VIELA: REFLETINDO MATRIZES RIZOMÁTICAS

Para poder propor o reconhecimento dos dispositivos que até aqui configuram esta pesquisa, pulsante e viva, é necessário dizer que há outra estratégia metodológica que tem como objetivo contribuir para o processo de produção, bem como o processo de leitura de pesquisas feitas com essa orientação. A existência da Cartografia dos Saberes, como processo de refinamento da produção Cartográfica, se mostra profícua para esta pesquisa, do mesmo modo que a deriva dessa estratégia, no caso as Matrizes Rizomáticas, também propostas por Baptista, nos possibilitam perceber a pesquisa em produção em equilíbrio fluente a partir da sua condição matricial.

Percebemos a pesquisa como brotação espontânea em território de intempérie, como desdobramentos da Favela, de modo que pesquisa e pesquisador são também Favela, brotando e pulsante. Sendo assim, para promover buscas dos princípios, das nascentes que fazem brotar o sentido desta pesquisa, é necessário que tenhamos marcações, pontos de reconhecimento, de nós de pesquisa que contribuem para o traçado feito no caminhar pelas trilhas entre Becos e Vieiras.

O que eu percebo é que a pesquisa se faz também em nós de confluência e nós de passagem. Há pontos a serem observados e reconhecidos de modo singular, assim como é preciso observar, entre esses nós, a coerência e lógica, porque eles são sinalizadores do rumo dos acontecimentos na investigação, às vezes surpreendendo até mesmo o pesquisador (Baptista; Eme, 2023 p. 16).

O trabalho com esses pressupostos e estratégias e também com esse universo de pesquisa levanta questionamentos: como contar uma pesquisa que se inscreve de

maneira tão circunstancial? E ainda: como representar, justamente, a qualidade das subjetividades frente ao reconhecimento científico pautado nas objetividades, nas grandes medidas e na funcionalidade?

O olhar como pontos de descoberta apresentado por Baptista e Eme (2023), reconhece a partir das matrizes da pesquisa, a produção de Rizomas, que desenham a pesquisa, contemplando sua importância nos traços subjetivos. Através dessa estratégia, sujeito pesquisador contempla e é contemplado, em seu processo artesanal de produção, a importância da singularidade na coletividade, de um olhar ampliado que reconhece a plenitude do todo frente ao seu recorte.

Assim, o Rizoma da pesquisa, possibilita, quando visto de cima, a percepção trançada, tramada dos interfluxos que compõem a investigação, em seus nós de passagem e nós confluência. Esse modo de pesquisar dá coerência para a pesquisa que se faz de maneira esquizo, dissipativa e abstrata, para quem lê e também para quem escreve.

Na mais recente revisão dessa estratégia Baptista (Baptista; Eme, 2023), apresenta as seguintes matrizes, que posteriormente vão figurar alinhadas com essa concepção de pesquisa: Tramas e Rizomas — Verificação da Coerência da Pesquisa; Detalhamento do rizoma — Relação 'entrelaços nós', objetivos, capítulos e subcapítulos; Composição — Trama teórico, conceitual, bibliográfica da pesquisa; E Coerência operacional e dinâmica da pesquisa.

Cada uma das matrizes é produzida considerando o 'espalhamento' com o caminhar pelas Trilhas da Cartografia dos Saberes, de modo a retirar, desse caminhar, sinalizadores que são 'nós de verificação' do equilíbrio fluente da pesquisa. Esses nós significam a pesquisa e se alinham, de modo a orientar a sequência do processo de produção e de como contar essa produção.

Além disso, as Matrizes Rizomáticas são como espelhos das Trilhas de Saberes da Cartografia dos Saberes, de modo que o que encontramos é também aquilo que reconhecemos, e descobrimos, não aquilo que procuramos. Esse equilíbrio fluente é percebido na produção da pesquisa, mas, também, na concepção epistemológico, teórico, metodológica de ciência e da estratégia metodológica.

Bom, mas de que modo essa produção pode ser percebida sem que a rigidez dos quadros matriciais, incorram em uma cristalização que acabe por sedimentar a pesquisa, ao invés de permitir a fruição? Para compreender esse questionamento, há

uma busca na concepção conceitual de uma e de outra ordem, que permite também melhor entender os dispositivos das Matrizes Rizomáticas.

Dessa forma, percebo que a escrita dos quadros matrizes se orienta de duas formas, nesta pesquisa. A partir de Deleuze e Guattari (1995), no texto *Mil platôs*, tendo sua orientação filosófica de reconhecimento dos traços esquizo e das linhas de fuga. Além disso, orienta-se também, a partir de Guattari (1985), no texto *Revolução Molecular: Pulsações Políticas do Desejo*, a partir da concepção do Devir, uma orientação política de produção nas Matrizes.

Entendo que, desses traços, é possível não só a compreensão da potência das matrizes rizomáticas do ponto de vista de produção do pensamento, bem como da importância enquanto posicionamento político epistemológico de produção de Ciência. Vale lembrar, aqui, que Rizoma tem, como orientação botânica, a concepção baseada nas raízes, nos traços irregulares de sustentação, aquilo que fica mesmo quando da poda da árvore, aquilo que significa o pensamento da pesquisa (Deleuze; Guattari, 1995).

Falamos exclusivamente disto: multiplicidade, linhas, estratos e segmentaridades, linhas de fuga e intensidades, agenciamentos maquínicos e seus diferentes tipos, os **corpos sem órgãos** e sua construção, sua seleção, o plano de consistência, as unidades de medida em cada caso. Os Estratômetros, os deleômetros, *as unidades CsO de densidade, as unidades CsO de convergência* não formam somente uma quantificação da escrita, mas a definem como sendo sempre a medida de outra coisa. Escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir (Deleuze; Guattari, 1995 p.11).

Do processo de crescimento das Raízes, dos Rizomas, não há a tentativa de dimensionar o devir, adivinhar a orientação do seu crescimento, ou/e principalmente, a tentativa de cercear o descobrimento. Ao contrário, há a tentativa de reconhecer potencialidades, redimensionar as matrizes.

É como se aceitássemos que a brotação mude de posição, e, conseqüentemente, há a possibilidade de que todo o devir também se modifique, e dessa forma, modifiquem-se, os modos de vida e de operação que se seguem dessa matriz de brotação.

Do Rizoma, decorre a percepção filosófica de visão de mundo, no sentido de que, quando da não aceitação da mudança na matriz de brotação, a tentativa de retornar a matriz a sua posição inicial, é potencialmente acabar com a potência do devir desse ecossistema. Essa percepção faz com que a gente mapeie sua mudança,

para acompanhar a orientação de fluxo, do fluir vislumbre e devir, desde a matriz da sua brotação, como condição de existência de vida. Esse é o papel do cartógrafo, que também vive essa condição como meta texto.

Naturalmente, isso se percebe, como condição teórica, metafórica de existência de vida, mas também como condição política. A produção de ciência tem início, meio e fim, será? O atrevimento aqui proposto, desde o '*Sapere Aude*', está em reconhecer que não há o acabamento do sujeito que escreve, quanto mais daquilo que ele escreve. Há uma cristalização produtiva, mas isso não é fim, muito menos um começo. Contar essa realidade, como processo de reconhecimento, é perceber que a pesquisa está constantemente no Devir, ao menos esta pesquisa está.

Trata-se de reconhecer que o papel político desta pesquisa, bem como o papel político da produção do desejo, está na pulsação, no movimento, em direção a... Esse reconhecimento é integrante da produção matricial e da produção da Favela. Ouvir sobre limites, sobre Becos de pesquisa, sobre guetos de pesquisa onde os sujeitos não são permitidos, "a Favela é uma rua sem saída". Não é! O Beco é o meio não o fim ou o começo. Da Favela importa o Vislumbre, da Política importa o Devir, a fruição da Viela que permite sonhar, desejar e produzir, nessa condição desejante, condição do devir desejos todo tempo.

Ao nível do corpo social, a libido encontra-se efetivamente tomada pelos dois sistemas de oposição de classe e de sexo: ela tem que ser machona, falocrática; ela tem que binarizar todos os valores opostos forte/fraco, rico/pobre, útil/inútil, limpo/sujo, etc. Ao nível do corpo sexuado, a libido está empenhada, pelo contrário, num devir mulher (Guattari, 1985 p. 35).

A posição do desejo está pois para a produção de vida bem como sua condição secular, é do reconhecimento da produção de vida o sexo pleno como condição de existência. Dar vazão ao desejo no Devir mulher, é reconhecer a existência substancial, e circunstancial do inconsciente do sujeito. Pois do Devir mulher, está a condição entre, movimento e simulação, traço especular que aparecem em músicas que se escuta na Favela

Era uma vez curtindo o final de semana
 Brotei com ela lá no baile da Colômbia
 Nós dois ficou na onda, rebola tua malandra
 Tocou 150, o teu bumbum balança
 Fico tranquilo quando eu tô do lado dela
 Faz mó questão de vir da pista pra favela
 Ficou encantada com a vista da minha janela
 E trocou o petit gateau pelo meu pão com mortadela [...]



Vivendo longe de qualquer vestígio de negatividade
 Eu quero o corpo nu daquela divindade
 Até os deuses te aplaudem
 Tudo começou depois que eu
 Levantei o seu vestido no paredão do baile
 A bunda dela é verdadeira obra de arte
 Ela me olhava com esse sorriso covarde
 Jóia mais exótica em qualquer detalhe
 Nossa raiz é o trap life, baby, cê já sabe
 Trip me deixou mais rico, poesia nem me fale
 Isso é só um detalhe, a vitrine é toda sua
 Ela sabe que a simplicidade é o topo da luxúria
 Não preciso dizer que eu sou o melhor do jogo
 Baby, eu prefiro te ouvir dizendo
 Bem baixinho nos meus ouvidos
 Som baixo, volume cinco, vontade enganou **libido**
 Verdade, isso é proibido e na vibe gostamos disso [...] (Felipe Ret *et al.* 2020).

O espaço 'entre' é o significado do lugar que ocupam as Matrizes nesse estudo, as Matrizes são vislumbres de pesquisa, a possibilidade do reconhecimento do Rizoma como direção da pesquisa. A possibilidade do olhar para as Tramas da pesquisa como ela está no momento, e ressignificar.

O Devir para Guattari (1985), significa a potencialidade do que pode vir a ser, no caso, Homem Mulher, não são binaridades postas no corpo social, ser homem ou não ser homem é a binaridade, a Mulher é possibilidade. Da mesma forma, o Desejo e o Não desejo, são binaridades, que tem no movimento a potencialidade do devir.

Esse desejo configura no sujeito uma trama de sentires, uma trama que compõe o sujeito em seus múltiplos atravessamentos e encontros que podem ser percebidos comunicacionais. Dessa ideia, podemos supor duas centralidades, o movimento e o encontro, o primeiro aqui entendido a partir do conhecimento do Turismo, e o segundo, o encontro, entendido a partir do processo comunicacional como “[...] um momento de interação entre sujeitos, interação entre subjetividades” (Baptista, 1996 p. 32).

Essa percepção faz entender, do trânsito pelas matrizes, como um processo de encontros e movimentos, que compõe a trama de desejos do sujeito pesquisador:

A história desse sujeito, espécie de trama existencial, vai sendo tecida enquanto trama de desejos. A própria história da palavra “desejo”, aponta esta noção de trama. A origem remota está ligada ao verbo *desidero*, derivado do substantivo *sidus* (no plural, *sidera*). Significa figura formada por um conjunto de estrelas, as constelações (Baptista, 1996 p. 68-69).

Essa trama de desejo, na relação com pesquisa, se configura em ordem matricial, de onde vem a nascente da pesquisa, o ponto de inflexão, para pesquisa

em Becos e Viela, é a possibilidade de vislumbre no encontro com o Beco, ponto de parada de onde se vislumbra a Viela. Se trata além disso, do lugar de retorno, espaço que na Favela se sabe que irá encontrar, em algum momento. Nunca vai haver Vielas que não desemboquem em Becos, e tudo bem, como consequência do movimento, do reconhecimento do devir, que nesse caso é também a possibilidade de sentir algo bom desde a auto produção do próprio sujeito no espaço em movimento:

Quero pinçar da citação de Kehl o seguinte trecho sobre o que depende a alegria de desejar: ... *que permitam esperar que esse lugar externo ao psiquismo... seja um lugar de onde pode vir alguma espécie de prazer*. Essa crença é, em outras palavras, a crença no devir, no que pode vir a ser como algo prazeroso, na potência imanente do desejo (Baptista, 1996, p. 67-68).

O devir pesquisa está, nesse sentido, vinculado a um atrevimento que reconhece, na Favela e na minha produção desejante pela Ciência, a alegria. É um atrevimento, (*Sapere Aude*) de quem, no movimento e no encontro, reconhece a própria existência, a própria produção, poiese. A autoprodução de si mesmo transversalizado pelos próprios universos existenciais (Auto)Transpoiese (Baptista, 2022).

A matriz desse movimento é o desejo, desejo pesquisador, desejo Favelado, desejo turismo, que hoje inscreve a pesquisa, em matrizes rizoma, trama de devires a partir do sentido do desejo. Reconhecendo as possibilidades de mudança, em cada olhar e visita para a matriz da minha própria produção, em cada Beco e Viela dessa pesquisa.

Seguimos então para a apresentação das Matrizes Rizomáticas desta pesquisa, como forma de apresentar nesse momento, o devir sinalizadores que constituem os caminhos pelas trilhas da Cartografia dos Saberes.

A primeira matriz, apresenta em síntese, as dobras dos elementos singulares da pesquisa, que surgem como dobras um do outro, de modo a trazer legibilidade da coerência da fluência da pesquisa, podendo perceber os elementos que são nós da pesquisa em relação a sua estruturação e fluência.

Quadro 1 - MATRIZ 1 - TRAMA E RIZOMAS VERIFICAÇÃO DA COERÊNCIA DA PESQUISA

Título	Foco ou Delineamento de Estudo	Objetivo Geral	Questão de Pesquisa	Objetivos Específicos	Capítulos
ESQUIZOGRAFIAS DE FAVELA. Sinalizadores de Turismo e Lazer, na trama de (Auto) Transpoiese, em Favelas do Rio de Janeiro, Brasil	Esquizografias de Favela, considerando sinalizadores de Turismo e Lazer, na trama de (Auto) Transpoiese, em Favelas do Rio de Janeiro, Brasil.	Realizar Esquizografias de Favela, considerando sinalizadores de Turismo e Lazer, na trama (Auto) Transpoiese, em Favelas do Rio de Janeiro, Brasil.	Quais os sinalizadores de Turismo e Lazer, esquizografados na trama de (Auto)Transpoiese, em Favelas do Rio de Janeiro, Brazil?		<p>1. Soltando a pipa na Introdução da Tese</p> <p>1.1 Vislumbres dos operadores de Leitura</p> <p>1.2 Becos e Vuelas da pesquisa</p> <p>1.3 Nos Becos e Vuelas, o Pesquisador Favelado pesou.</p> <p>Favelado</p> <p>2. Estratégias Metodológicas e percurso de investigação</p> <p>2.1 Beco: Ciência em condição de intempérie</p> <p>2.2 Viela: Reconhecer sujeito Favelado!</p> <p>2.3 Beco: Contatos atrevidos de primeiro grau, o encontro com o termo <i>Sapere Aude</i></p>

					<p>2.4 Beco: Contatos atrevidos de segundo grau, mergulho teórico no termo <i>Sapere Aude</i></p> <p>2.5 Beco: Inspirar para subir morro</p> <p>2.6 Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas</p> <p>2.7. Refletindo estratégias metodológicas</p> <p>2.8 Refletindo. Matrizes Rizomáticas</p>
ESQUIZOGRAFIAS DE FAVELA.	Esquizografias de Favela, considerando sinalizadores	Realizar Esquizografias de Favela, considerando	Quais os sinalizadores de Turismo e Lazer, esquizografados	Apresentar a proposição conceitual Esquizografias de Favela.	<p>3. Esquizografias de Favela</p> <p>3.1 Esquizoanálise</p> <p>3.2 Esquizoanálise e sujeito trama – apontamentos para entender o caminho pela Esquizoanálise</p> <p>3.3 Desejo</p> <p>4. Turismo e Lazer Trama</p>

<p>Sinalizadores de Turismo e Lazer, na trama de (Auto) Transpoiese, em Favelas do Rio de Janeiro, Brasil</p>	<p>de Turismo e Lazer, na trama de (Auto) Transpoiese, em Favelas do Rio de Janeiro, Brasil.</p>	<p>sinalizadores de Turismo e Lazer, na trama (Auto) Transpoiese, em Favelas do Rio de Janeiro, Brasil.</p>	<p>na trama de (Auto)Transpoiese, em Favelas do Rio de Janeiro, Brazil?</p>	<p>Turismo e Lazer – da Fachada ao Averso da Trama Ecosystemica.</p> <hr/> <p>Esquizografar sinalizadores de Turismo e Lazer que expressam a trama de (Auto) Transpoies e em Favelas no Rio de Janeiro</p>	<p>4.1 Turismo de Favela, segregação e controle na ordem do Lazer -trama</p> <p>4.2 O avesso do Lazer Trama</p> <hr/> <p>5. Preparando para contar nossa viagem entre Becos e Vieias</p> <p>5.1 Dois Rios, as pontes entre abismos, entre as Fachadas e Aversos da Zona Sul (norte) e das Favelas (Sul) do Rio de Janeiro</p> <p>5.2 Rio de Janeiro e seus polos de poder</p> <p>5.3 Favela</p> <p>5.4 Favela e violência</p> <p>5.5 Esquizografias sinalizadores do Turismo e Lazer</p> <p>6. Síntese da Trama – o que a Favela</p>
---	--	---	---	--	--

					ensina – 0 Festival de Pipas 6.1 Arriar 6.2 Currupio 6.3 Chapar 6.4 Debicar 6.5 Sinalizadores de Cuidado 7. ‘Tá na hora de entrar...’
--	--	--	--	--	---

Fonte: Baptista e Eme (2023), adaptado por Silva (2024).

A ideia é que do equilíbrio fluente desses pontos da pesquisa, seja possível fazer brotar em coerência os elementos que se desdobram textuais. Com a sinalização de nós dos rizomas que são dobras da pesquisa, mas que a todo momento podem ser revistos e trabalhados entre uma e outra matriz.

Quadro 2 - MATRIZ 2 - DETALHAMENTO DO RIZOMA RELAÇÃO 'ENTRELAÇOS NÓS', OBJETIVOS, CAPÍTULOS E SUBCAPÍTULOS

Entrelaçamentos	Objetivo Geral	Objetivos Específicos	Capítulos
Esquizografias de Favela O Turismo e seu Avesso O Lazer e seu Avesso A Favela e seu Avesso Esquizografias, sinalizadores de Turismo e Lazer	Realizar Esquizografias de Favela, considerando sinalizadores de Turismo e Lazer, na trama (Auto) Transpoiese, em Favelas do Rio de Janeiro, Brasil.	Apresentar a proposição conceitual Esquizografias de Favela. Relatar 'conversações' sobre Turismo e Lazer – da Fachada ao Avesso da Trama Ecosistêmica. Esquizografar sinalizadores de Turismo e Lazer que expressam a trama de (Auto) Transpoiese em Favelas no Rio de Janeiro	3. Esquizografias de Favela 3.1 Esquizoanálise 3.2 Esquizoanálise e sujeito trama – apontamentos para entender o caminho pela Esquizoanálise 3.3 Desejo 4. Turismo e Lazer Trama 4.1 Turismo de Favela, segregação e controle na ordem do Lazer -trama 4.2 O avesso do Lazer Trama 5. Preparando para contar nossa viagem entre Becos e Vieiras 5.1 Dois Rios, as pontes entre abismos, entre as Fachadas e Avesos da Zona Sul (norte) e das Favelas (Sul) do Rio de Janeiro 5.2 Rio de Janeiro e seus polos de poder 5.3 Favela 5.4 Favela e violência 5.5 Esquizografias sinalizadores do Turismo e Lazer 6. Síntese da Trama – o que a Favela ensina – O Festival de Pipas 6.1 Arriar 6.2 Currupio 6.3 Chapar 6.4 Debicar 6.5 Sinalizadores de Cuidado 7. 'Tá na hora de entrar...'

Fonte: Baptista e Eme (2023), adaptado por Silva (2024).

Como vamos ver na matriz seguinte, elegemos nós de pesquisa, que são nós de confluência da pesquisa, elementos entrelaçados por toda a pesquisa que justificam e sinalizam caminhos para a construção dos objetivos dos capítulos a serem desenvolvidos.

A Matriz seguinte, como trama teórico conceitual bibliográfica, apresenta a relação confluyente entre as dobras dos nós da pesquisa, relacionadas com a construção dos objetivos. Em deriva, essa matriz apresenta a forma como os objetivos se decupam em específicos, e como esse se alinha com as trilhas teóricas do texto,

os principais autores de cada uma dessas linhas e em que capítulo esses se encaixam.

Do ponto de vista prático, as trilhas teóricas, não se extinguem nos autores apresentados, esse são principais pontos e sinalizadores apresentados até aqui, mas como toda a matriz, é passível de ser revisitada, revista, e conseqüentemente mudada, ainda que disso transcorra uma mudança em todas as matrizes de maneira confluyente.

Quadro 3 - MATRIZ 3 - COMPOSIÇÃO TRAMA TEÓRICO-CONCEITUAL-BIBLIOGRÁFICA DA PESQUISA [Trilha Trama Teórico - Conceitual - Bibliográfica da Cartografia dos Saberes]

Objetivo Geral	Objetivos Específicos	Trilhas Teórico-Conceptuais-Bibliográficas	Autores	Capítulos
Realizar Esquizografias de Favela, considerando sinalizadores de Turismo e Lazer, na trama (Auto) Transpoiese, em Favelas do Rio de Janeiro, Brasil.		Ciência	Capra Morin Crema Santos e Meneses Maturana e Varella	1. Soltando a pipa na introdução da Tese 1.1 Vislumbres dos operadores de Leitura 1.2 Becos e Vieas da pesquisa 1.3 Nos Becos e Vieas, o Pesquisador Favelado pesou. Favelado
		Becos e Vieas da pesquisa e da ciência	Baptista Suely Rolnik Deleuze e Guattari Matura e Varella Kant Flacco	2. Estratégias Metodológicas e percurso de investigação 2.1 Beco: Ciência em condição de intempérie 2.2 Viela: Reconhecer sujeito Favelado! 2.3 Beco: Contatos atrevidos de primeiro grau, o encontro com o termo <i>Sapere Aude</i> 2.4 Beco: Contatos atrevidos de segundo grau, mergulho teórico no termo <i>Sapere Aude</i>
		Cartografia dos Saberes e Matrizes rizomáticas	Baptista Rolnik Deleuze e Guattari Matura e Varella	2.5 Beco: Inspirar para subir morro 2.6 Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas 2.7. Refletindo estratégias metodológicas 2.8 Refletindo. Matrizes Rizomáticas
	Apresentar a proposição conceitual Esquizografias de Favela.	Esquizografias de Favela Micropolítica	Guattari Deleuze Rolnik Maturana Baptista Elia Wedling	3. Esquizografias de Favela 3.1 Esquizoanálise 3.2 Esquizoanálise e sujeito trama – apontamentos para entender o caminho pela Esquizoanálise 3.3 Desejo

Realizar Esquizografias de Favela, considerando sinalizadores de Turismo e Lazer, na trama (Auto) Transpoiese, em Favelas do Rio de Janeiro, Brasil.	Relatar ‘com- versações’ sobre Turismo e Lazer – da Fachada ao Avesso da Trama Ecoossistêmica.	Turismo Avesso do Turismo Turismo Trama	Baptista Krippendor Moesch Beni Bóullon Ruschmann Netto Nechar Tribe Trigo Korstanje	4. Turismo e Lazer Trama 4.1 Turismo de Favela, segregação e controle na ordem do Lazer -trama
		Lazer Avesso do Lazer Lazer Trama	Gomes Marcelino Baptista Deleuze Guattari Santos Heller	4.2 O avesso do Lazer Trama
	Esquizografar sinalizadores de Turismo e Lazer que expressam a trama de (Auto) Transpoiese em Favelas no Rio de Janeiro	Favela, Turismo e Lazer	Silva Baptista Queiroz Filho Freire- Medeiros Kalaoum Moraes Glenny Manso Santos Rolnik Simas	5. Preparando para contar nossa viagem entre Becos e Vielas 5.1 Dois Rios, as pontes entre abismos, entre as Fachadas e Aversos da Zona Sul (norte) e das Favelas (Sul) do Rio de Janeiro 5.2 Rio de Janeiro e seus polos de poder 5.3 Favela 5. 4 Favela e violência 5.5 Esquizografias sinalizadores do Turismo e Lazer 6. Síntese da Trama – o que a Favela ensina – O Festival de Pipas 6.1 Arriar 6.2 Currupio 6.3 Chapar 6.4 Debicar 6.5 Sinalizadores de Cuidado <hr/> 7. ‘Tá na hora de entrar...’

Fonte: Baptista e Eme (2023), adaptado por Silva (2024).

Os principais autores do texto são representativos para a produção da uma confluência em com-versações, sendo essas já um sinalizador dos dispositivos de pesquisa que se apresentam como aproximações e ações investigativas apresentadas na próxima matriz.

Dessas matrizes brotam a pesquisa e dessas matrizes há orientação para continuar o caminho da viagem, encontrar Becos e Vieiras, convite para subir o morro, conhecer a Favela. Esse convite precisava dessa apresentação longa da pesquisa, ambientando o encontro com o locus de pesquisa, reconhecendo o foco e a

importância que vai ser dada ao longo da viagem, para cada sinalizador importante que estamos descobrindo, importantes para a crença de que a Favela Viaja!

Quadro 4 – MATRIZ 4: COERÊNCIA OPERACIONAL E DINÂMICA DA PESQUISA. CAPÍTULOS [trilha usina de produção ou trama dos fazeres da cartografia dos saberes]

Objetivos Específicos	Lócus da Pesquisa	Fontes de Pesquisa	Aproximações e Ações Investigativas	Recursos de Apresentação/ Descrição e Tratamento Reflexivo/Análise	Capítulos e Subcapítulos
	Favelas do Rio de Janeiro de maneira transversal	<ul style="list-style-type: none"> - Sujeitos das Favelas e lugares pesquisados - Sujeito pesquisador - Spotify e You Tube - Base de dados - Pesquisa bibliográfica - Repositório de Teses e Dissertações da Capes 	<p>Aproximações: Leitura de textos; Observação e trânsito pelas Favelas; Revisitação a memórias pessoais.</p> <p>Ações: 'Com-versas' com o grupo de pesquisa Amorcomtur; produção de diário de pesquisa com narrativas; Playlist de músicas usadas na Tese</p>	Produção de texto ensaístico associado narrativas '(auto)transpoéticas' com texto reflexivo sobre a temática.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Soltando a pipa na Introdução da Tese <ol style="list-style-type: none"> 1.1 Vislumbres dos operadores de Leitura 1.2 Becos e Vieiras da pesquisa 1.3 Nos Becos e Vieiras, o Pesquisador Favelado pesou. Favelado 2. Estratégias Metodológicas e percurso de investigação <ol style="list-style-type: none"> 2.1 Beco: Ciência em condição de intempérie 2.2 Viela: Reconhecer sujeito Favelado! 2.3 Beco: Contatos atrevidos de primeiro grau, o encontro com o termo <i>Sapere Aude</i> 2.4 Beco: Contatos atrevidos de segundo grau, mergulho teórico no termo <i>Sapere Aude</i> 2.5 Beco: Inspirar para subir morro 2.6 Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas 2.7. Refletindo estratégias metodológicas 2.8 Refletindo. Matrizes Rizomáticas
Apresentar a proposição conceitual Esquizografias de Favela.		<ul style="list-style-type: none"> - Repositórios de Teses e Dissertações. - Bibliotecas virtuais - Livros e artigos em 	<p>Aproximações: Leitura de textos; Fichamento; "Com-versas" com grupo de pesquisa e orientadora da Tese;</p> <p>Ações: Revisão dos</p>	Produção de texto dissertativo que apresente a Esquizografia feita pela dimensão teórica da pesquisa, em alinhamento com as narrativas	<p>3. Esquizografias de Favela</p> <ol style="list-style-type: none"> 3.1 Esquizoanálise 3.2 Esquizoanálise e sujeito trama – apontamentos para entender o caminho pela Esquizoanálise 3.3 Desejo

		revisão narrativa	textos teóricos; Esquizografias de Favela; Reflexão do universo empírico com o teórico	(Auto)transpoieticas	
Relatar 'conversações' sobre Turismo e Lazer – da Fachada ao Averso da Trama Ecosistêmica.		- Repositórios de Teses e Dissertações - Biblioteca Virtual - Base de dados Capes - Livros e artigos	Aproximações: Leitura de textos; Fichamento; “Conversas” com grupo de pesquisa e orientadora da Tese Ações: Revisão e sistematização sobre alguns dos nós de pesquisa; Esquizografias de Favela; Reflexão do universo empírico com o teórico	Produção de texto dissertativo sobre Ecossistemas Turísticos Comunicacionais Subjetivos e o Averso do Lazer e do Turismo em associação com a Favela;	4. Turismo e Lazer Trama 4.1 Turismo de Favela, segregação e controle na ordem do Lazer -trama 4.2 O avesso do Lazer Trama
Esquizar grafar sinalizadores de Turismo e Lazer que expressam a trama de (Auto) Transpoiese em Favelas no Rio de Janeiro		- Narrativas pessoais - Narrativas dos sujeitos de Favela - Spotify e You Tube - Fotografias e folders de divulgação de festas - Diário de pesquisa	Aproximações: Leitura de textos; Fichamento; “Conversas” com grupo de pesquisa e orientadora da Tese; trânsito pelas Favelas pesquisadas; idas a campo em Festas, Brincadeiras; Produção de playlists com as músicas usadas na Tese Ações: Esquizografias de Favela; Reflexão do universo empírico com o teórico; Produção de	Produção de texto ensaístico sobre as Esquizografias de Favela; Texto de apresentada das Favelas do Rio de Janeiro; Apresentação dos Nós de Pesquisa; Apresentação de texto das Esquizografias em narrativas; Produção de Quadros síntese contendo os sinalizadores da Episteme Favela associados com movimentos e elementos midiáticos sinalizadores das Esquizografias.	5. Preparando para contar nossa viagem entre Becos e Vieiras 5.1 Dois Rios, as pontes entre abismos, entre as Fachadas e Aversos da Zona Sul (norte) e das Favelas (Sul) do Rio de Janeiro 5.2 Rio de Janeiro e seus polos de poder 5.3 Favela 5.4 Favela e violência 5.5 Esquizografias sinalizadores do Turismo e Lazer 6. Síntese da Trama – o que a Favela ensina – O Festival de Pipas 6.1 Arriar 6.2 Currupio 6.3 Chapar 6.4 Debicar 6.5 Sinalizadores de Cuidado 7. ‘Tá na hora de entrar...’

			quadros síntese; Sistematiza ção das narrativas Esquizografa da		
--	--	--	---	--	--

Fonte: Baptista e Eme (2023), adaptado por Silva (2024).

Por conta disso, se percebe que aqui o que é feito, tem coerência, equilíbrio fluente da volta constante para as Matrizes Rizomáticas, com reconhecimento do devir pesquisa, do espaço entre. Se trata de reconhecer que caminhamos nessa viagem, por espaços que não são só geográficos, em trilhas da Cartografia dos Saberes. Nesse prisma, percebemos que os movimentos são corridos num emaranhado trama, que permite que as façamos simultaneamente, ainda que aqui elas sejam narradas sequencialmente.

Pela natureza de produção da Cartografia dos Saberes (Baptista, 2014), o desenvolvimento da pesquisa possibilita o aprendizado e processualidade do encontro com a pesquisa em desenvolvimento. Trata-se de estratégia complexa, plural e processual, também sensível em profundidade, que me permitiu perceber e apreender a pesquisa nas contradições singulares, que hoje eu percebo e antes não percebia, com o aparato teórico-metodológico com o qual vinha trabalhando.

Essa percepção marca o desenvolvimento aqui posto, como processo de descoberta de uma trajetória que não pode ser medida. Pode, no máximo ser contada, narrada, como as múltiplas narrativas que aparecem ao longo desse estudo. O que está em jogo, então, é uma opção metodológica, não por um método, mas por uma postura estratégica frente a uma visão de mundo, holística, processual, plurimetodológica e complexa, que busca na subjetividade, olhares esquizo para o todo complexo.

Dito isso, explicar a opção pela Cartografia dos Saberes (Baptista; Eme, 2023) é possível, agora, não só pela sua aproximação com a construção de olhar sobre o tema, enquanto composição singular do próprio pesquisador. Ressalto aqui a dinâmica pratico-operacional que a estratégia metodológica é capaz de contemplar, reconhecendo e posicionando os pressupostos científicos que orientam os estudos Amorcomtur!.

Isso se dá por uma lógica baseada na própria Esquizoanálise enquanto prática de olhar o mundo e suas subjetividades, que compõem a maneira como sou capaz de perceber o foco sobre o qual me debruço. Desse modo, a proposta envolve cartografar

o cartografável, num foco de estudo que é processual múltiplo e complexo, pautado especialmente pela minha disposição como pesquisador, na construção do pensamento que direciona para a utilização da denominação Favela ao invés do termo periferia.

Recorro, então, a uma discussão narrativa, que se desdobra como dispositivo de pesquisa, a partir de Martinez (2012) e Botton (2012), pensando a arte de viajar, para contar narrativa, desde já, como forma de discorrer sobre as escolhas metodológicas. Isso é importante pois a pesquisa é cartográfica, mais precisamente ainda dizendo esquizográfica, o que implica dizer que o cartógrafo se orienta, epistemologicamente e metodologicamente, desde antes de ter definidas as amarrações sobre as ações investigativas que serão produzidas na pesquisa, bem como, os próprios dispositivos de pesquisa a serem usados no desenvolvimento do estudo. Além disso, a cartografia, como mapeamento mutante, necessita de uma disposição para o encontro com o acaso e com a possibilidade de mudança de todas essas definições metodológicas.

Desse modo, apresento, como exemplo, o que a orientadora desta tese chama de “deslizamento significacional metafórico”, aplicado em “composições da teia-trama metodológica”²². No caso deste ponto da proposição da minha Tese e das escolhas estratégico-metodológicas, trago reflexões sobre a pipa²³, como estratégia de amarração análoga, que representa traços de especularidade e aproximação entre hologia e holopraxis, como apresentado na discussão sobre Holismo de Crema (2012).

Quer dançar, quer dançar
 O tigrão vai te ensinar
 Quer dançar, quer dançar
 O tigrão vai te ensinar
 Eu vou passar cerol na mão
 Assim, assim
 Vou cortar você na mão
 Vou sim, vou sim
 Vou aparar pela **rabiola**
 Assim, assim
 E vou trazer você pra mim
 Vou sim, vou sim
 (BONDE DO TIGRÃO, 2001).



As expressões foram apresentadas em reunião de orientação, registradas em Diário de Pesquisa, setembro de 2023.

“A pipa, papagaio de papel, quadrado ou arraia é um brinquedo feito de papel sobre uma estrutura de varetas que usa a força do vento para voar enquanto é mantida presa por um fio segurado pelo operador” (Domingues, 2024, s.p.).

A pipa é elemento característico das práticas de lazer, presentes nos espaços também da Favela. Trata-se de algo representativo das brincadeiras dos sujeitos que ocupam esse lugar. Ressalto, entretanto, que a pipa, como elemento em si é constituída como gravetos forrados por um papel de seda que dá leveza ao objeto, para que alce voo.

“A prática de soltar pipa é algo sempre presente na Favela desde a minha infância, um brinquedo barato, que permitia socialização e a graça de se por a voar, por vinte centavos. O que sempre me impressionou e impressiona até hoje são as relações geracionais, a fala bonita que sou capaz de expressar hoje, mas que, na infância, era a relação dos ‘demenor’, com ‘os demaior’. As brincadeiras de soltar pipa não são algo que se perde com o tempo. Recentemente, já mais velho, tive a oportunidade de ser convidado para uma confraternização, que ia acontecer em outra Favela, mais precisamente nas imediações do Bairro de Sepetiba/RJ. A ideia era ir para lá pois, lá sempre acontece, no fim da tarde de domingo, um ‘Festival de pipa’. Eu nunca tinha visto tanta gente feliz brincando e correndo com tamanha variedade de idades. A lógica da brincadeira foi uma das coisas que mais me impressionou, os sujeitos de todas as idades, o céu tomado de linhas e pipas, as gritarias e zoações longe toda vez que uma pipa era cortada ou ‘avoava’, como se diz por aqui. Os sujeitos tinham um momento de viagem e alegria, comunhão e liberdade.”

A pipa permitiu, nesse dia, condições objetivas de brincar, mas reflexões subjetivas sobre posse e serviço. Os sujeitos que brincavam não estavam preocupados em ter ou não pipa, soltar ou não pipa. Muitas das crianças não tinham pipa, e quando a pipa “avoava”, eles pegavam, recolhiam linha, para, então, poder soltar pipa.

Muitos dos adultos só colocavam a pipa no alto para avoar e depois ver as crianças pegarem e brincarem. Alguns deles corriam também para poder pegar e brincar. Essa viagem não foi só geográfica, ela foi também uma viagem no tempo. Os adultos voltando a ser crianças, e as crianças percebendo que crescer não é deixar de ser criança.

A condição que reivindicamos aqui, epistemologicamente, é a representação que esse elemento tem, quando visto para além dessa objetividade. Significado e ressignificação deslizam nesse elemento, que, se abordado para além do brinquedo infantil, a pipa como objeto, representa enquanto foco condições de práticas de Lazer e Turismo na Favela, que podemos enumerar como: brincadeira de crianças, em que também brincam adultos; contemplação e socialização; ocupação de espaços de lazer perdidos e revitalizados; a possibilidade de voar, a possibilidade de viajar; os eventos que comungam, entre vários sujeitos, novas formas e formatos de pipas, linhas,

rabiolas, configurando assim a estética dos elementos para além do visível. Status que acompanha o uso e as escolhas de cada um desses elementos agregados em uma trama que comunica deslocamentos, viagens e lazer nessa prática cultural.

Dessa forma, torna-se perceptível, nas escolhas metodológicas, a intenção de poder passar por um processo que inicia minha real experiência como pesquisador, e vem se desdobrando enquanto narrativa, em uma nova prática acadêmica, através da produção do pesquisador e de sua pesquisa, ao longo do doutorado que ainda está em curso.

É importante ressaltar que perguntas sobre o método a ser usado são retomadas a todo tempo enquanto caminho de pesquisa, reflexão e interpretação do encontro com a vivência da experiência de pesquisador cartógrafo. Não pode haver uma acomodação com os dispositivos ou caminhos vislumbrados, necessitando de uma abertura para o inesperado, próprio do lócus de pesquisa que se inscreve em território de intempérie.

Sendo assim, a produção de direção do olhar é um indicativo do processo de caminhada, mas, ainda que no início, meio, ou próximo do final da pesquisa, há a necessidade de um cuidado, uma **vigilância epistemológica** constante para possíveis distúrbios de compreensão na aplicação da Cartografia dos Saberes. Justamente por isso, defendemos o olhar constante para as Matrizes Rizomáticas, para conferir o equilíbrio fluente da pesquisa, no caminhar pelas cinco trilhas da estratégia metodológica adotada.

Essa **vigilância epistemológico metodológica**, é característica prático-operacional para o desenvolvimento da pesquisa. Se trata de tomar cuidado com a possibilidade de tender para encobrimentos de fundamentos teóricos epistemológicos contidos em cada uma das escolhas sobre o que e/ou contra o que narrar. Saliento, que essa construção se dá em olhar esquizo, dissipativo, fractal, baseado na Esquizoanálise como teoria, e na cartografia como orientação metodológica da própria Esquizoanálise.

A narrativa da pesquisa que apresentamos, não está sendo produzida de maneira estritamente encadeada, como próprio de uma pesquisa holística, dissipativa e processual complexa, essa pesquisa está sendo produzida em linhas de fuga, Vislumbres Vieiras, e por conta disso, vez ou outra acaba produzindo atravessamentos, aparecimentos de elementos como encontrados na pesquisa.

A tentativa, é que desse processo de escrita e de leitura, brote o máximo possível de honestidade ao contar, e coerência com a produção que se faz de maneira esquizo, em uma narrativa pesquisa que é também uma trama de narrativas pessoais, alinhadas com traços especulares de músicas, *folders*, fotos e tudo mais que significou a pesquisa ao longo de seu desenvolvimento. Como demonstrado no exemplo posterior as Matrizes Rizomáticas, e como vem sendo apresentado desde o início do texto, narrativas, tramas e letras de músicas são resultado de pesquisa e fundamento epistemológico que ajuda a contar, em narrativas especulares o caminhar entre Becos e vielas.

Nesse momento, o que temos para contar, são esses traços esquizo, tramados, um avesso da pesquisa que nesse caso é exatamente o que queremos mostrar. Mas para isso, é preciso que se reconheça que, essa trama, já se inscreve de maneira esquizo desde a postura epistemológica, passando pela orientação estratégica metodológica. Isso que faz brotar uma pesquisa, que se escreve diferente, se faz diferente, tem dispositivos diferentes, caminhos diferentes, linhas tortas para contar a pesquisa.

Não há como fazer de outra maneira, no entanto, visto que essa pesquisa é esquizo, aquilo do que ela trata e de fato aquilo que ela é por consequência também é esquizo. A grafia dessa pesquisa é esquizo, pois, a grafia da Favela, a grafia das pesquisas de quem produz caminhando entre Becos e vielas, é esquizo, é uma grafia de quem aprendeu a existir em território de intempérie.

Por conta disso, ao apresentar os dispositivos de pesquisa que proporcionaram as aproximações investigativas, apresentamos como primeira medida, o conceito de Esquizografias, conceito que decorre do Vislumbre entre a Esquizoanálise e a Cartografia dos Saberes, para perceber o movimento no mundo entre Becos e vielas, a pesquisa entre Becos e vielas.

Vamos a elas!

3 ESQUIZOGRAFIAS DE FAVELA!

Eles falam, eles falam, tudo bem, eles falam o tempo todo. Eles lançam sinais, palavras, pedaços de sinais, pedaços de palavras para nos obrigar a aceitar nosso papel de filho, de mulher, de pai, de operário, de estudante, para nos ensinar a fazer bonito, a ser disciplinado, a obedecer, a trabalhar... (sic)
O terror se enraíza no cotidiano, terror da prisão e do asilo, da caserna e do desemprego, da família e do sexismo. Terror contra os desejos para reduzir o cotidiano a forma miserável na qual a Igreja, a família e o Estado o enclausuraram desde sempre. Mas a luta de classes rompe com a dominação na fábrica, o compartilhar rompe com a dominação pelo isolamento, o desejo transforma o cotidiano. E a Escrita percorre transversalmente as ordens recompondo-as de maneira criativa (Guattari, 1985 p. 56).

Apresento inicialmente duas citações longas que aparecem em continuidade, no texto *Revolução Molecular*, de Felix Guattari. Entendo que começar com duas longas citações compreende apresentar, já em abertura, a transversalização de formas de comunicação que atravessam as “com-versas” significativas que eu tive com esse autor, e que são importantes para uma noção de sentimento, sensação de escrita e leitura do texto que se segue.

Os sinalizadores de importância dessas duas citações são a representação do caráter político democrático do ato de desejar, negado a algumas porções da população, por intermédio de um processo de individuação do desejo. Esse processo ocorre pela ênfase na falta e não na potência, em destaque para o fato de que ele acentua o caráter individual e não coletivo do desejo. A imposição ideológica disciplinar condiciona mecanismos de assujeitamento, que se estruturam na linguagem e não reconhecem nada além dessa estrutura, como válido.

A constituição desses operadores predispõe a interpelação de elementos institucionais que, através do discurso, de narrativas, de elementos comunicacionais subjetivos, se inserem na produção subjetiva do sujeito em reprodução de maquinismos, constituindo-se máquinas de manutenção desse sistema.

Guattari apresenta a Rádio Alice²⁴, como uma produção comunicacional do desejo em produção coletiva, uma rádio livre, da Itália na década de 1970, que apresentava narrativas de sujeitos, que em produção discursiva, representavam uma coletividade de produção desejante, para além das estruturas amarradas e disciplinares (Guattari, 1985; Guattari; Rolnik, 1996).

A Rádio Alice, segundo Cavalcanti (2018) iniciou suas atividades na Itália em janeiro de 1976. Aqui, vem sendo apresentada a partir do aparecimento nos textos de Guattari, em especial *Revolução Molecular* de 1985.

Da contradição apresentada, por uma rádio ilegal, em produção democrática coletiva e desejante, há a brotação de um fluxo, que da ilegalidade, faz brotar vida apesar do estado, em uma produção que se refere ao reconhecimento do desejo para além da produção de morte, mas como produção de potência de vida (Deleuze; Guattari, 2004; Wedling, 2010).

A comunicação através das rádios, é apresentada por Cavalcanti (2018), que destaca no papel histórico da Rádio Alice, citada por Guattari, como uma importante contribuição na subversão desse sistema. O que Guattari (1985) apresenta como uma recomposição criativa comunicacional que transversaliza as ordens, entendo como uma apresentação do autor sobre a produção do desejo, a partir de processos inconscientes que não se restringem as estruturas, às limitações e às condições impostas disciplinarmente pelo Capitalismo Mundial Integrado.

Para falar de Favela, falamos de uma Favela não como lugar em que essas pedras, palavras que criam Becos para limitar os andares dos sujeitos Favelados se constituem. Falamos de Favela como lugar de onde a brotação faz produzir das coletividades, os Vislumbres Viela, de desejos em produção não obrigada, não sujeitada. Esses desejos, desobrigam alguns sentidos, permitem desobrigar alguns sentidos de controle contidos nessas palavras e que, por intermédio delas, sinalizam para limitações e suas transposições, desse, e nesse lugar.

A ideia não é falar sobre Favela ou, mesmo, sobre Turismo e Lazer de uma maneira tradicional, e sim de uma maneira sentida, refletida, tanto como reflexão profunda, quanto como reflexo dos múltiplos atravessamentos que compõem consciente e inconsciente de um corpo sujeito vibrátil²⁵. Dessa forma, reconhecê-la, a partir dessa linha paradigmática de produção do conhecimento, é reconhecer a Favela em sua constituição esquizo, que, muitas vezes, pode parecer contraditória entre potência e poesia, decadência e ideologia dominante.

Por conta disso, não há como falar de Favela, negando sua composição múltipla, que aparece como traço especular em seus sujeitos, saberes e fazeres. Nas contradições dessa composição múltipla, eu vejo as marcas do Capitalismo Mundial

O termo aqui está sendo utilizado com inspiração no conceito de corpo vibrátil da Esquizoanálise, apresentada a partir de uma ampliação teórica de Rolnik (2011) a partir do conceito de Corpo sem Órgãos de Guattari e Deleuze (1995). Esse conceito é explicado por Ávila (2023) como uma noção ampliada do corpo em transversalização potencializada por vibrações na dimensão de intensidades

Integrado, transversalizado, positiva ou negativamente, a produção do desejo. As dimensões: política, psicológica, de violência, da poesia, da arte em produção, da cultura em produção, relacionadas ao Turismo e ao Lazer aparecem como medidas de estagnação do sujeito que se dispõe ao movimento desejante.

Condição paralisante do sujeito que se envolve a todo tempo com narrativas cotidianas de (e para) si mesmo, em atravessamentos que questionam: sou bandido ou sou herói? Herói de uma história que me conduz e me permite vencer na vida. Bandido que se (e quando se) reconhece favelado é tratado como um preto pobre metido a rico.

Retomo então, como apresentado lá na trilha de saberes pessoais aspectos que agora podem ser mais bem percebidos a partir das discussões esquizoanalíticas. Quando a Favela vence? Quando ela acha que alguém ‘venceu na vida’? O que é vencer na vida? Deixar de ser favelado? Os questionamentos fazem emergir lembranças de frases repetidas no cotidiano, que são, elas mesmas, um metatexto segregatório: ‘deixa de ser favelado [...]’, ‘Isso é coisa de favelado [...]’, ‘Olha lá, chegaram os farofeiros da Favela, [...]’, ‘Esse lugar está mal frequentado [...]’.

A Favela vence quando se reconhece Favela e quando, apesar da sua condição de sobrevivência em território de intempérie, pela sua coletividade singular, que muitas vezes é, sim, contraditória, os sujeitos são capazes de assumir suas contradições, e produzir sua existência como corpo vibrátil coletivo.

Visão, Cabelinho
 Fé
 E aê, mano Djonga?
 Visão, revolução
 Madrugada fria desse morrão
 Último baile, Deus é muito bom
 Correndo atrás do meu sonho
 Sou um favelado cheio de disposição
 Minha vida começa quando o galo acorda
 São dias de luta, são dias de glória
 No dia de hoje que eu vivo
 Onde o estado aponta um favelado bandido
 Sigo o meu sonho, não vou desistir
 Por esses acesso vi muitos cair
 Irmão perdendo irmão
 Mãe chorando, filho pra ver e a polícia sorrir
 Vou sobrevivendo em meio à vida louca
 Sou MC, não soldado da boca
 Sempre batalhei pro progresso chegar
 E dar o melhor pra minha coroa
 Graças a Deus, missão cumprida
 Mais um favelado forte que venceu na vida
 É muita fé e a favela venceu [...]



Menor, não tem um santo dia
Que eu desço pa' pista e não sou revistado
A desigualdade desse mundo
Nem me deixa mais tão preocupado
Pra ele, na favela, só tem vagabundo (vagabundo)
Infelizmente eu não tô acostumado [...] (MC TIKÃO, DJONGA, MC
CABELINHO, 2021).

A Favela vence quando se mostra, não na lógica competitiva de um contra o outro, mas na lógica cooperativa complexa de manutenção da sua própria existência. Algo próximo, em muitos traços, da sociedade matrística, apresentada no livro *Amar Brincar: Fundamentos esquecidos do humano*, de Maturana e Verden-Zöllner (2009), em que os autores apresentam a matriz do humano na cooperação e no movimento. Essa lógica parece ter sido quebrada, quando a ênfase ao patrimônio e à posse se sobrepõe à da sobrevivência e da existência da vida.

A Favela compromete a vida, como traço especular do conjunto de aparelhamento maquínico ideológico, ao qual a mesma acaba estando acoplada, pela sua condição geográfica e vinculada ao Capitalismo Mundial Integrado (Guattari, 1985; Guattari; Rolnik, 1996). Nesse sentido, o fato é que, se a Favela fosse só esse acoplamento, a vida já não existiria mais.

Diferentemente, nesta Tese, estão em pauta as Esquizografias de Favela. Nesse sentido, a condição da Favela, nessas Esquizografias, é a da escrita criativa que transversalmente recompõe e expõe seus desejos. O desejo dos sujeitos singulares e coletivos, escritos nas suas linhas e atravessamentos também, muitas vezes, contraditórios, partidos e dissipativos, apresentam traços de cotidiano e estranhamento. Esse cotidiano estranho, ou o estranhamento cotidiano, é a condição que dispõe o sujeito em seu movimento de desejo desterritorializante. Se não houvesse esse reconhecimento, de fato, significaria não existir movimento, por isso, se entende que a Favela escreve, se inscreve, por linhas tortas de existência, linhas esquizo, Esquizografias.

Se assim for, preciso compreender a existência dessa escrita, de uma grafia esquizo que não trata só do texto fluido em linhas textuais, mas do texto existência em território de intempérie, do texto esquizográfico produzido pela Favela, da inscrição da Favela no território de intempérie como sobrevivência, e da minha inscrição enquanto favelado neste texto.

Eu gosto de iniciar qualquer texto sobre Favela, explicando que vamos falar sobre Favela, mas vamos falar sobre Favela em outra rotação. Essa expressão

síntese, já usada em outros textos de minha autoria junto com a orientadora desta Tese (Silva; Baptista, 2021, 2023, 2023a), sinaliza para um caráter singular, plural e recursivo, que a própria proposição escrita das linhas aqui postas representa. Por conta disso, me permita contar Favela a partir da minha singularidade:

“Quando me mudei para outro estado em busca dos meus estudos, uma das primeiras perguntas que faziam quando eu dizia que era do Rio de Janeiro era, ‘de que lugar do Rio você é?’, a resposta nunca era, da Favela, de Santa Margarida, de Cosmos ou do Barbante, nomes do sub bairro, bairro e favela mais próxima respectivamente. A minha descrição era sempre sobre como eu morava próximo de um lugar boêmio próximo a uma escola de samba, reconhecida no Brasil e representativa do Carnaval Carioca. ‘Ah! Eu moro próximo a Mocidade Independente de Padre Miguel’, ou, um bairro citado e reconhecido de alguma música famosa, ‘Sabe realengo da música do Tim Maia? Então, eu moro perto’. Lembrar dessas histórias, como uma narrativa das minhas viagens investigativas, contribui para a produção desta investigação, da mesma maneira que outras investigações proporcionaram a existência dessa narrativa, é sobre isso que vamos falar...”. [Orientando] (Silva; Baptista, 2023a, p. 3).

Essa apresentação representa o eu sujeito em síntese, como sujeito desse corpo singular coletivo vibrátil e contraditório, que, na inquietação de poder fazer movimentos, contrapõe a própria inscrição favelado/Favela, numa tentativa de linha de fuga. Acontece que, nessa tentativa de se manter em movimento, a brotação da linha de fuga direciona a minha potência a ser capturada, contrapondo Favela X liberdade, em uma condição de percepção que ou eu sou Favelado, ou eu tenho oportunidade de ‘vencer na vida’.

Essa captura de ordem semiótica facista, da minha própria linguagem, cria em mim a contradição que aparece na dualidade narrativa de vida, e também vai aparecer em minhas inscrições neste texto, como sendo: não posso ser favelado para continuar existindo, ser favelado é o que ainda me permite existir, pois é desse lugar/corpo que brotam os meus movimentos sobreviventes às intempéries.

Esse olhar hoje possível e não percebido durante alguns dos discursos veiculados, faz com que a percepção da minha existência enquanto corpo coletivo, sujeito vibrátil, signifique uma produção até aqui da ordem micropolítica do devir, de um alinhamento com a possibilidade de uma revolução molecular, mas que existe na ordem do desejo, e não das alimentações da intempérie já vivida nesses lugares (Guattari, 1985).

Em que direção se procura um desejo coletivo? Quais intervenções poderiam ajudá-lo a sair das territorialidades que o cercam? O que poderia fazer, não enquanto professor, mas enquanto sinto que aquilo que acontece na classe me diz respeito? E exatamente o contrário das perspectivas do psicologismo, e do “psicanalismo”. Não se trata mais de restringir o inconsciente, de reduzi-

lo a complexos universais, a transferências personalizadas, de deitá-lo sobre divãs especializados, de submetê-lo ao pretense saber do analista... mas de abri-lo de tudo quanto é jeito para novas vias - por vezes linhas de fuga minúsculas, e outras vezes possibilidades de trabalhar em escala maior, pela transformação da sociedade (Guattari, 1985, p. 67).

É desde essa ordem de desejo que proponho falar de Desejo, para falar de Favela, entendendo seus saberes e fazeres transversalizados pelo devir, e também como ordem de produção micropolítica do próprio inconsciente. Falar de Favela, nesse caso, não é falar de periferia, ou da constituição histórica do Rio de Janeiro e seus espaços geograficamente marginalizados, é também condição que subverte a lógica de existência a partir de um desejo gozado, justamente por ter sido cerceado.

Produzo, então, uma escrita que se contrapõe à existência de uma ordem hierárquica dos saberes e reconhece, em atrevimento, a pluralidade dos fazeres também como saberes, desde um lugar e uma ecologia, um universo existencial que cria pontes para a existência, vislumbra vielas (Santos, 2010; Santos; Meneses, 2010).

O aporte é de uma orientação epistemológica que reconhece essas composições como complexos alinhamentos de saberes, que podem soar como contraditórios, do ponto de vista epistemológico, mas são absolutamente pulsantes, na ordem do reconhecimento de um saber sul global, na relação complexidade e singularidade coletiva, não restringindo o singular ao individual (Santos; Meneses, 2010; Morin, 2005).

Esses saberes podem ser acessados em construções de ponte entre os abismos que se criam paradigmaticamente na condição de ciência hegemônica, saber hegemônico, revolução hegemônica, cultura hegemônica, etc. Para reconhecê-los, é necessário que haja leitura e escrita que condicione ponte de aproximação de um e de outro lado, atravessar abismos de saberes que são construídos em uma ordem capitalista de captura do devir desejante, dos rizomas do inconsciente do sujeito, (Santos, 2010; Deleuze; Guattari, 1995).

Assim, propomos, orientando e orientadora, um olhar sobre as escritas esquizo que acompanham o movimento, alinhando a composição cartográfica dos saberes (Baptista; Eme, 2023), aprofundando o olhar para o devir condição esquizo do desejo inconsciente do sujeito. Desse embrolho, propusemos, para falar da condição escrita de fazeres e saberes, em movimento do devir desejante, **a expressão Esquizografias Turísticas** (Silva; Baptista, 2022), com olhar profundo a partir da

condição ecosófica e ontológica (Baptista, 2023) da Viagem como fundamento do Turismo de um Ecossistema-Comunicacional-Turístico-Subjetivo (Baptista, 2020a; 2020b), no caso, a Favela.

Identificamos que a abordagem do termo Esquizografias, se apresentava, também, em alguns textos de outras áreas do conhecimento. Verificamos os textos e percebemos, depois de visto o alinhamento ou não, com o que é descrito no texto em que falamos da Esquizografias Turísticas (Silva; Baptista, 2022), que nesses textos encontrados, por mais que haja elementos de proximidade, existem também elementos de distinção. As Esquizografias aqui, são percebidas como elemento de olhar a escrita esquizo, dissipativa e fractal, que no caso aplicamos no Turismo, e esse olhar é singular em relação ao que é apresentado em outros trabalhos.

Esses outros trabalhos foram vistos e analisados, e não foram encontrados nos mesmos, sinalizadores para a percepção dos movimentos desejantes de sujeitos, muito menos desses sujeitos em Favela, ou em agenciamento de potência relacionado a Turismo e Lazer.

Por exemplo, encontramos a compreensão das dobras Deleuzianas (2005), no texto de Melo (2019), em que a autora apresenta as escritas esquizo dos sujeitos encarcerados na Fundação CASA, mas, ainda que a autora trate das linhas como dobras e desdobramentos do inconsciente dos sujeitos que estão em imobilidade, não apresenta nas suas reflexões a percepção de que essas brotações são decorrentes da necessidade inconsciente do sujeito pelo movimento.

Vimos ainda, a percepção de linhas de Fuga, que aparecem em *Revolução Molecular* (Guattari, 1985), *O Anti-édipo* (Deleuze; Guattari, 2004) e *Mil Platôs* (Deleuze; Guattari, 1995), como aspectos constantes do aparecimento do desejo do sujeito. Esse aspecto, surge no texto sobre Esquizografias dos afetos (Santos; Brito, 2016), em que os autores apresentam as mesmas dobras e as linhas de fuga, para falar sobre os devires sexualidade no ambiente escolar e educacional.

Encontramos também o termo Esquizografias, em Napolitano *et al.* (2004), na proposição de uma discussão que discorre sobre a condição esquizo de escrita dos sujeitos, em produção a partir da linguagem lacaniana. Nesse caso, me parece que a divergência está na leitura que propomos, a partir de uma escrita não estruturada, o que marca justamente a diferença entre as proposições esquizoanalíticas e psicanalíticas na oposição de Guattari, Deleuze aos escritos estruturados de Lacan. Assim, ainda que não se trate de desconsiderar as proposições psicanalíticas, a ideia

é poder perceber que as Esquizografias podem passar pela linguagem, mas não se restringem a ela.

Assim encontramos em Esteves e Adó (2020), o termo em fruição de corpos e pensamentos, algo que aproxima a noção de corpo vibrátil e declara a condição movimento de percepção do sujeito em alteridade/mesmidade. Essa percepção pode ser promissora para as discussões no Turismo, caso a mesma seja posta em perspectiva com olhar sobre a necessidade de percepção do movimento (Allis, 2016). O reconhecimento dessa necessidade, se alinhada a condição de sujeitos turistas, como sujeitos desejanter (Melo; Baptista, 2019), em dimensão relacional (Santos; Pezzarolo, 2012) entretanto, o texto em si ainda não apresenta essa abordagem, que é própria do nosso jeito de pensar as Esquizografias.

Assim, nenhuma dessas abordagens sobre Esquizografias apresenta a condição do sujeito em movimento, como sujeito singular plural em viagem, em condição de desterritorialização, por consequência da própria condição desejanter.

Desse modo, destaco que a nossa proposição de terminologia, alinha sim a condição de uma escrita esquizo, dissipativa e fractal para falar de Turismo em um Ecosistema-turístico-comunicacional-subjetivo, mas o faz como orientação estratégica metodológica, e percepção profunda do Turismo em seu sentido ecósófico ontológico (Baptista, 2023).

Essa condição apresenta, distintamente, uma potencialidade (Auto)Transpoiética, a partir da fruição do devir desejo, em alinhamento com percepções da Favela. Esse olhar reconhece os pressupostos científicos em devir, algo que analogamente propomos como Becos e Velas da pesquisa, do que deriva a condição devir Vislumbre Velas.

Por conta disso, apresentamos o termo em 2021 (Silva; Baptista, 2022), a partir da discussão de sujeito e de desejo, ainda que de maneira incipiente, mas a partir das bases teórico-conceituais de 'Sujeito', inconsciente e Desejo na Esquizoanálise. E aqui, para falar do termo, Esquizografias Turísticas e do Lazer na Favela, propomos iniciar apresentando a trama narrativa que compõe essa proposição de terminologia, a partir dos pressupostos da Esquizoanálise.

A ideia é que, a partir dessa discussão, possamos criar pontes de saberes (Santos, 2010), para os saberes do ecossistema sobre o qual nos debruçamos, em consonância com uma apresentação dos sentidos de Favela no Rio de Janeiro, bem

como os dispositivos que nos possibilitam perceber a Favela, em traços de especularidade (Baptista, 1996).

Então, vamos apresentar a Favela esquizograficamente escrita em seus Becos e vielas.

3.1 ESQUIZOANÁLISE

A Esquizoanálise é fio e trama teórica do olhar que apresentamos aqui para falar tanto de Favela, como conceitualmente da constituição de um Averso do Turismo e do Lazer. De fato, essa tratativa só é possível, quando alinhamos os pressupostos da Esquizoanálise que transversalizam todo esse estudo, e que são sintetizados nas Esquizografias dos Becos e vielas das Favelas do Rio de Janeiro.

Para tanto, a compreensão da Esquizoanálise e desses pressupostos se faz indispensável. Desse modo, opto por apresentar pressupostos inerentes aos encontros com a Esquizoanálise. Esses pressupostos aparecem alinhados com a proposição metodológica, estrutura da Tese e estão em alinhamento com o viés epistemológico deste estudo.

Assim sendo, como o estudo envolve a 'com-versações' ecossistêmicas e de subjetividade, se faz indispensável que tomemos três 'com-versações' importantes, para refletir sobre as dobras²⁶ (Deleuze, 2005), que acabam sendo, neste estudo, como encontros com Becos e vielas.

A Esquizoanálise é proposição teórico-metodológica de 'Com-versações' subjetivas sobre a condição política do sujeito desde seu inconsciente, alinhada com sua potência de produção, em acoplamentos maquínicos e capitalísticos em universos existenciais. Essa proposição tem fundamentação a partir de Deleuze e Guattari (2004), no texto *Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*, que teve sua primeira edição publicada em 1972.

O termo aqui se refere ao trabalho de Deleuze (2005), em que o autor apresenta a partir de sua interpretação sobre o filósofo Leibniz, uma ampliação de sentido sobre as contribuições do autor ao campo da metafísica. No caso, Deleuze (2005), apresenta a proposta de dobras e desdobramentos como condição filosófica de percepção dos múltiplos atravessamentos e transformações possíveis, em planos de intensidade, e que representam potencialidades em desenvolvimento.

Desse texto, suas dobras e o pensamento dos autores que desenvolveram essa composição, interessam-nos três elementos discursivos sobre os quais vamos nos debruçar a seguir. São eles: a Esquizoanálise, o inconsciente e o desejo.

Ainda assim, ressaltamos que essa leitura tem produção já baseada nesses elementos discursivos desde o início e, os mesmos transversalizam rizomaticamente todo o traçado de brotação da Tese, com uma pluralidade de conceitos que são representativos para o sujeito coletivo singular que escreve este texto e que alinha, além dos textos, voltas ‘com-versadas’ (Baptista; Bernardo, 2020b; Baptista, 2021a), com os conceitos e sujeitos que também compõem esta pesquisa. No caso, aquilo que se apresenta é resultado narrativo de reflexões e encontro ‘com-versados’ entre orientando e orientadora, em processo de produção de Tese, de modo que essas ‘com-versas’ são atravessadas pelos pressupostos de um e de outro. Além disso, é composto também pelo atravessamento do ecossistema que compõe o grupo de pesquisa do qual os dois fazem parte (orientando e orientadora), o Amorcomtur!. Assim, aquilo que escrevo é escrita fractal e dissipativa, de encontros e desencontros apresentados singularmente, construídos coletivamente, bem como é a própria lógica de Favela. Também por isso, singular e plural aparecem no texto, ora um, ora outro, sinalizando a confluência de vozes Amorcomtur e os entrelaçamentos de vozes orientando orientadora. Com traços singulares, apresento a proposição da minha Favela, não só o lugar onde vivo, mas os lugares que me contemplam e dos quais eu faço parte. Assim, aquilo que é a minha Favela eu apresento como grupo e grupelho²⁷ representativo dos desvios políticos, das linhas políticas que escrevo e escrevemos, como atos de revolução política molecular (Guattari, 1985).

Assim sendo, a Esquizoanálise é fio condutor teórico desta narrativa, melhor dizendo, a trama de fios, a ‘trama-teia de fios’, como se refere Baptista, em vários de seus textos. Nesse sentido, ressalto que a chegada a esse pensamento se dá em encontro teórico e pessoal com a orientadora deste estudo e com o grupo de pesquisa Amorcomtur!. O encontro com a Esquizoanálise ocorreu, em um primeiro momento, a partir das contribuições teóricas de Baptista (2014, 1999, 2013). Depois desse

Grupo e Grupelho, é terminologia apresentada por Guattari (1985). Aqui é lido e inscrito com a representação da identidade e identificação de sujeitos coletivos singulares em voltas juntos, ou seja, representa ao mesmo tempo o reconhecimento de uma coletividade e a potência singular de cada um dos sujeitos na sua produção em coletividade, para a coletividade do grupo com o qual o mesmo se identifica.

encontro, o eu sujeito pesquisador se viu envolto em sinalizações de potência de um devir sujeito que se autoriza a ser quem é, na vida em sentido amplo e na vida acadêmica, como universo singular, e segue viagem e retoma em ‘com-versas’, percepções sobre essas leituras. Percebo, então que se tratou de um encontro que, por vezes, foi mediado em conjunto entre os pesquisadores do Amorcomtur, com a orientadora e em outras situações, mostrou-se condição de brotação inconscientes do próprio sujeito pesquisador. Assim, “há ‘com-versações’ com, ‘com-versações’ entre e ‘com-versações’ em si mesmo”, como ensina a orientadora desta Tese. (Baptista, 2023)²⁸.

Dito isso, fica claro o esquizo traço que escreve e inscreve, recursivamente, esse texto, que, como produto material, se apresenta, irrompe das inscrições cruzadas, trançadas, representando também subjetividade e inconsciente, em sua percepção, a partir de Deleuze e Guattari (2004), como descrito por Wedling (2010), com condição desejanste de excesso e não de falta.

Se tomarmos o significado da palavra Esquizo, reconhecemos seu sentido e compreensão como partido, ou descrito como a divisão em partes, o que tomado como ponto de reflexão, apresenta o sentido com o qual é entendido o nosso pensamento sobre o inconsciente e sua subjetividade. É importante ressaltar que essas partes não são iguais, e o fato de que exista essa divisão, não é traço de falta de parte, e sim de completude e dissipação, como um fractal esfumado, dissipativo, plural e processual, como é próprio da percepção holística com a qual esse estudo se identifica.

Desse modo

[...] a análise seria então um intenso trabalho de colocar-se disponível nas situações da clínica, de escutar os discursos sem configuração prévia e intervir neles no sentido de desconfigurá-los, abri-los a outros sentidos, e não de configurá-los a partir da velha interpretação edipiana. Se ela foi útil a Freud em seu tempo, se ela torceu o quadro do entendimento da sua cultura ao colocar à mostra desejos incestuosos e assassinos no âmago da instituição que supostamente zelava pela moral e pelos bons costumes, seu valor resistiu não em seu conteúdo, mas em seu efeito de torção, de desconfiguração. Neste sentido, a tarefa da clínica é política por propor, no cotidiano, repensar as formações que nos acuum, desconfigurando-as. (Wedling, 2010, p. 11).

Baptista, Maria Luiza Cardinale. Declaração em Orientação Online. Diário de Pesquisa. Outubro de 2023.

A leitura que se faz sobre as perspectivas da esquizoanálise aqui divergem da autora em seu alinhamento com pressupostos epistemológicos de ciência. Apesar disso, a percepção sobre os sentidos em relação ao momento histórico e sociocultural do autor, apresenta perspectiva da produção de um olhar sobre o inconsciente e o desejo relacionados com a cultura do autor.

Desse modo, é importante salientar que o reconhecimento, para as contribuições de Freud e Lacan, como postos por Wendling (2010), bem como a leitura sobre desejo em Lacan, e Deleuze e Guattari, na dissertação da autora, contribuem, mas não em sua plenitude. A autora apresenta um contraponto entre Lacan e Deleuze e Guattari como sendo estruturalista e funcionalista respectivamente. Penso distinto, no caso de Deleuze e Guattari, visto que sua condição criação sobre a constituição política do inconsciente em Esquizoanálise, sinaliza muito mais para a dimensão holística como sinalizada por Crema (1989), do que para uma proposição funcionalista e racional.

De todo modo, a contraposição sobre a ideia de desejo apresentada pela autora, avaliando a condição sujeito e inconsciente, alinha-se com as percepções aqui apresentadas e que ficam claras no trecho destacado. Trata-se de uma orientação que reconhece a importância das proposições edipianas, para uma desconfiguração e abertura de sentido, sem ideais morais pré-estabelecidos, e que funcionaram muito bem na lógica sociocultural de Freud, e de fato, se apresentam como políticas na época de sua concepção. Tal condição, entretanto, quando assumida *a priori* e descontextualizada, posta em uma estrutura linguística dissociada de sua realidade socioespacial, apresenta inconsistências sentidas em sua própria condição política.

A atuação política do sujeito em sua relação com o mundo, representa sua inscrição enquanto ser relacional e ator da sua própria produção. Contudo, essa condição quando descontextualizada de sua condição sociopolítica, implica em uma percepção do sujeito que leva em consideração uma ideia de que sua produção é algo inato de sua constituição biológica psíquica.

Quando pensamos a relação do inconsciente do sujeito, em sua constituição singular-plural, ou seja, em uma constituição que considere suas características biopsicosociológicas, percebemos que orientar a concepção de sujeito somente pelas suas características individuais, mesmo quando se tratando de suas experiências, limita a análise sobre a constituição do seu inconsciente e de seu modo de existência em sentido amplo.

Se, descontextualizamos os sujeitos de sua condição política, buscando perceber seu inconsciente apenas a partir da estrutura do mito do Édipo, acabamos por produzir sentidos individuais, na constituição do sujeito e de sua atitude e atuação política no mundo. Isso gera distinções de compreensão, já que na verdade, na ação psicológica, indubitavelmente o sujeito produz coletividade. Seu inconsciente e conseqüentemente sua produção subjetiva e desejante, são constituições plurais singulares, que podem, eventualmente, imprimir uma estrutura lida a partir da analogia do mito edipiano, mas, quando restrita a apenas essa estrutura individual e descontextualizada, apresenta um sujeito lido apoliticamente, da sua condição ser sujeito coletivo singular. Isso impossibilita a compreensão de seus movimentos de e na vida.

Declaro isso, a partir da leitura de Wedling (2010), como forma de orientar o destaque que a autora apresenta frente a três importantes conceitos para pensar a Esquizoanálise, o conceito de Desejo, de Inconsciente e o próprio conceito de Esquizoanálise. No caso, o que se pode perceber no estudo é um aprofundamento no conceito de desejo, descrevendo o papel do inconsciente nos estudos de subjetividade propostos por Guattari e Deleuze.

Penso isso, para poder com alinhamento nos estudos do Turismo, interpretar o sujeito, um sujeito do Turismo em sua produção em dinâmica nômade, que se produz como sujeito em movimento, nesse caso, com um inconsciente singular plural, como contraponto à um inconsciente segregador.

Tomemos como princípio, nesse caso, a necessidade de explicar, antes de tudo, a Esquizoanálise, para, a partir daí tomar os conceitos de sujeito do inconsciente e desejo, com o propósito de apresentar a dinâmica processual incidente nessa lógica que significa, aqui, a percepção de movimento, como brotação de (Auto)Transpoiese, brotação de vida.

Segundo Deleuze e Guattari (2004):

a tese da esquizoanálise é simples: o desejo é máquina, síntese de máquinas, agenciamento maquinico — máquinas desejanter. O desejo é da ordem da *produção*; toda produção é ao mesmo tempo desejante e social. Portanto, censuramos a psicanálise por ter esmagado esta ordem de produção, por tê-la revertido à ordem da *representação* (Deleuze; Guattari, 2004, p. 390).

Em o *Anti-Édipo, Capitalismo e Esquizofrenia* (Deleuze; Guattari, 2004), a discussão pressupõe falar sobre desejo, pois é a partir do desejo que se desdobra a

percepção das limitações, na proposição do mito do Édipo para a compreensão do inconsciente e do sujeito como um todo. Essa leitura é contraposta, pela percepção sobre do atravessamento do traço capitalístico na realidade e existência da produção e reprodução do inconsciente.

A constituição sujeitada do inconsciente está justamente na constituição de inconsciente sujeita à composição capitalística sociocultural que o transpassa. Essa constituição torna a condição produtiva singular e coletiva, individual, fazendo com que o sujeito esteja submisso a máquina desejo em produção prioritariamente capturada pela lógica do capital.

Sendo assim, considero importante dar ênfase para a ideia de inconsciente proposta neste texto, em relação as possibilidades de percepção de sujeito encontradas a partir da interpretação da literatura usada para a construção desta Tese.

Proponho pensar a composição de um sujeito com um inconsciente 'Usina de Produção', como apresentado por Baptista inspirada em leitura da Esquizoanálise em confluência com a Biologia Amorosa do conhecimento e cultural de Maturana. A ideia é que há uma contraposição entre o Sujeito Trama de um inconsciente Usina de Produção, proposta pela autora, e o Sujeito de um inconsciente sujeitado.

A concepção de inconsciente sujeitada está ligada à ideia de acoplamento capitalístico dos sujeitos, o que se vincula as lógicas racionais, estruturalistas e funcionalistas.

Já na proposta de Baptista de um *Sujeito Usina de Produção*, o que há é o reconhecimento do acoplamento consciente inconsciente, que considera a produção contextualizada do ser sujeito político em existência plena, que produz consciente inconsciente e, dessa produção, se produz, (Auto)transpoieticamente.

Assim sendo, o sujeito do inconsciente em *Usina de Produção* produz-se transversalizado pelo acoplamento consciente e inconsciente, e reconhece essa dupla produção como a produção, poiese de si, a partir da sua composição em acoplamento máquina. Da lógica dos seus desejos, sua produção reconhece o complexo atravessamento do sujeito em seus múltiplos acoplamentos, em uma leitura que só pode ser percebida e interpretada holisticamente, como as bases epistemológicas nas quais este trabalho se assenta.

A percepção de produção do inconsciente, considerando o acoplamento com o desejo como máquina, reconhece o funcionamento dessa máquina na relação com

o campo social. O inconsciente permanece sempre sujeito, ainda que não necessariamente assujeitado, pois se produz e reproduz em um movimento recursivo de acoplamento e desacoplamento com as engrenagens maquinicas da produção social capitalística. Esse movimento recursivo pode ou não estar considerando o seu acoplamento desejante, a partir da (Auto)Transpoiese do sujeito, ou estar assujeitado à condição capitalística do meio no qual o sujeito está inserido.

O sócio é capitalístico. Então de que modo o inconsciente não seria? A resposta a essa pergunta, para Deleuze e Guattari (2004), está na proposição crítica edipiana. De fato, para os autores, a condição mítica do Édipo, coloca em xeque a noção de precedência entre Pai/Filho, na triangulação Pai/Mãe/Filho, visto que o pai que busca o assassinato do filho seria, de maneira precedente, acometido pelo vislumbre do assassinato do próprio pai em outrora, o que os autores chamam, de 'fantasma do inconsciente'.

A condição de existência edipiana, em dobras contextualizadas do inconsciente coletivo singular, é a necessidade da percepção social precedente à condição estruturada de uma linguagem familiar. Já a compreensão de uma existência familista, como apresentado por Deleuze e Guattari (2004) para o inconsciente é, essencialmente, baseada em uma construção núcleo familiar, baseada na condição sócio moral contextual, construída histórica e socialmente.

Dessa forma, a proposição da Esquizoanálise é uma proposição de comunicação inconsciente, “[...] que não tem absolutamente a família como princípio, mas, isto sim, a comunidade do campo social enquanto objeto de investimento do desejo” (Deleuze; Guattari, 2004 p. 367). Trata-se, aqui, segundo explica Baptista (2023)²⁹,

[...] da passagem de uma lógica estrutural de nucleação familiar da sociedade e, portanto, de mecanismos inconscientes decorrentes dessa lógica, para a compreensão de premissas caosmóticas, na composição de universos existenciais, envolvendo inclusive fluxos inconscientes que vazam o tempo todo, transparecem e agem o tempo todo. Esses universos são marcados por fluxos multidirecionais, incorporais a-significantes e significantes, em engendramentos maquinicos múltiplos de constante produção, em transversalidades desejantes.

Já em *Comunicação Trama de Desejos e Espelho*, Baptista (1996, p. 61) apresenta, sobre a subjetividade, uma argumentação que sinaliza para esse conceito,

Declarações em orientação online. Registros em Diário de Pesquisa. Outubro de 2023.

a partir do reconhecimento das singularidades, e dessa forma como o reconhecimento do processo de singularização. No caso, trata-se da percepção de conjuntos sociais de diferentes tamanhos com características heterogêneas e não universais.

A ideia de uma subjetividade como o conjunto de singularidades, em campos sociais não homogêneos, faz como que, aqui, a busca seja em consideração às subjetividades, por sinalizadores de singularidades, como atravessamentos em constante produção.

Baptista (1996), apresenta, a partir de Guattari, que as condições de produção constante, próprias da existência dessa subjetividade, maquínica, implicam diferentes níveis de relação de acoplamento humano e não humano, intersubjetivo. Essas múltiplas instâncias são manifestadas por aspectos sugestivos e identificatórios, interações maquínicas de diversas naturezas de dispositivos.

Ainda, o que considero a partir disso não é a negação das noções teóricas de Freud e Lacan, como contraponto para a apresentação da Esquizoanálise, mas o reconhecimento de que essas considerações negligenciam aspectos singulares, subjetivos, heterogêneos da constituição do inconsciente usina de produção, como refere Baptista.

Dessa forma, o que se apresenta é uma diferenciação em relação ao proposto na Psicanálise, diferença essa que “[...] está na ruptura com o determinismo e com a supremacia de alguns aspectos. Com noções de Guattari têm-se uma ampliação, um aprofundamento [...]” (Baptista, 1996, p. 61). Esse aprofundamento contribui para a percepção do complexo processo de acoplamento maquínico, próprio da produção de subjetividade, quando essa é reconhecida de forma heterogênea.

A noção de Esquizoanálise, nessa Tese, é cara, pois trata da condição subjetiva processual produtiva do processo comunicacional, de encontros agenciados que se produzem em relação ao inconsciente e ao sócio produtivo. É importante, por relativizar a proposição em *O Anti Édipo*, não só como uma crítica pela crítica, mas como a possibilidade de um aparelhamento científico de ampliação. Desse modo, alinho o que não é declarado textualmente por Deleuze e/ou Guattari, em alguns dos textos que trabalho aqui, mas absolutamente é condizente com suas proposições. Esses pressupostos e ficam claros a partir de Baptista nos textos esquizoanalíticos da autora.

A Esquizoanálise, nesse ponto, possibilita a compreensão da subjetividade como produção subjetiva, coletiva e singular, sobreposta à noção de indivíduo ou

individuação. Como apresentado por Baptista (1996), alinhada com a noção esquizoanalítica de Deleuze e Guattari (2004), a relação indivíduo/sujeito não é de sinônimos, e no caso no texto aqui trabalhado, trata-se de evidenciar suas diferenciações.

O sujeito é uma ampliação de sentido e percepção, não corresponde à menor parte social, no sentido de descolar o indivíduo de seu contexto coletivo. Ao mesmo tempo, não se trata de tornar coletivas as características heterogêneas de cada pessoa. A composição que tratamos aqui significa a percepção de que tanto condições heterogêneas, singulares, quanto as coletividades homogêneas dos sujeitos são atravessadas, recursivamente, por uma e outra, em maior ou menor medida, quando da produção cotidiana dos sujeitos.

De fato, a abordagem esquizoanalítica envolve a dimensão de agenciamentos maquínicos. Compreende que o sujeito, em sua produção, se apresenta em intensidades desejantes agenciadas. Estas intensidades são postas em movimento, atravessado e acoplado ao seu campo social (Deleuze; Guattari, 2004) ou, ainda, ao seu universo existencial.

Deleuze e Guattari (2004, p. 368) dizem que “todo investimento inconsciente mobiliza um jogo delirante de desinvestimento, de contrainvestimentos, de sobreinvestimentos.”. Essa condição mobilizadora, que vamos tomar mais profundamente a partir da concepção de movimento em Esquizoanálise, pode ser dividida em dois grandes tipos de investimento social. São eles: um **Segregativo** e outro **Nomádico** ou, ainda, um que segrega e outro que é nômade.

Essa posição não é uma proposição que antagoniza o segregativo ao nomádico, de modo que não se trata de algo que destaca a existência limitante de um polo segregativo, em Psicanálise, e um polo nomádico, em Esquizoanálise. Ao contrário, na ampliação de sentido, proposta pelo pensamento de Guattari e Deleuze, como em transversalização para Guattari, em *Revolução Molecular* (1985), há de se considerar os atravessamentos nos investimentos, na constituição subjetiva de um inconsciente que é coletivo singular, de desinvestimento, contrainvestimento e sobreinvestimento.

O investimento social segregativo é condição paranoico fascistizante. Segundo Deleuze e Guattari (2004), reconhece um tratamento individual do inconsciente, que, associado ao aporte psicanalítico, toma essa parte como produção de um polo paranoico, que segrega o desejo como condição de falta. Esse polo é o investimento

na formação centralizadora de soberania de formas sociais históricas, é contrainvestimento aos “enclaves ou a periferia, e desinveste toda livre figura do desejo — sim, sou um de vocês, da classe da raça superior” (Deleuze; Guattari, 2004, p. 366). Essa produção inconsciente subjetiva aparece capturada, presa no Beco, sem ser capaz de vislumbrar VIELAS.

Já o investimento nomádico é de escapadas nômades pelo polo esquizo revolucionário, que segue as linhas de fuga do desejo, que passa o muro e faz com que haja investimento nos enclaves ou na periferia do trânsito da livre figura do desejo. O polo esquizo revolucionário, “[...] faz com que passem os fluxos, que monta suas máquinas e seus grupos em fusão nos enclaves ou na periferia, precedendo ao inverso do precedente: não sou um de vocês [...]” (Deleuze; Guattari, 2004 p. 366).

Ainda, é dito pelos autores:

As pessoas de bem dizem que não se deve fugir, que isso não é bom, que é ineficaz, e que é preciso trabalhar por reformas. Mas o revolucionário sabe que a fuga é revolucionária, *withdrawal*, *freaks*, com a condição de levar consigo a toalha, ou de fazer levar consigo a toalha, ou de fazer fugir um pedaço do sistema (Deleuze; Guattari, 2004 p. 366).

O que me parece que precisa ser dito é que **a Esquizoanálise é Favelada**. Desterritorialização, Simulação e Reterritorialização espelham os movimentos nômades apresentados no polo esquizo da produção maquínica, singular do inconsciente do sujeito esquizo. O espelhamento dessas ideias é posto, aqui, de maneira análoga, como a produção entre Becos e VIELAS do sujeito Favelado; a Desterritorialização, como o encontro com o Beco; a Simulação, como o movimento de vislumbrar VIELAS; e a Reterritorialização, como o trânsito pelas VIELAS.

O sujeito favelado aprende a fugir desde cedo, pela necessidade de continuar em movimento, pois a Favela é existência que, para fazer brotar, pressupõe a capacidade de se mover, esticando os limites da andagem, a capacidade de uma ‘malandragem’ singular, uma capacidade de vislumbrar devires, atravessar mundos pela sua capacidade criativa de investimento desejante.

Se tiver vontade, vem
Mas saiba, você já não é minha metade
Pra felicidade depender de ninguém
'To de papel assinado com a liberdade
Pra provocar você, pra provocar você, pra provocar você
Nenhum juízo e pouca roupa
Pra provocar você, pra provocar você, pra provocar você
'Cê 'tá de rolê com o último bom malandro

Vem comigo, mami
 Somos uma estirpe em extinção
 Arara vermelha **na esquina**
 Mico-leão **no beco**, de peça na cinta
 Leva de garça branca pra cima
 Pra onça pintada fechar os plaquê do dia
 É uma selva de pedra e animais loucos
 Nesse endereço, onde **arma é adereço**
 E a rivalidade entre iguais viram **almas ao avesso**
 Atendendo ao interesse dos que fazem pensar que esse mar não 'tá pra
 peixe
 Eu vi sangue irrigar terra seca e um atravessar com sede
 Ô, gata, 'cê 'tá num rolê com o **último bom malandro**
 Vem comigo, mami
 Somos uma **estipe em extinção**
 E que fique assim então
 Vamos desreproduzir a Terra
 E desperdiçar o amor em Vênus
 Em látex não teremos guerra
 Em látex só nós viveremos
 Malandra, 'cê 'tá com o **último bom malandro**
 Vamos **andar livres pelo mundo**
Fugindo dos cana e seus opores
 Onde nós sejamos o comando
 Pagando as comanda com as garopa
Pra onde as garopa não comanda
 Onde o gasto sempre vale o gosto
 O sal do teu suor, nessa carne crua tempera a mistura nas curvas
 É o máximo fulgor
 É brilho de pérola escura, num corpo à penumbra
 Um sol de Salvador
 Distorce a janela do quarto em sombras de Dali, vem lapidar a dor
 O calo da arte em cores de Frida, o cálice
 O calo do salto e um gole de champanhe, a vida no ápice
 O salto do alto do vale no ar do seu íntimo errático
 Na estrada sentido cidade do êxtase, brisa de ácido
 Difícil é não ser vício eu e você, tipo a vida no máximo (CHRIS MC; et.al.
 2018).



A malandragem é o reconhecimento dos Becos e Vieiras, como traço polo esquizo de investimento, em um investimento de brotação inconsciente e espontânea. Trata-se de uma produção maquínica, que percebe, no sujeito, investimento subjetivo de movimentos entre dois polos de um inconsciente que se inscreve (Baptista, 2000; 2013), em dobras deleuzianas (Deleuze, 1991). O que a Favela apresenta é traço esquizo de uma escrita em linhas também de fuga, em relação a um filamento hegemônico, o que simboliza uma produção e uma reprodução, que, muitas vezes, pode soar como contraditória.

Dessa contradição aparecem antagonismos, como a violência poética de falar de uma realidade sexualizada, poder se sentir livre de sua produção sexualizada enquanto sujeito que encontra no seu cotidiano aspectos de sexualização, mas que ao mesmo tempo, aprendam amarras que reduzem o sujeito a um significado

puramente sexual, ou ainda que fere a própria existência do sujeito, para além de sua implicação reprodutora.

Isso se dá ao reconhecer que as dinâmicas socioprodutivas do Capitalismo Mundial Integrado estão constantemente em produção que, quando singular, é passível de ser capturada. Quando isso acontece, o sujeito novamente retorna a uma produção de subjetividade não desejante. Ou seja, os sujeitos que não estiverem em movimento: 1- não são capazes de conseguir a manutenção de sobrevivência capitalística; 2- não são capazes de questionar essa sobrevivência; 3- não compreendem que esse questionamento os coloca em condição, não de desinvestimento nessas engrenagens, mas em condição de produzir nelas, de produzir a partir delas, e de fazer do seu acoplamento à capacidade de sobrevivência, de re-invenção, (Auto)Transpoiese (Baptista, 2022).

A disposição posta, aqui, singulariza então uma relação do sujeito com sua subjetividade, na sua condição/contexto social, na relação com um Capitalismo Mundial Integrado (Guattari, 1985). Essa relação, nesse contexto, resulta uma posição de inconsciente sujeitado ou como Usina de Produção, em que ou o sujeito é condenado a uma condição de falta, ou o sujeito produz seu investimento nos movimentos do desejo que o põe frente a uma existência simbólica medíocre ou 'deslucada' em relação a suas escolhas de vida, de ter e de ser.

A estruturação na produção desse investimento, alinhado com o polo segregatório do desejo, como apresentada por Wedling (2010), ou mesmo nas relações comunicacionais como apresentadas por Baptista desde 1996, colocam o sujeito em uma condição aprisionada, segregada.

Vemos a partir de Baptista (1996), que o devir pleno é uma condição de investimento no polo esquizo, inalcançável como completude, se visto em contexto social atual. Por isso, não se trata do gozo desmedido ou a crença de que isso é alcançável ou inalcançável, mas de um investimento na possibilidade de gozo do desejo em plenitude, do investimento no alcance do desejo, não como instituição, mas como processo. Baptista afirma que "o desejo é o caminho desejante, e não um ponto final."³⁰

Baptista, Maria Luiza Cardinale. Declaração em Orientação Online, referente ao texto da Autora (Baptista, 2013) Diário de Pesquisa. Fevereiro de 2024.

De modo que, na prática, a estrutura apresentada pelo inconsciente como posto pela linguagem, o coloca em uma condição de percepção sobre si, no sentido de que, 'não há o que possa ser feito', 'aquilo que eu quero é impossível'. E ainda, o sujeito se põe a sonhar desmedidamente, e a gozar linhas de fuga que cristalizam nele, mesmo que não para ele, se vê em uma condição de louco sonhador, de militante desconectado das realidades vividas e sentidas. Nesta lógica, Baptista explica que "o desejo é uma prévia condenação à frustração"³¹.

Significa dizer que, na polarização do investimento inconsciente em direção ao desejo, o desejo como falta contrapõe o desejo como potência. Na percepção esquizo de investimento inconsciente em direção ao desejo, o desejo como falta é irrelevante no âmbito da produção, pois, os movimentos são constantes em direção à potência de desejar, e não de realizar. No caso, conforme Baptista "o desejo é prática de produção desejante, é movimento, **é agenciamento de confiança no devir**"³².

O inconsciente do sujeito que deseja, na Favela, malandramente, se coloca em deslizamentos de quem se escreve e inscreve na relação com o Capitalismo Mundial Integrado em linhas de fuga. Isso ocorre reconhecendo as linhas hegemônicas, mas a partir delas, produzindo devires (Guattari, 1985) e dobras (Deleuze, 1991), que possibilitem não só o gozo de desejos, mas a capacidade de desejar sempre.

Disso decorre a percepção de contradição, de uma condição que insere, em realidade discursiva da Favela, a relação violência/paz, beleza/'feiura', abundância/pobreza, educação formal/educação informal, etc. Como apresentado por Freud, em *O Estranho* (2010), a condição estranhamento familiaridade, como na palavra comum a dois significados, no alemão (*Unheimliche*), pressupõe aproximação entre estranhamento e familiaridade, em que se reconhece naquilo que se acha aversivo, na verdade uma relação com o recalque no inconsciente.

Na realidade de produção subjetiva do desejo, contudo, mesmo quando se percebe o recalque psicanalítico, o que há é o sujeito que transita entre investimento esquizo e segregatício, que, no caso da Favela, pode estar representado entre o estranhamento paranoico e a familiaridade do devir esquizo. O que há, na realidade, é um sujeito que, inserido no Capitalismo Mundial Integrado, produz subjetividade

Baptista, Maria Luiza Cardinale. Declaração em Orientação Online. Diário de Pesquisa. Fevereiro de 2024.

Baptista, Maria Luiza Cardinale. Declaração em Orientação Online. Diário de Pesquisa. Fevereiro de 2024.

alinhado com as transversalizações próprias desse sistema, mas, ao se deparar com segregações, faz brotar linhas de fuga desejantes, que produzem na sua subjetividade formas de vida.

O que se quer dizer com isso é que não se trata de uma característica inata de quem vive em Favela fazer brotar em território de intempérie. Trata-se de uma condição de produção subjetiva do desejo, que está alinhada com múltiplos investimentos, que, ao se deparar com Becos, produz Vuelas. Ainda, essas Vuelas vislumbradas são próprias do conhecimento e do sistema de referências possíveis, daquilo que é familiar, ainda que estranho por nunca ter gozado, é próprio da produção desejante do sujeito.

Esse estranho familiar cria, para o sujeito favelado, a capacidade de brotar como Favela na Favela, ser brotação espontânea em território de intempérie, enquanto é território de intempérie de brotações desejantes. Ou seja, o sujeito Favelado produz as suas próprias brotações desejantes, transversalizado pelo Capitalismo Mundial Integrado, também como sistema de referência. A medida que isso acontece, cria-se, ainda assim, um sistema de referências hegemônicas do próprio sujeito com a produção da Favela, que, muitas vezes, é subvertido por novas brotações espontâneas do próprio sujeito ou do coletivo singular no qual o sujeito se insere.

Isso se põe na convergência entre ser capaz de se postar na ordem do Capitalismo Mundial Integrado, na aproximação entre os significados do investimento segregador, que cria percepções estéticas imobilizadoras que necessitam de grande esforço para seguir se movimentando. Essas condições de esforço promovem, no sujeito favelado, a habilidade de deslizamento por linhas de fuga, produções desejantes esquizo, que, muitas vezes, fazem perceber a existência da Favela capitalística, e o avesso dessa existência, na produção de existência continuada do sujeito. No caso, promovem uma Favela que, segregada não viaja, mas que, na ordem dos fractais do seu desejo, produz essa condição em seu caminhar malandramente escrito, inscrito e esquizo, e nessa produção desejante, viaja esquizograficamente.

Quer dizer, viaja do seu jeito, por fora dos modos cristalizados de Turismo ou Lazer. Viaja como pode a pé percorrendo Becos e Vuelas, ou subindo morro, de ônibus, de trem, de vans, motos, com carros emprestados, com ou sem sintoma de segurança. Restaura-se também como pode, com comidas e bebidas compartilhadas,

arrumada e produzida em conjunto, no compartilhamento da divisão que multiplica, porque se faz em entrelaces de cooperação, de amorosidade, na lógica matrística.

As Esquizografias de viagem são, portanto, inscrições múltiplas de grafias (marcas) singulares de sujeitos que inventam vida em territórios de intempérie. Expressam-se em fluxos de vida que, na Favela, se enxerga por toda a parte, em meio também aos escombros de construções inacabadas e das enjambrações arquitetônicas com o possível material/recursos produzidos, ganho conquistado. Assim a Favela dança, faz música, faz bailes, rodas de samba ou funk, encontros nos botecos, peladas (jogos de futebol) em parques arranjados, como dizia a canção 'vivendo e aprendendo a jogar [...] (Elis Regina, 1980).

As Esquizografias de Favela são expressões derivativas de potência de invenção de modos de ser, viver, fazer Turismo e Lazer. Em sentido lógico, no linguajar tão familiarizado pelo capitalismo contemporâneo: a Favela Esquizografia é território de inovação.

Assim, a Favela vence, quando promove a diminuição de distâncias existentes nos movimentos, distâncias não necessariamente geográficas, mas na condição subjetiva de significações das suas aspirações. A vitória é a percepção de que, na Favela, para a Favela, as distâncias não se tornam oposições, de modo que os sentidos (sentires) não se tornam competitivos (impeditivos).

Desse modo, a Favela inscreve e escreve linhas esquizo, que são inscrições, grafias a partir da própria desterritorialização desejante dos movimentos do próprio desejo. Grafias que fazem com que o sujeito favelado não negligencie o polo segregador na sua realidade, reconhecendo em transversalidade com a sua subjetividade, alinhamentos com as representações do Capitalismo Mundial Integrado. São Esquizografias que fazem da relação entre o devir, dessas engrenagens, a capacidade de 'malandramente' escrever e re-escrever sua existência esquizo, na plena capacidade de se manter desejando.

3.2 SUJEITO TRAMA - APONTAMENTOS PARA ENTENDER O CAMINHO PELA ESQUIZONÁLISE DA FAVELA

Passo a questionar, então, qual o sujeito desse lugar que deseja e como esse sujeito deseja? Qual o motivo desse desejo? Quem é esse Sujeito? Para falar de desejo e poder configurar um sujeito que deseja e tem, no gozo do desejo, a

oportunidade de se derramar, pela simples pulsão desejante, é necessário que seja apresentada, mais aprofundadamente, a noção de sujeito-trama.

Conceitualmente, a partir de Baptista (1996; 2018), a noção de sujeito da Comunicação Trama, e posteriormente a noção de sujeito Trama do Turismo (2016), exprimem, com clareza, a importância epistemológica que essas concepções têm no texto, mas para aprofundar essas duas concepções na proposição de Tese aqui apresentada, a ideia é poder apropriar esses conceitos a partir de uma narrativa discursiva que apreenda, a minha condição transitiva por uma história que culmina nessas proposições teóricas, e principalmente epistemológicas.

Quando tomamos o conceito (assim chamado pelo autor) de sujeito em Elia (2010), uma das grandes problemáticas que circundam conceitualmente o sujeito e o inconsciente para Psicanálise, é a multiplicidade de abordagens que condicionam uma separação ou a percepção de múltiplas possibilidades e sujeitos.

Apresento a noção de sujeito desse autor, mais pela abordagem do que exclusivamente pela sua descrição conceitual, visto que, como apresentado anteriormente, as aspirações epistemológicas aqui postas têm maior afinidade com a Esquizoanálise do que com a Psicanálise.

Tanto psicanaliticamente como esquizoanaliticamente, no entanto, os limites conceituais impostos à ideia de sujeito, quando apropriados desde a Filosofia, na deriva histórica da Epistemologia, aparecem com maiores pontos de proximidade do que de distanciamento, demonstrando narrativamente que não se trata de uma oposição Esquizoanálise X Psicanálise. Segundo Elia (2010):

Lacan afirma que “o sujeito sobre o qual operamos em psicanálise não pode ser outro que não o sujeito da ciência”. Afirmção sempre espantosa à primeira vista, porque nos faz perguntar: Como assim? Como é possível que o sujeito da psicanálise, do inconsciente, seja o mesmo da ciência, se psicanálise e ciência são tão diferentes precisamente quanto ao sujeito? Como é possível que o sujeito do inconsciente já estivesse colocado pela ciência, se psicanálise e ciência são modos tão diversos do conhecer e do fazer? (Elia, 2010 p.15).

Nesta Tese, é importante deixar claro que o sujeito, o sujeito trama, é também um sujeito trama de saberes, sendo assim, o trabalho aqui produzido é um trabalho no sentido de reconhecimento de que essa trama de saberes é um substrato fundante, necessário para a Ciência.

Tentando responder a algumas das questões do trecho destacado, não a partir da Esquizoanálise ou da Psicanálise, mas a partir da trama conceitual que significa, potencialmente, o cerne da abordagem teórica desta Tese, a condição de que o sujeito é o mesmo na Ciência é acertada.

Tanto a Esquizoanálise quanto a Psicanálise percebem o sujeito numa orientação que não pode ser desconsiderada cientificamente. Sendo assim, o sujeito de Favela, que escreve e inscreve esta Tese esquizo, de maneira múltipla e processual, o faz em produção esquizográfica. O substrato de fundação dessa expressão, é o reconhecimento de que o sujeito da Ciência, da Psicanálise, da Esquizoanálise, do Turismo ou do Lazer, aqui é uma trama de atravessamento de Fazer e Saberes desejantes, em brotação no território de intempérie. Aspecto que faz brotar entre Becos e Vielas, vislumbres de um devir Viela.

Sendo assim, naquilo que não se acredita Ciência, ou naquilo que se acredita Ciência, o sujeito continua sendo uma possibilidade científica e, assim, precisamente a compreensão de um encontro com o vislumbre de uma Viela para essa questão, considerando a problemática sobre sujeito, o encontro como um Beco científico. Quer dizer, a limitação estruturante antagônica da Ciência e da compreensão de sujeito, conseqüentemente, pode ser percebida como Becos, que surgem em uma Ciência potencialmente estruturada, e que, sem os vislumbres Vielas, o devir de um estiramento nos limites científicos, não há possibilidade de transcender.

Por conta disso, '*Sapere Aude!*' A condição expressiva do termo em atrevimento precisa ser retomada, não pela institucionalização conceitual da categoria sujeito/inconsciente, mas pela possibilidade de se permitir múltiplas faces, fractais conceituais desse sujeito, que não o desfiguram a ponto de desconsiderar seu rigor científico ou mesmo desconsiderar que essa concepção possa ser considerada como sujeito.

Em busca da ampliação conceitual sobre o sujeito e, conseqüentemente, sobre o inconsciente, a pressuposição aqui envolve a consideração da pesquisa como viagem investigativa, produzida e envolvendo sujeitos, em condição singular e plural, ou seja, como ampliação de sentido que propõe o próprio sujeito, a partir da concepção máquina de corpo sem órgãos (Deleuze; Guattari, 2004; 1995). Essa condição se alinha com a proposição de uma abordagem epistemológico teórica que se apresenta a partir das 'com-versações' (Baptista, 2021). No caso aqui, o texto é uma narrativa de 'com-versas' pessoais e com os textos que alinham com a

proposição epistemológica da Favela. Desse modo, a Favela que se apresenta como brotação-sujeito neste texto é complexa singular, mas coletiva na composição de atravessamentos tramados. Trata-se do reconhecimento, a partir de uma trama teórico empírica, resultante da minha relação com Baptista e com os autores inspiração do Amorcomtur!, das 'com-versas' com a autora, e da minha relação coletiva e singular com a Favela.

É interessante, nesse sentido, a apresentação da composição Sujeito Trama do Turismo na Favela. Baptista (2016), quando fala sobre sujeito trama, explica que a ideia da trama como a transversalização do sujeito pelos múltiplos aspectos sociais, ambientais e psíquicos, trazendo a percepção de uma diferença entre a noção de indivíduo e sujeito. A autora apresenta que a ideia de sujeito (em contraposição a noção de indivíduo) é acertada, visto que essa reconhece a complexa rede, teia trama de entrelaçamentos comunicacionais, próprios das relações interpessoais.

Vale destacar que a proposição do conceito sujeito-trama para o Turismo alinha-se aos meus estudos na área da Comunicação Social, em que cunhei o conceito 'comunicação- trama', para representar a complexidade do processo comunicacional. Propus a seguinte definição: Comunicação é interação de sujeitos, através do fluxo de informações entre eles, numa espécie de trama-teia complexa, composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis, corporais e incorpóricas, significantes e a- significantes, podendo ser ou não mediada por dispositivos tecnológicos, na constituição de algo como um campo de força de encontro de energias, decorrente dos universos de referência de cada sujeito envolvido (Baptista, 2016, p. 1084).

Percebo, então, uma trama de subjetividades maquínicas, escritas e inscritas no corpo sem órgãos do sujeito trama complexo, singular coletivo. Essa condição é alinhada nos estudos de subjetividade e de uma ciência holística, por Baptista (2016). A autora apresenta a percepção de um turismo como uma trama de encontros comunicacionais interacionais de sujeitos, de maneira que sejamos capazes de acessar os afetos dos encontros presentes nessa trama.

Tomemos, então, a condição trama e, a partir dessa condição trama, a tentativa de entender a importância desse sujeito e dessa percepção de sujeito na compreensão de Favela. **Em estando a serviço dessa complexidade Favela, que é sujeito de um devir sujeito trama, vamos tentar explicar o motivo de essa produção desejante ser imprescindível na construção narrativa sobre nossa concepção de Favela.**

A maneira como apresento essa condição sujeito inconsciente, como foi dito anteriormente, parte do encontro com os estudos de Baptista e se aprofunda esquizoanaliticamente, a partir da relação Filosofia/Psicologia, presente na parceria entre o filósofo Gilles Deleuze e o psicanalista Félix Guattari.

Tratar tanto um quanto outro como filósofo ou como psicanalista é absolutamente reduzir a potencialidade de suas contribuições científicas, para a proposição de uma leitura de estudos de subjetividade. Algo que, no caso aqui, se expande e toca, por exemplo, os estudos do Turismo e do Lazer. Essa abordagem reducionista é recurso literário proposital para a percepção a partir da redução dos autores, de maneira a explicar suas contribuições como ampliações de sentido e de sentires de suas produções, e dos seus alinhamentos produtivos, quando em parceria unida e estabelecida.

De fato, Deleuze, em texto individual, apresenta da sua relação com Guattari, pontos importantes sobre a concepção da interação entre sujeitos, em uma trama indissociável dos seus próprios sentires. Ele explica que é absolutamente complementar a sua capacidade de perceber o inconsciente e o sujeito.

E depois houve meu encontro com Félix Guattari, a maneira como nós nos entendemos, completamos, despersonalizamos um no outro, singularizamos um através do outro, em suma, nos amamos. Isso deu *O anti-Édipo*, e foi um novo progresso. Eu me pergunto se uma das razões formais para a hostilidade que às vezes surge contra esse livro não é justamente por ter sido feito a dois, uma vez que as pessoas gostam de brigas e partilhas. Então tentam separar o indiscernível ou fixar o que pertence a cada um de nós. Mas visto que cada um, como todo mundo, já é muitos, isso dá muita gente. E sem dúvida não se pode dizer que *O anti-Édipo* esteja livre de todo aparato de saber: ele ainda é bem acadêmico, bastante comportado, e não chega a ser a pop'filosofia ou a pop'análise sonhadas. Mas surpreende-me o seguinte: os que acham sobretudo que este livro é difícil são aqueles com mais cultura, principalmente cultura psicanalítica. Eles dizem: o que é isso, o corpo sem órgãos, o que quer dizer máquinas desejanças? Ao contrário, os que sabem pouca coisa, os que não estão envenenados pela psicanálise têm menos problemas, e deixam de lado o que não entendem sem preocupação. É por isso que dissemos que este livro, pelo menos de direito, se dirigia a pessoas com idade entre quinze e vinte anos. É que há duas maneiras de ler um livro. Podemos considerá-lo como uma caixa que remete a um dentro, e então vamos buscar seu significado, e aí, se formos ainda mais perversos ou corrompidos, partimos em busca do significante (Deleuze, 1992 p. 16).

Os pressupostos da Esquizoanálise envolvem ampliação de sentido, tanto das ideias de sujeito quanto das ideias de um inconsciente restritivo e reducionista. Na verdade, a deriva histórica dos estudos de Deleuze e de Guattari, coletiva e singularmente, quando escrevendo em conjunto ou separados, se transversaliza em

uma produção política aproximada e composta, ainda que, muitas vezes, dissipativa e fractal, não separa, segrega, um e outro autor individualmente.

A leitura das dobras deleuzianas como proposição teórica (Deleuze, 1991), bem como a concepção de transversalização e devir, em *Revolução Molecular*, de Guattari (1985), se complementam. Isso ocorre, principalmente, pois, como ação política de escrita científica, esses textos são precedentes de uma trama de orientação de percepção da deriva histórica científica e epistemológica, que, em muitos sentidos, é revolucionária.

Dizer isso absolutamente não é colocar um e outro no mesmo 'balaio', ainda que eu pense que, para um e para outro, isso não seja sentido ou pensado como um problema. Essa leitura é decorrente de um aprofundamento na bibliografia de um e de outro, que se complementa, transversalizando-os (Guattari, 1985) e compondo um rizoma esquizoanalítico complexo (Deleuze; Guattari, 1995).

Resgato, então, a questão da carta a um crítico severo, presente no texto *Conversações*, de Gilles Deleuze (1992). Apresento, a partir do processo de um e de outro autor, elementos como potencial para a percepção de como a trama subjetiva envolvendo o Turismo é sinalizada nos olhares dos autores. A ideia é salientar para possíveis contribuições para a compreensão da percepção das subjetividades trama. Isso significa percebê-los, Deleuze Guattari e suas transversalizações, de maneira tramada, em produções desejanter, singulares e coletivas.

Deleuze tem sua trajetória constituída bibliograficamente, fundada principalmente na produção sobre a história da filosofia. De maneira crítica, mas principalmente irônica, o autor apresenta textos sobre Kant, Foucault e Nietzsche (Deleuze, 1992), disponibilizando uma série leituras sobre suas aspirações e inspirações. No texto *Conversações* (Deleuze, 1992), o autor declara sua intenção para falar sobre autores que lia com admiração, mas sempre na busca e tentativa de ampliação de sentido, isso quando percebido do ponto de vista de produção e reprodução de limites científicos.

Essa produção, alinhada com os compostos críticos, de matriz principalmente marxista na atuação política de Félix Guattari, é perceptível no reconhecimento na produção psicanalítica crítica, para ampliação de sentidos na atuação profissional psicanalista. Na sua relação com a produção política e com o Capitalismo Mundial Integrado, Guattari e Deleuze encontram eco de significação e afinidade de um e outro

autor, bem como deles com outros parceiros (Guattari, 1992, 1985; Guattari; Rolnik, 1996).

A relação de Guattari e depois de Deleuze com as produções políticas do Maio de 68 significa, molecularmente, a relação de dois autores com máquinas de produção molares³³. Indica também a insatisfação com a inexistência de uma grande máquina de revolução molecular, assim como sinaliza para a necessidade de uma micropolítica desejanter, capaz de promover revoluções no nível singular subjetivo (Guattari, 1985; Guattari; Rolnik, 1996; Deleuze; Guattari, 1995).

A ordem de uma produção de subjetividade que contemple as condições socioprodutivas do desejo envolve uma relação com o Capitalismo Mundial Integrado, como ordenamento hegemônico das produções objetivas e subjetivas do inconsciente, o que Guattari (1985) chamou de **produção molar**. A contraposição a essa produção, uma produção da ordem do desejo esquizo, inscrito em linhas de fuga, não capturado pela máquina capitalística, ele convencionou chamar de **revolução molecular**.

Dessa ordem, na minha leitura, emerge a concepção de uma produção que reconhece na relação e no ato de gozo do desejo pleno uma revolução política. Isso se dá, pois entendo o gozo pleno não como momento, mas como, para Deleuze e Guattari (2004), o pleno ato de desejar, na ordem e constituição de sua própria subjetividade.

É algo que acontece em grupos e grupelhos³⁴ (Guattari, 1985). Isso aparece na ordem de um inconsciente que se inscreve como trama nas relações estabelecidas pelas relações comunicacionais da ordem de significantes e a-significantes, em traços de espelhamento, especularidade dos encontros comunicacionais, como apresentado por Baptista (1996).

Texto se refere à apresentação de Guattari (1985) sobre produções políticas em linhas de grandes estruturas, no caso Molares, em contraposição a produções e acoplamentos subjetivos politicamente, no caso Moleculares.

O termo aqui é usado em referência ao texto 'Revolução Molecular' de Guattari (1985), em que o autor contrapõe a ideia de Molar ao Molecular, e sinaliza para a percepção de uma mesma contraposição entre Grupos e Grupelho. O tempo em síntese no português significa 'panelinha', mas na analogia proposta por Guattari, a significação está na percepção de que a subjetividade é coletiva, em grupo, e na construção da mesma, sempre há a possibilidade de o grupo ser sujeito, ou usina de produção como se refere Baptista, ou do grupo ser sujeito, daí a terminologia contraposta, Grupelhos X Grupo, respectivamente.

Se olharmos para a concepção de desejo a partir da leitura esquizo, como apresentado por Wedling (2010), temos a condição de perceber essa afirmativa, a partir da sinalização de linhas de fuga, que aqui são tratadas como inscrições do desejo. Essa construção pode ser vista em marcas, elementos significacionais a partir de produções a-significantes nas produções de subjetividade dos sujeitos de Favela, algo que aparece nos textos conjuntos de Deleuze e Guattari (1995; 2004).

O que estou propondo aqui, não é a necessidade de pôr, como oposição bélica, as perspectivas antagônicas, para perceber o inconsciente e o sujeito, e sim uma leitura capaz de contemplar o inconsciente, como presença imanente e fluxo constante, como uma teia-trama de interação de afetos (Baptista, 2016).

É nessa perspectiva que se compõe a percepção de sujeito e de inconsciente como trama de saberes e fazeres, em que sujeitos são percebidos a partir das relações complexas estabelecidas, de modo que o que chamo de sujeito significa, para além da menor parte das relações sociais, uma trama de atravessamentos de elementos (significantes e a-significantes) na composição de subjetividades que são aqui estudadas.

Temos sinalizado na Esquizoanálise, elementos que representam esse sujeito múltiplo de saberes e fazeres em trama, aspecto que relaciona na sua produção subjetiva, o reconhecimento dos múltiplos elementos significante e a-significantes de um processo desejante. Nesse caso, percebo na minha leitura dos autores, sinalizadores de subjetividades desejantes de lugares e sujeitos, algo que está em alinhamento com a noção de sujeito do Turismo e sujeito favelado, como sujeito de saberes e fazeres em devir, em movimento.

Esse sujeito é composto, se percebermos a viagem como processo desejante, desde sua matriz que aparece nos estudos de Esquizoanálise, e isso é representativo do que proponho aqui. Movimento faz parte da composição subjetiva do desejo do próprio sujeito. Sendo assim, inicia-se na sua psique e se transforma continuamente. Ainda, se o sujeito é privado ou se esse movimento é capturado pelos acoplamentos com o Capitalismo Mundial Integrado, o que ocorre é o mesmo que a privação do desejo, do ato de desejar.

Na minha leitura dos dois autores, como venho apresentando até aqui a partir dos parágrafos anteriores, Deleuze, sinaliza em resposta a uma carta crítica direcionada para ele, algo que entendi como explicitamente alinhada com a ideia de Turismo e Lazer, de sujeito do Turismo e do Lazer com a qual trabalho nesta Tese.

Entendo que esses elementos aproximam assim a Esquizoanálise, da proposição Esquizografias de Favela, como essencialmente esquizoanalítica, de um sujeito trama de saberes e fazeres Favelados.

Quando criticado, Deleuze escreveu por carta, sua percepção de elementos marginalizados, favelizados nas suas próprias teorias e escritas, e como essas muitas vezes acabavam sendo sentidas por ele em seu espaço acadêmico. Se trata de uma sinalização para movimentos e viagens que corroboram o traço pelo qual me proponho a caminhar aqui, e que tento apresentar no trecho a seguir.

Passo então a sua outra crítica, mais dura e mais penosa, que consiste em dizer que sempre estive a reboque, poupando meus esforços, me aproveitando das experimentações dos outros, bichas, drogados, alcoólatras, masoquistas, loucos..., etc., degustando vagamente suas delícias e seus venenos sem jamais arriscar nada. Você usa contra mim um texto que eu mesmo escrevi, onde pergunto como não tornar-se um conferencista profissional sobre Artaud, um amador mundano de Fitzgerald. Mas o que sabe você de mim, uma vez que eu acredito no segredo – quer dizer, na potência do falso – mais do que nos relatos que revelam uma deplorável crença na exatidão e na verdade? **Se não me mexo, se não viajo, tenho como todo mundo minhas viagens no mesmo lugar, que não posso medir senão com minhas emoções, e exprimir da maneira mais oblíqua e indireta naquilo que escrevo.** [...] O problema nunca consistiu na natureza deste ou daquele grupo exclusivo, mas nas relações transversais em que os efeitos produzidos por tal ou qual coisa (homossexualismo, droga, etc.) *sempre podem ser produzidos por outros meios...* (Deleuze, 1992, p. 20-21).

Sendo assim, complemento o “etc.” da última frase de Deleuze, “homossexualismo, drogas”, viagens “Etc.” são produções passíveis de encontros fortuitos comunicacionais e de afetos que fazem sentir e produzir, de maneira desejante, o sujeito que deseja como forma de produzir linhas de fuga, de produzir revolução e, no caso da Favela, de existir, se produzir. O desejo, nesse sentido, é dispositivo potencializador de (Auto)Transpoiese, justamente pelo fato de o sujeito e o inconsciente, nesse caso, serem transversalizados (Guattari, 1985).

Para a existência da Favela, em sua plena potência desejante, é necessária uma trama de sujeito consciente-inconsciente, que, com base em Baptista, entendo que se trata de lugares sujeito-trama, considerados, aqui, no Turismo, no Lazer e na Favela. Essa condição, coletiva e singular, representa a possibilidade de, na segregação dos movimentos da Favela em alguns casos, os mesmos reconhecerem sua produção subjetiva singular como possibilidade de movimento, e assim a condição de existência e produção de desejo.

3.3 DESEJO

A questão do desejo, em Esquizoanálise, é fator de refinamento sobre o termo, a partir da ampliação desejo como falta, para o desejo também como potência, ponto em que os autores de o Anti-Édipo se assentam, para uma produção narrativa de deriva científica que se considera contributiva neste trabalho.

O desejo, em Deleuze e Guattari (2004), é apresentado em uma lógica de campo social, em alinhamento com as produções contextualizadas com o cultural. Isso ocorre de tal modo que, uma das linhas mais importantes, que distancia o polo da Psicanálise do polo da Esquizoanálise, é apresentada na relação social, na produção esquizoanalítica e psicanalítica.

A condição estética, considerada a partir do mito do Édipo em Psicanálise, apresenta uma narrativa estilística do mito, de uma convenção histórica que sintetiza a produção do inconsciente, na relação entre o indivíduo, instituições inconscientes e representações. Desse modo, a história contada negligência as relações com o campo social; no entanto, o aprofundamento na composição dessa história demonstra que todo delírio posto nesse critério ético é um investimento no campo social. Isso significa que a condição inerente, mesmo nesse inconsciente, é a do estabelecimento de realces entre o econômico, o político, o pedagógico, o cultural etc. (Deleuze; Guattari, 2004). “Para a Esquizoanálise, o inconsciente não está escondido, mas ele pulsa as transversalizações de outros universos existenciais em confluência no sujeito. É justamente dessa confluência que brotam os processos do desejo”, conforme ensina Baptista³⁵.

O Édipo é uma narrativa recursiva de manutenção do aspecto paranoico do sujeito sobre si mesmo, dado como critério para manutenção de relações de poder entre o sujeito e o sistema ao qual este está sujeito. Isso ocorre, não numa condição de relação externa, mas numa condição de manutenção das amarras no próprio inconsciente, cujo sonho idealizado, passível de ser gozado plenamente como desejo, é inalcançável, mas sempre promovido através da fantasia. Trata-se, aqui, de promover alcance ao desejo que é segregado na manutenção do mito do Édipo, de modo que, o verdadeiro desejo nunca é alcançado, mas tangenciado através da

Maria Luiza Cardinale Baptista. Declaração pessoal em reunião de orientação. Registro em Diário de Pesquisa. Setembro de 2023.

fantasia, recalçando os desejos plenos e dando escape para o gozo em sonhos possíveis, que na realidade são esmolos de um real desejo, da plena capacidade de desejar.

Essa produção deflagra alguns pontos percebidos, que derivam tanto em Psicanálise quanto em Esquizoanálise, com um aspecto comum. O desejo é investimento, ou pulsão, movimento, pulsão desejante, potência do devir, condição que é percebida em Psicanálise como movimento em direção ao que falta, e em Esquizoanálise como movimento em direção ao que faz transbordar, o que potencializa o investimento do sujeito em sua própria (Auto)Transpoiese.

Então vem, vem, vem
 Pra minha laje, vem cá
 Pode até não ter visão pro mar
 Mas prometo que nós toca o céu
 É que eu não sei, eu 'tava pensando e talvez
A gente podia sumir e buscar um lugar pra ficar
 É que eu não sei, eu 'tava pensando e talvez
 A gente podia sumir e buscar um lugar pra ficar
 'Cê me fala que eu já fui Ana capricorniana
 Que fui Anna Joana e Natasha do Capital
 É sobrenatural o que a gente criou
O que não se explicava, hoje chamamos de amor
Tentei tantas vezes
Me contentar com pouco
Isso que é o mais louco
Poder viver com alguém que faz transbordar
 Melodia dos teus suspiros, sua voz no meu ouvido
 Poder dizer que 'tá comigo, quero te apresentar
 Pra minha mãe, levar a sogrinha pra jantar
 Eu entreguei tudo que podia, tudo que até não tinha
 Tudo que um dia me fez infeliz
 E eu não tinha nada, nadava contra a maré
 Fiz todo o caminho a pé, tu não me deixou desistir
Sinto que falta uma peça, a vida tem dessas
 Leva o amor da gente de repente
 Aproveite o melhor do que vem, mas se lembre bem
 Que nada disso é permanente
 Noite passada tentei te esquecer
 Me estraguei de beber
 De novo desse jeito
'To aprendendo a lidar com a falta
 E hoje a ressaca só não dói mais que o peito
 É que eu tenho tanto, tanto de você em mim
 Quanto mais tento entender fica pior
 Nossa história merecia um outro fim
 No jardim da saudade
 Recordações são flores
 No jardim da saudade
 O amanhã pode ser tarde (Bob do contra et. al. 2019)



Seja o desejo percebido como falta ou como excesso, como apresentado por Wedling (2010), na contraposição psicanalítica/esquizoanalítica do termo, temos claro

a sua ascendência na produção de investimentos ‘mobilizantes’, ou seja, o desejo em produzir movimento. As marcações na música apresentam aspectos especulares (Baptista, 1996), que narrativamente compõem movimentos de Favela em direção à falta ou ao excesso.

Esses movimentos desejantes são matriz da produção do que proponho como pulsão desejante dos sujeitos de Favela. Pulsão essa que coloca sujeitos em movimento, a partir de encontros de afetos, encontros comunicacionais subjetivos, a partir do movimento. Isso é apresentado por Baptista (1996) como comunicação desejante, uma comunicação que reconhece os traços especulares, como trama de agenciamento de desejos.

A fundamentação apresentada pela autora, como base inspiradora do desenvolvimento desta pesquisa, reconhece a ‘condição viajante/desterritorializante’ do sujeito que deseja. Destaco que, ainda que a condição desse desejo seja diferente, dependendo da abordagem conceitual, a proposição produção desejante está associada a uma produção em movimento.

Pois bem, essa condição, quando tomada pelo sentido de amorosidade (Baptista *et al.*, 2020), encontro de afetos subjetivos da existência do sujeito em encontros condutais consensuais, representa a possibilidade de que essa condição nômade esquizo seja apresentada como potencializadora da reconstrução de si mesmo. Como o amor em Maturana (1998, p.8), “a aceitação do outro como legítimo outro na convivência” corroborado pela linha teórica da amorosidade no Amorcomtur! e nos estudos de Baptista *et al.* (2020, p. 12), o amor surge como “o reconhecimento do outro como legítimo outro na convivência”. Nesse caso, o que potencializa e refina o desejo, em sua relação como investimento, é a produção desejante constante, pelo processo de desejar como potencializador de (Auto)Transpoiese.

Assim, a composição do desejo como falta, na Psicanálise, é coerente com sua fundamentação; já na Esquizoanálise encontro o desejo com outra densidade, na sua relação como investimento potencializador.

Percebi, em minhas leituras, que a condição paranoica do desejo como falta serve para sistematizar, de maneira reducionista, o investimento do sujeito e do inconsciente. Isso desconsidera sua condição social, política e econômica, suas transversalizações, e de fato desconsidera a trama que constitui o sujeito, o próprio Sujeito Trama (Baptista, 2016). Deleuze e Guattari (2004, p. 362) sinalizam para isso, quando declaram que: “Dizer que pai é primeiro em relação ao filho é, na verdade,

dizer que o investimento do desejo é, primeiramente, o de um campo social, no qual o pai e o filho estão mergulhados, simultaneamente mergulhados, [...]”.

Desse refinamento se dá a condição desejante esquizo, como principal abordagem de percepção sobre a produção de um movimento constante, em direção á (Auto)Transpoiese. Essa produção se apresenta como fractal rizomática (Deleuze; Guattari, 1995), condição de produção de linhas de fuga, que apresenta à existência de um polo esquizo, que se contrapõe a um polo paranoico. Esse polo paranoico é também condição causa geradora de segregação, bloqueios e impedimentos descritivos, quando percebidos na construção de relações com a sociedade na qual os sujeitos estão inseridos e, no caso, da qual são “isolados”.

Agora podemos supor que, por trás da aparente obviedade do sonho de um adulto como o relatado acima, é impossível para Freud que ele seja uma mera realização de um desejo despertado durante o dia. Ao longo da vida, passamos a nos inclinar a não reter ou formar desejos tão intensos como os desejos das crianças. Passamos a um ‘controle progressivo exercido sobre nossa vida pulsional pela atividade do pensamento’, daí o papel de destaque ao recalçamento na Interpretação dos sonhos (Wedling, 2010, p. 34-35).

A grande necessidade de ampliação de sentido, sobre a percepção de desejo, se dá justamente por esse isolamento característico de uma produção científica que isola em partes a composição inclusive sobre o inconsciente. A estruturação do inconsciente a partir da linguagem se apresenta como problema, nesse caso, não pela linguagem em si, mas pela ênfase na estruturação.

A questão sobre a estruturação do inconsciente é o aspecto reducionista. De maneira que, para o posicionamento desta Tese, é um problema visto que a estruturação e o reducionismo são aspectos limitantes sobre a percepção de desejos em produção subjetiva e esquizo. Dessa forma, se o inconsciente for percebido como estrutura, aquilo que não for considerado nessa estrutura pode acabar sendo negligenciado.

O inconsciente percebido só como estrutura pode produzir no sujeito um investimento no desejo como falta, como limite dos seus investimentos. Essa condição, própria de uma compreensão traduzida como paranoica, pode ser tomada ideologicamente como produtora de imobilizações de investimento, em um desejo nunca possível de ser alcançado. Trata-se de uma espécie de captura do desejo dos sujeitos.

As inquietações sobre as imobilizações que a captura do desejo me gerou, me fizeram perceber que a situação é própria do sistema hegemônico capitalístico, em relações de poder que se estabelecem objetivamente, mas, principalmente, se movimentam subjetivamente. No caso, estamos falando do que Guattari (1985) apresentou como Capitalismo Mundial Integrado, característica contemporânea da sujeição nas relações subjetivas:

O capitalismo contemporâneo é mundial e integrado porque potencialmente colonizou o conjunto do planeta, porque atualmente vive em simbiose com países que historicamente pareciam ter escapado dele (os países do bloco soviético, a China) e porque tende a fazer com que nenhuma atividade humana, nenhum setor de produção fique fora do seu controle (Guattari, 1985 p. 211).

A reprodução da colonização, do patriarcalismo, vem se refinando na manutenção de poder pela lógica capitalística. Trata-se de algo apresentado por Santos e Meneses (2010), como a condição que gera apagamento dos sentidos epistemológicos dos saberes do sul global.

A questão é que esse apagamento pode ser sentido e percebido, na hegemonia de poder das microrrelações, ou mesmo no próprio investimento desejante dos sujeitos. Como dito pelos autores, o sentido de um sul global, nesse caso, não se trata de uma hegemonia geográfica, e sim da cristalização geográfica que, analogamente apresenta norte como poderoso e avançado, e sul no mundo como retrógrado.

Ainda assim, pode ser percebido que, mesmo na ordem das microrregiões, dos polos relacionais hierárquicos da comunicação, quando compreendida como trama (Baptista, 1996; 2000; 2016), há sul e norte na manutenção de poder. Isso ocorre em coerência com a geração de uma engrenagem capitalística, proposta por esse Capitalismo Mundial Integrado, que transversaliza tanto o universo midiático quando o comunicacional das interações diretas.

Dessa geração, surge a percepção de que aquilo que Guattari (1985) chamou de Capitalismo Mundial Integrado não pode ser, aqui, ingenuamente, compreendido como a manutenção de poder pelo dinheiro. Precisa, no entanto, ser percebido como um refinamento nas relações sujeitadas, que privam, segregam, na individuação do sujeito, a captura dos seus desejos. No caso, o que se percebe é que a ordem das representações do inconsciente paranoico, propostas no campo social (Deleuze; Guattari, 2004), envolve produções que fazem passar como bem estar social, através do financeiro, a lógica de posse como gozo da vida. O ter em detrimento do ser é a

captura do desejo em sua produção de polo esquizo, de linha de fuga, que seria capaz de gerar, no sujeito, a efetiva conexão com seus sentires profundos e, portanto, sua (Auto)Transpoiese, em produção desejante o tempo todo, e não como direção a pulsão de morte.

No caso, temos vivenciado fortemente o mecanismo de controle de um norte global (Santos; Meneses, 2010), em que o sujeito que deseja, nessa ordem, passa a desejar para a manutenção do próprio limite que o captura. Desse modo, a engrenagem maquínica capitalística cerceia sua liberdade e produz nele linhas que mantêm um sistema colonialista, patriarcal e capitalista.

Dessa produção, em qual condição o sujeito então pode sentir seus afetos, tocá-los, e produzir, alinhado com encontros subjetivos em linhas e fuga daquilo que o captura? Como esse sujeito, que é sujeito por estar submetido a esse sistema e á própria manutenção desse, pode ser capaz de produzir investimentos desejantes que transitem entre os limites paranoico e esquizo, de tal forma que não seja capturado nem por um nem por outro?

É justamente sobre isso e por isso que falo aqui, Esquizografias é tratativa gráfica que produz e é produzida pela percepção de produção de linhas de fuga esquizo. Linhas que parecem contraditórias em alguns sentidos justamente por se escreverem como produções entre, produções devir, que são capaz de caminhar malandramente por polos limitantes e limitados.

Algo que aprendo e aprendi na Favela é que a produção política do sujeito esquizo é feita para além de, em entremeios, em caminhares cantantes e dançantes, que se escrevem por sentidos e toques de afetos. Saberes e Fazeres, sentires e devires, o encontro do corpo sem órgãos em produção e geração de (Auto)Transpoiese, Corpoieses, conceito brilhantemente gestado no Amorcomtur! e no PPGTURH pelo pesquisador Newtoon Ávila (2023).

Percebo que estar alinhado psiquicamente com a minha produção política, no mundo, corrobora na condição esquizoanalítica da construção científica desse processo. Trata-se de aspecto que se inscreve holisticamente (Crema,1989) e que tem, na Esquizoanálise de Deleuze e Guattari (2004), a complexidade prática de produção capaz de apresentar os acoplamentos, a partir da compreensão do desejo como máquina.

Máquina produtiva:

É verdade que os investimentos sociais se fazem sobre o próprio *socius*, enquanto corpo pleno, e que seus polos respectivos se reportam necessariamente ao caráter ou ao “mapa” desse *socius*, terra, déspota ou capital-dinheiro (em cada máquina social, os dois polos, paranoico e esquizofrênico [334] se repartem de maneira variável). Porém, o paranoico e o esquizofrênico propriamente ditos não operam sobre o *socius*, mas sobre o corpo sem órgãos em estado puro. Então, dir-se-ia que o paranoico, no sentido clínico da palavra, nos faz assistir ao nascimento imaginário do fenômeno de massa, e isto num nível ainda microscópico.[...] Portanto, as duas faces do corpo sem órgãos são as seguintes: aquela em que se organizam em escala microscópica o fenômeno de massa e o investimento paranoico correspondente; e aquela em que se agenciam em escala submicroscópica os fenômenos moleculares e seu investimento esquizofrênico (Deleuze; Guattari, 2004 p. 371).

A produção de desejo hoje é uma produção maquínica, de massa e capitalística (Guattari; Rolnik, 1996). A condição desejante de produção singularizante é subjetivamente travestida e capturada por uma produção de subjetividade capitalística. Poder e ter como produzir, no entremeio da polarização paranoica e esquizofrênica, é uma tarefa irremediadamente insegura. É inerente da produção sujeitada, de uma condição desejante de um sujeito singular plural/coletividade trama, que da sua relação com o investimento no campo social brotem reproduções muito mais do que produções.

Isso se dá, pois, se o movimento do desejo inicia pela perda do território de si mesmo, por óbvio, o sujeito se joga em direção ao devir, a um abismo sem amarras de controle social paranoico. Desse modo, pôr-se em desterritorialização desejante, ainda que gratificante e instigante, é amedrontador.

Dizer isso é perceber que a tarefa, nesse caso, é muito desafiadora. Trata-se de ser capaz de estabelecer posição política no mundo, como ato de se permitir desejar. Significa notar e se opor consciente e inconscientemente a uma produção que sujeita o sujeito, o subjuga, seja pela paranoia, seja pelo controle social objetivo de bloqueio da liberdade, ou pela condição esquizo, esquizofrênica, de uma brotação desmedida sem direcionamento.

Como ato de produção, transitar por dois polos de escrita é algo precedido de uma necessidade de se postar, politicamente, ou melhor micropoliticamente (Guattari; Rolnik, 1996), como sujeito capaz de transitar por cartografias esquizo, fractais, subjetivas, dissipativas. Algo que aqui é proposto estratégica e metodologicamente pela Cartografia dos Saberes em associação com as Matrizes rizomáticas (Baptista; Eme, 2023), e que como processo de produção é também investimento. Assim é possível fazer perceber na Favela, as Esquizografias, como proposição de escrita

desejante, fractal, dissipativa do sujeito, que se coloca e percebe o desejo como movimento.

Mais do que isso, quando fundamentamos esse olhar a partir de Micropolítica: Cartografias do Desejo, de Guattari e Rolnik (1996), percebemos que a ordem desse movimento investido é de uma singularização que pode se estabelecer coletivamente, em uma relação marcada pela produção de **Desterritorialização, Simulação e Reterritorialização**.

É desses e nesses movimentos que reconhecemos a lógica viajante do desejo, como potencializadora da (Auto)Transpoiese de sujeitos e lugares trama, em uma condição de reconhecimento de uma Ecologia de Saberes (Santos, 2010), como produção esquizo. Ainda, assinalo esses movimentos como sinalizadores da viagem Turismo, podendo produzir a percepção de outros fluxos e dinâmicas produtivas, que condicionam a possibilidade de perceber a produção da Favela, como produção para além da lógica/condição capitalística de captura do Desejo.

Isso é não só propor as Esquizografias, como processo de produção de viagens (Auto)Transpoieticas, que se inscrevem em meio, ou melhor, em devir das grandes engrenagens hegemônicas, como também propor a escrita em viagem investigativa, como capacidade esquizográfica de compreensão holística do universo de significação, trama do sujeito/pesquisa.

Desse modo, aquilo que aparece como agenciamento do desejo em oposição a duras e grandes engrenagens, uma capitalística e a outra cultural, é próprio do que é chamado, com base em Guattari, de micropolítica do desejo. A proposição micropolítica desejante é necessária do ponto de vista de uma revolução molecular, e ainda é algo já apropriado aos sujeitos que são subjugados pelo sistema das duas engrenagens hegemônicas, que só 're-existem' aprendendo a produzir por linhas de fuga, movimentos de agenciamento de desejo no devir das engrenagens capitalística e cultural.

Nesse caso, não se trata aqui de opor, belicosamente, as condições de produção em uma política de resistência da Favela, em relação ao norte centro hegemônico do Rio de Janeiro, mas, sim, de perceber os caminharos malandros que fazem com que o sujeito 'Re-exista', (Auto)poieticamente desejante. Não se trata de opor paz ou violência, capital cultura, pois disso decorre a manutenção das engrenagens e do sistema capitalístico. o que está em questão é:

[...] colocar em prática um tipo de processo de subjetivação diferente do capitalístico, com seu duplo registro de produção de valores universais por um lado, e de 'reterritorialização' em pequenos guetos subjetivos, por outro lado. Colocar em prática a produção de uma subjetividade que vai ser capaz de gerir a realidade das sociedades desenvolvidas e, ao mesmo tempo, gerir processos de singularização subjetiva, que não vão confinar as diferentes categorias sociais (minorias sexuais, raciais, culturais, etc.) no esquadramento dominante do poder (Guattari; Rolnik, 1996 p. 22).

Esquizografias, nesse sentido, é característica de produção de quem precisa, principalmente, é característica de produção de quem deseja, de quem investe na produção de linhas de fuga esquizo, nas engrenagens do poder hegemônico.

Desse modo, esta pesquisa inscreve-se desejante, em múltiplos atravessamentos, das características e condições de caminhar e sentireis dos sujeitos que são, seus lugares e seus sujeitos combinados. Singularidades coletivas, apresentadas na lógica Sujeito Trama (Baptista, 1996; 2016), e que, aqui, possibilitam apresentar o lócus investigado, as Favelas do Rio de Janeiro, em alinhamento com sua proposta Esquizográfica.

4 TURISMO E LAZER-TRAMA

Alguns trabalhos na área do Turismo, principalmente em nível de doutoramento, já apresentam um levantamento das principais linhas teóricas com as quais esse ecossistema científico é trabalhado. Mesmo com algumas trilhas teóricas marcadas, as múltiplas possibilidades que cercam os estudos do Turismo, combinada com a pluralidade de áreas que transversalizam sua composição, caracterizam esse universo científico como plural e indefinido.

A intenção aqui é a de reconhecer que as multiplicidades do Turismo são condição potencializadora de geração de mundos, de universos de significação e elementos de produção desejante do devir (auto)transpoiético. Por conta disso, não há aqui, a intenção de propor um axioma teórico metodológico, na direção de uma estruturação da ciência do Turismo, mas sim de reconhecer sua multiplicidade, como potência científica.

Na verdade, a multiplicidade, ainda que desafiadora, não me incomoda. Entendo que a escrita de uma Tese tenha relação com aquilo que é problema no mundo, mas é também representativo daquilo que percebemos de problema no mundo. Por isso, entendo que é tão importante o reconhecimento da produção política que o estudo representa.

Dessa forma, aceito e entendo a pluralidade no Turismo como sendo uma de suas principais características, não só isso, mas também uma de suas principais virtudes. Aquilo que apresento aqui, sobre as potencialidades da Favela, é possível, a partir da capacidade de perceber a potência da viagem como dinâmica de desenvolvimento pessoal para o desenvolvimento de seres vivos e ecossistemas, incluindo-se aqui dimensões humanas sociais, culturais, econômicas, ambientais, mas também mais do que isso. extrapolando a lógica do Antropoceno.

Nesse cenário de reflexões teóricas a respeito das emergências de possibilidades nos estudos do Turismo, Tribe (2006) apresenta, na minha concepção, elementos que são importantes de serem discutidos, e muitas vezes são marginalizados por esse universo científico. Na esteira das emergências temáticas dos estudos do Turismo, é interessante a perspectiva que Tribe (2006) apresenta, ao declarar por exemplo, que os estudos de gênero passam em sobre medida despercebido como apagamentos na construção do conhecimento no Turismo. No mesmo texto, o autor apresenta a partir de uma proposta metodológica, as

implicações com que vem sendo tratado hegemonicamente o saber no Turismo, de uma perspectiva eurocêntrica.

Ele usa isso como argumentação, para propor que sejam pensadas novas epistemologias, para além da ordem hegemônica de poder, masculina, branca, de classe média e patriarcal colonialista. Nesse contexto o autor propõe uma epistemologia feminista, homossexual, e nessa linha de raciocínio que penso: Por que não uma epistemologia de Favela e/ou marginal?

Ainda assim, suas proposições corroboram o pensamento de que o patriarcalismo produz uma lógica de cerceamento através da masculinidade (metáfora pai), que pode ser subvertido por um entendimento de liberdade, a partir do devir mulher de Guattari (1985). Eu encontro empiricamente na minha relação com minhas mães, exemplo de como isso se aplica.

A produção esquizo, como potencialização de (Auto)Transpoiese, não representa, nesse caso, uma condição bélica de contraposição e sim uma tentativa de linhas de fuga de ampliação, sem a desconsideração do que potencialmente nos trouxe até aqui.

Por conta disso, quando trato aqui, não farei um levantamento exaustivo das linhas teóricas, visto que esses levantamentos já existem, como por exemplo nos textos do próprio PPGTURH, em nível de doutoramento, como em Ribeiro (2019) ou Tadioto (2021), em que os autores apresentam um levantamento das principais teorias do Turismo e uma discussão acerca da profundidade teórica, a partir da qual se trabalha o Turismo.

Além disso, há diversos estudos bibliométricos sobre Turismo como é o caso de Sialer (2020), em que o autor apresenta uma análise de como os estudos bibliométricos vem tratando os temas do Turismo na atualidade, em sua multiplicidade de áreas e subáreas.

Para além disso, gostaria então, de apresentar as bases, a partir das quais, 're' pensamos Turismo, com a fundamentação que corrobora a minha posição política e social, e que, de fato, apresenta relevância na minha visão de pesquisador e turismólogo.

Dessa forma, além de reconhecer a minha formação, é necessário apresentar a maneira como entendo as dinâmicas da área e sua multiplicidade, como por onde entrei e como cheguei até aqui.

Considero importante retratar de maneira panorâmica, a orientação de visão epistêmica do Turismo que tenho para orientar o transcurso e o trajeto que me trazem até aqui em relação às considerações sobre teoria geral do Turismo. Isso é necessário por conta das multiplicidades e atravessamentos que existem quando se trata de perceber as ‘escolas’ do Turismo. Trato como possível aqui, no entanto, pensar multiplicidade dos estudos do Turismo a partir de paralelismos com uma teoria do Ciência como um todo.

Dessa forma, tomo como orientação os estudos de alguns autores, não necessariamente em relação aos constructos de resultados dos seus trabalhos, mas em relação ao olhar dado para essa panorâmica do Turismo. A ideia é que a partir desses, seja possível produzir um quadro síntese, aproximando os olhares desses autores e demarcando as principais linhas de estudo do Turismo, pois, só a partir da leitura desses trabalhos, não foi possível encontrar elementos de unanimidade em relação a quais são essas grandes linhas.

Netto e Nechar tem um texto bastante relevante com relação a discussões epistemológicas do Turismo. Os autores apresentaram em 2014 um estudo sobre a temática no Brasil. Nesse estudo, foi apresentado o aprofundamento sobre a perspectiva epistemológica, enquanto corrente de estudos, os elementos que diferenciam as múltiplas matrizes de produção de conhecimento nessa corrente, e os autores aplicaram essa discussão no reconhecimento das principais escolas teóricas do Turismo.

Tento apresentar, desde o início desta Tese, o caminho percorrido com relação à percepção de ciência e orientação epistemológica. Dessa forma, ainda que não concorde com todo o apresentado no texto de Netto e Nechar (2014), principalmente em relação a olhar epistemológico, reconheço que esse esforço, em 2014, abriu um espectro de possibilidade e elucidou uma série de olhares para os Estudos de Turismo no Brasil. Além disso, esse texto e alguns outros dos autores em outras parcerias como o texto de Jiménez *et al.* (2014), ampliaram as perspectivas e percepções sobre o condicionamento dos conhecimentos produzidos em Turismo no Brasil.

Nessa perspectiva, temos para Netto e Nechar (2014, p.128), a apreciação de 6 ‘Escolas’ teóricas do Turismo no Brasil, perceptíveis a altura do ano de 2014. São elas: “a positivista (cientificista), a sistêmica, a marxista, a fenomenológica, a hermenêutica e a teoria crítica”. A partir dessas escolas é possível perceber que, nos estudos do Turismo, há a transversalização de elementos que circundam mais de uma

dessas orientações, no caso, essas escolas como escolas teóricas, apresentam em relação aos grandes paradigmas científicos, elementos que as colocam com visões que são contraditórias e, ao mesmo tempo, de uma ou outra corrente paradigmática de Ciência.

Por exemplo, se considerarmos as visões funcionalista/utilitarista, crítica, pós moderna e ecosófica/holística, como paradigmas marcados na deriva histórica da Ciência, é possível perceber que, em cada uma dessas “escolas teóricas”, ao longo da deriva histórica dos estudos do Turismo no Brasil, em maior ou menor medida, há trabalhos que podem ter se inscrito em mais de uma dessas visões epistemológicas.

Por conta disso, quando traçamos um paralelo entre as escolas teóricas e as produções dos autores em relação aos paradigmas científicos, por vezes vemos que a perspectiva crítica tem uma orientação estruturada, assim como ocorre na lógica funcionalista de ciência; a perspectiva ecossistêmica por vezes se insere no paradigma pós-moderno e ecosófico ao mesmo tempo; e muitas vezes o olhar fenomenológico ou hermenêutico aparece com uma orientação crítica, ou funcionalista como próprio do positivismo, ou ainda de uma orientação antropológica e sociológica, como nas mais diversas pesquisas sobre sociologia do Turismo ou do Turismo como fenômeno.

De fato, o que se apreende, com isso, é que a necessidade de classificação/separação nos estudos do Turismo, amplia a multiplicidade com que o conhecimento científico é tratado nesse universo científico, mas muitas vezes segrega as conversas possíveis entre cada um dos movimentos epistemológicos cabíveis para perceber esse conhecimento, tornando sintomático que algumas divisões são de certa forma prejudiciais.

Indo ao encontro dessa afirmativa, a tentativa aqui, ainda que de separação, busca a criação de ponte de sentido a partir das leituras sobre esses autores epistemólogos no Turismo, e principalmente, sintetiza consciência de compreensão do autor desta Tese, sobre os caminhos do Turismo e as proposições que as condição viajante favelada é capaz de enxergar.

Figueiredo e Ruschmann (2004) apresentam um estudo genealógico sobre as viagens, reconhecendo o primeiro aparecimento do termo ‘turismo’. Algo próximo disso também é apresentado por Trigo (2013), no livro intitulado *A viagem: caminho e experiência*. Gostaria de chamar atenção, para um princípio na origem da apropriação sobre o termo ‘Turismo’ em sua relação/ponte para o processo de viagem, tanto em

um como em outro texto (Figueiredo; Ruschmann, 2004; Trigo, 2013), o Turismo surge sobremaneira a partir da lógica humana de um processo de movimento, de viagem, como dito por Baptista (2023), “somos seres em viagem”.

Disso transcorre a minha percepção de que, em relação à produção de viagem, a produção em Turismo, com princípios de transformação e (Auto)Transpoiese próprios do humano, sinaliza para o vislumbre de que o turista/viajante vive a experiência desde seu inconsciente, mas não só no seu inconsciente. Dessa condição, cabe a nós, cientistas, um olhar sobre a produção em seus sentidos objetivos e subjetivos, a tentativa de uma cartografia de seus fluxos significantes e a-significantes em produção, uma cartografia que seja capaz de sintetizar percepções que justifiquem nossas afirmativas e considerações sobre o Turismo.

Por conta disso, com base nos paradigmas epistemológicos descritos, e nas correntes teóricas apresentadas por alguns autores que estou buscando apresentar nesse trecho da Tese, é possível perceber algumas aproximações entre essas proposições que contribuem para uma compreensão panorâmica dos caminhos transcorridos até aqui.

Korstanje (2014), não por acaso, apresenta um olhar que me parece aproximado em relação a uma perspectiva que reconhece a produção da viagem como matriz de produção de Turismo. Por conta disso, o autor trata em relação a epistemologia do Turismo, um olhar para dinâmicas de aproximação, que proporcionam uma separação relacional, a partir da produção ativa do sujeito Turista/viajante, de acordo com seus interesses e olhares. Dessas produções, o autor propõe que, em suas conversas, com a bibliografia especializada, o Turismo pode ser entendido como uma necessidade que evoca a hospitalidade como ação e contra ação dessa necessidade no humano; ainda, também pode ser visto na bibliografia especializada, como um processo capaz de aproximar culturalmente sujeitos como agentes de transformação; além disso, o autor também apresenta que pode ser uma relação entre o tempo de ócio e o tempo de trabalho decorrente da constituição industrial contemporânea; e ou uma expressão cultural que possibilita encontros entre visitantes e visitado.

Das vistas desse autor (Korstanje, 2014), alguns aspectos me parecem interessantes em relação a uma percepção não de escolas, mas de interesses de olhares sobre o que se discute no Turismo em nível acadêmico. Essa visão, é corroborada por Sampaio (2013), a autora, em seu texto, busca apresentar uma

revisão crítica dos estudos do Turismo, na altura, refletindo sobre as produções de Turismo até o ano de 2013.

Sampaio (2013) apresenta, com base em algumas bibliografias específicas, o que ela chamou de tendências nos estudos do Turismo, ressaltando que essas tendências, apesar de terem se intensificado nos 25 anos precedentes, não se restringem as últimas décadas, e na verdade veem sendo tratadas tangencialmente em estudos anteriores a esse 'boom' dos estudos do Turismo, ao menos do ponto de vista metafísico. Ainda assim, a autora ressalta que, apesar de haver uma contraposição clara entre os estudos do Turismo, no caso entre uma orientação literária empresarial, focada nos resultados, e uma literatura social e humana, focada nos processos, há uma vertente que orienta para uma direção mais holística os estudos do Turismo, aspecto que corrobora a ideia de que aspectos objetivos e subjetivos precisam ser levados em consideração juntos, como no estudo aqui posto e também como a orientação de um paradigma ecossistêmico de construção e não de destruição dos pilares que nos trazem até aqui.

Com relação aos olhares para as bases de estudos, a autora (Sampaio, 2013) apresenta a contraposição, Econômico X Social, como marca, e ainda, sinaliza tendências para os estudos como sendo, culturalista; inter ou transdisciplinar; com ênfase na ótica do consumidor em relação a produção e ao trabalho; tendência a uma valorização do indivíduo negligenciando aspectos relacionais; e tendência a um compromisso com o setor empresarial do Turismo.

Além dessas tendências, é feito um aprofundamento pela autora (Sampaio, 2013), nas discussões sobre como em uma perspectiva crítica os estudos sociológicos do Turismo se relacionam como problemáticas vinculadas ao transversalmente ao universo científico. Em síntese aqui, me importa em demasiado, o olhar epistemológico em relação às condições disciplinares e teóricas do Turismo, como forma de entender os caminhos e descaminhos que esse foco de estudo vem tendo, mas sem deixar que esses olhares de problemáticas relacionadas ao estudo do Turismo, maculem a minha capacidade de relacionar sua constituição teórico prática e sua produção metafísica.

Dizer isso significa perceber, como apresentado por autores como Ribeiro (2019), bem como para Sampaio (2013), que existe uma matriz de significação cristalizada no Turismo como problema científico, que sinalizam para uma ascendência do Capital sobre o humano, algo que se justifica pela apreciação das

evoluções de conceitos de Turismo apresentada por Ribeiro (2019). Além disso, há também uma discussão metafísica que gira entorno, e se mantém o tempo todo, sobre qual lugar ocupa o Turismo em relação à outras áreas do conhecimento, algo que aparece nas discussões de Sampaio (2013), mas também aparece implicitamente em outros estudos epistemológicos do Turismo.

Esse aspecto, no entanto, me parece sinalizado e revalidado principalmente na dita corrente positivista do Turismo, que aqui, na minha opinião, espelha uma ideia funcionalista de Ciência. De fato, a análise sistêmica do Turismo em suas bases, ainda que transversalize aspectos estruturalistas, pós modernos e ecossistêmicos do estudo do Turismo, tem sua matriz na lógica racionalista de uma Ciência que busca os efeitos a partir do controle de partes. Esse olhar em muito contribuiu para uma percepção da importância do Turismo para a sociedade, no entanto negligência o aspecto humano subjetivo das relações entre sujeitos que estão inseridos nas nuances a-significantes dos encontros promovidos pelo desenvolvimento dessa atividade.

Se tomarmos a escrita sobre autores como Krippendorf (2000), Jafar Jafari (Sena Júnior; Sonaglio, 2017), Boullón (2002), ou mesmo Beni (2000), temos que esses nomes têm importante relevância na formulação das bases teóricas que orientam os estudos de Turismo no Brasil. Isso fica claro a partir de textos como o de Netto (2010), mas também em teses e trabalhos como os de Tadiotto (2021), e Tadioto, Campos e Vianna (2022), onde os autores apresentam as constituições epistemológicas do Turismo. Entretanto, é possível perceber que textos como o de Netto (2010), contribuem e servem como base de orientação para ampliações das principais correntes teóricas de estudo do Turismo, como visto em Tadiotto (2021), e Tadioto, Campos e Vianna (2022).

Dessa forma, fica claro como descrito por Sena Júnior e Sonaglio (2017), que as 'escolas' teóricas dos estudos epistemológicos do Turismo se orientam em muito como reflexo as plataformas do Turismo propostas por Jafar Jafari, de modo que, me parece que essas plataformas se confundem em derivações e desdobramentos que orientam olhares e escolas de estudo que orientaram e orientam os estudos do Turismo até hoje.

Além disso, temos a importância da percepção estruturalista que orientou e contribuiu a partir principalmente de Beni, no Brasil, para uma percepção sistêmica de desenvolvimento e contribuições do Turismo. Esse aspecto por exemplo é apresentado por Valduga e Moesch (2005), em texto onde as autoras exploram os

desdobramentos que o sistemismo, encontra inclusive para ecoar como principal escola do Turismo durante um bom tempo, com ênfase principalmente na proposição epistemológica apresentada por Beni em “Análise estrutural do Turismo”.

Esse aspecto, no entanto, ressalta a importância de uma ampliação e simplificação não limitante da forma como os estudos do Turismo veem sendo tratados, de modo a conseguir ampliar encontros, caminhos e atravessamentos que fazem parte da multiplicidade por vezes fractal que o Turismo representa, e que sistematicamente acaba por ser negligenciada por uma narrativa hegemônica capitalística, estruturante e racional como única possível para os estudos do Turismo.

Neste estudo, por exemplo, a ideia é que de uma matriz ecosófica/ecossistêmica de Ciência, seja possível fazer brotar pontes de aproximação, entre escolas e conhecimentos produzidos, bem como vistas ao empírico próprio e reconhecível dos saberes e fazeres de quem entende que de Becos e Vieiras é possível fazer brotar vida, vislumbres de um devir em aproximação. Dessa posição, a proposição a seguir busca a partir das grandes correntes epistemológicas da Ciência, apresentar elementos de aproximação e transversalização, em maior ou menor medida, a partir do reconhecimento dos estudos do Turismo, escolas, e teorias, passíveis de se inserirem em olhares de quem lê e não só olhares de quem escrever.

Essa síntese representa, desenho sobre as leituras feitas nesta Tese, sobre assentamentos dos estudos do Turismo e a maneira como esses se relacionam com a epistemologia e a Ciência em ampliação. Concordando ou não concordando com os estudos, busquei perceber nesses, características que inserem seus elementos, mais em uma ou outra corrente epistemológica de Ciência, entendendo que, cada um desses estudos por vezes tem aspectos que se inserem em mais de uma dessas correntes.

Dessa maneira, esses estudos, ou escolas e correntes teóricas de estudo do Turismo, de todas as formas contribuem e contribuíram para o Turismo estar da maneira que esta, seja em seus aspectos positivos ou negativos. Assim, cada uma das tentativas que sejam de vislumbre para avanços em direção à uma melhor compreensão desse universo de conhecimento, precisa ser direcionada para uma capacidade de ‘com-versações’ entre os mais diversos aspectos desse ecossistema científico.

Por conta disso, considero de suma importância textos como o de Valduga *et al.* (2021), em que os autores partem de uma orientação de estudo bibliométrico sobre a hospitalidade, e condicionam uma ampliação de sentido sobre as linhas teóricas do Turismo e também da Hospitalidade, inserindo a amorosidade como importante corrente teórica emergente dos estudos do Turismo na atualidade.

Essa narrativa corrobora o apresentado até aqui, e salienta a maneira relacional como o conhecimento sobre o Turismo vem sendo ampliada, reconhecendo potencialidades e força a partir das múltiplas contribuições que os diversos pensadores do Turismo vem apresentando no Brasil. Além disso, penso que na mesma direção, os estudos que ampliam e passam a reconhecer a orientação ecossistêmica complexa que o Turismo vem apresentando em autores como Baptista (2020a); Beni e Moesch (2017), são representações da condição de pontes entre saberes (Santos, 2010), que marca ainda que não plenamente, mas ao menos tangencialmente, uma maturidade de estudos do Turismo em aproximação com as emergentes e contemporâneas teorias ecossistêmicas e ecosólicas.

Para tanto, gostaria de demonstrar mais aprofundadamente, como essas reflexões sobre Ciência e em relação a Ciência do Turismo, me levaram as considerações prescritas neste Texto sobre o Turismo e a produção de subjetividade. Falemos então um pouco mais, sobre as minhas “com-versas” com teóricos do Turismo, voltas juntos com os quais mais me detive e que me levaram as proposições postas nesta Tese.

Ressalto que os primeiros conceitos do Turismo que me cativaram envolviam os aspectos físicos de reconhecimento das dinâmicas do Turismo em relação a sua ocupação no espaço, a multiplicidade de suas potencialidades para o desenvolvimento social e econômico.

Digo isso pois, não abdiquei, em absoluto, do reconhecimento dessa condição. Entendo que o Turismo tem em si uma dimensão objetiva que, de fato, se configura no território, e se apresenta como território turístico quando o mesmo sitiado no espaço geográfico condiciona a movimentação e o interesse de sujeitos viajantes.

Percebi que o alinhamento com a composição geográfica é, em algum momento, a própria constituição do pensamento sobre como planejar o Turismo. Isso se verifica, pois, um dos primeiros textos que reconheço como representativo da epistemologia do Turismo, é o *Planejamento do Espaço Turístico* de Boullón (2002). O autor apresenta as características do espaço vinculadas a aspectos do Turismo, no

sentido de que, essa percepção seja reconhecida, diagnosticada e orientada, para pensar a 'atividade' e potencializar suas contribuições nos espaços nos quais ela está inserida.

Por conta disso, vemos que, direta e indiretamente, alguns conceitos da Geografia são consideravelmente tratados como mais relevantes para a composição da percepção sobre o Turismo, como é o caso do território. Então, fica plausível e possível a afirmativa de que o espaço geográfico é também o espaço do Turismo, ou ao menos o espaço em que o Turismo se organiza enquanto atividade e acontecimento.

Tomando aproximações com a compreensão conceitual de Turismo como Ecosistema Turístico Comunicacional Subjetivo de Baptista (2020a), é possível perceber que, bem como o espaço proporciona encontros de maneira objetiva, a concepção ecossistêmica do Turismo, reconhece essa possibilidade proximal de encontros físicos, e amplia essa percepção para reflexões e o reconhecimento de elementos que são percebidos subjetivamente. Esses aspectos, podem ter reflexos objetivos e físicos, e ligam as percepções do espaço físico, com as percepções conscientes e inconscientes, em relação a elementos bióticos e abióticos. Assim o espaço do Turismo, ou espaço turístico, condiciona e é condicionado pela sua dinâmica de aproximações e distanciamentos que o Turismo proporciona.

Boullón (2002) cunha o conceito de espaço turístico, como os atrativos turísticos e a infraestrutura em uma localização precisa no território, o que pode ser compreendido a partir das combinações características que configuram seu agrupamento em regiões passíveis de serem planejadas.

Percebo que as conceituações acerca do espaço geográfico, representam também, a possível adjetivação do mesmo em turístico, pelas características de percepção e desenvolvimento do agrupamento de potenciais, 'motivadores' de viagem. Quando tentamos uma aproximação com a compreensão de brotação do desejo, a partir de Guattari, é possível construir a ideia de turismo desejante, desde que, na ideia de 'atrativo turístico' esteja orientada uma percepção da condição subjetiva que alavanca o movimento do sujeito, tornando múltipla a composição do território, no caso, extrapolando sua condição física geográfica.

Nesse caso, a matriz de atratividade está vinculada à percepção do sujeito de algum aspecto do espaço turístico, desde que esse seja para o sujeito, suficientemente relevante em possíveis acoplamentos. Se trata de perceber que essa

matriz de atratividade, orienta movimentos objetivos e subjetivos, que em alguma medida se tornam físicos em direção ao encontro com o foco atrativo, não necessariamente literalmente, mas brotando a partir do Desejo.

Vemos então algumas noções de categorias geográficas, com atenção especial a noção de território, conceito ao qual Haesbart (2007) se debruçou e representou em análise contemporaneamente a concepção de multiterritorialidade. Me parece representativo para o Turismo, e para a adjetivação do espaço pela prática do turismo e acontecimento desse fenômeno, o reconhecimento de que esse espaço tem em exercício produção, a concepção de território baseada na dinâmica de poder que o próprio conceito carrega (Giomett; Pitton; Ortigoza, 2012). Sendo assim, entendo que na dinâmica de poder que adjetiva o espaço geográfico como sendo turístico ou de qualquer outra dinâmica de produção, o que temos é a representação física de uma orientação subjetivo filosófica transversalizada por sujeitos e lugares, ou pela cultura e subjetividade dos sujeitos que a compõe.

A característica de entendimento de percepção de poder, ou de influência, que o Turismo apresenta no espaço, configura como espaço turístico elementos de acúmulo de características regionais que singularizam os Lugares. Essa condição torna o conceito de paisagem tão importante para o Turismo, pois, muitas vezes essas singularizações, são características estéticas que ainda que sentidas, são também aspecto de visualidades e contemplação.

A partir do conceito de lugar, entretanto, é possível ressaltar a dificuldade na relação dialética, objetivo subjetiva de percepção do espaço geográfico. Quando percebemos, a partir de Yazigi (2001), a condição de 'alma' atribuída pelo autor, à condição de afetividade ligada a construção do espaço e percepção territorial, temos que se tornar muito difícil inferir condição de território exclusivamente objetivo ao espaço, ou mesmo por sobre esse, a condição de território exclusivamente de uma ou outra coisa. Nesse caso, se torna justificada a explicação de Haesbart (2007), sobre multiterritorialidade, entretanto, não se justifica a condição majoritariamente objetiva de percepção dessa multiterritorialidade.

Essa discussão é importante, pois demonstra a forma como a objetividade da apreciação física do Turismo, adjetivando o espaço e apresentando-o em espaço turístico, por si só, já representa um deslizamento subjetivo do conceito de Território. Isso faz perceber que essa deriva, em outros conceitos, torna presente o papel da subjetividade em linhas filosóficas que dobram os sentidos e os ampliam. Ou seja, na

minha concepção ao sobrepor sobre o espaço características multiterritoriais, já há uma condição de percepção subjetiva sobre o território, que se torna ao mesmo tempo, no caso do Turismo, 'turístico' e alguma outra coisa.

Nesse sentido, a descrição paisagística apresentada também por Yazigi (1999), descreve o papel perceptivo com o qual se trata a paisagem, e discute a maneira com a captação dessa percepção nem sempre é claramente marcada, por aspectos físicos. De modo que, se tomarmos a descrição dessa paisagem pelos turistas, podemos perceber que os elementos destacados pelos mesmos, podem ser os mais variados, e suas motivações são recheadas de elementos subjetivos e singulares, além dos objetivos e homogêneos. Essa construção de ideia, contribui para perceber a maneira com a própria ideia de atratividade é construída de maneira objetiva e subjetiva.

Nesse caso, a noção de atratividade presente na construção do que seria o destino turístico, pode ser percebida de maneira crítica a partir do texto de Yazigi (1999). Nesse texto, o autor indicava o papel psicológico com o qual refletia sobre o espaço geográfico em associação com o Turismo.

E ainda, a partir das reflexões do autor, é possível perceber que a proposição de adjetivação se valendo de uma idealização ou fantasia, é atrelada a uma cristalização capitalisticamente massificada e passível de degradar o espaço turístico. E essa idealização, muitas vezes é disfarçada por trás das 'objetividades' do planejamento turístico, e 'o', ou 'os', espaços turísticos são percebidos e trabalhados para os planejamentos do espaço 'para' o Turismo, sem refletir que ideal de Turismo vem sendo tratado.

A aproximação dessas reflexões com a escrita de Haesbart (2007) sobre território e territorialidade, faz crer que a percepção territorial como física não pode desprezar de sua dinâmica o caráter subjetivo no espaço sobre o qual se exerce influência. Na descrição do autor (Hesbart, 2007), a partir da concepção política de delimitação espacial, também é apresentada a partir da noção de territorialidade, como o espaço do vivido, em um *continuum* perceptível na complexidade com a qual os sujeitos se relacionam com 'seus' espaços.

Assim, quando falo sobre ampliação, entendo que o sentido epistemológico que amplia minha percepção sobre o Turismo está posto na potencialidade que temos de conhecimento sobre o Turismo, a partir do reconhecimento de correntes epistemológicas consolidadas, relacionadas com os conceitos dessa área.

Percebo que, quando apresento o Turismo e o entendo como ecossistema de estudos científicos, reconheço que estão implicadas, dinâmicas de territorialização que são próprias das dinâmicas de poder e de uma complexa trama esquizoanalítica. Por conta disso, reconhecer o território apenas como espaço físico, é reduzir as complexidades que são transversalizadas nos encontros e desencontros que ecossistema proporciona.

Nesse sentido, fui percebendo ao longo da minha trajetória, que aquilo que me toca, me afetiva, de fato são as dinâmicas que, por vezes, são negligenciadas pelo Turismo enquanto universo de saberes. Por conta disso, a necessidade da busca por questões sociais, na 'Sociologia do Turismo' de Krippendorf (2000), sempre me foi tão cara. Esse autor apresenta a importância de percebermos o complexo múltiplo que envolve as dinâmicas do Turismo e que, muitas vezes são negligenciadas por um perfil capitalista de tratativa do Turismo, ou mesmo por uma percepção essencialmente economicista de tudo aquilo que efetivamente importa para o Turismo.

Ribeiro (2019), apresenta que, em muitos conceitos de Turismo, o conceito usado está atrelado ao tempo de permanência ou à manutenção de usufruto de estruturas ou infraestruturas turísticas. De fato, se pensarmos as bases conceituais do Turismo, principalmente no Brasil, podemos perceber que sua fundamentação em muito está enraizada na Teoria dos Sistemas, tendo produzido vieses de alinhamento com o universo de conhecimentos da administração voltado mais especificamente para a estruturação de um mercado financeiro como para Beni (2000), ou para a própria OMT³⁶ em nível internacional (2001).

Concordo que a Teoria dos Sistemas em muito contribui com os estudos do Turismo, de fato o Turismo pode ser reconhecido como sistema, e corroboro da compreensão de que há um conjunto de dinâmicas complementares e recursivas para a existência do Turismo que representam um viés e um fluxo econômico.

O problema é que encontro, nas mais diversas conceituações de Turismo, uma matriz com a qual as nuances da atividade sempre estão sendo vinculadas, a um sentido maioritariamente marcado pela produção de gastos em um determinado território. Esses conceitos, no entanto, podem deixar de considerar os desdobramentos subjetivos da atividade, suas dinâmicas incorporais e a-significantes,

Organização Mundial do Turismo vinculada a Organização das Nações Unidas. Trazem parâmetros sobre o Turismo que são seguidos em todo o mundo.

o que mecanicamente reforça a lógica do consumo massificado e o não reconhecimento das singularizações na área.

Essa ideia é apresentada por Boyer (2003), na apresentação sobre a história do Turismo de Massa. O autor apresenta como historicamente, a lógica no Turismo é a de tornar forte a vinculação com um viés financeiro, o que na realidade é demonstrado na matriz dos conceitos que desconsideram a ideia da viagem como turística, caso essa não demonstre aspectos diretos de distribuição financeira.

Ainda assim, entendo que o reconhecimento do Turismo, em uma lógica complexa, possa envolver sua abordagem como um sistema, mas me parece inviável que esse sistema seja percebido com um sistema fechado. Este é um aspecto que, nos estudos de Baptista (2023), a autora apresenta como sendo fundamental para compreender a ontologia do Turismo, em sintonia com as dimensões complexas transversais holísticas de Ciência contemporânea.

Proponho então pensarmos o Turismo para além das partes do sistema, em um complexo holístico (Crema, 1989) de encontros, contatos comunicacionais em um ecossistema, em que a importância para a existência do sistema está vista para além do Antropoceno.

As marcas do Turismo como sistema fechado, podem ser percebidas como marcas que priorizam o que se convencionou chamar de Turismo de Massa. Na verdade, essa ideia de Turismo massificado sempre esteve alinhada a uma essência de negação do sujeito e priorização do capital, algo que espelha também as dinâmicas da sociedade na engrenagem maquinica do capitalismo.

A condição sistemática mecânica de engrenagens, é proveniente das fases de Revolução Industrial, e reforçam, até hoje, a idolatria do mercado ao avanço tecnológico como sinônimo de progresso. Essa lógica de desenvolvimento pautada no acúmulo de capital, transversaliza os universos existenciais, incluindo nesse caso o ecossistema turístico.

Assim, a ideia de *'trade'* do Turismo se sobrepõe à importância das dinâmicas da comunidade local. Os trabalhadores e os lugares são pensados a partir de uma coisificação, e tratados com uma representação menor para o Turismo do que o acúmulo e a circulação de capital. Isso muitas vezes se apresenta mesmo quando são os trabalhadores e as dinâmicas do lugar juntamente com a comunidade autóctone, que produziram um potencial atratividade pela cultura e hospitalidade de determinados destinos.

A lógica massificada orienta segmentações e produções no Turismo em uma dinâmica maior ou menor, mas sempre direta ou indiretamente ligada aos retornos financeiros. São negadas, desconsideradas, e/ou minimamente valorizadas, as condições subjetivas para que os encontros possam acontecer. A negação a essa concepção é prejudicial, pois, essa complexidade para mim é fator de brotação de desejo pela viagem, e não está restrita só a quem tem ou precisa ter condições mínimas financeiras para poder existir viajante. Isso quer dizer que, ainda que o movimento de viagem gere fluxos financeiros, a brotação do desejo pela viagem não cristaliza na sua produção, espelhos de mínimo financeiro para que um movimento possa ser considerado viagem.

A produção e o acúmulo servem como narrativas subjetivas para gerar à manutenção do mercado recursivamente, numa dinâmica que reproduz a ideia de que o mercado precisa existir, resistir, para que todo o resto possa existir.

Assim olho para o universo do Turismo a partir de uma Ecologia Profunda, como para Arne Naess apresentado por Capra (1991) reconhecendo que o que compõe o universo existencial do Turismo é uma Ecologia de Saberes (Santos; Meneses, 2010), um campo de potencialidades desejantes que se movimenta entre territórios a partir de movimentos de desterritorialização.

A isso Baptista (2013) chamou de desterritorialização desejante, o que amplia a percepção sobre o Turismo para além dos sistemas, em uma compreensão complexa e ecossistêmica de encontros de universos existenciais com universos existências de outros, sendo os outros tudo aquilo que não é eu, ou seja, sujeitos e lugares.

É necessário buscar a ampliação das concepções sobre o Turismo, em seu viés de contribuição para a humanidade. Mesmo que existam textos como o de Krippendorf (2000), em que se apresentam as importâncias sociais do Turismo para além de seu viés capitalístico, a verdade é que o discurso nem sempre condiciona a prática, e essa prática permanece constantemente reproduzindo e reforçando um Turismo que não existe sem a pressuposição do vínculo capitalístico.

Sintetizando, o Turismo como conceito hoje, está cristalizado, ideias de mercado direcionados para o Capitalismo Mundial Integrado. E assim sendo, seu sentido de existência está estritamente ligado ao acúmulo de Capital financeiro.

Sendo assim, mais do que movimentos de resistência, ou contracultura sobre os aspectos do Turismo, em seu viés financeiro, me parecem viáveis e importantes os

movimentos em direção ao desejo do Turismo. Acredito que, um olhar cuidadoso, reflexivo e crítico para as considerações subjetivas que fazem com que a ideia de viajar seja uma característica do humano, do sujeito que precisa se pôr em movimento, podem trazer a tona a percepção de que aquilo que consideramos viagem, são movimentos que não necessariamente precisam ser objetivos.

É a partir desse ponto que promovo minhas leituras e o aprofundamento sobre os conceitos de Turismo que eu trabalho e que desenvolvo nesta Tese de Doutorado. A lógica do Turismo é a de ampliação de sentido, se trata de perceber no Turismo, como vem propondo Baptista (2023), em uma tentativa de tratar o mesmo desde a sua ontologia, para então propor uma ecosófica.

Para a autora, o grau zero do Turismo, sua matriz de significação tem sentido a partir da ideia de viagem, começa com a desterritorialização e potencializa antes de tudo a capacidade de o sujeito se autoproduzir, produzimos transversalizações, a partir dos encontros comunicacionais subjetivos e objetivos que esse movimento é capaz de proporcionar.

Por conta disso, entendo o Turismo como sistema aberto, que envolve um complexo de interrelações, potencialmente comunicacionais, e dessas relações, derivam, percepções complexas que dão origem a sua dimensão econômica, social e ambiental, por exemplo.

Na realidade, desde sempre busquei conceitos que me aproximassem dessa ampliação de sentido para o Turismo. Recordo que meu encontro com o conceito de Turismo em Krippendorf (2000), representou a possibilidade de perceber o Turismo como benéfico para a sociedade, e também se apresentou como gerador de sentido da importância em tratar das suas dinâmicas, a partir de suas dimensões social e cultural.

Posteriormente, encontrei em Moesch (2002) a ideia de que:

O turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamento entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório desta dinâmica sócio cultural gera um fenômeno, recheado de objetividade e subjetividade (Moesch, 2002, p. 9).

Esse conceito me parece interessante por ser representativo de uma transversalização do reconhecimento da ordem econômica de serviços no Turismo,

mas, ao mesmo tempo, também apresenta o reconhecimento da complexidade de relações objetivas e subjetivas, que é própria da produção do Turismo.

A relação história, cultura e meio ambiente, nos entrelaçamentos de elementos de cunho objetivo e subjetivo, representa um avanço na ideia economicamente centrada que normalmente é trabalhada; entretanto, ainda apresenta algumas aberturas para avanços e ampliações.

Se pensarmos a partir da 'Análise Estrutural do Turismo' (Beni, 2000), a compreensão de Moesch (2002), ainda apresenta traços de reconhecimento das estruturas como elementos de significação. Isso fica ainda mais evidente, quando os autores, em produção cooperada, desenvolvem o conceito de Ecossistema Turístico, que apresenta um refinamento nos elementos de significação, a partir do conhecimento dos encontros dos elementos que compõem esse ecossistema. Esses elementos de significação surgem como parte da condição existencial do Turismo, mas ainda assim, estão se referindo majoritariamente, ao Turismo entendido principalmente nas partes, o que pode gerar apagamentos das complexidades das relações de seus elementos (Beni; Moesch, 2017).

Essa ideia de Turismo, se apresenta de maneira mais refinada, mas ainda é potente como sinalizadora de complexidades, ainda que, sem certo sentido, haja conexão com matrizes sistêmicas de circunscrição em engrenagens e mecanismos. Dessa forma, me parece importante ressaltar a importância de um olhar em relação ao reconhecimento das singularidades, dos sinalizadores de brotação que precisam ser percebidos para além das estruturas, como dinâmicas de produção do Turismo em uma trama de elementos significantes e a-significantes em trocas contínuas.

Com orientação holística, Baptista (2020a; 2020b), propõe o conceito de **Ecossistema Turístico Comunicacional Subjetivo** que nos leva às proposições de um sistema aberto, eco de reconhecimento dos elementos que transversalizam as relações de maneira subjetiva e objetiva, aspecto que fica representado na apropriação da ideia de comunicação para a compreensão da dinâmica do Turismo.

A autora, apresenta um refinamento conceitual em relação ao reconhecimento do ecossistema para além do Antropoceno, em uma profundidade de mergulho na concepção de sistema. Como dito anteriormente, o conceito de ecossistema turístico comunicacional subjetivo reconhece elementos subjetivos e objetivos, elementos bióticos e abióticos, em processualidade recursiva.

Os ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos como processos complexos de desterritorializações, envolvendo o acionamento e entrelaçamentos de diferentes ecossistemas, em que o sujeito que se desloca é também sujeito de transposições e transversalizações ecossistêmicas, que agencia a movimentação e conexão de mundos, de universos de significações, de referências, de produção e consumo. Nesses processos, está envolvida e é acionada uma teia de materialidades e imaterialidades, desde as potentes tramas econômico-político-sociais-culturais e de prestação de serviços, até os subjacentes fluxos de energias, das micropartículas, de acionamento quântico, que atingem também os níveis de afetos. Com o turismo, tudo se movimenta e se transforma, ao mesmo tempo que o movimento de desterritorialização, em si, autopoietiza (reinventa) sujeitos e lugares, das dimensões ecossistêmicas envolvidas (Baptista, 2020a, p. 6).

Mais do que a comunicação entre os sistemas, há um complexo reconhecimento dos processos e dinâmicas comunicacionais entre ecossistemas, como, por exemplo, quando percebemos que tratamos aqui da comunicação entre o ecossistema turístico e também o ecossistema Ciência Academia. Nesse sentido, há uma trama de ecossistema.

Assim, em meio a essa trama ecossistêmica, o que se busca, na interação entre lugares e sujeitos, é um grau de significação e sinalizadores daquilo que brota objetivamente e é sinalizado subjetivamente, como dinâmicas de movimentos conscientes e inconscientes, viagens desejantes, a partir da existência da desterritorialização. Nesse processo, o que se encontra, ou se tenta encontrar, são elementos, marcas de encontros, transversalizações, interações e intenções de conhecer e se relacionar lugares e sujeitos. Parte-se da compressão do outro como legítimo na interação (Maturana, 1988), como dito anteriormente, sendo lugares e sujeitos entendidos a partir de uma lógica multiespécie, envolvidos nas relações que o Turismo potencialmente pode proporcionar.

Essa constituição conceitual é possível tendo como base o pensamento complexo que Baptista em (2023) que propôs a noção de comunicação trama em 2000, e, posteriormente, em 2016 ampliou para Turismo Trama. A autora propôs o reconhecimento de que o emaranhado de encontros e relações comunicacionais proporcionadas pelo Turismo, cria uma espécie de teia trama que produz, envolve e faz relacionar lugares e sujeitos no Turismo.

É necessário, portanto, uma atitude do pesquisador em perceber que há, na dinâmica do Turismo, uma trama de fluxos e conexões, encontros e acoplamentos de elementos não só físicos, mas de sujeitos objetivos e subjetivos, substâncias, matérias. Trata-se de aspectos singulares de cada ecossistema em encontros com

ecossistemas, que acontecem ao mesmo tempo transversalizados por diversas Tramas.

Baptista (2021a) afirma que o Turismo, como esse ecossistema complexo e tramado, produz cristalizações de importância, e que, normalmente, aparecem como sendo 'O Turismo'. A essas cristalizações de importância a autora propôs chamar de Fachada do Turismo. Fachada normalmente associada a acoplamentos economicistas da atividade, Fachada que representa as grandes instâncias do Turismo, seus marcos de significação, destinos, elementos de atratividade, aspectos consagrados. São linhas da trama, envernizadas para aparecer como as grandes Fachadas dessa atividade.

Para apresentar e perceber o Turismo em suas singularidades, no entanto, é necessário um olhar para além dessas grandes amarrações, envolvendo também as minúcias dos elementos significantes e símbolos das considerações sobre o Turismo. Ao olhar para esse revés de significação, que a autora (Baptista, 2021a) chama de Averso do Turismo-Trama, é possível perceber os elementos que não estão associados unicamente ao viés financeiro, mas que constituem o Turismo e, por vezes, são negligenciados no olhar estruturante que os segrega em prol dos elementos que sustentam aspectos de Fachada.

Essa ideia se distancia dos conceitos de Turismo estritamente ligados aos aspectos capitalísticos, ainda que não os negue. Trata-se não de uma contraposição, mas sim de uma ampliação. O Averso do Turismo não é o contrário da Fachada do Turismo, é sua percepção plena e holística baseada em Crema (1989). Há a compreensão no sentido de que, para essa Fachada existir, existe toda uma Trama do Averso, com nós entrelaçados e nós a serem desatados, com aspectos nem sempre positivos ou agradáveis como mostra a Fachada. Do Averso do Turismo brotam elementos de significação para a Fachada, e a necessidade de percepção desses sinalizadores das comunicações que acontecem na interação subjetiva, é a emergência de que possamos atuar também, aprender também, com as epistemologias segregadas do Turismo.

As tramas do Averso do Turismo são complementares às da Fachada, e a percepção de suas implicações contribui diretamente para a compreensão do ecossistema turístico. Desse modo, é possível perceber, para além das estruturas do Turismo, elementos que representam a existência, manutenção e criação desse

ecossistema, ou, ainda, elementos de comunicação que, subjetivamente, produzem a (Auto)Transpoiese dos ecossistemas.

Isso é tratar o Turismo com amor, segundo os pressupostos do Amorcomtur. Envolve reconhecer, como propõe Baptista *et al.* (2020), um mundo mais amoroso, em uma lógica multiespécie necessária não só para o Turismo, mas para os movimentos dos humanos e não humanos, os devires Ciência, os devires existência (Deleuze; Guattari, 2004).

Nessa esteira que Baptista (2023) apresenta a necessidade de compreendermos para o Turismo sua ontologia, seu grau zero como sendo a viagem. Dessa proposição decorre a ideia de que mais do que um Turismo ecológico, propomos um Turismo ecósófico, holístico, que direciona os fazeres dessa área como uma prática do humano desde o seu inconsciente, na produção de desejo que, quando capturada, reproduz as ideias de um Capitalismo Mundial Integrado, mas potencialmente, quando não capturada, pode representar a (Auto)Transpoiese de lugares e sujeitos.

Uma Ecosofia para o Turismo se dá a partir do reconhecimento de uma transversalização que se apresenta como complementar e holística, não como completude, mas como consideração da dimensão de um todo, como apresentado por Baptista (2023).

A síntese apresentada pela autora é a representação dos aprofundamentos feitos no reconhecimento sobre a necessidade de um ponto de mutação, como apresentado por Capra (1991) em que nada é mas sim está, num contínuo continuado e que precisa ser levado em consideração, a partir do estabelecimento das relações.

Dizer isso é reconhecer que o pensamento ecológico, baseado em uma condição estanque que figura no reconhecimento da necessidade de uma preservação ambiental, ou mesmo no avanço a ideia de uma conservação ambiental (Brito; Brito; Souza, 2015), é parte do problema além de esconder sua Matriz.

Se tomamos como em Baptista (2023) a ideia proposta em *As três ecologias* de Guattari (1990), percebemos que a toada das discussões ecológicas se distancia da percepção política, e eu diria micropolítica, da percepção de necessidades que estão para além do ambiental e são, sim, relativas a múltiplos atravessamentos capitalísticos na ordem do inconsciente sujeitoado.

Esses múltiplos atravessamentos se tornam evidentes nas dinâmicas de Turismo como bem de consumo, e são é representativo da negação ao movimento

sofrida por sujeitos que se constituem em território de intempérie. Esses sujeitos que imobilizados por narrativas subjetivas, sem nem perceber que seus movimentos são cerceados na matriz da sua produção desejante, sem perceber que a negação dos seus movimentos é proposital. Quando há movimentos que não podem ser negados, esses não são tratados como Turismo.

O Turismo deve ser Ecosófico e Amoroso, pautado pela ética da relação e do cuidado, orientado por políticas públicas comprometidas com a interação entre as três ecologias, reconhecendo que elas são transversalizadas por outras, em uma grandiosa e complexa trama de feixes, fluxos atratores, ritornelos, nós, sujeitos, lugares, entrelaços nós, enfim... O Turismo precisa ser gerador e gerado pelo Mundo N'Ovo, o que está para nascer, em lógica recursiva inerente à própria condição de brotação da vida (Baptista, 2023, p.16-17).

É necessário que sejam percebidos os sinalizadores dos elementos que sintetizam a nossa sociedade, nossa condição humana como espécie num ecossistema, na natureza que nos cerca. É hora de alinharmos e percebermos nossos encontros em dimensão ampliada, reconhecendo nosso alcances, mas sem limitá-los.

Portanto, é necessário pensar a condição viajante do humano em relação não só ao espaço, mas também ao tempo. Reconhecer nosso tempo e nosso espaço como condição, como presente em relação as nossas realizações, mas alinhados com a compreensão de que nossas viagens, são sim pelo espaço, mas também atravessamos tempo. Tocamos e somos tocados, e o que fazemos reverbera não só no momento, mas no futuro; além disso, o que fazemos também é reverberação do passado. Sendo assim, até onde vamos ser capazes de chegar sem perceber que nossos desejos veem sendo limitados, caçados, cercados e capturados? Desconsiderar as subjetividades é tratar de maneira ingênua o tempo que nos cerca.

Se tomarmos a sociedade de consumo atual, vamos notar que a sociedade estética, apresentada por Lipovetsky e Serroy (2015), é uma sociedade que produz um movimento de estetização do mundo que não seria um problema em si, se não fosse condicionada pelo atravessamento de narrativas subjetivas que coordenam o consumo.

Quando, Ramalho *et al.* (2019) apresentam uma cartografia das controvérsias para repensar a lógica de consumo na Pedra do Telégrafo no Rio de Janeiro, essa característica na trama se mostra evidente. Em prol de uma Fachada do Turismo, o produto é travestido por um ideal fotográfico e esconde ou escanteia a relação com a

natureza, que poderia ser promovida a priori na relação com um parque municipal de preservação ambiental.

Algo que me ajuda a compreender essa questão sobre apagamentos é a escrita de Deleuze (1992), no livro *conversações*. Nesse texto o autor propõe que a sociedade vem passando de uma sociedade da disciplina para uma sociedade do controle e discute a terminologia a partir dos escritos de Foucault. A consideração de Deleuze trata da percepção de que a sociedade antes limitada pelos poderes do estado, disciplinada pela produção legislativa, passa a estar controlada na ordem do desejo pelo atravessamento de narrativas que capturam o mesmo.

Se voltarmos o olhar do que apresentou Deleuze, para a lógica da visita à um ambiente natural, a instância da paisagem se apresenta como mais importante do que as relações estabelecidas entre o sujeito e o lugar. Isso quer dizer que, aquilo que em primeiro momento, seria um desejo em produção que orienta o sujeito a se relacionar e vivenciar o ambiente natural, passa a importar menos do que o registro dessa vivência em fotografia, a comprovação de que a vivência aconteceu.

A subida da trilha da Pedra do Telegrafo, me parece importar menos do que a fotografia no último espaço. A tendência a foto clássica nesse espaço, na pedra que fica no fim da trilha, se apresenta como marca, moeda paga pelo reconhecimento estético de que, efetivamente, esse lugar foi visitado (Ramalho *et al.*, 2019).

O que me leva aos questionamentos, o desejo representado pela foto na pedra, que de alguma forma é a recordação da vivência no espaço natural, é efetivamente o que se buscou? Ou o controle social está tão imbricado subjetivamente que é capaz de, na captura do desejo pela experiência em meio a natureza, converter o mesmo em produto que vende a marca de uma foto que representa a experiência? Se eu fizer a trilha da Pedra e não tirar a famosa foto, qual crédito há nessa subida? É possível que a minha experiência em meio a natureza seja menos valorizada?

Ao trazermos isso para uma lógica de consumo entre o lugar e os sujeitos turísticos em uma escala maior, percebemos que a Fachada é sempre apresentada, buscada, não pelas relações estabelecidas, mas pela representação que esta tem no controle exercido por todos os sujeitos que validam esteticamente o comportamento daqueles atravessados pelos Capitalismo Mundial Integrado.

Sintetizando, posso dizer que a visita ao Rio de Janeiro não é visita se não fomos no Cristo Redentor, Pão de açúcar. Não conhecemos Paris sem ir a Torre Eiffel; o que é Paris sem o Arco do Triunfo; Roma sem o Coliseu é Roma?

Guardadas as proporções e os exageros, isso vale em larga escala tanto quanto vale para as produções micropolíticas. Visitar o Rio de Janeiro para encontrar o emaranhado de existência e brotação espontânea da Favela é interessante, pela produção estética de entorno hoje sobre a Favela, ou pela compreensão profunda da minha relação de estranhamento e familiaridade (Freud, 2010) com as intempéries que todos temos na vida.

A intenção é perceber desde o Avesso, um Turismo mais amoroso e ecosófico, como proposto por Baptista (2023), em que os sujeitos entendam que como apresenta Martinez (2009), não há como ter preservação ambiental sem consideração com as desigualdades sociais. Também não há cuidado sanitário só para uma parte da população. A pandemia seria um problema do tamanho que foi, se afetasse apenas as “viagens” dos Pobres?

A verdade é que até o que aparenta não ser segregado, apresentado como Turismo de Favela (termo com o qual não concordo), é um espelho de captura do desejo, reprodução do cerceamento e anúncio de que no máximo a Favela serve para ser destino, para que a pobreza e as condições de intempérie sejam observadas por curiosidade pelo pitoresco, exótico caráter de vidas em condições limítrofes. O que há de Turismo então, nessa perspectiva, é no máximo, o culto ao silvestre³⁷. Se trata de segmentações que desconsideram o Ecossistema Turístico Comunicacional Subjetivo (Baptista, 2020a) e servem apenas para sanar a curiosidade e controlar sujeitos visitados e não para por a refletir sujeitos visitantes, e gerar interações de respeito, ética e responsabilidade ecossistêmica. O próximo tópico busca refletir um pouco isso a partir do que se encontrou sobre esse termo, Turismo e Favela.

4.1 TURISMO DE FAVELA, SEGREGAÇÃO E CONTROLE NA ORDEM DO DESEJO

Considero nesse ponto, a proposição de Baptista (2021a) de Avesso do Turismo como dinâmica de encontros comunicacionais, fluxos e transversalizações de elementos objetivos e subjetivos que produzem movimentos de encontro de

Como apresentado por Martinez (2009) em o Ecologismo dos Pobres, em relação as populações marginalizadas tratadas como exóticos e fetichizadas para serem observadas. No caso, Freire Medeiros (2009) apresenta uma perspectiva disso em relação ao ‘turismo de pobreza’ a partir das elites londrinas que visitavam as periferias com olhares filantrópicos. Se tratava de perceber a população em condições de intempérie como o silvestre ou exótico.

sujeitos entre mundos. A ideia é ser capaz de propor o reconhecimento do Turismo, a partir de sua contemplação, não paisagística, mas considerando os diversos elementos do nicho ecológico que compõe o ecossistema turístico comunicacional subjetivo de um determinado local (Baptista, 2020b).

Como visto anteriormente, os aspectos de segregação presentes no Capitalismo Mundial Integrado, são representativos da lógica de reprodução e subjetivação que, ao mesmo tempo que promovem produções e acoplamentos, cerceiam o desejo dos sujeitos e os movimentos do seu inconsciente em direção a pulsão de vida.

Com o Turismo, essa lógica está aplicada na roupagem de produto em vivência, estabelecendo elementos de objetificação, transformação de uma roupagem, uma embalagem que vai ser considerada para ser adquirida ou não adquirida. Isso reforça o *status quo* e a manutenção do poder e da segregação em narrativas bélicas, que potencializam o controle social e a estrutura, em direção a um aprisionamento controlado o tempo todo, ao invés de uma produção disciplinada a longo prazo (Deleuze, 1992).

Vivemos uma 'Guerra' de narrativas e, ainda que o campo de batalha real sejam os territórios de intempérie, a verdade é que ninguém está livre dessas 'balas perdidas' discursivas. Disso decorre o sentimento de que, ainda que não estejamos na condição ser sujeito Favelado, nos deparamos o tempo todo com Becos, com a potencialidade dos Vislumbres e Vielas.

O múltiplo atravessamento de narrativas, muitas vezes bélicas, as quais estamos o tempo todo sendo submetidos, estatiza, reforça e reproduz mesmo em contraposição a narrativa hegemônica. Isso aparece quando, na Favela, o sujeito quer deixar de ser Favelado para vencer na vida, mas também aparece quando o sujeito larga a escola para ser autônomo, empreender, 'aprender uma profissão' ... condições que colocam a lógica do aprendizado um viés exclusivamente utilitarista, em que ou o sujeito produz (nos moldes solicitados), ou então ele não 'pertence' à sociedade.

No caso do Turismo isso se apresenta nas muitas vezes que vi, sujeitos trabalhadores do Turismo, e Favelados como eu, tentarem reproduzir o que viam, sem refletir se aquilo representa ou não os seus desejos e a sua constituição como sujeito. Muitas vezes, o sujeito não reconhece a própria potência, busca a saída da Favela, por vezes valora mais uma Favela do que outra, em um território de disputa que só serve a manutenção da Favela na intempérie.

Em alguns casos, no entanto, a Favela se refaz a partir do Turismo ecosófico e ecossistêmico, busca dele o seu autorreconhecimento, e da sua forma, se faz malandramente (Auto)Transpoiese. Dessas condições surgem brotações espontâneas, realidades turísticas que não são vistas como viagem, mas que fazem com que os sujeitos se mobilizem, façam brotar desejo. Desejo de ida de um baile pro outro, desejo de uma roupa boa, que o represente, um corte de cabelo, uma música, uma praia; um detalhe singular que representa a sua produção de movimento desejante em si, e não para o outro.

Madureira *et al.* (2018) apresentam um interessante trabalho sobre as relações de poder presentes nos discursos jornalísticos sobre o Rio de Janeiro pós olimpíadas de 2016 acerca das Favelas, interpretando, na época, a forma como essas narrativas influenciam os discursos e a percepção sobre a Favela e os Favelados, chegando à conclusão de que há potencialidade na Favela como destino e, conseqüentemente, existe a possibilidade de desenvolvimento local através do Turismo.

O que interessa aqui, entretanto, é um trabalho mais aprofundado tanto no papel do discurso quanto nas dinâmicas do dito Turismo de Favela, sem se manter apenas com a posição contrária ao ‘culto ao silvestre’ como muitas vezes a Favela é trabalhada. Penso que existem aspectos dos dispositivos discursivos mais profundos desde o inconsciente em prol da captura dos desejos no espaço de intempérie. Isso ocorre, de modo que esse discurso serve para a manutenção do sujeito assujeitado, tanto o Favelado quanto o visitante, em relação a essa ‘guerra’ de narrativas que enquanto guerra, precisa se manter para a manutenção do *status quo*.

As narrativas têm papel importante no desenvolvimento do que proponho aqui para pensar o Turismo em sua relação com a Favela. O texto de Madureira *et al.* (2018) dá pistas dessa importância, e aqui, muitas vezes como foi apresentado, trago narrativas pessoais de vivências por Becos e vielas que contam e contemplam minha vivência como sujeito Favelado.

O conceito de Ecossistema Turístico Comunicacional Subjetivo tem para mim um elemento muito importante no teor declaradamente comunicacional da sua constituição. Dessa forma, valho-me tanto dos elementos comunicacionais, para perceber o fluxo de narrativas que constituem o inconsciente em relação ao desejo a partir da mídia, bem como abordo o fluxo comunicacional e de narrativas decorrentes das relações intersubjetivas entre sujeitos e lugares dispostos, no caso o que chamamos aqui de ‘com-versações’.

Por conta disso, as narrativas têm papel central na composição desta Tese. A partir de Lima (2014), recolhemos informações acerca da importância para toda a vida em sociedade acerca da humanização das narrativas, se trata de uma dupla composição em relação à narrativa, quase como um metatexto de sua configuração. O autor, apresenta que o fato de as narrativas, de modo objetivo, priorizarem a comunicação direta, faz com que diversos dispositivos midiáticos e consequentemente diversos discursos caminhem na mesma direção, limitando-se a uma racionalização e objetificação de elementos que, muitas vezes, são subjetivos e afetivos.

Essa condição orienta as narrativas sobre a Ciência que acabam negligenciando os aspectos subjetivos, e no caso do Turismo se apresenta na sua constituição científica bem como na sua fruição desejante, ou seja, os lugares que são considerados tanto emissores como receptivos são avaliados com características objetivas vinculadas a um viés capitalístico de reprodução de captura do desejo na ordem do inconsciente. Na prática, as narrativas ditam quais os destinos, os valores, quem são os turistas, o que é preservação, quem pode fazer Turismo e para onde o sujeito precisa ir para ser considerado parte desse ecossistema.

Está em jogo aqui o desejo de fazer parte, sentimento de importância que, muitas vezes, não é tratado, mas é representativo do que temos nos conflitos de ordem narrativa. O aparelhamento trata o subjetivo de quem diz que, para fazer parte desse ecossistema turístico, é necessário ter as atitudes, os comportamentos que representam esse ecossistema.

Sendo assim, quais as atitudes e os elementos que representam o ecossistema turístico, e essa representação é criada, condicionada, reforçada por quais narrativas? Vejamos o seguinte, o sujeito favelado, quando se depara com seu espaço sendo tomado como destino turístico, não tem como perceber que seus fazeres são os elementos que complementam o interesse das microviagens, da (Auto)Transpoiese que acontece com os sujeitos que visitam a Favela.

O motivo disso é que o sujeito Favelado não é considerado turista, e por vezes é desconsiderado também como potencial turista. Isso acontece, pois, a narrativa que esse sujeito recebe de Turismo é a saída do seu território por mais de 24h com a troca financeira no lugar visitado. Quando o sujeito não produz movimentos dessa forma, ele não é considerado turista, e a Favela narrativamente é sempre considerada destino, mas, na ordem do desejo, a desterritorialização do sujeito visitante, no contato

com o sujeito visitado, a transformação e brotação de si mesmo, transversalizada pela comunhão entre os dois sujeitos, acaba sendo algo 'tido' como exclusivo do sujeito que se desloca geograficamente. É tratado como exclusivo do sujeito que transfere divisas financeiras do seu lugar para o 'lugar' de destino, mas será só isso?

As narrativas cristalizam, reforçam e reproduzem subjetivamente a manutenção do *status quo*, do que é considerado Turismo, do que é considerado viagem e também do que é considerado Turismo relacionado com a Favela. Ainda que haja migração e aprendizado de elementos culturais do sujeito Favelado com quem nos visita, é importante ressaltar que isso não acontece só por nos visitarem.

Povoa, Reijnders e Martens (2019) apresentam os fluxos e influxos de um Turismo efêmero sobre as narrativas midiáticas das telenovelas sobre a Favela, apresentando dinâmicas que são para além só das Favelas, compositivos de alguns aspectos que principalmente reforçam o paradigma da exclusão social e do olhar do centro (Norte) para os territórios de intempérie (Sul/Favela).

A condição que se apresenta é a de narrativas vigentes que compõem contradições no transcurso narrativo da Favela, no caso narrativas sobre a Favela pejorativa X narrativas sobre a Favela em brotação, essas sobrepostas nas suas autoproduções e na sua autopoiese, em composição de desterritorialização dependente por vezes da narrativa hegemônica. Assim, mesmo as narrativas de brotação, por vezes são coladas num discurso de falta compositivo sobre a maneira como é mencionada e com a maneira com que é retratada.

Soando como contradição, há uma construção de identidade com a qual a comunidade não necessariamente se identifica, isso vale para os mais diversos atravessamentos representativos sobre a Favela. No caso do Turismo, temo por exemplo, a identidade de um ideal de turista que não tem como representar a Favela. Isso se dá, pois, tanto o que se recebe midiaticamente, quanto o que se vê de turista na Favela (quando se vê), não representa a maneira como o sujeito Favelado vê o mundo, tendo aprendido a vida toda a transitar em território de intempérie, sem a capacidade de idealizar o encontro com o que se busca e sim comemorando cada passo na direção disso.

O que se apresenta é um contexto de construções narrativas, trançadas a partir de uma produção de subjetividade maquínica que está colada numa narrativa vigente, que ainda que não seja questionada, não corresponde à visão que a Favela tem de si mesma.

A Favela produz sua própria subjetividade, e nada dela, por vezes, é apresentada na narrativa hegemônica. Seu desejo é condensado em capturas pelo próprio discurso de falta, esse discurso é representativo de negações e invisibilizações que por vezes contaminam até para quem produz no próprio lugar, na própria Favela. Assim, mesmo as narrativas não hegemônicas, desejanter e emergentes da Favela, apresentam em alguns traços elementos fractais de desejo capturado.

Esse aspecto é ressaltado a partir de Baptista (1996), que apresenta a lógica narrativa que condiciona a própria produção, e apresenta a maneira como a desterritorialização desejanter emerge. Ainda, entretanto, que essa desterritorialização seja vista, na prática ela não é olhada ou tratada, e por vezes é apagada quando atravessada e transversalizada na narrativa hegemônica.

Para Baptista (1996) a comunicação, se apresenta como uma trama, emaranhado complexo de trocas entre sujeitos, a partir do contato de universos de significação com universos de significação, de maneira que o que se percebe é o atravessamento de narrativas dos sujeitos envolvidos, não o interpelamento de um discurso vigente sobre o sujeito. A lógica de Turismo baseada no conteúdo midiático produzido 'sobre' não faz jus a produção de discursos 'entre'. Trata-se de dinâmica que, esquizograficamente, representa uma lógica de viagem ligada à produção das narrativas entre lugares e sujeitos, e não aos discursos narrativos que sustentam um paradigma que resulta no binômio incluídos e excluídos do Turismo.

A negligência às subjetividades replica, de maneira retroativa, condições de Turismo de Fachada x Averso das tramas desse ecossistema. Isso fica claro de maneira ainda incipiente a partir de nossas primeiras pesquisas nas bases de dados sobre os termos Turismo e Favela. Nas bases de dados da CAPES, coloquei como parâmetros as palavras "Turismo" e "Favela" em trabalhos que tivessem os dois termos. Essa pesquisa retornou noventa, trabalhos que foram publicados entre os anos 2000 e 2024, sendo o primeiro publicado no ano de 2004 e já demonstrando um universo restrito de pesquisa, quando se trata do termo Favela em específico.

A maior parte dos trabalhos trata a Favela como destino turístico. Essa constatação é muito representativa, quando levamos em consideração alguns pontos possíveis de se interpretar a partir dessa primeira pesquisa. No caso, fica evidente que ainda que tenha um número de trabalhos significativo, os trabalhos são recentes se considerados como ponto de partida de publicações com essa temática, o ano de 2004.

Ainda que exista esses trabalhos relacionando Turismo e Favela, não restrinjo o universo existencial da pesquisa apenas a pesquisas relacionadas a Turismo. Busquei e trabalho ao longo do texto com diversos estudos de outros universos científicos que importam para a dinâmica que estamos vislumbrando nesta pesquisa. Trabalho com textos de outras áreas, e alguns inclusive que se preocupam com o universo Científico do Turismo, no entanto é uma característica passível de ser percebida o fato de que muitas dessas outras pesquisa não aparecem ou ainda não estão sendo relacionadas com o universo aqui trabalhado, e por tanto, não aparecem na pesquisa feita nas bases de dados da CAPES.

Isso também demonstra que alguns aspectos de ampliação que estamos propondo, em relação ao Turismo, não vêm sendo trabalhados como aspecto de importante valor social e cultural das sociedades em relação ao universo existencial da Favela. Assim sendo, a Favela e Turismo me parece não estarem sendo contempladas em seus múltiplos atravessamentos, quando percebemos esse universo como trama, a partir das proposições de Baptista (2021a), e minhas com Baptista (2022; 2023a).

São importantes de serem ressaltadas algumas limitações com relação a esses primeiros resultados de pesquisa e também com relação ao fluxo bibliográfico que me traz até aqui. Essa pesquisa foi feita nas bases de dados da CAPES, mas, por conta das características dos estudos encontrados, a terminologia utilizada, e a base que foi buscada, muitos estudos vieram repetidos, e alguns que tomei conhecimento de maneira espontânea, não retornaram na busca feita. Por exemplo Teses e Dissertações com temáticas relacionais que não nomeavam o Turismo me tratavam sobre temas afetos ao desejo, a sociedade, a comunidade, periferia e características relacionais tão caras a Tese aqui proposta.

A relação com o campo de pesquisa, mesmo o campo científico, é uma relação 'com-versada', no sentido proposto por Baptista (2023) apresentado anteriormente. Assim, nas voltas com os autores e no mergulho aprofundado na bibliografia até aqui apresentada, a busca seja por 'nós' de entrelaçamento com o pesquisador, em múltiplos atravessamentos com o lugar de pesquisa e as tramas desse ecossistema.

Por conta disso, alguns aspectos em relação a Turismo e Favela são ressaltados a partir de alguns estudos que utilizamos como referência para o reconhecimento do que precisa ser cartografado e com que parâmetros estou construindo essa cartografia.

No caso, tanto os estudos anteriores quanto os que estão sendo apresentados agora, tomam como o início do 'turismo de favela', o acontecimento da Eco-92³⁸, em uma apresentação que normalmente se sustenta nos primeiros roteiros formatados com a ideia de se fazer um *tour* pelas regiões do território das Favelas.

Para Castro (2023), no entanto, existem exemplos de visita às Favelas que remontam a antes disso. Essa perspectiva dos autores inclui personalidades e políticos que se interessavam em conhecer as áreas de 'pobreza' do Rio de Janeiro, sendo os motivos os mais diversos, mas quase sempre envolvendo paralelos com a filantropia. Como os próprios autores apresentam, entre o que se convencionou chamar no Brasil de Turismo de Favela, em outras regiões ficou conhecido como '*Slum Tourism*' em tradução livre, turismo de pobreza, feito pelas classes mais abastadas, com a intenção de conhecer a cultura de quem não tem o mesmo padrão de vida.

Isso é um problema que se apresenta ontológico de uma dinâmica que direciona para a mesma consideração feita em relação à inviabilização do Favelado turista. O *slum tourism* é o resultado de um processo de inflação das cidades pelas populações em Londres (Freire-Medeiros, 2009) pós Revolução Industrial, em uma dinâmica que é a de degradação do sujeito na sua produção desejante, própria do Capitalismo Mundial Integrado.

O *slumming*, maquiado de atividade filantrópica, desde muito tempo é presente nas sociedades capitalísticas. É representativo do atravessamento de narrativas que servem para a manutenção das atividades fixadas na produção e no consumo irrestrito. Trata-se de uma dobra da composição de um capitalismo em direção ao acúmulo infinito que reproduz a lógica do que precisamos ser para existir nesse ecossistema, no ecossistema mundo.

O grande problema é que, ainda que isso fique evidente, na prática ainda é crítico o tratamento dado as Favelas. No caso aqui olhado a partir do Rio de Janeiro, nem mesmo academicamente se distancia dessa lógica. Reitero que não é uma crítica a percepção da Favela como destino, mas é uma apresentação de que em nada esse

Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente e desenvolvimento que aconteceu em Junho de 1992.

destino³⁹ Favela é visto como potencial produtor de viagem, e, conseqüentemente, nada além do que um mero exportador da sua cultura, que tem como representação na realidade a capacidade de se reinvestir, reinventar suas produções para ser capaz de existir.

Muitas vezes os turistas se encantam justamente com as características espontâneas de criação e brotação em território de intempérie da Favela (Gómez; Zapata; Mess, 2019; Moraes *et al.*, 2022; Freire-Medeiros; Nunes; Campello, 2011), a capacidade e o aprendizado pelo inesperado, o encontro com o Beco como Espaço de desterritorialização, a capacidade de simular e reterritorializar mesmo em território de intempérie. Então por que não reconhecer a graça vista pelo sujeito que visita, como capacidade que o sujeito visitado tem de viajar? Negligenciar como Turismo e como elemento de significação na/da viagem, algo que tantas vezes se tenta reproduzir na Fachada, e que muitas vezes é tão presente no Averso, é minimamente um contra-senso. **A Favela Ensina!**

Ensina a ter uma postura mais ecosófica sobre o Turismo, como propõe Baptista (2023), uma postura que seja de reconhecimento do desejo do sujeito em sua transversalização com o mundo e com seu universo existencial. A Favela é matriz de potência de brotação de (Auto)Transpoiese de entrelaçamentos entre lugares e sujeitos, para sua existência plena de sentires e de sentidos.

Aparentemente, no entanto, temos um problema, a partir da percepção restrita do que vem sendo tratado como Turismo, do que vem sendo tratado como segmentos do Turismo e do que vem sendo tratado como Favela.

Vale mencionar, neste sentido, um levantamento bibliográfico feito a respeito do 'segmento' de Turismo de Favela, a partir de 2013. Esse texto apresenta como dados trabalhos produzidos constantes no acervo bibliográfico do observatório de turismo das Favelas (Freire-Medeiros; Moraes, 2022), em que essas autoras apresentaram um levantamento do histórico dos estudos sobre o tema, principais práticas adotadas e a fundamentação dessa prática de Turismo. Esse estudo apresenta aspectos diferentes do levantamento que fiz na base de dados da CAPES, em relação a elementos que apresentam resultados também do *slum tourism*. Nesse caso, o retorno foi de 146 trabalhos, não só de periódicos, e que aparentemente

Temos que ser críticos aos pressupostos modelizastes para o Turismo relacionado a Favela como destino, quanto as suas concepções cristalizadas na objetificação segregadora desvalorizante.

reverbera minha percepção de que a Favela segue sendo reforçada como destino e desconsiderada na matriz dos desejos desde o inconsciente.

Se mostra evidente que os aspectos de subjetividade vêm sendo negligenciados no olhar para a Favela e sua relação com o Turismo. Infelizmente isso vem da sua matriz de brotação conceitual e percepção apenas como destino turístico, em uma relação que só potencializa as narrativas do Turismo de pobreza.

Os aspectos subjetivos do Turismo se tornam um tema cada vez mais emergente. Cada vez mais, se apresentam transversalizações de fluxos que contrapõem homogeneidade X singularidade, em uma dinâmica de discurso sobre autenticidade que se percebe, na Favela, justamente nas subjetividades das tramas do Averso. Dessa forma, se torna primordial que a relação entre sujeitos e ambiente perceba e potencialize as singularidades e as dinâmicas heterogêneas, como ideia de prática de um Turismo 'autêntico', o que eu prefiro perceber como um turismo desejante. Nesse caso, o sucesso do desenvolvimento turístico de um lugar, está intimamente ligado à capacidade de se produzir brotação de (Auto)Transpoiese de sujeitos e lugares, em relações de movimentos desde o inconsciente para sujeitos em comunicação.

Em diversas partes, do mundo cada vez mais se vê tomada a necessidade de perceber as singularidades, como contraponto aos ideais industriais de um Turismo extrativista, e ainda que o mesmo exista, para potencializar as relações em efeitos positivos para o Turismo, se mostra importante perceber as relações interpessoais entre os sujeitos acolhedores e os sujeitos acolhidos, em dinâmicas características das viagens cotidianas (Vafina *et al.* 2020).

Os aspectos psicológicos são determinantes na percepção das relações subjetivas no Turismo. Nesse caso, é importante estar atento não só às viagens para os potenciais visitantes, mas também, aos aspectos sociais de Lazer e de Turismo, dos visitados, como condição potente de (autor)transpoiese de lugares e sujeitos. Dessa maneira, é possível perceber os desejos a partir de turistas nas relações com o lugar ou lugares turísticos, como apresentado por Vafina *et al.* (2020), onde a autora demonstra a axiologia das escolhas turísticas dos sujeitos viajantes.

O hedonismo, como orientação filosófica de um sentido para a vida vinculados na busca pela própria satisfação, em seus aspectos subjetivos pode emergir no Turismo. Se for esse o caso, nas Favelas do Rio de Janeiro, para os sujeitos Favelados, essa condição filosófica se sobrepõe as narrativas comumente veiculadas

sobre os axiomas de lugares e sujeitos da Favela como não 'viajantes', sem cultura ou sem lazer. Apesar de narrativas bélicas, que reforçam o apagamento do direito de o Favelado viajar através do destaque aos elementos de violência e pobreza, é possível perceber um interesse de fluxos turísticos para os mais diversos espaços da Favela, com os mais diferentes motivos Madureira *et al.* (2018).

Da mesma forma, entendo que esse desdobramento de interesse é um sinalizador de elementos que a própria Favela valoriza sobre si mesma, dos próprios movimentos de Lazer que os Favelados (auto)poieticamente produzem, que nós produzimos. Para Vafina *et al.* (2020), os viajantes do seu universo de pesquisa aparecem interessados muito mais nos aspectos de interrelações como valor, do que um sistema subjetivo de poder baseado em destinos consolidados.

Dizer isso é identificar a maneira como dinâmicas de movimentos de desejo não estão inexoravelmente sujeitadas à formatação de narrativas midiáticas, ainda que sofram com sua influência, sendo assim os sujeitos Favelados não precisam condicionar seus movimentos a ideais de viagem modelizados pela Fachada do Turismo. É possível poder apresentar elementos sinalizadores das Viagens na Favela, dos Favelados e seus Aessos. Se trata de uma contraposição ao que representa a estrutura da Fachada do Turismo, apresentada a partir de elementos de movimentos de Lazer e de Turismo na Favela.

E mais, em se tratando desses aspectos, é possível salientar que o olhar sobre subjetividade maquínica a partir dos movimentos do desejo autopoietico, ou da desterritorialização desejante, se apresenta para a noção de turista trama (Baptista, 2016), como interconexões que não estão contidas de maneira dependente do universo maquínico das narrativas hegemônicas.

Dessa maneira, o Turismo, que tem em sua matriz ou grau zero a Viagem (Baptista, 2023), não está implicitamente ligado a práticas de lazer estritamente capitalísticas, quadro que configura nova perspectiva de olhar sobre a subjetividade na contemporaneidade, ou ainda, um Averso do Turismo, sobre o qual os estudos das subjetividades do Turismo podem se debruçar, como apresentado por Baptista (2016). Isso faz com que seja necessária a aproximação dessa configuração de avesso do Turismo com o Lazer, quando olhamos para a Favela como produtora desde o seu desejo de suas próprias viagens, no caso do seu processo de desterritorialização - simulação - reterritorialização, não necessariamente vinculado

ao geográfico e ao fluxo financeiro em outro lugar, mas vinculado a sua necessidade de movimento para a constante (Auto) Transpoiese de lugares e sujeitos Favelados.

Nesse caso, se faz necessário que discutamos não só o que é a consideração de um avesso do Turismo, mas o que nos aproxima também, ao menos no caso do ecossistema turístico da Favela, das práticas de lazer que movimenta desde a ordem do desejo inconsciente, sujeitos entre lugares. Sendo assim, vamos apresentar na sequência uma dobra, da formação do que consideramos o Avesso do Lazer em aproximação com o Avesso do Turismo em seu grau zero, a Viagem como condição potencializadora de (Auto)Transpoiese, (Baptista, 2023).

4.2 O AVESSO DO LAZER-TRAMA

O que apresento aqui, é um relato do Lazer possível dentro de um estudo que, na verdade, se atravessou como potente a partir das aproximações com a trama do Turismo em seu Avesso. Isso se dá, a partir do reconhecimento de que o que trato aqui, como ampliação de sentido sobre o Turismo, se aproxima também da produção sobre o Lazer. Trata-se de um Lazer para além da lógica capitalística, em que parte do que o constitui, tem como matriz também movimento, em relação a Becos e Vuelas como analogia. Esse movimento é iniciado pela desterritorialização desejante, e é capaz de proporcionar, ao sujeito, o processo de (Auto)Transpoiese desde seu inconsciente.

Gomes (2023) apresenta, a urgência de discutir uma nova episteme para o Lazer. O texto aqui apresentado não tem a intenção de propor isso em larga escala e profundidade; no entanto, a discussão desse princípio é profícua e transversaliza a lógica cunhada para a proposição das Esquizografias de Favela.

Isso se dá, pois, não há como desvincular, na matriz desejante, o processo de viagem para relacioná-lo somente a Turismo ou somente a Lazer. Na prática, tornou-se evidente que aquilo que cartografo, para quem produz, não precisa ser marcado como Turismo ou como Lazer. Essa marcação só representa uma cristalização teórica, academicamente instituída para os fazeres dos sujeitos, e são muitas vezes subservientes às grandes estruturas de poder.

Entendo essas estruturas, e também entendo a necessidade de tratá-las pelo viés da micropolítica, e assim sendo, a partir de suas nuances de manutenção de poder, status quo e subserviência capitalísticas.

Ainda que, à primeira vista, o Lazer figure a partir de suas implicações teórico conceituais como um elemento de discussão socioproductiva, na prática, principalmente a partir da lógica teórica do Lazer no entretenimento, o sentido tratado e depositado para o mesmo também é vinculado, assim como no Turismo, a uma dinâmica de fluxo financeiro. Esse dado apresenta-se para mim como uma marca social de uma sociedade que baseia sua estruturação em lógicas de consumo (Gomes, 2023; Marcellino, 1996).

Historicamente, a constituição do olhar sobre o Lazer no Brasil se faz a partir também dos textos de Dumazedier (Marcellino, 1996), e o autor, de fato, tem papel importante para a representação ainda hoje do que se pensa sobre o tema no País. Entendo, no entanto, que existe um alinhamento estruturalista se baseado na teoria da Dádiva de Marcel Mauss (2002), que parte do dar-receber-retribuir, e configura, nessa estrutura, as Teorias do Lazer, em direção a uma analogia que pressupõe uma disposição de causa e efeito entre os elementos estruturantes.

Nessa esteira, temos o desenvolvimento do sentido de Lazer, como elemento de oposição entre o tempo/espço, relacionando o valor social da produção e do serviço, em uma matriz claramente marcada pelos avanços de uma sociedade industrial (Marcellino, 1996; Gomes, 2023). Essa configuração põe os estudos de Lazer sempre em um território de conflitos e oposição, seja em função da busca por relações laborais mais justas, ou mesmo pelas discussões sobre o papel social do entretenimento, do Lazer como tempo de não trabalho, de uma sociedade do consumo etc.

A colocação do Lazer nessa configuração, direciona-o também para uma aproximação com o Turismo, em relação ao território que ocupa essa prática, não em relação ao espaço físico, mas, sim, em relação ao seu aspecto subjetivo, percebido em dinâmicas de conflito de poder.

Isso é, o que faz com que o Lazer tenha, em alguns momentos, um caráter mais social e menos em uma lógica como produto, diferente de como normalmente é tratado o Turismo, entretanto, isso configura um campo de estudo do Lazer, que normalmente faz com que seus aspectos de viés capitalístico passem desapercibidos, e no caso aqui em uma discussão epistêmica, não pode deixar de ser apresentado.

Gomes (2023) apresenta acerca dos estudos do Lazer, referências a sua essência etimológica, que referem o Lazer como o termo legal romano para ser lícito,

algo que percebo como um lembrete no termo, relacionado ao direito a um espaço do ócio do ponto de vista objetivo. Para a autora:

A origem etimológica da palavra lazer (loisir em francês, leisure em inglês) é proveniente do latim: licere [...] O termo latino licere foi criado pelos romanos com o significado de ser lícito, ser permitido, poder, ter o direito (Torrinha, 1937). Essa significação instiga algumas ponderações, pois, para ser considerado lícito, deve-se ter como referência um fundamento normativo ou julgamento de valor. Desse modo, a etimologia da palavra lazer remete a algum tipo de controle social, seja ele formal – materializado por meio de leis e regras institucionalizadas – ou informal, correspondendo a normas de conduta social – costumes, valores, crenças – que são culturalmente legitimadas em cada contexto histórico-social (Gomes, 2023 p.1).

Gosto de pensar, no entanto, que, na verdade, a matriz subjetiva do termo apresenta uma ligação com o viés inconsciente do direito a própria produção desejante, espaço para a (Auto)Transpoiese. Nesse caso, penso em algo que se refere diretamente à necessidade do humano, no sentido de uma produção desejante como parte de sua constituição enquanto sujeito.

Analogamente, Turismo e o Lazer, nesses termos, têm uma aproximação imbricada na matriz do desejo, que orienta a necessidade do humano de movimento e a necessidade do humano pelo direito de desejar, de maneira não capturada, mas desterritorializada - simulada - reterritorializada. Isso significa Lazer e Turismo pautados pelo desejo mutante e em condições de se desenvolver em coerência com as mutações e, claro, até mesmo às condições de intempérie.

Na linha das analogias, se percebe que, o que se apresentou é uma orientação epistemológica que amplia os sentidos do Lazer, na tentativa de reconhecer, no Averso dessa prática, os elementos tramados que apresentam sua Fachada. Isso é reconhecer a episteme da Favela como elemento de significação para um Averso que estrutura Fachadas tanto do Turismo como do Lazer.

Os estudos do Lazer vêm opondo diversos tempos sociais, práticas em estruturas medidas de maior ou menor comprometimento, fazeres culturais como produções de Lazer autêntico e desinteressado. Há ainda uma linha de estudos que busca a avaliação do Lazer em seus aspectos subjetivos; entretanto, Gomes (2023) deixa claro que essa linha é pouco explorada. Acredito que um pouco disso se reflete na proposição da autora sobre a necessidade de pensar uma nova episteme para o Lazer, uma episteme que leve em consideração os aspectos subjetivos do Lazer, esses aspectos subjetivos aqui são buscados para falar sobre o Lazer da Favela.

Na verdade, não se trata, nesse ponto, de trazer elementos sobre a construção de epistemológica que dá o equilíbrio fluente da pesquisa, algo em torno disso já foi falado quando apresentei a epistemologia desta Tese. No acompanhamento da escrita fluida, no entanto, desde o início desse texto, e na amarra de narrativas singulares do sujeito que escreve e inscreve, há potenciais traços especulares que representam os sujeitos da Favela em suas produções de investimento desejante, na ordem de seus inconscientes maquínicos.

Isso faz com que, para apresentar as interpretações e o fluxo com o qual se desenvolveu o pensamento nesta Tese sobre o Lazer, alguns elementos precisem ser declarados, na tentativa de uma melhor compreensão sobre o caminhar epistemológico na proposição de um Averso do Lazer, como dobra do Averso do Turismo de Baptista (2023)

A ciência pós-moderna é uma ciência assumidamente analógica [...] já mencionei a analogia textual e julgo que tanto a analogia lúdica como a analogia dramática, como ainda a analogia biográfica, figurarão entre as categorias matriciais do paradigma emergente” (Santos, 1988, p. 63 - 64).

No livro *Um Discurso Sobre a Ciência*, Santos (1988) apresenta argumentação sobre o transcurso de uma ciência pós-moderna. Recorro às ideias apresentadas, como forma de retratar uma urgência enquanto discussão epistemológica, não só para o Lazer, mas como matriz que circunda a Ciência em si.

Como apresentado, o meu olhar sobre vislumbres ‘Viela’ de um trânsito científico aponta na direção do reconhecimento da analogia como estratégia de sobrevivência textual. O reconhecimento disso pode direcionar a uma construção próxima do que apresentamos aqui, em consideração sobre os modos de andar da Favela, esquizo, e construindo brotação de vida, autobrotação.

Isso representa uma condição de vida e percepção sobre o Lazer, que desliza entre Becos e Vuelas, em uma episteme ‘Malandra’ sobre um jeito de andar que faz com que eu precise, para falar de Lazer do meu lugar, apresentar a forma como eu ando e sinto essa prática, como elemento que faz também parte do meu Lazer em viés subjetivo.

Aquilo tratado como ‘Mal-andagem’ é o que configura e demonstra para mim a necessidade de apresentar com que colagens e encontros eu posso falar de Lazer. Ainda que de maneira incipiente, como autor, eu entendo que, como ato micropolítico (Rolnik; Guattari, 1996), verso sobre um Lazer como ato de existência, de uma

população como a da Favela que precisa criar seu jeito de andar, para poder existir sujeito do gozo do Lazer desejante.

Da alcunha dessas tramas, que atravessam o Lazer do sujeito favelado que não diferencia sua atuação entre Lazer/trabalho/Turismo, esse sujeito Viaja e faz do seu existir Movimento e Desejo, como condição de (Auto)Transpoiese. Nessa lógica de existência, faz do seu movimento, da sua andagem ato epistemológico que, muitas vezes, é negado pela matriz hegemônica da existência. Assim viaja e produz Lazer, como pode e sabe, como quem salta todos os dias sabendo que tem que reinventar, o si mesmo, os modos de existência todos — o que envolve também Turismo e Lazer.

O sujeito Favelado que reside no seu fazer Lazer produção desejante é cerceado no território de poder que identifica o seu Lazer como não Lazer, o seu Turismo como não Turismo. Desse modo, por não ser considerado Lazer, ao menos, não é validado pela matriz hegemônica de poder do Território da Ciência do Lazer, como apresentado por Gomes (2023).

O Sul do Lazer (Santos; Meneses, 2010; Gomes, 2023) Favelado é Favelizado, pois não é reprodutor do fazer Lazer a ser comercializado, ou quando aceito dessa forma, é inviabilizado para quem criou dele condição de existência subjetiva.

O Favelado cria condições, constrói estratégias para a fruição do próprio Lazer, condições para existir sujeito desejante nas suas práticas; entretanto, as estruturas de poder constantemente desconsideram e/ou invalidam seus fazeres. Frases como, “não vamos assim pois é coisa de farofeiro favelado...” ou ainda “baile de favela é coisa de bandido, vagabundo e desocupado” são representativas de como a Favela é negada, pela episteme do Lazer em seus fazeres e desejos.

Essas constituições representam a necessidade que vi, e vejo de apresentar traços de mim, espelhados nos fazeres ‘com-versados’, trazidos e refletidos na direção de uma episteme que reconheças as subjetividades nos estudos do Lazer.

Mais ainda, quando consideramos as entradas e saídas pelos movimentos entre Becos e Vieiras, percebemos, que entre idas e vindas, nos deparamos em ‘conversações’ múltiplas e recursivas, com autores e inspirações que ‘convido’ a dar voltas junto, e são representativos nas reflexões sobre o ‘meu’ Lazer. Descrevo aspectos importantes desse Lazer, a partir da autora que possibilitou muitas das leituras feitas para a produção desse texto. Baptista (1996) já apresentava alguns dos pressupostos apresentados por Santos (1988), como traços especulares, que significam também orientação de desenvolvimento pós-moderno de Ciência, elementos de significação

que venho encontrando nas minhas leituras sobre Lazer, tanto teórica como empiricamente.

Pensamos em Favela e verificamos traços das contribuições de um e outro autor. Tanto Santos e principalmente Baptista representam a forma como as analogias ajudam a compreender as viagens da Favela, a forma como se transita, como existimos e como desejamos. Temos em Baptista, a possibilidade de perceber como esses traços são plenos de sinalizadores subjetivos do inconsciente maquínico dos sujeitos que brotam espontaneamente em território de intempérie.

Ainda, podemos perceber em Santos (1988), em três sugestões sobre a ciência pós-moderna, traços que são importantes a serem considerados para pensar nossa escolha de desenvolvimento de pensamento sobre o Lazer. O primeiro deles é a ideia de que todo conhecimento é local e global, algo que justifica a apresentação da Favela como espaço de ensino, de reconhecimento de epistemologias do sul (Santos; Meneses, 2010).

Trata-se de poder perceber que o que estou apresentando não remete só à Favela, e sim a um tratamento que se apresenta como o espelhamento de lógicas de andares da Favela e sua constituição social subjetiva, inserida em um capitalismo mundial integrado. Isso corresponde a reverberações e condição de existência, representadas em traços da relação com esse espelhamento.

Santos (1988) ainda apresenta que todo conhecimento é também autoconhecimento. Algo que estamos apresentando desde o início desta proposta, como reconhecimento do sujeito autor desta pesquisa, alinhado com a proposição metodológica de Baptista e Eme (2023), em que a Cartografia dos saberes, apresenta como uma de suas trilhas estratégicas a Trilha de Saberes Pessoais.

Isso significa que o traço que percebemos no Lazer é constituinte de uma marcação de existência enquanto sujeito Favelado, que produz e reproduz, a partir de sua cotidianidade a sua essência como sujeito.

Além disso, como metatexto, pode-se perceber que, como viagem investigativa (Baptista, 2014; 2022), a história do pesquisador se inscreve na pesquisa, como Esquizografia, e por conta disso, os desdobramentos da pesquisa transversalizam conhecimento e autoconhecimento, como verdade dessa narrativa, que representa também, para o autor, o andar por Becos e Vieiras da pesquisa como analogia de produção de um Lazer trama desejante. Como Lazer Trama desejante, quero dizer sinalizadores de lazer que se desdobram em fractais rizomáticos e espontâneos, em

ligações que orientam os devires, mas não os condicionam. Dessa forma, entendo que o elemento desejo é tocado na trama relacional que a atividade de Lazer tem, ao mesmo tempo em que seu contínuo segue caminhos por Becos e Vieiras, de acordo com as representações, espelhos e brotações de cada sujeito e lugar componente dessa Trama.

Por último, Santos (1988) apresenta que todo conhecimento científico objetiva se tornar conhecimento de senso comum, algo que sinaliza para a percepção de que as formas de conhecer estão também postas sobre a lógica de um Capitalismo Mundial Integrado (Guattari, 1989), em que o conhecimento científico hegemonicamente mantém um status como única e verdadeira forma de conhecer.

Pois bem, como '*Sapere Aude*' (Silva; Baptista, 2023), aprendi a me atrever como quem transita pela Favela, e reconheci que, dos Becos e Vieiras, sujeito pesquisador e pesquisa, viajam juntos, contam juntos, em traços especulares e subjetivos, de afetivações pelo seu caminhar (Baptista, 1996; Duarte; Nunes, 2020).

Disso tudo decorre a percepção de que o homem que percebe o mundo a sua volta, não o faz no presente, e ainda, não faz do presente um momento de análise. Ele sente o momento e, posteriormente, é capaz de interpretá-lo. O Sujeito em questão pode ser o sujeito pesquisador e suas transversalizações, mas que faz da vivência da pesquisa a vivência do cotidiano. Como tal, percebe no cotidiano a construção da sua história e da história que o transversaliza, no meu caso, meus fazeres pesquisador também como práticas de Lazer na Favela.

Nela, colocam-se "em funcionamento" todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina, também, naturalmente, que nenhuma delas possa realiza-se, nem de longe, em toda sua intensidade. O homem da cotidianidade é atuante e fruído, ativo e receptivo, mas não tem nem tem nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda sua intensidade. A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea; e isso sob vários aspectos, sobretudo no que se refere ao conteúdo e à significação ou importância de nossos tipos de atividade. São partes orgânicas da vida cotidiana: organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a vaidade social sistematizada, o intercambio e a purificação (Heller, 1970 p.17-18).

A autora apresenta vida cotidiana como a vida em sua completude, holisticamente percebida sem as separações que corriqueiramente são feitas quando percebemos as mesmas de maneira científica moderna, reducionista ou cartesiana.

Ainda que o texto seja em grande medida estruturalista, me atendo ao desenvolvimento da argumentação da autora, na relação do sujeito com a história de maneira heterogênea, fractal, dissipativa e fluida.

O que interessa aqui é perceber que esse sujeito, no cotidiano, se percebe produzindo e reproduzindo subjetivamente suas objetividades, em uma condição de apreciação desde os seus sentires íntimos; movimentos transversalizados de encontros com múltiplos outros na mesma condição.

Isso justifica dizer que, nessa produção, não são levadas em consideração separações e hierarquias de maneira estritamente marcada, e sim as intensidades dos sentires e afetivações. O sujeito não se 'pré ocupa' em absorver todos os aspectos que encontra, e a percepção de tudo que sentiu, muitas vezes, só pode ocorrer em intensidade refletida, depois que o encontro acontece (Heller, 1970). Da mesma forma, não se faz então possível a separação Viagem/Lazer x Viagem/Turismo, como cristalização desde sua produção inconsciente.

Dessa produção narrativa de 'com-versações', encontro minha produção em lógica desejanter, que apresenta esse fazer em um sentido de desterritorializar, simular e reterritorializar nos múltiplos encontros de Lazer e de Turismo que venho tento entre os Becos e Vuelas desta pesquisa. Trata-se de uma processualidade em um ecossistema de viagem do território de intempérie, que, a partir dos encontros comunicacionais, possibilita a minha própria condição de (Auto)Transpoiese e portanto, configura para mim não só trabalho, mas o avesso do Lazer, do Turismo e de uma Ciência trama.

Baptista (2019) propõem narrativas sensíveis para contar viagens em intensidades de encontros comunicacionais subjetivos. A autora apresenta que a maneira como interagimos com os nossos afetos em intensidade, pode ser representada e percebida quando olhamos para as narrativas produzidas a partir de encontros de universo existenciais com universo existenciais.

Por isso, conto de um Averso do Lazer trama, a partir do reconhecimento da importância das narrativas para perceber afetivações; afetivações em suas intensidades de vida cotidiana, mesmo quando essas são percebidas a posteriori. Inspiração de Baptista (2019), Maturana e Verden-Zöller (2004), apresentam nos fundamentos esquecidos do humano dois aspectos importantes que precisam ser ressaltados aqui, a necessidade interativa do humano, e sua condição afetiva em intensidade. Algo que se alinha com a percepção de Heller (1970)

Se observarmos o cotidiano, notaremos que aquilo que constitui a linguagem como fenômeno biológico relacional é a coexistência de interações recorrentes, sob forma de um fluxo recursivo de coordenações de coordenações comportamentais consensuais. [...] Ao mesmo tempo, percebemos também que aquilo que distinguimos quando diferenciamos emoções, em nos próprios de outros animais, são domínios de ações, tipos de comportamento. Ao viver, fluidos de um domínio de ações a outro, num contínuo emocional (vivenciar as emoções) que se entrelaça com nosso linguajar. A esse entrelaçamento chamamos conversar (Maturana; Verden-Zöller, 2004 p.9).

A característica recursiva das relações, combinada com os afetos tocados nos encontros e nas conversações, representam aqui elemento de significação da brotação de viagem, viagem investigativa, viagem vida, desde sua ontologia, (Baptista, 2023). No caso, tratar disso é de elementos que são representativos como sinalizadores de um Lazer trama desde seu avesso, das condições cotidianas de afetivações e transversalizações. Reconheço o fundamento da viagem e do Lazer desde sua fruição cotidiana, que faz produzir subjetividade e objetividade, em dinâmicas que podem ser vistas dialéticas ou antagônicas, mas que na produção de um 'contínuo emocional' representam o sujeito em sua intensidade vivida, (Auto)Transpoiese.

Isso me leva a perceber que, aquilo que nos interessa, como Esquizografias, são as escrevivências dos sujeitos (Duarte; Nunes, 2020), inspiração na obra de Conceição Evaristo. O que falo não é sobre os elementos da forma como são, não se trata de conhecer a verdade, se trata de se atrever a escrever a própria verdade.

A minha significação como sujeito Favelado, esta na vivência da minha escrita esquizo, pelos trânsitos entre Becos e Vieiras, mas, eu digo isso aqui, não quando estou caminhando, parando, e vislumbrando em cada um dos meus lugares na Favela. Digo isso aqui como quem vem sentindo e vivendo os múltiplos encontros dessa viagem, vivo isso com a graça de uma produção gozada em Lazer e que por ser esquizo. Me permito a fruição de um movimento viagem/lazer e um movimento viagem/turismo desde o desejo do meu inconsciente, como alguém que faz aquilo que gosta, que me afetiva, aquilo que eu amo.

Não falo isso como desmerecimento do conhecimento que esse caminhar me proporciona, ao contrário, apresento isso como forma de enaltecer a minha capacidade discursiva, ainda que, midiaticamente, em muitos momentos, mesmo eu reproduzo aspectos que são espelhamentos da minha inserção no Capitalismo Mundial Integrado. Academicamente, no entanto, preciso ser capaz de perceber e

apresentar essa dinâmica da melhor forma possível, respeitando e contemplando as dinâmicas fractais de Favela.

Assim sendo, **Narrativas e Com-versas**, é como sou capaz de contar, apresentar essa Favela subjetiva objetiva que viaja, que faz Lazer e Turismo desde o Avesso, que se põe em movimento desejante em direção ao devir por necessidade implícita de 'sobre vivência', (Auto)Transpoiese.

Dizer isso, significa perceber que, do movimento de viagem desejante, Desterritorialização - Simulação - Reterritorialização, importam os reflexos disso pré - durante - e pós viagem, e para captar esse reflexos, esses traços especulares (Baptista, 1996) é necessário uma cartografia, alinhada com dispositivos que compreendam a produção tanto do processo de viagem de maneira ontológica (Baptista, 2023), como das reverberações desse processo em produção recursiva da existência de um Lazer como aspecto do avesso da trama desses movimentos.

Para isso, me concentro na condição de percepção de que essa produção recursiva de viagem/Lazer/Turismo, na condição do 'homem inteiro do cotidiano' como apresentado por Heller (1970), só pode ser contada contemplando esses sujeitos, a partir de narrativas.

Nesse caso, se trata de narrativas de Viagem, de práticas de Lazer/Turismo de um sujeito Favelado que tem no seu fazer o privilégio de viajar e contar história sobre seus encontros que possibilitam a fruição de seus desejos, desejos por encontros, desejos por movimentos desde o inconsciente.

A metáfora, que pode aparecer nas narrativas vividas que contam sobre Lazer e Turismo na Favela, por vezes pode ganhar contornos de espelhamento, especularidade comunicacional nas minhas apresentações que tratam de subjetividade em mapeamentos mutantes, cartografias fractais e dissipativas. Recorro por conta da dificuldade de agrupamentos sobre Lazer e sobre Turismo, a uma outra metáfora de Baptista (1996) para contar Turismo e Lazer, em sequência nos próximos capítulos.

Baptista (1996) apresenta uma metáfora para apresentação de resultados, em que o objetivo era contrapor a comunicação sindical e a comunicação da Telenovela. Nesse texto, a autora apresenta a comunicação sindical nomeada como "Pai - A metáfora lei" e a Comunicação da Telenovela nomeada como "Mãe - A metáfora da Vida". Gostaria de propor esse olhar sobre o Turismo e o Lazer, como elemento

metafórico de agrupamento de narrativas e “com-versações” encontradas até o momento.

O texto apresenta, na dureza da significação, a relação estabelecida ente processos comunicacionais espelhados, para o metalúrgico, na contraposição, Lazer X tempo laboral. Essa analogia é presente em vivências e narrativas de proibição e contradições que percebo na Favela, desde narrativas minhas até narrativas singulares reproduzidas e encontrada subjetivamente. Ou seja, por vezes, aparecem amarras em narrativas que soam mais ou menos assim, “mas como que viaja se não trabalho”, ou “é claro que não para em serviço nenhum só vive em festas”. Dessas narrativas, percebo que algumas condições do controle, como apresentado por Deleuze (1991), são configuradas no interveio de um discurso que coloca em questão o Pai como controle, e a Mãe como condição de devir Liberdade.

Percebo, e escrevi nos textos a seguir, apresentações que sustentam para mim, linhas de fuga em direção ao Averso do Lazer a partir do Devir mulher de Guattari (1995), que a partir de Baptista (1996) estendo como o Devir Mãe. O significado disso, é a percepção de que o atravessamento Lazer/Turismo em condição plena, como visto na Favela, é a condição de liberdade da fruição de linhas de Fuga desejante. Essa fruição por linhas de fuga é possível quando ao se deparar com a Metáfora de tempo Laboral X Tempo de Lazer; ou Cotidiano X Viagem, os sujeitos produzem formas de Lazer no trabalho e formas de Viagem no cotidiano.

Além disso, por vezes configuram formas de brotação que não se limitam em Turismo e Lazer, e fruem em liberdade estética por arte, cultura, design, moda etc.; ou mesmo quando em suas brotações espontâneas, se possibilitam a mistura entre fazer movimentos de Turismo em atividade de Lazer e movimentos de Lazer nas atividades turísticas. Dessa forma, essa bricolagem é um pouco do que tento mostrar a seguir, Viagens fractais desde o Averso da Favela desejante.

5 VIAGEM ENTRE BECOS E VIELAS

Dessa forma, a lógica que se apresenta é a de resultado de conversações de narrativas transmidiáticas (Alzamora; Tarcia, 2012), que aparecem em traços e práticas que podem ser apresentados em diversos formatos, para contar essa história desde o primeiro momento venho apresentando narrativas, músicas, histórias de vida transversalizadas, lembranças, vídeos e fotografias, por exemplo.

Entendo que essa é a melhor forma de contar e apresentar os recursos de viagem desta pesquisa, de maneira cartográfica, contemplando as Esquizografias turísticas e o máximo do processo de construção. Isso se dá, pois entendo que o que importa aqui, é poder perceber as conversações e produções de narrativas que brotam nessas conversações.

Na escrita deste texto, bem como na sua apreciação empírica, há o alinhamento com a estratégia plurimetodológica da Cartografia dos Saberes e Matrizes Rizomáticas de Baptista (2023). Além disso, há correspondência entre as narrativas e ‘com-versações’, com os pressupostos epistemológicos de uma ciência ecossistêmica complexa, que justifica a importância da aproximação com as narrativas ‘com-versadas’ como dispositivo de pesquisa.

Se trata de comunicar, a maneira como a trilhas de saberes pessoais apresentadas no início do texto, são fio condutor também das demais trilhas da Cartografia dos Saberes, transversalizando toda esta pesquisa. As narrativas, são “com-versadas” e amadurecidas para aparecerem nesse texto como dispositivo que conduz pela inscrita, dissipativa, fractal das Esquizo-grafias aqui apresentadas.

Não se trata, no entanto, de uma discussão que propõe só outros tipos de linguagem para apresentação de dados de pesquisa. Significa de uma condição de percepção de incapacidade científica em salientar que o discurso da linguagem prevaleceu no paradigma científico sobre as potencialidades não semiológicas da transversalidade de sentido dos a-significantes. Algo que Guattari em *Caosmose* (1992) chamou de máquina de signos, no caso aqui tratado como narrativas (auto)transpoiéticas, a partir de Baptista (2022).

Dessa condição, decorre posição epistemológico teórica de ciência do Turismo, bem como posição política e estratégica metodológico desta Tese. Significa reconhecer o ‘*Sapere Aude*’ na Ciência, de um espaço de intempérie tão necessário para a Ciência e para o Turismo e o Lazer, em um aprofundamento crítico de

reconhecimento holístico dessas áreas. Não se trata de busca ingênua por uma totalidade homogeneizada, mas pelo reconhecimento de uma singularidade sentida, em elementos a-significantes, subjetivos de uma condição sujeito máquina, corpo sem órgãos vibrátil (Deleuze; Guattari, 2004; 1995; Guattari, 1985).

O mundo em um caos complexo (Guattari, 1992) precisa ser percebido a partir dessas possibilidades, eticamente e esteticamente em condições de intempérie em que compõe o dado de que o caos é a certeza (Guattari, 1992; Morin, 2020). Desse modo, a condição caos, osmose, plena de uma transversalização caótica, pressupõe não a universalização do dado apresentado, da decorrência das narrativas aqui constantes como uma máxima modeladora das pesquisas subjetivas no Turismo, mas sim, uma condição postural frente a uma necessidade de pesquisa em Turismo que se inscreve nesse caos holístico singular, a ser percebido mutante, todo o tempo, o tempo todo.

Isso significa dizer que um dos grandes desafios desse estudo é decidir como poder demonstrar subjetividades, de um Turismo e um Lazer que escreve e inscreve subjetividades dos sujeitos pesquisados, transversalizada pelos sujeitos pesquisadores, enquanto esses são pesquisados e transversalizados pela pesquisa.

O Turismo, como dissemos (Silva; Baptista, 2023a), aqui entendido, é produtor de narrativas subjetivas, que, de maneira recursiva, produzem mais narrativas e mais Turismo. Desse modo, como perceber e apresentar essas narrativas, e mais essa proposição recursiva de viagem investigativa (Baptista, 2021), de maneira a ser capaz de contemplar, sujeitos e lugares que ‘com-versam’ esta pesquisa, em afetos profundos, ecológica e ecosoficamente (Baptista, 2023).

A subjetividade não é fabricada apenas através das fases psicogenéticas da psicanálise ou dos “matemas do Inconsciente”, mas também nas grandes máquinas sociais, mass-mediáticas, linguísticas, que não podem ser qualificadas de humanas. Assim, um certo equilíbrio deve ser encontrado entre as descobertas estruturalistas, que certamente não são negligenciáveis, e sua gestão pragmática, de maneira a não naufragar no abandonismo social pós-moderno (Guattari, 1992, p.20).

Dizer isso não é desconsiderar a existência de estruturas na língua, no sujeito e até no inconsciente, mas para mim, é ser capaz de reconhecer uma espécie de ‘transbordamento’ dessas estruturas, que modifica a estrutura. Desse modo, entendo ser necessário perceber sinalizadores desses transbordos; nesse caso, esses

sinalizadores já não são mais passíveis de negligenciamento, e precisam ser reconhecidos como agentes de mudança.

Por conta disso, do ponto de vista operacional, desde muito cedo começamos, eu e a orientadora a propor orientações que dessem conta desse transbordo, numa perspectiva interpretativa das condições de produção e reprodução das subjetividades, como elementos de existência da Favela, como condição e não só como lugar geográfico.

Essa condição reconhece o trânsito pela orientação interpretativa da etnografia a partir de Geertz (1989), mas, avança aqui em orientação com uma ciência holística, não estruturada baseada em Capra (1991), Morin (2020), Santos e Meneses (2010), Tribe (2006; 2008) e principalmente Baptista (2023). De modo a conseguir perceber elementos significantes e a-significantes, bióticos e abióticos, objetivos e subjetivos daquilo que queremos apresentar sobre o Turismo.

Essa necessidade apareceu quando, em percurso de aprendizagem do Doutorado no PPGTURH, fui convidado a escrever e reescrever narrativas compartilhada e ‘Com-versadas’:

“[...] fui fazer uma disciplina, e me descobri em um percurso de ensino e aprendizagem, de trocas múltiplas entre alunos e professora. Tive a oportunidade, no Doutorado em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, de transitar pelo estudo de narrativas em que a proposta era escrevermos sobre narrativas nossas, e refletimos sobre a viagem investigativa, a partir dessas narrativas. O resultado desse olhar para trás é um pouco do que inscrevemos aqui... aprender a se (re)conhecer” (Diário de Pesquisa).

Dessas narrativas, compreendi que os elementos de significação desta pesquisa, contavam com ‘com-versas’ com autores, com interlocutores, ‘com-versas’ com turistas, com os pares da academia, com minha orientadora e meu grupo de pesquisa, mas eram, principalmente, ‘com-versas’ comigo mesmo, como esse trecho retirado de diário de campo.

A partir dessas ‘com-versas’ com olhares reflexivos sobre o meu processo como pesquisador, em viagem investigativa, sou capaz de contar contemplando, sujeitos e elementos subjetivos da minha pesquisa. De outro modo, eu não seria capaz de perceber como elementos de autopoiese dos lugares e sujeitos.

As ‘com-versações’ são (auto)transpoiéticas, porque são transversais, relacionadas à potência de reinvenção no movimento, tanto o movimento do sujeito nos lugares, mas também o movimento entre os sujeitos que ‘com-versam’, produzem ‘com-versações’. São transpoiéticas também no movimento dos dispositivos comunicacionais, utilizados como recursos para

a produção da narrativa. Isso quer dizer que a ‘transpoiese’ – termo que proponho para representação da produção transversalizada, seguindo a lógica esquizoanalítica – se dá também no trânsito entre recursos narrativos. A narrativa, a ‘com-versação’, não é somente verbal. Todos os sentidos são acionados e potencializados para a produção de saberes, numa espécie de usina subjetiva de produção narrativa, com a consideração da trama ecossistêmica geradora de relações, autoprodução dos pesquisadores envolvidos, em uma dinâmica contínua de autopoiese (Baptista, 2022, p. 258).

As Viagens Investigativas (Baptista, 2014, 2020) são produzidas para serem contadas, em processo narrativo de quem conta uma viagem, não para ser repetida, mas para gerar produção subjetiva de mais viagens e mais narrativas em movimento recursivo (Silva; Baptista, 2023a).

O acionamento de sentidos transversalizados para a potencialização da (Auto)Transpoiese do sujeito, interessa enquanto produção potencializada pelas Esquizografias do Turismo e do Lazer da Favela. Trata-se de descobrir como encontrar e contar esses sentidos de Favela no Turismo e no Lazer, algo que percebo poder operacionalizar através de Narrativas (auto)transpoiéticas ‘com-versadas’ (Baptista, 2022).

A maneira como isso aparece, ao longo da viagem investigativa, espelha, como traço especular (Baptista, 1996), os elementos de significação e sinalizadores de subjetividade na Favela e os traços do próprio pesquisador favelado. Dessa forma, encontramos operadores de escrita e de leitura, alinhados com a Cartografia dos Saberes e Matrizes rizomáticas (Baptista; Eme, 2023), o que significa a escolha das Narrativas ‘com-versadas’ como dispositivos para a pesquisa subjetiva no Turismo.

Essa proposição metodológica para operacionalização — narrativas ‘com-versadas’ — é corroborada por autores como Edvaldo Pereira Lima (2016), turismólogo e precursor do jornalismo literário avançado; Martinez (2012), fonte com a qual percebemos a importância narrativa, como possibilidade para pesquisa científica; Conceição Evaristo, na escrita das escrevivências, como condição narrativa de escrita literária (Duarte; Nunes, 2020). Além desses, encontramos no Turismo, Baptista (2022) narrativas (auto)transpoiéticas, como produção de vida, de existência do sujeito, algo que se alinha com a produção de Tribe (2008) em A Arte do turismo, como proposição de uma condição criativa de contar viagens, contar o turismo tanto investigativo quanto enquanto produção social.

O artigo inicialmente elabora um novo método chamado “curação virtual”. Em seguida, apresenta “The Exhibition”, que exhibe uma coleção de obras de arte cuidadosamente agrupadas e justapostas com explicações e interpretações. Ele explora temas emergentes de interesse que incluem, entre outros, idealização, motivação, gênero, experiência, olhar, vigilância, representação, verdade, situação e memória. Baseia-se em ideias que emergem da literatura existente (Lippard, 1999, Dahlgren *et al.*, 2005), com referência particular a de Botton (2003) (Tribe, 2008 p. 925).

A intenção não é aqui, reproduzir a concepção artística de Tribe sobre essa escrita textual. Se trata de encontrar inspiração nas inquietações do autor e, ao mesmo tempo, pedir paciência com uma escrita que mescla, e propõe um texto fractal dissipativo, de alguém que conta com ‘com-versa’ com o leitor, suas teceduras esquizográficas no caminhar pesquisador por Becos e Vielhas da Favela.

Parece-me, que, na escrita de Tribe (2008), encontramos elementos de significação e percepção do Turismo em ampliação de sentido, de afetos, de sentires, numa composição que precisa ser contada como arte. Não na concepção discriminatória de uma arte erudita, mas como produção artística de existência do sujeito, (Auto)Transpoiese, desmedida, interpretativa, dissipativa e fractal, sentida como para Botton (2012), o mesmo texto apresentado por Tribe em seu artigo.

Da Cartografias dos Saberes, como dito anteriormente, há um direcionamento da investigação como viagem, de quem conta como quem caminha pela floresta, em ação investida em movimento. Essa metáfora, proposta por Baptista (2014), inicialmente, sinaliza para o aspecto da incerteza encontrada na pesquisa, da mesma forma, que demonstra que o abstrato e inesperado das possibilidades de subjetividades encontradas, só pode ser percebido e tratado a partir de analogias. Isso se verifica pois não há como produzir previsibilidade dos encontros da pesquisa em sua completude, cabendo ao pesquisador, viajante investigador, no máximo aprender uma postura frente a essa incerteza e às transmutações cotidianas do percurso.

“ [...] é difícil, desde muito novo perceber que existem lugares por onde se pode passar, e lugares que é melhor evitar; é ainda mais difícil quando a gente percebe que essa dificuldade espelha lugares onde nós sujeitos favelados somos aceitos ou não. A escola tal não é possível de ser frequentada, a praia é tão longe e perigosa. Lembro que na escola, em semana de provas, a gente terminava a prova rápido para poder ir pro shopping no horário escolar. Precisávamos fazer assim pois, nesse horário o ônibus dispõe de gratuidade para os alunos chegarem ao colégio, era a única forma de conseguirmos ir e ainda ter o suficiente para um sorvete ou o cinema. O problema é que a volta não tinha horário escolar, então voltávamos a pé do shopping. Lembro que minha mãe e minha vó, junto com minha tia, contavam histórias das “artes” que elas faziam mais novas para namorar ou se divertir, e que minha vó contava fingindo estar brava mais ainda assim, permitia... contava como quem se preocupava e pedia

cuidado, mas ao mesmo tempo não julgava ou queria podar, vivi um pouco disso, ainda que gerações depois. Sou grato por minhas mães me permitirem me incentivarem a viajar” (Diário de Pesquisa).

Conto como quem conta histórias, em andanças, trânsitos de existência do sujeito Favelado que pode sonhar viajar, e existir enquanto sujeito fractal, dissipativo, processual; em outras palavras sujeito esquizo. Apresento o próximo item em traços cartográficos e rizomáticos, como platôs de significação sobre o desenvolvimento do que venho pesquisando.

Um dos primeiros platôs ao qual somos apresentados por Guattari e Deleuze (1995) em *Mil platôs*, é a proposição de Rizoma. No livro, a noção de Rizoma é proposta para pensar a própria construção e o processo que culminaram no texto em que os dois são autores. A ideia de Rizoma nesse caso me é cara, pois, é dela a consideração sobre plenitude, dissipação, fractais coletivos singulares dos sujeitos de Favela em produção (auto) transpoiética tramada.

A compreensão sobre o que busquei esquizografar até aqui, precisa ser reforçada quanto ao seu caráter processual, não linear, em condição de brotação espontânea própria do território de intempérie que é a Favela. Por conta disso, o que apresento na sequência, sobre ‘com-versações’ narrativas (auto) transpoiéticas, emergem do *locus* de pesquisa e do foco de pesquisa, de maneira também não linear, mas sim, processual plural e dissipativa.

Isso esboça, aspectos do Rizoma, trama de raízes em brotação a partir de uma inspiração botânica apresentada por Guattari e Deleuze (1995). Tratam-se de *Filums* em crescimento espontâneo que aqui aparecem como elementos de significação que ajudam a contemplar e contar os Becos e vielas das Favelas do Rio de Janeiro.

A condição de intempérie, interpõe, inexoravelmente, uma sequência viva de acoplamentos maquínicos, em agenciamentos de produção do que Guattari e Deleuze (1995) chamaram de Corpo sem Órgãos. Os *Filums* tramados aqui apresentados, surgem como elementos de agenciamento desses acoplamentos, tanto para sujeitos, quanto para lugares.

Esses *Filums*, elementos Rizomáticos de agenciamento, aparecem em construção de linhas de fuga como subjetividade. Se anunciam em relação ao Turismo e ao Lazer a partir de dinâmicas significantes e a-significantes e, constituem o Rizoma múltiplo e complexo da Favela de maneira objetiva e subjetiva.

Dessa forma, as Esquizografias nesse texto são apresentadas de maneira transversal e dissipativa desde o início desta Tese, e se apresentam de maneira a poderem ser contadas através de narrativas, ‘com-versas’, músicas, elementos visuais, trajetórias de vida vividas e pensadas, aspectos subjetivos que ajudam a contar essa Tese, como anunciado no início desse tópico. A seguir, esses elementos serão retomados e apresentados de maneira combinada, destacados em relação as suas sinalizações para o Turismo e para o Lazer. Entendo, que como apresentam Guattari e Deleuze (1995)

[...] A maior parte dos métodos modernos para fazer proliferar séries ou para fazer crescer multiplicidade valem perfeitamente numa direção, por exemplo, linear, enquanto uma unidade de totalização se afirma tanto mais numa outra dimensão, a de círculos ou de um ciclo. Toda vez que uma multiplicidade se encontra presa numa estrutura, seu crescimento é compensado por uma redução das leis de combinação (Guattari; Deleuze, 1995, p. 14).

Por conta disso, o texto é apresentado não segregando ou podendo o crescimento desses Filums nos momentos que aparecem em ‘combinação. Se trata de os apresentar em momento propício, quando os mesmos se insinuam em meio as constituições e inscrições dos agenciamentos comunicacionais desta Tese.

Seguimos viagem então, apresentando as características desse Rizoma, suas complexidades e matriz de brotação histórica, contando a maneira como se anunciam os elementos que transversalizam essa pesquisa, além dos que já apareceram até aqui. Então, posteriormente é possível produzir uma espécie de síntese, agenciamento coletivo desses elementos explicados através dos *Filums*, que apareceram como os mapeamentos esquizografados nesta pesquisa.

Dessa barca de desenvolvimento, apresento aquilo que encontrei, cartografei, que me ajuda a ‘fazer, fazer sentido’ os meus andares, meus sentires, meus afetos. No próximo item apresento de maneira incipiente meus primeiros traços cartográficos até aqui investidos, criados, relacionados, enosados.

5.1 DOIS RIOS: PONTES ENTRE ABISMOS, FACHADAS E AVESSOS DA ZONA SUL (NORTE) E DAS FAVELAS (SUL) DO RIO DE JANEIRO

Falar sobre Esquizografias de Favela, tendo como lócus de pesquisa uma cidade como o Rio de Janeiro, é gratificante, mas amedrontador. Em se tratando de uma pesquisa sobre Turismo e Lazer, falar se torna ainda mais complexo, visto que,

se trata de uma cidade que empiricamente é reconhecida por seus traços de Lazer e sua importância como destino turístico.

Essa representação por si só, no entanto é limitante. Por óbvio, em coerência com a produção que vem sendo proposta, na relação com os estudos de subjetividade, apresentar essa cidade e falar de seu traço Favelado não poderia ser menos complexo. Ao mesmo tempo, se tornando mais instigante e interessante para mim.

Está em pauta aqui, para falar de Favela, a apresentação do lócus de pesquisa, de maneira a criar pontes, pontes que são contextualmente a significação da aproximação entre escritor leitor. Aqui a metáfora de pontes como a possibilidade de tratamento de uma Ecologia dos Saberes, emerge sobre linhas abissais do conhecimento (Santos, 2010). Parece pertinente tratar dessa forma um lócus majoritariamente contraditório, dissipativo, esquizo.

Desse modo, as pontes que tento construir são múltiplas, entre os autores que corroboram minhas percepções de mundo, os potenciais leitores do trabalho. Há pontes objetivas da possível aproximação geográfica entre as áreas detentoras do poder no Rio de Janeiro, e as áreas segregadas capitalisticamente. Ainda assim, aparecem e não seria diferente, pontes subjetivas sobre marcas de abismos contraditórios, que se apresentam nas falhas de uma relação entre o polo esquizo e psicótico, de um espaço que geograficamente e subjetivamente está inscrito e espelhando. Esses polos desvelam duros embates, embates que são provenientes dos limites do capitalismo mundial integrado, conflitos que precisamos enfrentar de uma forma ou de outra (Guattari, 1985; Deleuze; Guattari, 2004).

Por conta disso, ainda antes de entramos nas apresentações sobre o foco de pesquisa e seus desdobramentos subjetivos, é importante prepararmos o terreno, para o posicionamento do 'nosso barraco'. Fazer pesquisa por Becos e Vielhas é transitar por espaços porosos. Objetiva e subjetivamente, trata-se de se reconhecer em condição de intempérie. Quando é percebida essa condição, convém se colocar em movimentos de devir, vislumbres Vielhas, com atenção plena para a produção de desejo constante e que pode, a qualquer momento, ser capturada paranoicamente ou perdida por linhas de fuga esquizo.

A apresentação sobre Favela é tratada objetivamente sobre o lócus onde as Favelas que estudo se inserem, no caso o Rio de Janeiro, e como não poderia ser diferente, a maneira como se dá a constituição dessa percepção sobre esse espaço.

Por conta disso, faço uma apresentação que prioriza inicialmente os dados e elementos que contextualiza social, histórica e geograficamente o Rio de Janeiro bem como, a maneira como se desenvolve a instalação do que se convencionou chamar Favela.

Vale ressaltar que a constituição das Favelas também se deu de maneira esquizo e dissipativa, em fractais que produziram dobras (Deleuze, 1991), e que por isso mesmo escapam as objetividades e os tratados geográficos físicos.

Sendo assim, apresento os aspectos geográficos como condição inerente de uma apropriação reconhecida do espaço como campo de desenvolvimento da atividade turística. Assim como os elementos físicos que compõem o território que, muitas vezes, pode ser adjetivado como turístico nas Favelas e no Rio de Janeiro como um todo.

Esse traço que aqui é marcado, como condição de potencialização do que se põe em movimento na Favela pelas condições de intempérie, a desterritorialização, quando desejante, pode e deve ser percebida como potencializadora dos Vislumbres Vielas. Ou seja, de um dado fato sobre sujeitos que fazem do encontro com os Becos, há à potencialidade de descobrir Vielas através da desterritorialização, simulação e reterritorialização desejante como movimento ininterrupto e contínuo.

Assim, o sujeito que apresenta uma Favela também em condição subjetiva, o faz como faz em sentir vida, em encontros comunicacionais afetivos dos encontros entre Becos e Vielas. Assim sendo, que melhor lugar para fazer isso, se não a própria Favela, com uma brotação constante de Becos objetivos e subjetivos?

Desse modo, vamos falar sobre o Rio de Janeiro, para falar sobre Favela, e a partir disso, nos embrenhar pelos morros dos encontros subjetivo afetivos possíveis desde já. Trata-se de reconhecer e apresentar como se dá o nosso atrevimento, em escrita que malandramente deriva pelos significados, esgueirando-se ainda que percebendo os temas mais polêmicos, normalmente associados a Favela.

Dito isso, é necessário marcar como ponto nodal da Tese, bem como ponto a ser considerado transversalmente nessa apresentação, **as viagens de Lazer e Turismo da Favela**, não trato isso em desconsiderar aspectos de violência ou mesmo segregação postos no nosso lócus de pesquisa, mas como potência daquilo que é o interesse de percepção de sinalizadores que se busca nesta tese. Falaremos sobre eles quando fortuito, mas marcamos como ênfase, a potência, potência desejante de (Auto)Transpoiese, por isso, falo com maior profundidade sobre os elementos que

sinalizam essa potencialidade, que para nós significam a escrita esquizo dos sujeitos em autoprodução transversalizada, Esquizografias de Favela!

5.2 RIO DE JANEIRO E SEUS POLOS DE PODER

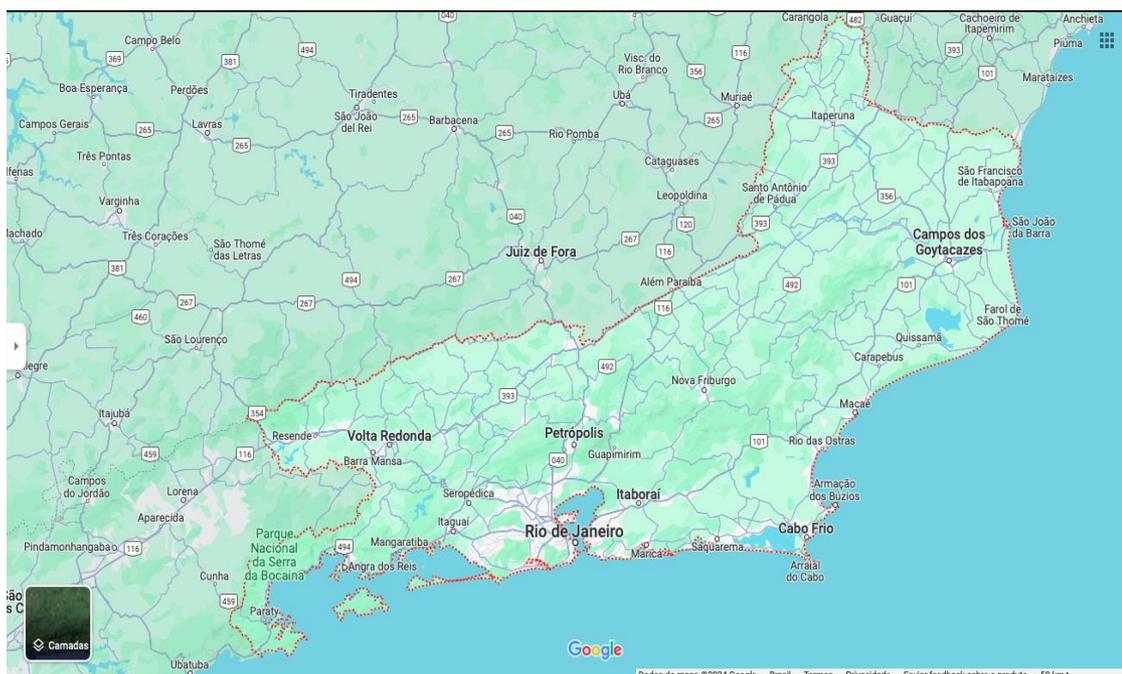
O Rio de Janeiro, é uma cidade brasileira de beleza singular, é a capital mais do estado homônimo e um dos cartões postais do Brasil. A cidade foi, por muito tempo, polo econômico, político e cultural do país, o que ainda hoje reverbera principalmente em importância histórica e conseqüentemente turística no país.

Ainda hoje é uma das maiores cidades brasileiras, e é um dos principais destinos turísticos do país, tanto para demanda doméstica quanto para procura internacional. Isso acontece, pois a cidade conta com uma das imagens mais profundamente trabalhadas midiaticamente no país e no mundo, o que também contorna aspectos técnicos estéticos de uma expectativa com relação às experiências que a cidade é capaz de proporcionar.

O município do Rio de Janeiro é a maior cidade em população do estado do Rio de Janeiro, e a segunda maior cidade em população no país, com 6.211.223 milhões de pessoas, ficando atrás somente da população da cidade de São Paulo, de acordo com os dados do último censo (IBGE, 2023).

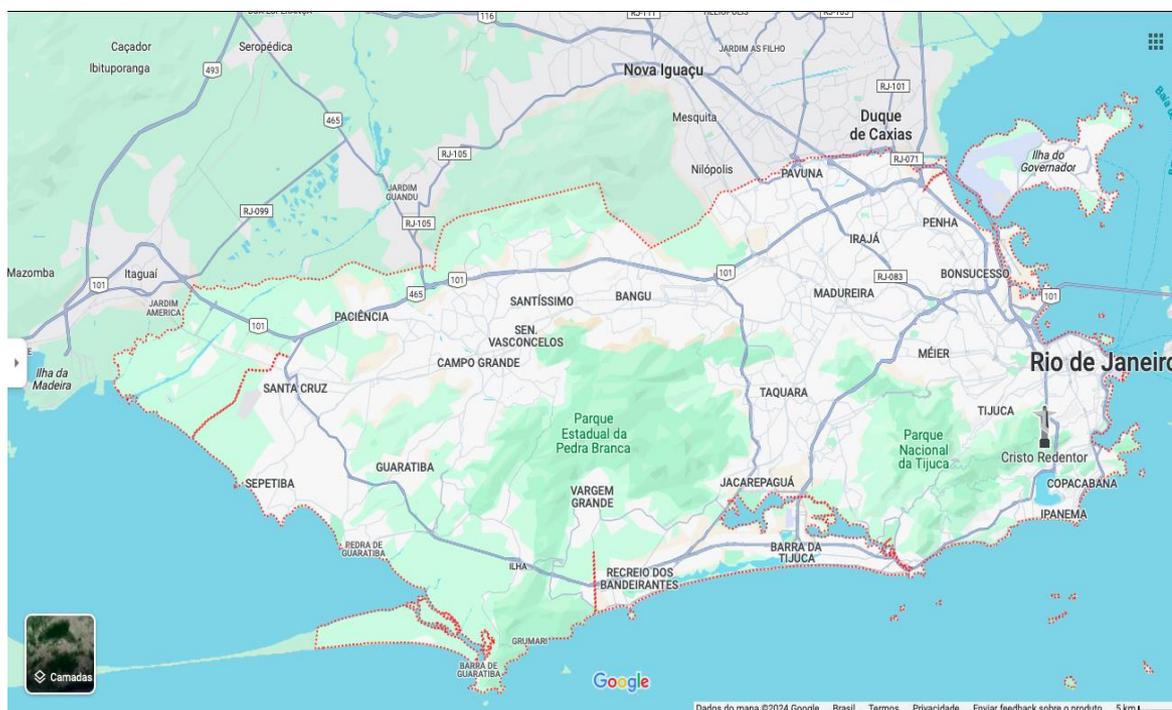
Geograficamente, as imagens a seguir apresentam primeiramente o Rio de Janeiro em sua ocupação espacial como estado, com o Rio de Janeiro município ocupando as imediações do centro longitudinal do estado. Posteriormente, apresento a imagem que mostra de maneira mais aproximada, o município do Rio de Janeiro, capital do estado homônimo e lócus das Favelas que estudamos aqui.

Figura 1 - Mapa do Estado do Rio de Janeiro



Fonte: Google Maps, 2024.

Figura 2 - Mapa Município do Rio de Janeiro



Fonte: Google Maps, 2024.

A localização da cidade é na Região Sudeste do Brasil, sendo que a cidade tem uma área aproximada de 1.197km², contando com 160 bairros, 33 regiões administrativas e 10 áreas de planejamento.

Em 2021, o salário médio mensal era de 4,1 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 35,36%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 3 de 92 e 6 de 92, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 20 de 5570 e 355 de 5570, respectivamente. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 31,4% da população nessas condições, o que o colocava na posição 82 de 92 dentre as cidades do estado e na posição 4417 de 5570 dentre as cidades do Brasil (IBGE, 2023, s.p.).

A cidade tem uma grande afinidade, também por característica estética, com o ambiente natural. Isso se dá por conta de uma beleza natural exuberante proveniente do Bioma de Mata atlântica, um dos cinco Biomas característicos do Brasil, e que contempla além do Rio de Janeiro, algumas outras cidades do Brasil (IBGE, 2023). Esse Bioma, apresenta uma complexidade geográfica, que por conta disso, gera peculiaridades topográficas singulares, além de variedades de características espaciais que são típicas da região e condensadas no Rio de Janeiro.

Essa condição espacial fez com que, historicamente, as ações do humano sobre o meio nessa região fossem características e representações culturais de uma mescla gerada pela migração de povos para esse espaço, ou ainda pelos movimentos de escravidão e colonização do espaço no Rio de Janeiro.

Dessa dinâmica, resultam a criação de territórios de disputa contraditórios, pulsantes e políticos, contornos objetivos e subjetivos da cidade, em sua ocupação espacial social e histórica. Disso decorrem contrastes e diversidades paisagísticas e, principalmente, marcas sociais que podem ser percebidas na ocupação do espaço.

É possível perceber, mesmo em breve interpretação para apresentar o lócus em que se encontram espacialmente as aglomerações complexas que proponho olhar aqui, que é o desenvolvimento e implantação das Favelas nessa cidade, o Rio de Janeiro, tem profundas ligações com as características e desenvolvimento da cidade na sua constituição histórica, social, política e econômica, na relação com o ambiente natural como aspecto relevante em cada um desses tópicos.

Dessa forma, não há como propor uma discussão profunda sobre as relações com o Turismo e o Lazer nas Favelas do Rio de Janeiro, sem levar em consideração

suas características ecossistemicamente relacionadas na deriva histórica espacial do Município e do Estado.

Se levarmos em consideração os dados históricos que o IBGE (2020), o município apresenta, a ocupação do seu território de maneira híbrida; “O crescimento continuou durante quase todo o século XIX, inicialmente na direção norte, para São Cristóvão e Tijuca, e depois na direção da zona sul, passando pela Glória, pelo Flamengo e por Botafogo” (IBGE, 2023, s.p.).

Essa condição espacial apresenta, historicamente, as características econômicas do Rio de Janeiro com uma relação portuária importante, de modo que a ocupação do município se deu da margem para dentro. Dessa forma, os polos históricos comerciais do Rio de Janeiro, foram produzidos na relação com as margens, uma divisão que se apresenta como Zona Norte, Zona Sul e Zona Oeste, sendo o Centro muito próximo das margens com o mar.

Assim, o município não apresenta, por exemplo, uma Zona Leste, pois essa seria orientada para a costa. Isso, geograficamente, coloca o centro do município onde deveria ser a Zona Leste, e o centro do município não é o centroide do território geográfico. Isso pode ser percebido, na imagem que apresenta essa subdivisão como temos no cotidiano do Rio de Janeiro. Além disso, também é possível perceber a desproporcionalidade em relação as extensões territoriais entre zona oeste e zona sul do Rio de Janeiro.

Figura 3 - Divisão Zona Sul, Norte, Oeste e Centro do Rio de Janeiro



Fonte: Moura, Bruno de Freitas (2023).

Aquilo que é o centro do município, em relação há uma maior extensão territorial e também em densidade populacional, como as que foram habitadas periféricamente, pela distância geográfica com o 'centro' do município, organizaram seus próprios centros comerciais. Na verdade, essas regiões populosas, ficam por vezes, distante das margens; um grande exemplo é o bairro de Madureira, um dos polos comerciais do Rio de Janeiro, mas que é tratado como periferia, ainda que esse lugar seja espacialmente mais centralizado do que o denominado Centro do Rio em si.

Ainda que tratado como exemplo, partimos dessa constatação para refletir a disposição dos equipamentos culturais e turísticos da cidade do Rio de Janeiro. O que se percebe, a partir dessa apresentação, é que, por óbvio, nessa construção centro/periferia, historicamente, o grande polo de equipamentos culturais do município está nas imediações dos fluxos financeiros, de modo que os mesmos também estão espremidos pelas margens do mar e distantes da maior parte do Rio de Janeiro.

As áreas que foram habitadas periféricamente ao centro, margeado pela costa, enfrentam, ainda hoje, uma gama de dificuldades e complexidades para acessar os equipamentos históricos, culturais, de lazer e de turismo, que estão instalados onde se iniciou o processo de habitação e expansão do município. A minha interpretação

dessa constituição é que o processo de implantação e a ascendência portuária do município tem relação com o processo de habitação que gera essas dificuldades. Isto ocorre de modo que os sujeitos que estão distantes desses espaços têm, por conta dessa configuração também espacial, uma série de implicações na formação e produção de vida e sociedade, das suas práticas sociais, políticas, econômicas e ambientais.

Se assim for, conseqüentemente, isso também tem reflexos nas suas produções de movimentos, viagens, condições de Lazer e na maneira como se relaciona com o Turismo. Por conta disso, o que pela literatura, em muitos momentos, é tratado como periferia, aqui, nesta produção opto por tratar pelo nome autoproclamado Favela. Essa escolha se dá, pois, esses sujeitos não produzem suas relações na condição periférica, em relação a um polo centro de poder, centro do município do Rio de Janeiro. Os sujeitos desses lugares não se consideram marginalizados, pois produzem sua própria brotação de relações de vida, em desconexão linear com aquilo que historicamente foi negado, como acesso de movimento na própria disposição geográfica do município.

A questão importante, para este texto, que apresenta a composição espacial do lócus de pesquisa, é justamente conseguir apresentar que o que se inscreve aqui é uma condição de existência de barreiras de percepção do lugar turístico e do lugar periférico, não só objetivamente, mas principalmente em condição subjetiva, de produção de subjetividade.

Em se tratando de uma composição que também tangencia geograficamente a ocupação do espaço, me acostumei a tratar, a partir de minha dissertação (Silva, 2015), uma apresentação dupla apreendida como diferenciação entre o local de pesquisa e do lugar de pesquisa. Tomo essa abordagem como referência a Yazigi (2001), na condição de lugar com alma, que precisa ser percebido também na sua constituição de saberes e fazeres, cultura e subjetividade das relações que se estabelecem comunicacionalmente no lugar (Baptista, 1996).

Temos então que a constituição de territorialização do Rio de Janeiro tem, como oposição subjetiva, o estabelecimento de espaços de poder, que se apresentam como grande centro comercial, com disposições políticas culturais e de Lazer — o centro e a zona sul — e uma margem desses espaços, que sofre com a dificuldade do acesso a essas condições. De modo que o Rio de Janeiro se divide, antagonicamente, entre um Rio de Janeiro que se apresenta objetivamente, turística

e socialmente, e um Rio de Janeiro escondido, com uma brotação própria e que só é apropriado pelo seu polo 'rico', 'bem sucedido' e 'avançado', quando dele brotam pulsões desejantes incontrolavelmente potentes, pulsões que transformam subversivamente a percepção sobre a Favela, e alçam status ao centro social midiático, produzido pela grande máquina capitalística (Guattari, 1985).

Disso falamos em texto (Silva; Baptista, 2021), que o Rio de Janeiro, nessa condição antagônica de produção de dois Rios, *two rivers* no texto, apresentava um Rio Turístico e um Rio periférico, e aqui nos condicionamos a dizer, um Rio Favelas. Essa proposição, hoje, pode ser considerada, se levamos em conta a apresentação de uma Fachada e um Averso do Turismo de Baptista (2021). Lembro que a autora defende que do avesso se apresentam as amarras que sustentam o que convencionalmente se apresentam como os equipamentos turísticos de um lugar, ou seja, a fachada cristalizada e reconhecida como o Único turismo naquele espaço.

De todo modo, decorre da condição lugar, com alma, de Yazigi (2001), a percepção de que tanto Fachada, como o Averso (Baptista, 2021a), são condições de pulsão de movimento desejante, mas de produção não dependente, e sim associada. Dizer isso é perceber que a Favela sempre fez brotar condições de vida, ainda que infelizmente pelas condições sócio-históricas do Rio de Janeiro, em seu acoplamento com o capitalismo mundial integrado, algumas dessas condições geraram bloqueios maquínicos, no assentamento de uma disposição geográfica.

Para falar de Favela e para falar de Turismo e Lazer na Favela, é preciso compreender as dobras (Deleuze, 1992) e a deriva complexa e subjetiva que, desse Lugar (Yazigi, 2001), produz condição de brotação de (Auto)Transpoiese. Pois é dessa deriva, em produção desejante (Baptista, 2013) de um Turismo ecosófico (Baptista, 2023), que se pode perceber os sentires, fazeres e as histórias de um lugar que cria e organiza para si, a sua própria territorialidade, a sua própria territorialização. Essa dinâmica apresenta uma característica para e nesse lugar, de relações comunicacionais complexas e subjetivas (Baptista, 1996), que gera novas condições, sentidos de vida, produções maquínicas desejantes, desde o inconsciente esquizo de sujeitos que são singulares, mas coletivos também por necessidade.

Necessidades impostas, em condições políticas de produção capitalística de um polo paranoico segregador, de uma relação que só pode ser vivida, ou em que só se pode viver, gerando existência, dando vazão a linhas de fuga de um polo esquizo, mutante e nômade. Movimentar faz parte da produção em condições maquínicas, que

historicamente se interpõem para sujeitos que não conseguem acessar determinados espaços. Dessa interposição, esses sujeitos se apropriam das potencialidades de re-existência, de brotação espontânea, de brotação espontânea em território de intempérie, de Favela!

5.3 FAVELA!

Entendo esse mundo complexo
 Favela é minha raiz
 Sem rumo sem tino sem nexo, e ainda feliz
 Nem toda maldade humana
 Está em quem porta um fuzil
 Tem gente de terno e gravata matando o Brasil
 Minha favela
 Favela oh
 Favela que me viu nascer
 Eu abro o meu peito e canto amor por você
 Favela oh
 Favela que me viu nascer
 Só quem te conhece por dentro pode te entender
 Minha favela
 Favela oh
 Favela que me viu nascer
 Eu abro o meu peito e canto amor, um amor por você, oh (Por você)
 Favela oh
 Favela que me viu nascer
 Só quem te conhece por dentro pode te entender
 O povo que sobe a ladeira
 Ajuda a fazer multirão
 Divide a sobra da feira e reparte o pão
 Como é que a gente tão boa
 É vista como um marginal
 Eu acho que a sociedade 'tá encherando mal
 Minha favela
 Favela oh
 Favela que me viu nascer
 Eu abro o meu peito e canto amor por você
 Favela oh
 Favela que me viu nascer
 Só quem te conhece por dentro, minha favela (Pode te entender)
 Geral, geral, geral
 Favela que me viu nascer
 Eu abro o meu peito e canto amor, um amor por você, oh (Por você)
 Favela oh
 Favela que me viu nascer
 Só quem te conhece por dentro pode, só quem conhece (Te entender)
 Só quem te conhece por dentro pode te entender
 Só quem te conhece por dentro pode te entender (ARLINDO CRUZ, 2019).



A ideia é começar a falar de Favela pelo nosso entendimento, para então a partir daí poder apresentar como chego a essa abordagem sobre Favela. Apresentei um pouco dessa discussão, quando falei juntamente com minha orientadora (Silva;

Baptista, 2023), sobre o Rio de Janeiro em outro texto. Se trata de uma lógica de apreciação do lugar que leva em consideração o espaço em suas imbricações a partir do holismo (Crema, 1989).

A ideia é que buscando perceber a completude, seja possível ter como referência os sentidos de investimento de desejo pelas linhas de fuga esquizo. Ainda assim, não desconsidero a transversalização da produção do desejo como falta, mas entendo que apenas isso é perceber o desejo na Favela de maneira segregada, como apresentado por Wedling (2010), a partir de Deleuze e Guattari (2004, 1995). Por isso, acredito na importância de apresentar o desejo da Favela como potência, sem negligenciar sua complexidade, mas buscando entender a mesma da maneira mais plena possível.

Dessa lógica, propomos em alguns textos, a ideia de que a Favela é, **a brotação espontânea em território de intempérie**. Destaco, nesse sentido a primeira apresentação sobre Esquizografias Turísticas (Silva; Baptista, 2022) e nossa concepção sobre Narrativas e ‘com-versações’ de Favela, (Silva; Baptista, 2023a).

Chegamos a essa compreensão, partindo do reconhecimento de Favela em produção esquizográfica. Por conta disso, levo em consideração narrativas e ‘com-versações’, como dispositivos de pesquisa em Turismo e Lazer, entendendo que esses dispositivos são capazes de ajudar a apresentar sinalizadores de caráter recursivo da produção de Turismo e Lazer espelhando os sujeitos da Favela.

Isso é perceptível, quando tomamos o território de Favela com essa definição (de produção esquizográfica), e buscamos perceber suas condições subjetivas para além das objetivas, levando em consideração a complexidade e a dinâmica dos encontros de afetos. Claro que isso é feito tendo contextualizadas as características socioculturais, históricas, políticas e econômicas desse lugar.

Dessa maneira, apresento como chegar a essa proposição conceitual para falar de Favela. Iniciamos tomando o termo a partir de sua etimologia, em que encontramos o significado associado a um tipo de vegetação. A flor da Favela ou da Faveleira, Mandioca brava, entre outros nomes, é uma planta com flor muito parecida com a Fava, mas, que diferentemente da sua homônima, cresce em condições bem mais adversas (Silva; Baptista, 2021, 2023a).

Apesar do termo ter origem botânica, sua aplicação em denominação urbana se dá a partir da Guerra de Canudos, de onde remonta o aparecimento do termo para denominar espaços geográficos. Essa planta era típica da região que foi habitada

irregularmente pelas tropas do exército brasileiro, quando esses foram convocados para combater a revolta de Canudos no interior da Bahia.

Essa expedição tinha como objetivo dar fim a um movimento social que ficou historicamente marcado como uma guerra civil. Nessa expedição as tropas brasileiras foram para um confronto com um grupo liderado por Antonio conselheiro, e que tinha, na época, fundamento religioso e aspectos de aspirações políticas (Queiroz Filho, 2011).

Os soldados chegaram e se instalaram no morro de Belo Monte no interior da Bahia. Nesse lugar, eles encontraram a vegetação conhecida regionalmente como Favela, e que, posteriormente viria a nomear as habitações conhecidas e marginais aos espaços mais ricos no Rio de Janeiro. No retorno de parte das tropas da Bahia para o Rio de Janeiro, os soldados se depararam com o não cumprimento de uma promessa que inicialmente os levou para a Bahia; a promessa de que se retornassem vitoriosos receberiam terras no Rio de Janeiro (Queiroz Filho, 2011).

Eles ficaram revoltados e parte dos soldados ocupou no morro da providência, uma chácara que estava desocupada e já era utilizada por cidadãos em condições sociais precárias no Rio de Janeiro. Posteriormente, esse lugar foi reconhecido e regularizado, mas, ainda que tenha havido essa regularização, a brotação de sua arquitetura, uma cidade dentro da cidade, se deu de maneira espontânea e sem uma prévia organização ou padronização por parte de sua colocação.

Essas habitações irregulares não são únicas no Rio de Janeiro, mas sua nomenclatura ficou amplamente conhecida no Brasil e, muitas vezes, é usada para denominar 'habitações irregulares e espontâneas'.

O olhar que apresento é que, ainda que a denominação tenha se dado pela relação provisória e precária com o ambiente habitado pelas tropas em sua incursão na Bahia, o 'batismo' do espaço, ou seja, a origem da denominação também tem inspiração botânica. A vista que me cabe percebendo os sentidos espelhados no encontro com a planta que brota em território de intempérie, a Favela, a Mandioca Brava, se dá em uma (Auto)Transpoiese dos sujeitos que, no encontro com o outro, lugar ou coisa, se reconstruiu na condição de intempérie, quando ele mesmo precisou brotar fora do seu planejamento.

Essa condição faz com que aquilo que pensamos sobre a Favela tenha relação com a sua história e seus afetos, encontros comunicacionais subjetivos em movimentos desejanter, de um inconsciente que faz brotar acoplamentos maquínicos

em linhas de fuga, esquizo e fractais. As Esquizografias de Favela brotam históricas e subjetivas, em território de intempérie.

A Favela surge como um sistema de construção em brotações espontâneas, que tem, na sua inspiração botânica, um significado matricial para além do seu sentido pejorativo hoje atribuído. Trata-se de um significado que significa brotação potente, para além do simples carácter precário, muitas vezes inóspito e sem o suporte do poder público, como se convencionou conhecer as Favelas.

O contraponto deflagra, na inscrição da Favela, a condição de potência de 'sobre-viver', para além das condições segredarias, impostas pelo próprio Capitalismo Mundial Integrado (Guattari, 1985). Então, busco sentidos nas lógicas de produção desejante dos sujeitos da Favela, em condição singular coletiva de relações comunicacionais afetivas entre eles, e desses com outros universos existenciais acoplados.

A intenção nessa posição é poder apresentar o lócus de pesquisa para além das nomenclaturas e associações pejorativas que esse tipo de lugar toma frente às apresentações midiáticas difundidas, pois percebo que essa difusão se dá por acoplamento com o Capitalismo Mundial Integrado.

A saber, não trato aqui Favela, pelo seu sentido enunciado a partir das palavras, comunidade, periferia, quebrada, morro, gueto, maloca etc., ainda que, em alguns momentos, esses termos possam aparecer por associação com algum dos referenciais. Não se trata, entretanto, de desconsiderar algum desses enunciados nas apropriações pelos diversos sujeitos em qualquer das Favelas, mas de escolher, pela matriz botânica da Favela, tratá-la enquanto brotação em território de intempérie. Penso que essa enunciação tem melhor associação com o sentido e complexidade com que percebo e olho o lócus e sua trama subjetiva.

Nesse sentido, Favela não é só um sistema de construções em carácter precário e muitas vezes irregular, em condições inóspitas e primordialmente violentas, por falta do apoio do poder público. Envolve, sim, alguns desses aspectos, e os mesmos são traços marcas da compreensão de sentido desse espaço, mas proponho entender Favela como condição de 're-existência', como o traço singular plural, esquizo, mantendo o núcleo de significação botânico, brotação espontânea. Como contraponto, reconheço a potência de 'sobre-vivência', para além das intempéries, anotando condições bélicas presentes, mas ressaltando modos de coexistência dos sujeitos em sintonia com o lugar.

5.4 FAVELA E VIOLÊNCIA

A consideração de Favela como potência de 're-existência' não me leva a negligenciar a ascendência e a importância dos fluxos que geram dinâmicas de violência na Favela. Não há uma desconsideração da importância histórica e mesmo política dessa dinâmica para aquilo que é determinante para este trabalho. A condição de brotação do universo existencial da Favela, tem como marca também transversalizações de violência na constituição do ecossistema turístico sobre o qual me debruço.

O coerente aqui é perceber que, em alinhamento com as condições que desdobram aspectos violentos da Favela, há potência de brotação paralela que pode ser associada à mesma condição de deriva histórica que da origem a esses lugares. No caso, falando especificamente das condições de Favela no Rio de Janeiro, sua disposição geográfica marginal, potencializa, mas ao mesmo tempo promove desafios.

O combate à Favela, historicamente no Rio de Janeiro, é bandeira política de votos tanto pró quanto contra a Favela, mas o que há, inegavelmente, é condição subjetivada geradora de segregação.

Noto na minha vivência 'com-versas' e encontros, que os espaços de Lazer e Turismo sempre são de difícil acesso para a Favela, mesmo que tomemos como exemplo as Favelas próximas a zonas ricas, ou com transporte público de acesso rápido para esses espaços 'ricos'. Saindo da Favela, fora do horário comercial ou para chegar a espaços e equipamentos de lazer, a chegada por transporte público é mais complicada ou mais dificultada, do que a ida ao trabalho, ou aos lugares que contratam 'favelados'.

"Prof. para eu conseguir chegar a lugares como a Lapa (Bairro boêmio tradicional no Rio) ou a vida social da Zona Sul (espaço reconhecido por uma vida social, praias e experiências noturnas amplas), eu preciso ir, em horário comercial, sabendo que o meu retorno só será possível no dia seguinte, ou gastando uma fortuna em transporte por aplicativo, visto que depois de determinar horário não há mais transporte público para casa. Essas condições se repetem quando se trata de poder usufruir da praia, mas em outras condições de bloqueio, alguns transportes só levam a determinados pontos da praia, e vindo da Favela eu preciso fazer inúmeras baldeações para chegar na praia, por isso que, se torna uma viagem cada ida a praia, aos parques, ao centro histórico. Nas condições que temos nas Favelas, cada uma dessas idas representa uma dinâmica de muito investimento, na produção de alimentação ao investimento nômade de vários movimentos para conseguir acessar esses espaços" (Diário de Pesquisa).

Percebo que alguns desses sentidos estão vinculados a uma compreensão que midiaticamente também é violenta sobre a Favela. Ainda assim, parece-me que a matriz de brotação que desemboca na violência é resultado de uma dinâmica de reivindicação social que transforma, não que destrói.

Considerando o texto de Postigo (2014), para uma atribuição de sentido na Favela, percebo que há, cristalizada, principalmente em se tratando de Favelas do Rio de Janeiro, uma lógica que vincula a Favela à irregularidade e à precariedade desses territórios. Ou ainda, esses lugares, são tratados como periferias, em sentido pejorativo, o que demanda de nós, um deslizamento⁴⁰ de sentido, para além do sentido pejorativo, irregular, violento e criminoso, para a compreensão desse território a partir de sua potência inscricional, que inscreve, que cria e aciona potência (Baptista, 2000; Silva; Baptista, 2023a).

Ainda que o termo original trate de autonomia, lugar condicional de múltiplos atravessamentos narrativos, percebemos que, dessa multiplicidade, também se apresenta uma deriva de reconhecimento de uma produção mais triste sobre a Favela. Essa produção é fruto de lógicas de existência que, por vezes, se vinculam à violência. Não se trata aqui de exaltar ou recriminar essas práticas, mas de tentar perceber que, ainda que sejam dinâmicas diferentes da proposta de apresentação de Tese, a intenção das dinâmicas de violência é resultado de tentativas de geração de existência, nessa condição que é também de múltiplos ataques às territorialidades. Reconheço assim, na Favela, a potência de transformação, de manutenção da própria existência.

A vida na favela é inimaginável para a maioria das famílias de classe média; na verdade, a maioria dos brasileiros de classe média nunca se arrisca a entrar numa favela. E, ainda que os moradores das favelas em geral saibam como vivem os outros, pois trabalham como empregadas, jardineiros ou porteiros, não é um estilo de vida que possam ou queiram levar (Glenny, 2016, p. 16).

Kalaoum (2023) apresentou em tese sobre a baixada fluminense, a partir da ênfase na governança do turismo, uma ampla consideração sobre os aspectos de violência que tem interferência direta na formação de políticas públicas que, historicamente, precarizaram a região metropolitana adjacente do Rio.

Trabalhamos aqui com o sentido de deslizamento com transposições de significações, associações dadas como axiomas, naturalizadas e cristalizadas, de tal forma que passam a ser aceitas como dado, sem questionamento.

O autor não trata especificamente do município do Rio de Janeiro em sua Tese, mas suas reflexões levam em consideração aspectos que tem relação direta com a constituição violenta como reflexo da implantação das facções criminosas nos morros e Favelas da capital do estado (Kalaoum, 2023).

Em textos combinados, 'com-versando' autores, algumas informações acopladas são passíveis de serem apresentadas aqui. Junto da apropriação territorial histórica que aconteceu no morro da Providência, reconhecida ainda hoje como a primeira Favela, temos, posteriormente, dobras que levaram à ocupação de outros espaços e depois o acoplamento de uma 'indústria do narcotráfico' em apropriação desses espaços esquecidos, segregados pela administração pública.

O que pode ser observado é que a migração do norte e nordeste, e posteriormente o processo de produção pendular indo ao norte (do país) e retornando ao Rio de Janeiro, possibilitou a abertura de rotas de passagem pelo narcotráfico, e a percepção, dessa possibilidade (Glenny, 2016; Kalaoum, 2023).

Essa mesma rota, posteriormente, foi tomada com alguns escoamentos, que eram em grande número de exportação, mas que deixavam no Rio de Janeiro, algumas marcas que se postavam nos lugares menos regularizados pelo poder público, no caso as Favelas.

Na história contada por Glenny (2016), sobre o Nem da Rocinha, um dos mais importantes traficantes de uma das maiores Favelas da América Latina e certamente uma das mais conhecidas do mundo, o autor apresenta a historicidade e deriva que levou à ocupação da Favela pelo Comando Vermelho, quando de sua criação em meio as diversas dificuldades históricas que a ditadura militar apresentava no Brasil.

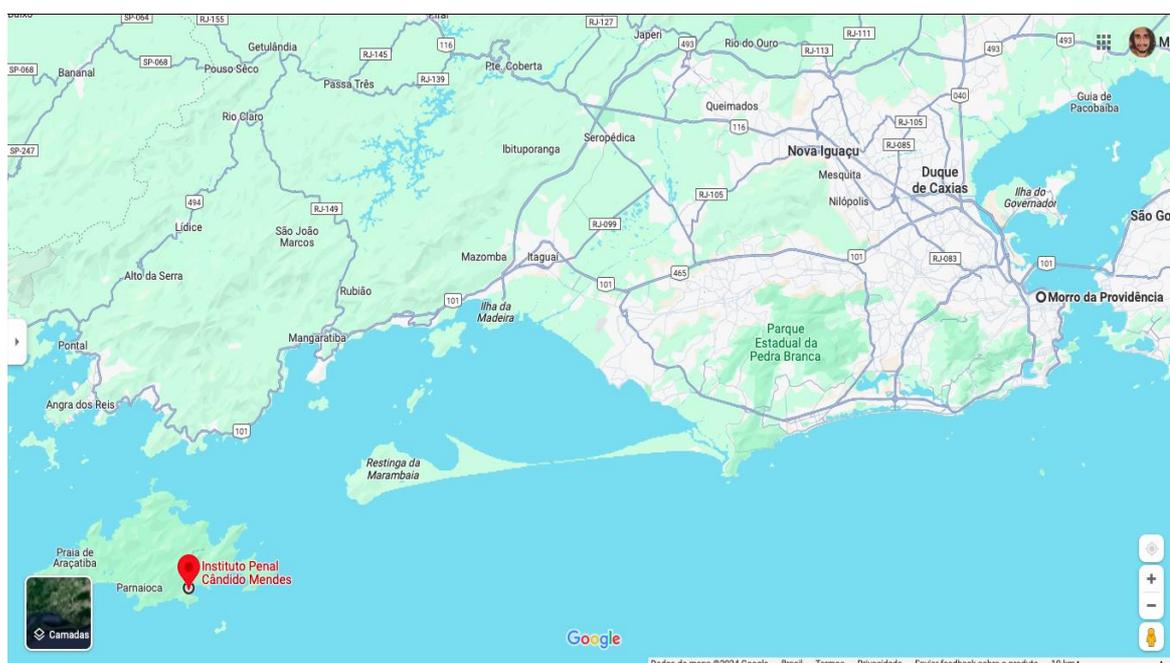
Glenny (2016) e Kalaoum (2023) apresentam o fundamento da fundação dessa facção criminosa, a partir da prisão comum, em Ilha Grande, no estado do Rio de Janeiro, de presos políticos da ditadura militar, e de bandidos comuns da Favela da Rocinha, quando esses ainda não traficavam, e sim tinham uma dinâmica de roubos a banco.

O que acontece é que muitos dos presos 'comuns', vindos das Favelas do Rio de Janeiro, ficaram encarcerados junto com os presos políticos da ditadura militar, havendo uma produção híbrida, de troca de reivindicações sociais, inicialmente para melhores condições prisionais e, posteriormente, se estendendo a melhores condições para a vida na Favela.

Inicialmente, a Falange Vermelha era um dos grupos constituídos na prisão de Ilha Grande, com intuito de se proteger de outras falanges, reivindicar melhores condições prisionais, e eventualmente organizar alguma fuga ou resgate na prisão (Kalaoum, 2023).

A imagem a seguir, apresenta a distância entre a prisão onde surgiu a Falange Vermelha, e a localização geográfica da primeira Favela do Rio de Janeiro como apresentado por Queiroz Filho (2011). Nesta imagem é possível ter uma perspectiva da maneira como foi transversalizado a implantação das facções criminosas em relação as Favelas do Rio de Janeiro.

Figura 4 - Mapa destacando o Morro da Providência no centro do Rio de Janeiro e o presidio de Ilha Grande



Fonte: Google Maps (2024).

Quando então esse grupo foi solto, as reivindicações de condição de existência civil, se mesclaram com as reivindicações da Rocinha (local onde o núcleo da Falange Vermelha se instalou) junto com a associação de moradores (Glenny, 2016). Num primeiro momento, houve atuação no campo civil, mas, com a tomada das facções criminosas do mercado de narcotráfico, houve também a possibilidade de aumento das potencialidades financeiras dos sujeitos na Favela. Essa circunstância, combinada com alguns aspectos de espelhamento, geraram nas contradições entre a posição política social das organizações e seu acoplamento com o Capitalismo

Mundial Integrado, dinâmicas que produziram e reproduzem traços de violência transversalizando a Favela. No discurso, os mesmos sujeitos que trabalham pelo bem-estar social da Favela “Eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é; e poder me orgulhar; e ter a consciência que o pobre tem seu lugar [...]” (Cidinho; Doca, 1995), se associam em dinâmicas que antagonizam como inimigos, o ‘pobre’ Favelado, com o ‘bandido’ armado.

Está em jogo aqui dinâmica multi territorial (Haesbart, 2007), em uma construção que geograficamente posiciona territórios e des-territórios de poder, constituídos, nesse caso fisicamente, mas que não podem ser entendidos de maneira reducionista, apenas em seu sentido físico. É importante perceber que os desdobramentos, tanto na época de constituição desses grupos, quanto atualmente, são de uma dinâmica de investimento desejante e maquínico, que envolve consciente e inconsciente dos sujeitos na apropriação geográfica do território. É algo que vai para além de uma percepção física, com implicações políticas sentidas nacionalmente.

Assim, trato a representação dessa dinâmica, híbrida, complexa e holística, como resultado de reflexos, de ocupação do território possível, de busca por melhores condições de vida, melhor qualidade para produção e manutenção da cultura local. Essa busca, no entanto, muitas vezes é espelhada em elementos do Capitalismo Mundial Integrado que geram dinâmicas de captura do desejo, e, por conta disso, são autopredatórias. Um exemplo disso é o traço representado na violência dentro das Favelas.

Manso (2015) apresenta uma dinâmica de desdobramentos que demonstram a relação entre Favela e investimentos desejantes capturados pelo polo paranoico, transversalizados por linhas de fuga do polo esquizo, que se desdobram em dinâmicas e constituição social à parte da instituída pelo estado. Esse autor, discute o que eu entendo serem as dobras que geraram a ampliação dos conflitos e posteriores novas formas que essas disputas territoriais apresentam. No caso, é perceptível essa dinâmica para o autor, numa primeira posição opositora entre o Comando Vermelho (CV), disputando com o Terceiro Comando (TC), e a facção Amigo dos Amigos (ADA), e depois da junção dos dois últimos, ocorrendo uma dissidência interna e criando o Terceiro Comando Puro, (TCP).

Num primeiro momento, isso gerou conflitos entre Favelas, além dos conflitos já deflagrados com a polícia, mas, posteriormente, isso gerou os conflitos com a instituição de um poder militar paralelo ao burocrático estatal, as Milícias, grupos para-

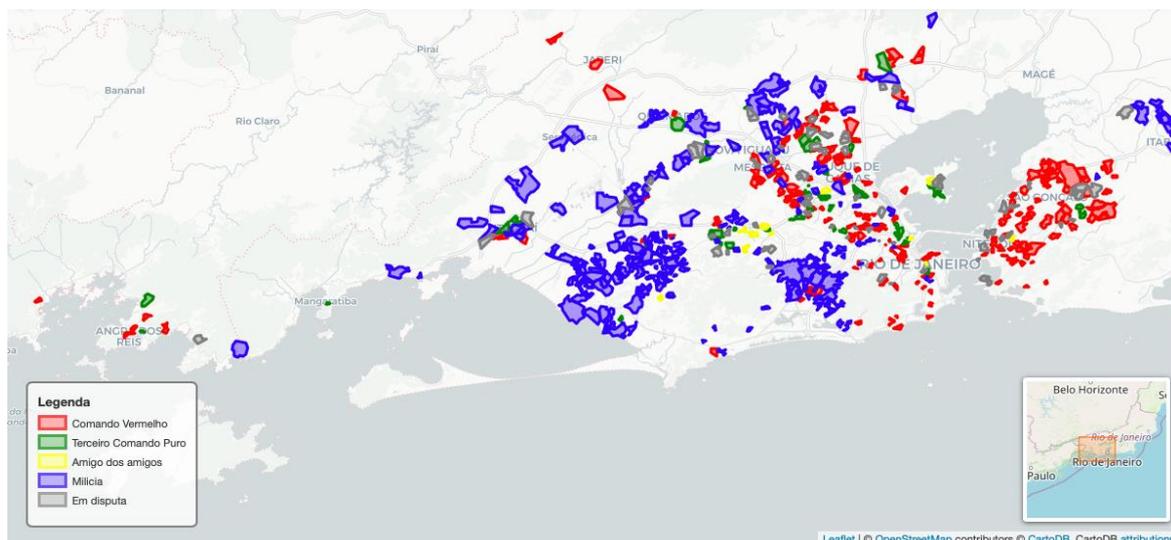
militares que se apropriam de territórios não cuidados plenamente pelo estado e tomados pelas facções criminosas (Manso, 2015).

Nas condições de implantação das milícias no Rio de Janeiro, muitas dessas acabaram e são até hoje bem-vistas, por conta da veiculação de discursos contra a Favela. No caso, houve em diversos momentos, discursos jornalísticos enaltecendo a as milícias e tratando toda a Favela como berço da violência e protetora das facções criminosas. Se criou uma relação midiática da Favela com o que é dito sobre as facções criminosas, e não dito sobre as práticas das milícias, que condiciona o atravessamento de narrativas que territorialistas de embates e modos de produzir que, muitas vezes, são bélicos da Favela com a própria Favela.

“Prof. durante o ano de 2022, houve uma operação militar que gerou a morte de algumas dezenas de pessoas na Favela do Jacarezinho, Zona Norte do Rio de Janeiro, a mídia não traduziu o clima de terror que o conflito gerou, e talvez não tenha apresentado a quantidade de pessoas que morreu. No entanto, o que foi mais difícil, e de fato me levou as lágrimas, foi perceber que alguns dos meus amigos, conhecidos, chamaram essa operação de faxina, em oposição à algumas mídias que trataram a operação como chacina. Riram e brincaram com a morte de tantos que poderiam ser nossos amigos, pessoas de um espaço muito parecido com o nosso” (Diário de Pesquisa).

A dinâmica criou um território fértil, para a composição de múltiplas territorialidades, e propício para a captura de desejos pulsantes, como é o caso dos desejos na Favela. O sentido apresentado por Manso (2015) pode ser visto se olharmos para a ocupação armada do município, já que hoje a maior parte das Favelas são controladas pelos poderes paramilitares. Na imagem a seguir podemos ver como estava a ocupação armada dos poderes paramilitares (em azul) em relação a ocupação das principais facções criminosas atuantes no Rio de Janeiro.

Figura 5 - Mapa ocupação armada do Rio de Janeiro



Fonte: Neal-Uso (2019).

Não se trata aqui de escolher um lado em relação a qual ocupação armada é melhor, mas de apresentar uma dinâmica que vem sendo combatida, ou não combatida, de maneira reducionista. Nesse formato, vem sendo condicionada a uma composição contraditória das relações que se estabelecem na Favela e com a Favela.

Isso pode ser percebido quando olhamos para a relação com que normalmente se toma a Favela do ponto de vista ambiental. Se tomarmos o descrito por Allier (2007) no texto “ O Ecologismo dos Pobres”, a Favela é tratada e reproduz o espelhamento de culto ao silvestre, e isso muitas vezes é reproduzido turisticamente. Se trata de uma dinâmica que o autor apresenta como um problema ambiental enraizado em um conflito distributivo primordialmente, algo que pode ser entendido pelo acoplamento como o Capitalismo Mundial Integrado (Guattari, 1985).

É necessário transpormos a necessidade de cuidado social, educacional para uma melhor relação ambiental, não de um ponto em detrimento do outro, mas de uma percepção ecológica profunda, que percebe a vinculação sistêmica de um na relação com o outro. Ou seja precisamos perceber a Favela como um ecossistema complexo subjetivo, de cuidados ambientais dos sujeitos com os lugares em relação recursiva, para então podermos pensar o cuidado social e educacional como potência para o Turismo.

Isso se deve, ao fato de que as condições de espelhamento no Rio, produzem e reproduzem a dinâmica de descuidado ou de um cuidado restrito a partes dos elementos de um sistema que é complexo. Isso se apresenta como sinalizador de um

deslizamento da sociedade do controle para uma sociedade da disciplina (Ramalho, *et al.* 2019; Deleuze, 1992), em que contam mais as dinâmicas que aparecem do que as que não aparecem. Ramalho *et al.* (2019) apresenta essa relação para falar sobre a roupagem do ambiental nos produtos vendidos, tendo como lócus o Parque da Pedra Branca no Rio de Janeiro. Os autores apresentam as condições subjetivas que fazem com que, mais do que sujeitos a simples disciplina estatal, estejamos sujeitos a uma sociedade controlada, em associação a uma grande máquina capitalística mundial.

Essa dinâmica, faz com que os sentidos de Território, multi-território e des-território, em seu sentido físico, necessitem da percepção de uma apropriação geográfica em dobras, das condições subjetivas até suas condições subjetivas de dinâmicas de poder. Isso precisa ser considerado também como uma dinâmica a partir do inconsciente, que reconhece inconsciente sujeito e inconsciente usina de produção na deriva de um devir. Se trata de uma configuração para a Favela complexa, de territórios físicos, mas também na configuração de territórios cognitivos.

Por conta disso, a discussão precisa levar em consideração desdobramento para as possibilidades do acesso a esses territórios. Se trata de conseguir perceber movimentos a partir das dinâmicas do movimento do desejo, no caso, Desterritorialização - Simulação - Reterritorialização (Deleuze; Guattari, 2004). Se trata de ser capaz de transitar, por algo que aqui chamo de Becos e vielas também em sentido subjetivo, abstrato, cognitivo, filosófico epistemológico. Por conta disso, sigo explicando a relação que faço sobre essas dinâmicas, mas com respeito, para além das tramas de um embate sobre violência e política pública. Falo de um deslizamento apresentado em aproximações que condicionam a existência da desterritorialização a partir do campo cognitivo, psicológico, subjetivo.

Trata-se de grafias esquizo, em condição de existência. Fractais de um desejo em usina de produção, de uma potência do devir para além do Rio de Janeiro e suas transversalizações violentas. São elas também, mas Esquizografias do Turismo e do Lazer, são mais do que isso, essas Esquizografias são apresentadas a seguir.

5.5 ESQUIZOGRAFIAS DE SINALIZADORES DE TURISMO E LAZER

Hoje você vai ser minha
 Esse corpo me pertence
 Eu vou pegar você
 Coisa linda, muito prazer
 Hoje você vai ser minha
 Esse corpo me pertence
 Eu vou pegar você
 Eu cheguei chegando
 Tô cheio de rima
 Na boca do povo
 Em qualquer esquina
 Não faz isso não neguinha
 Que eu me perco todo
 Meu pandeiro quebra
 Meu cavaco chora
 E eu fico louco
 Louco pra te ver mexer
 E descer até o chão
 Abre a roda pra geral
 Bate na palma da mão
 Já dançaram funk aí
 Agora é a minha vez
 Com surdo, cuíca, tamborim, repique
 Eu vou pegar você
 Eu sou o samba
 Tenho certeza que você vai se amarrar
 Eu sou o samba
 Tenho certeza que você vai se entregar pra mim
 Eu sou o samba
 Tenho certeza que você vai se amarrar
 Eu sou o samba
 Tenho certeza que você vai se entregar pra mim (Alexandre Pires; Seu Jorge, 2010).



Escrevo como quem samba, como quem faz das suas angústias passos de dança. Escrevo assim para contar que, das intempéries, sou capaz de fazer brotar, brotar vida em condição de existência, brotar vida dançante e malandra, despejando no mundo amor, arte, cultura e brilho. Escrevo como quem samba pois eu sou o samba. A entrega que desejo é a mesma que eu ofereço. Convido a andarem comigo por Becos e Vieiras, pois sei que vocês, sujeitos já andam por Becos e Vieiras. Sou samba, pois sou Favela, e da Favela brota o samba, como dos sujeitos em condições de intempérie brota a vida. Então reúna forças e me acompanhe.

Escrevo para contar, em Esquizografia, a escrita de quem transita por Becos e Vieiras, em um caminhar que mescla os dizeres como quem rabisca o samba na passarela, como quem vive a vida partida e dissipativa, desejando e produzindo o que é possível em território de intempérie.

Respiramos fundo. Enchemos o peito de ar e o coração de afetos, para seguir 'viagem en-arr-ativa' (Baptista, 2022). Preparamo-nos, então, para falar do ecossistema turístico da Favela, em uma ordem de reconhecimento desse Turismo.

O sentido proposto pelas reflexões prévias é o de orientação de uma mudança paradigmática na própria percepção sobre o Turismo enquanto atividade, enquanto cultura, fenômeno, universo de investigações (Silva; Baptista, 2017).

A decorrência dessas percepções é da ordem da escrita e da leitura das subjetividades ampliadas, como foi apresentado anteriormente. Essa percepção reconhece e afirma que a produção das atividades do Turismo e do Lazer, como ligadas a uma orientação voltada para a trama de atravessamentos e acoplamentos ecossistêmicos que acontecem para a existência dos fazeres envolvidos nesse Turismo e no Lazer Trama, combinado em condição de vistas ampliadas, holísticas (Crema, 1989).

Importa ressaltar que esse reconhecimento, pelas características do Avesso, está na ordem de compreensão das subjetividades. Como orientação para estudos de subjetividade no Turismo e no Lazer, as Esquizografias Turísticas são propostas teórico conceitual, apresentada para representar o complexo ecossistêmico que representa essa cartografia (Silva; Baptista, 2023a). Esse texto apresentava, a partir da compreensão de inconsciente de Deleuze e Guattari (2004), a maneira esquizo, partida e dissipativa, com que os sujeitos da Favela inscrevem e escrevem seus movimentos de desterritorialização desejante em seus ecossistemas.

Nessa ordem de caracterizar a maneira como se desenvolve a existência singular do sujeito, em ecossistema turístico comunicacional subjetivo, entendo que, a partir do conceito, há a necessidade de perceber singularidade, e como essa singularidade se manifesta a partir dos sujeitos desse Turismo, os sujeitos desse lazer, na trama de seus saberes e fazeres. O ecossistema da Favela inscreve-se esquizograficamente, em sentido singular de reconhecimento das transversalizações próprias do ecossistema e também dos ecossistemas adjacentes que simultaneamente o transversalizam e são transversalizados por ele. A Favela, aqui nesse texto, é tratada como produtora do Turismo em uma leitura do avesso, de reconhecimento da sua escrita esquizo como potência de (Auto)Transpoiese. Desse modo, reconheço contribuições importantes para o Turismo, percebendo a Favela como destino como em Moraes (2016); ou mesmo quando Freire de Medeiros (2007; 2007a) em outros estudos dos anos 2000, tratou das produções do Turismo na Favela.

A mim cabe aqui, no entanto, uma correspondência de pensamento um pouco distinto da apresentação da Favela como produto, considerando a Favela como produtora de Turismo, a partir de dinâmicas e movimentos subjetivos que se

aproximam do Lazer na sua constituição inconsciente. Isso se dá, não só pela representação da mesma em outros lugares através das visitas recebidas, mas pela própria capacidade da Favela, no sentido de subjetivamente, visitar qualquer lugar, a partir das desterritorializações desejanter desde seu inconsciente (Baptista, 2013).

No caso desta apresentação, os pressupostos envolvem poder perceber a Favela como ecossistema transversalizado também pelas visitas que recebe, mas, principalmente, reconhecer os movimentos, a partir de suas singularidades da produção de desejo e (Auto)Transpoiese dos seus sujeitos. Desse modo, no caso aqui tratado, afirmamos, em síntese: a Favela viaja e não é apenas destino. Por conta disso retomo a música:

Eu, eu viajei o mundo todo, olha, puta que pariu
 Primeiro eu passei na 13 que é o baile do Brasil
 Eu fui lá pro Jacaré que é o baile de Paris
 Fui parar lá na Colômbia que é no Complexo do Lins
 Contatin', pode chegar que o baile tá sinistro
 Você tá no chapadão que é o baile do Egito
 Piei lá na Zona Sul, baile cheio de novinha
 Curti baile de Moscou que é o baile da Rocinha
 Atravessei pro Vidigal pra ver a melhor forma
 E o pau tava quebrando no baile da Califórnia
 Fui pra um lugar envolvente, novinha, preste atenção
 Fui pro baile da Itália, Complexo do Caçã
 Ah, não posso esquecer, nisso tudo eu tava na onda
 Fui pro baile da Maré que é o baile da Holanda
 E o que marcou nessa viagem, eu fumadão demais
 Fui parar lá na Mangueira que é o baile de Dubai
 [Refrão]
 Vem que tá maneiro, vem, vem que tá maneiro
 Eu viajei o mundo todo dentro do Rio de Janeiro
 Vem que, vem que tá maneiro, vem, vem que tá maneiro
 Eu viajei o mundo todo dentro do Rio de Janeiro
 Baile do Brasil, baile de Paris
 Baile do Egito, baile de Moscou
 Baile da Califórnia, baile da Itália
 Baile da Holanda, baile de Dubai (MC Flavinho; DJ Decco, 2018)



Traços especulares de significação, a Favela viaja de acordo com as suas condições, criando e condicionando, relações de pertencimento a um ecossistema que segrega aqueles que não apresentam os elementos que significam sua existência. Como para Baptista (2023), o movimento é traço do humano, e como tal, se alinha com necessidade de produção de (Auto)Transpoiese. Na verdade, decorre dele, de modo que para a Favela, viajamos o mundo, no Rio de Janeiro.

Essa afirmativa, é resultado de percepções empíricas do eu sujeito pesquisador em 'com-versações' com sujeitos que circulam comigo na Favela.

“Uma vez, das muitas que o inesperado acontece na Favela, me vi imerso em uma condição ao mesmo tempo de contribuição para a minha comunhão com meus amigos, e também de oportunidade de vivência de uma experiência. Em uma ocasião, das muitas já vividas na Favela, fui convidado por dois amigos para ir a uma festa em que, um deles ia trabalhar como segurança e o outro iria trabalhar como DJ. Esses amigos, costumam trabalhar juntos, no caso um como DJ e o outro como apoio, e eu acompanho para aproveitar a festa enquanto tenho a oportunidade de estar junto com eles e assistir ao show desse DJ. Nesse dia, entretanto, o amigo que trabalha como apoio, foi convidado a trabalhar como segurança, e eu assumi a função de apoio do DJ, o que oportunizaria de toda forma que estivéssemos juntos na mesma festa. Havíamos combinado de ir juntos a essa festa no Bairro, onde tocariam além do nosso amigo, alguns outros DJs e músicos regionais e nacionais. Na hora do evento, no entanto, o DJ que eu ia ajudar foi remanejado para outro evento, e nós, eu, ele e meu amigo que ficou como segurança, acabamos nos separando, pois eu fui ajudar o nosso amigo que estava trabalhando como DJ que estaria conosco. O que seria uma situação ruim acabou se tornando uma situação de fluxo e movimento gratificante pelas Favelas. Esse outro evento na verdade eram dois eventos. Eu vi, no mesmo dia, três shows e consegui me movimentar por três Favelas, três fluxos e movimentos inesperados de brotação de acordo com o que estava acontecendo. Ainda, pudemos estar juntos mesmo a distância, nos comunicando pela internet e conversando sobre como estava cada um dos eventos.” (Diário de Pesquisa)

Esses são fluxos e potencialidades, de sujeitos que transitam entre bailes. No dia desse evento, a quebra do planejado poderia soar como o fim de uma dinâmica que poderia ser de falta; no entanto, fizemos da situação uma condição de potência, trocamos mensagens e vídeos, em contato constante, dividindo a oportunidade que tivemos de viajar pelos espaços em que gostaríamos de estar.

Essa é uma situação síntese, de circunstâncias que passamos todos os dias, dividindo inesperados, estranhamentos e familiaridades nas nossas desterritorializações de cotidiano. De fato, isso constitui o elemento viagem como condição humano, condição de movimento desde o inconsciente potente.

O Ecosistema Turístico-Comunicacional-Subjetivo da Favela e de promoção de movimentos de desejo, em sua percepção, se dá a partir da desterritorialização que compõe a viagem e o encontro com o próprio Rio de Janeiro de fachada. Reconheço, assim, o Turismo a partir do avesso que a Favela compõe, em seus saberes e fazeres, com uma ecologia de saberes próprios, como proposto por Santos e Meneses (2010). Assim sendo, Ecosistema Favela, por vezes tratado como comunidade, periferia, marginal, ocupação irregular, cabeça de porco, quebrada, vila etc. em muitos casos pejorativamente, se organiza e propõe a própria potência a partir dos seus fazeres e de movimentos de desterritorialização que promovem vida, a vida na Favela.

A ideia de falar de Favela e de seu ecossistema está contida, também, na escolha de como se tratar como Favela. Não me proponho a discutir as terminologias,

e sim a conceituar a brotação e o reconhecimento de potência que essa nomenclatura carrega. Falo de Favela, não em desconsideração às outras denominações, mas a partir de sua matriz botânica, como trouxemos em 2022 (Silva; Baptista, 2023a), como planta do nordeste brasileiro, que cresce em território de intempérie. Como explicamos no texto referido, tratamos aqui desse conceito, para tratar **Favela como o ecossistema que pressupõe, em lógica epistêmica, a necessidade e capacidade de (Auto)Transpoiese em território de intempérie para a própria existência e brotação de vida.**

Esse reconhecimento está alinhado à percepção do Sul que a Favela representa, de uma existência preterida em relação à viagem, mas que é Turismo e Lazer em seu reconhecimento subjetivo. Remeto-me às Epistemologias do Sul, de Santos e Meneses (2010), quando versam sobre o sul, não como geográfico global, mas como um sul preterido em seu fundamento econômico financeiro. Percebo que, a partir do reconhecimento do Averso do Turismo e Lazer-Trama, esse ecossistema tem potência de viagens múltiplas e de Lazer, o que é interessante como sinalizador de aprendizados para o Turismo.

Que sinalizadores são esses:

- Alta capacidade de adaptar-se e superar condições adversas;
- Primazia da colaboração entre pares, diferentemente de tendência à competição capitalística;
- Aberturas para linhas de fuga de impedimentos cristalizados (geográficos, simbólicos, políticos, sociais, culturais etc.);
- Lógica matrística forte e resistente;
- Flexibilizações e tendência a humores alegres.

Fatores de risco:

- Cooptação por vislumbres de segurança, diante do universo de medo agenciado em circunstâncias adversas;
- A densidade da composição subjetiva põe à flor da pele os traços esquizo dos fluxos incorporais a-significantes e de processos inconscientes — quer dizer, o mesmo que é potência pode também caminhar para capturas subjetivas.

Essas viagens são a expressão da existência do sujeito favelado, que se mostra em narrativas que reconhecem o estranhamento em espaços de cotidiano, através de atividades de Lazer, por exemplo, mas não somente. As múltiplas viagens por bailes do Rio de Janeiro; as combinações e estratégias para conseguir alcançar o mar, a praia; e as músicas que ecoam vozes no mundo e fazem brotar oportunidades são sinalizadores de desterritorializações desejantes. Aparecem na música, na arte, no discurso, nas múltiplas narrativas que cada uma dessas leituras é capaz de proporcionar. Com base nessas narrativas, decido compartilhar fios de trama da vida desse ecossistema, que vem sendo cartografado.

Favela
Orgulho e lazer
Estamos à vontade.
Nós somos,
Favela, orgulho e lazer
Estamos á vontade...
Somos mais você. (Mc Marcinho, 2003)



Para apresentar singularidades, valho-me de narrativas, pressuposto proposto como dispositivo de pesquisa por Silva e Baptista (2023a). Nesse caso, entretanto, tenho a intenção de demonstrar o ecossistema, parto das músicas como representação dessas subjetividades, em um sentido que dá reconhecimento de coletividade narrada em possibilidade interpretativa. Isso significa que, mais do que narrativas dos sujeitos favelados, vamos conto com música, a poesia, a poiese, dos sujeitos que se sentem representados, ao poder ouvir a voz de outros sujeitos, que têm na pele a composição da vivência do sujeito favelado.

"No meu bairro (Favela), em Santa Margarida acompanhei a mística de um grupo, intitulada pelos seus integrantes como Turma Da UVA (União dos Vagabundos Anônimos). Esse grupo era constituído por adolescentes, crianças e jovens adultos que numa determinada altura da vida, recorriam aos seus laços de comunidade para produzir Lazer e Movimento. Meu pai e meus Tios faziam parte desse Grupo, na verdade eles criaram esse grupo, como estratégia para poder transitar em outras Favelas, que tinham algum tipo de rixa com a desculpa de que os mesmos iam pra lá para usurpar dos moradores locais as mulheres da Localidade" (Diário de Pesquisa).

A dinâmica dessa narrativa apresenta a forma como, desde sempre, os sujeitos da Favela, da minha Favela, se organizam em relações comunicacionais de trocas comunitárias para poder existir, transitar e se movimentar. Ainda que alguns desses movimentos fossem conflituosos, a regra era simples na tentativa de produzir relações, se autoproduzir, crescer e poder ser.

A Turma da Uva é marca histórica da minha trajetória. Nesta pesquisa, ela aparece nas minhas narrativas, e em narrativas que sou capaz de produzir, pois, busquei na minha Trilha de Saberes Pessoais (Baptista, 2014), elementos de significação, que me levaram a ir atrás dos integrantes desse grupo. Essa busca gerou, na Favela, um encontro entre esses, para o qual tive a graça de ser convidado. Desse encontro sou capaz de produzir a seguinte narrativa.

“Cheguei, como quem chega reconhecendo terreno, me apresentando e pedindo licença para passar. Dias antes, perguntei para o meu pai se ele podia me contar mais histórias da sua adolescência e o mesmo disse que sim e me contou, mas disse que essas histórias seriam mais bem contadas se todos pudessem me contar. Ele então me contou que a Turma da UVA ainda existia, em um grupo de ‘Wats app’ em que os amigos de infância trocavam mensagens, ainda que devido, as intempéries da vida, eles não se encontrem regularmente. Desse grupo, brotou um churrasco para o qual eu fui convidado, e nesse churrasco eu pude realmente reconhecer e viver a intensidade do que representa a turma da UVA. Lá me contaram que inicialmente era só um grupo de amigos, que se reuniam em uma esquina que, posteriormente, ficou conhecida como a esquina da UVA, ali na esquina da Rua 31 com a 32. Esse grupo então foi crescendo e dele derivaram encontros para jogar campeonatos de futebol em outros bairros, ir e conseguir acessar festas (mesmo sem dinheiro). Montaram uma quadrilha de danças juninas mesmo com o grupo sendo majoritariamente masculino, alguns dos meninos se vestiam de mulher para dançar. Com auxílio dos familiares se maquiavam e faziam tranças, reuniam dinheiro com os vizinhos para bancar as idas de ônibus para as competições de quadrilha. Eram alguns dos traços que me foram lembrados na tarde que pude passar com a Turma da UVA” (Diário de Pesquisa).

As viagens do possível, é sobre elas que me interessa falar. Não se trata de dizer que práticas de Lazer são sempre Turismo ou que Turismo são sempre práticas de Lazer, me parece que essas representações reduzem a complexidade das interrelações que se estabelecem comunicacionalmente para promover viagens, para produzir movimentos desejantes em direção ao Lazer e ao Turismo.

Reduzir isso, tentar sistematizar, ou ainda segmentar isso como um traço de uma cultura que pode servir como aspecto de atratividade para uma determinada porção geográfica, é deixar de perceber que essas dinâmicas em sua plenitude. Sempre apareceram e aparecem movimentos de viagem dentro de outras viagens, são atratividade para determinados destinos pois, são buscas de sujeitos das mais variadas culturas pelo inesperado, e a condição de desterritorialização como produção de (Auto)Transpoiese. Na Favela isso aparece em cotidiano, os traços do dia a dia são de inesperados dentro de inesperados, movimentos de desterritorialização dentro do cotidiano.

Cartografar isso aqui é apresentar esses traços como sinalizadores como marca de algo que sempre esteve presente, potente, pulsando em qualquer sujeito

que, em algum momento, já fez brotar em território de intempérie. Todos temos as nossas Favelas, e por isso nos vemos espelhados no que a Favela é capaz de fazer brotar, em elementos que aprendi com a Turma da UVA. São traços de trânsito por Becos e vielas, andares Malandros de devir que eu reproduzo em diversos espaços da minha vida, desde o meu inconsciente, em expressões múltiplas do cotidiano.

Por conta disso, não tenho como limitar aqui o uso somente dos traços de memória ou de minhas narrativas, só músicas ou fotografias. Uso aqui para dar sentido, funks e algumas poesias acústicas, sambas, pagodes, folders, imagens e tudo mais que reconheço como elemento que compõe a paisagem do ecossistema cartografado. Cada um desses elementos foi escolhido para narrar o ecossistema, por espelhar elementos de brotação e (Auto)Transpoiese. Na poesia, representada no Rap, encontramos poiese, (Auto)Transpoiese, como proposto por Baptista (2022), que se apresenta como poesia cantada e pode representar a poiese na vida.

No ecossistema da Favela, essa (Auto)Transpoiese pode se dar no reconhecimento da existência do sujeito em território de intempérie, como dito, algo que está no fundamento da concepção conceitual que temos sobre o termo Favela e a escolha pela utilização do mesmo. Como é próprio desse espaço geográfico, as ocupações ocorrem de maneira irregular e não necessariamente planejada; por conta disso, o lugar adquire aspectos próprios, singulares.

Vale dizer também que Becos e vielas são realidade física para sujeitos de Favela, mas, além disso, são modos que a vida encontra, metaforicamente, como contornos do encontro com singularidades, sinuosidades na paisagem. Às vezes muros, às vezes paredes, buracos, escadas ou telhados. Caminhos singulares se insinuam, provocam, convidam, convocam, como diz o poema de José Régio: “Vem por aqui!”. Becos e vielas são possibilidades demarcadas em meio às inscrições singulares do ecossistema Favela. São marcas profundas e sempre transversais de máquinas abstratas de coexistência. Esse aspecto transcende o sentido exclusivamente geográfico. Desse modo, como sujeitos de Favela, em sentido local e ampliado – também da grande Favela País Brasil e da grande Favela Planeta Terra - , percebemos no reconhecimento desse espaço olhares levados para vida e percebemos que, a partir da intempérie, o sujeito aprende a transitar por Becos e vielas, ao se deparar com essa geografia ou essa condição existencial. Assim, também, afirmo: “a Favela atrevidamente ensina!”. É a própria condição do

atrevimento, com seres que todos os dias se atrevem a desafiar preconceitos, paradigmas, estigmas, dogmas, axiomas, modelizações.

As Favelas, e a minha Favela Santa Margarida no bairro de Cosmos, faz brotar 'constelações' em meio a intempérie. Se trata de produções de ligação e significado, como apresentado no Gif a seguir, que é um vídeo promocional do Bailes de Natal da B12, democraticamente instalado na Rua 12 do bairro, juntando todo ano inúmeros moradores da localidade para comemorarem juntos após a virada do dia 24 para o dia 25.

Figura 6 - Favela Santa Margarida, Baile de Natal da B12



Fonte: Acervo Pessoal.

Como vem sendo trabalhado nesta Teses, Becos são pontos de paragem, que remetem à necessidade física e psíquica, subjetiva de parar e pensar qual a próxima ação oportuna. Assim, deparar-se com Becos, na rua e na vida, não é algo necessariamente negativo. Pode ser percebido como a oportunidade de vislumbre de oportunidade, momento de paragem que possibilita o vislumbre da Viela. As Vuelas são pontos de passagem, para serem sentidos em vivência cotidiana, mas com requintes de estranhamento, e olhar atento preparado para o encontro com o próximo Beco.

Assim, ressalto também que falo em Bailes como quem fala da vida, pois os bailes são também produção de Vida, “a Favela venceu, o favelado hoje tá no topo, máximo respeito nós viramos o jogo, quem não conhece o baile de Favela... de Favela” (MC Scar, 2020). O baile produz vida, o reconhecimento de respeito que o Favelado busca, reconhecimento dele mesmo da estética que representa, daquilo que gosta e que significa a partir do seu desejo, a subjetividade do seu inconsciente, “Através do funk hoje nós temos voz; e são os playboys que se inspiram em nós; Lançando o bigodinho, e o cabelinho na régua, na régua” (MC Scar, 2020).

O Baile da B12, apresentado no gif acima, representa uma comemoração de existência, uma festa que acontece no Natal, longe dos holofotes de qualquer outra comemoração de final de ano, que é amplamente conhecida no Rio de Janeiro, como é o caso do Réveillon. O fato é que, quando todos desacreditam, a Favela das brotar aquilo que deseja. Da distância para os pontos de grande fluxo para o final do ano, como a praia de Copacabana, Ipanema ou qualquer outro lugar que tenha comemorações de Final do ano, a Favela faz brotar bailes e esse bailes representam para mim expressões do Turismo da Favela, resultante de movimentos de desterritorialização desejante desde o inconsciente, “Eles desacreditaram de nós, e olha onde hoje nós tá, o microfone me deu voz, o os amigos aqui eu vim representar” (MC Scar, 2020).

A representação de fazer brotar mesmo quando algo é negado, além de fazer brotar pelo simples desejo de conseguir fazer acontecer, pode ser percebida na imagem a seguir. Nela são apresentados aqueles que por vezes não são vistos, mas como artistas na Favela se fazem presentes e apresentam suas representações de importância em cada elemento estético.

Figura 7 - Divulgação, Baile de Natal da B12 2023



Fonte: Acervo Pessoal.

Os bailes de Favela são formas de produção desejante. São elementos de significação para sujeitos que são privados de movimentos, mas fazem linhas de fuga nas grande engrenagens hegemônicas e capitalísticas. Os Bailes não são formas de

resistência, não há neles o dever moral característico da engrenagem cultural da estrutura do Capitalismo Mundial Integrado, menos ainda a necessidade de demonstração no Baile de elementos de significação financeira (ainda que esse traço seja presente como elemento de ‘ostentação’ para os sujeitos que frequentam).

Na prática, os bailes são potencialidades de deslizamento do devir desejante, que hora se anuncia a partir do título do baile, como o Baile de Roma por exemplo (elemento que apresenta espelhamentos de desejo pelo devir viagem), hora se apresenta pelo momento do baile, como o Barro X Asfalto que acontece no dia primeiro de janeiro, como um desafio a festa de réveillon de Copacabana. São elementos de significação característicos de produções que representam a maneira como os sujeitos da Favela se relacionam com as mobilidades em desterritorialização. Como diz a música, “eu viajei o mundo todo dentro do Rio de Janeiro” (MC Flavinho, 2018). São viagens do possível, de reconhecimento aos espelhos que transversalizam os sujeitos e os lugares de Favela.

“Algumas vezes eu tive a oportunidade de ir para o Barro X Asfalto no Antares (Favela próxima). Essa Favela é um pouco mais movimentada em relação ao tráfico de drogas do que a Favela onde vivo, e nesse caso, esse baile, é um baile patrocinado pelo comércio ilícito local, por conta disso, alguma das vistas que aparecem no local são pistolas a mostra, fuzis e metralhadoras, as armas nesse caso eram usadas como ornamentação, exemplo de poder e destaque como traço cultural daquele espaço, no entanto nenhum tiro é disparado, pois, isso seria visto como algo que estragaria a comemoração de entrada de um novo ano” (Diário de Pesquisa)

Não se trata aqui de tentar esconder as mazelas, próprias de dinâmicas de cerceamento e falta de apoio do poder público que esses espaços recebem. Os poderes paralelos assumem espaços de produção deixados pelo poder público. Enquanto os governantes investem nas zonas ricas, longe do espaço que nós favelados ocupamos, nós investimos em nós mesmos, nos nossos movimentos, no nosso Lazer, no nosso Turismo, e nas nossas viagens.

Entre Becos e Vieiras, os sujeitos da Favela fazem brotar vida. Das mazelas de uma sociedade do controle (Deleuze, 1992), acoplada a um Capitalismo Mundial Integrado (Guattari, 1985), fazem brotar viagens e lazer, Turismo da Favela e não de Favela. Trata-se então de se pôr e se erguer em condições de ser, de existir.

Você pode ser pobre de marré
 Paupérrimo, pauperrecido, de dinheiro desprovido
 Proletariado brasileiro, um cara bem sofrido
 Bom de fazer limonada com o limão que a vida dá
 Você pode ser o atrevido

Desassociado de qualquer partido
 O mais querido, o preferido, o preterido, o mais temido
 E você pode ser o que quiser
 Você pode ser vitorioso
 Vai remar contra a maré, roer o osso
 É que pra vencer tem que ser carne de pescoço, moço
 Você pode ser o que quiser
Ir sem carona na viagem
 Papo reto, sem mironga na bagagem
 Eu canto poesia com beleza e malandragem
 Saca, meu comparsa
 Você pode ser o que quiser
 [...]

Você pode ser pobre, sim
 Tem que ser respeitado, pode ser preto, sim
 Tem que ser respeitado
 Pode até pro seu talento ser exemplo dado, malandrager
 Vencer toda a tua batalha, escolher o teu lado
 Diz aí playboy, qual que é
 Qual o lado teu, que tu faz da vida, malandragem?
 Qual barato que é o teu?
 O ditado "eu nasci pobre, mas não nasci otário"
 Com QI de gênio, mas estereotipado (você pode ser vitorioso)
 Vai remar contra a maré, (roer o osso)
 É que pra vencer tem que ser carne de pescoço, moço
 Você pode ser o que quiser
 Ir sem carona na viagem (sem carona na viagem)
 Papo reto (papo reto), sem mironga na bagagem (sem mironga na bagagem)
 (Eu canto poesia) com beleza e malandragem
 Saca, meu comparsa
 Você pode ser (vitorioso)
 Vai remar contra a maré, (roer o osso)
 É que pra vencer tem que ser carne de pescoço, moço
 Ir sem carona na viagem (na viagem)
 Papo reto, sem mironga na bagagem (na bagagem)
 Eu canto poesia com beleza e malandragem
 Saca, meu comparsa
 Você pode ser o que quiser
 E aí você, malandro
 'Tá de cabeça baixa por que?
 Levanta a cabeça, negão
 Um dia de cada vez e o sol pra cada um
 E você pode o que quiser
 Você pode ser pobre de marré (Vinny Santa Fé; Bom Gosto, 2020)



Observo, então, que se trata de acreditar, perceber. “Fazer do limão uma limonada” é ser capaz de ver, nos Becos a oportunidade de fazer brotar potência, vislumbrar VIELAS, transitar, continuamente se movimentando. Mesmo que a viagem não seja o que digam que é viagem, você pode ser o que quiser. Eu posso ser o que eu quiser, Favelado fazendo Teses sobre a Favela.

Becos e VIELAS têm fundamentação aqui, para nós, a partir da música de Ludmilla. A cantora apresenta sua coroação como Rainha da Favela, a partir da sua vivência em Becos e VIELAS:

O trabalho aqui é bem feito
 Respeita o serviço nego
 Não te dou uma semana
 Pedindo pra voltar [...]
 Entre becos e vielas
 Rainha da favela [...] (Ludmilla, 2020)



Dessa música decorre o reconhecimento, traço de especularidade (Baptista, 1996) e orgulho de perceber que a Favela tem voz, e da voz da arte da Favela, em sua constituição entre Becos e Vielas, Artista, Negra, Empresária e Favelada, tem a oportunidade de se reconhecer Rainha.

Becos e Vielas correspondem a tratado de vida, de quem aprendeu a transitar em território de intempérie, e não se restringe à leitura de vida na rua, mas, sim, de vislumbre de existência a partir da (Auto)Transpoiese. A existência de uma poesia que se apresenta também pelo trânsito acadêmico, que analogamente aprende a reconhecer os Becos como ponto de paragem, as Vielas como ponto de Passagem, e o vislumbre que o interstício entre as duas coisas que pode proporcionar em direção à poiese dos sujeitos em viagens, em viagens investigativas desejanter.

Se traçarmos paralelo entre o conceito das viagens investigativas, o trânsito por Becos e Vielas, e a concepção de viagem a partir da Esquizoanálise, como Desterritorialização/Simulação/Reterritorialização, podemos perceber a subjetividade com um olhar ainda mais potente. Destacamos, nesse sentido, que O Beco oportuniza Desterritorialização, o vislumbre como movimento de Simulação, e a Reterritorialização como o momento de sentir a vivência do trânsito pela Viela (Deleuze; Guattari, 2004).

Becos e Vielas são a percepção dos nós de confluência, os nós de passagem, analogia de pesquisa, visão de vida. Nesse caso, é metáfora de viagem que se amarra de maneira especular em narrativas, em músicas. Trago aqui essas músicas, para poder demonstrar movimentos dessa viagem entre Becos e Vielas.

Que ficava comigo no beco, hoje nós tá contando dinheiro
 De marola no Rio de Janeiro, eu e ela é o casal do gueto [...]
 Disse pras amigas que quer ser feliz

Levei de rolezin' de PCX lá no CPX [...]
 Só quer dar pros cria' (Só quer dar pros cria')
 Que faz poesia, que faz poesia [...]
 Amo ser bem-vindo, quando 'cê tá saindo
 É a parte que dói, levo esse amor contigo
 Pra Realengo, amor, levo o Xamã contigo
 Cerveja no isopor, churrasco de domingo
 Mas Bangu tá mó calor, BH, sempre bem-vindo
 [...] (Cabelinho et. al. 2022)



Nós, Favelados, reconhecemos nossa existência entre Becos e Vielas, pois esta é também a nossa condição de existência, ainda que não estejamos na mesma condição geográfica. Percebemos nossos encontros e possibilidades de brotação do desejo a partir dessa perspectiva. Esse sentido é natural para o sujeito que tem subjetividade constituída nessa realidade. Por conta disso, percepções de fazeres e saberes estão alinhadas com um inconsciente que é esquizo, partido e dissipativo.

Sendo assim, ao ouvir a música completa, percebemos a colagem de realidades apresentadas por cada um dos artistas que cantam, na constituição de trama poética, que demonstra também a constituição complexa dos sujeitos entrelaçados. Nessa mesma colagem, temos o sentido de ser feliz, de rolê nos Becos do Rio de Janeiro. “Conto dinheiro, e dou rolezim de PCX (uma moto), lá no CPX (gíria reconhecida de complexo)”. Fazer poesia é ser poesia, se sentir poesia e destaque na Favela, que também inventa linguagem própria. O destaque conta que elas querem os cria (sujeitos naturais da Favela), que fazem poesia.

Espalhar amor, levar amor é levar a si e ser bem-vindo, bem-recebido, com respeito naquilo que é precioso da simplicidade de quem aprendeu a andar e a viajar por Becos e Vielas. Em Realengo, bairro do Rio de Janeiro, ao lado de Bangu, bairro por vezes muito quente no Rio, a possibilidade de encontro que demanda movimento, viagem, desterritorialização, se constitui na cerveja no isopor e o churrasco de domingo. O sujeito da Favela percebe que, para viajar, tem que saber se deparar com os Becos, e aprender a vislumbrar Vielas. A composição capitalística do Turismo e do Lazer de Fachada não permite que o sujeito viaje, mas esse sujeito está acostumado a encontrar esses Becos, lidar com esses Becos e encontrar (e construir!) Vielas, viagens, desterritorializações possíveis.

O sujeito da Favela atreve-se por existência, atreve-se por (Auto)Transpoiese, atreve-se por filosofia e também por falta de opção, em luta pelo bem maior, a condição de vida. Isso não diz respeito ao que contamos para Favela, mas ao que a Favela pode contar para nós. Como sujeito autor do texto, sujeito Favelado, ao estar

em Beco Acadêmico, distante da academia, em um dado momento da vida, encontrei em uma série audiovisual, Merli Sapere Aude (Lozano, 2019-2022), o vislumbre de uma Viela. A inspiração temática levou-me a refletir sobre atrevimento, também a ‘com-versar’ em orientação sobre o assunto. O atrevimento da Favela, que, por vezes, ela nem mesmo nota que tem, faz com que se mostre exuberante em muitos momentos. A Favela sabe que é atrevida, assim como me atrevo, aqui, a trazer a Favela para a Academia, para ensinar e aprender com os Becos e as Vuelas da Favela.

Diferentemente do Iluminismo de Kant (1985), assumiu a composição da razão com a emoção, como algo que aprendo também com a Favela, para falar de Turismo e de Lazer. Isso é necessidade para um sujeito favelado, que precisa reconhecer o próprio ecossistema nos fazeres por onde transita, também no Doutorado, lembrando que Becos e Vuelas, em sentido ampliado, não são restritos aos espaços geográficos de Sul das grandes Cidades (Santos, 2002). Perceber ausências é algo natural para quem vive em território de intempérie.

[...]Nunca deram nada pra nós, né, minha filha?
 Se aceite, somos perfeitos, um foda-se ao padrão
 Nossos corpos são muito mais do que mercadoria
 [...]Mas o som é sobre amor, tá doida? (Tá doida?)[...]
 Mas tá difícil sorrir
 Nesse mundo doente, com tanta gente louca
 E eu quero que as pessoas me entendam
 Quero que os porteiros me atendam
 Ou melhor, que as portas se abram
 E meus irmãos nunca se vendam
 Aceitei meus anjos e demônios
 Fiz um mix, deu nisso, tá vendo, ó?
 [...]Apenas faça
 Tu pode não ter talento, mas raça é
 obrigação[...]
 Eu te proponho o genial
 [...]Evolução? Sim, eu sei
 Se eles se acham rei, virei patrimônio imaterial
 Estilo original, FR
 Supere, na pele[...]
 O mundo quer ver seu nível baixar, eleve [...] (Filipe Ret et al. 2020)



Fiz “um mix deu nisso”. Um mix de músicas com traço de especularidade em trama de desejos de espelhamento (Baptista, 1996). Especularidade narrativa que demonstra o sentido do que sinto, do que conto, do Ecossistema de Becos e Vuelas que é constatado esquizograficamente em algumas músicas da poiese da Favela.

“Não somos perfeitos”, o destaque na música apresenta. Não se trata disso, trata-se de reconhecer, com orgulho, os “anjos e demônios”, não como algo bom ou

ruim, mas sim com a percepção de se fazer ser, saber, reconhecer, vencer. “Deixar-se aparecer”, como ensina Maturana e D’Ávila (2015). Favela, Cultura e Lazer, de traços de viagem que são vozes que ecoam, “só quero que os porteiros me atendam e que meus irmãos nunca se rendam”. Trata-se também de querer e poder ser visto, como Favela, e não travestido de ‘coisas’ que não somos. Queremos nos representar e não só ser representados, queremos poder entrar.

Falamos de Favela, para ver reconhecidos nossos fazeres, nossas viagens. Falamos de Favela para demonstrar que, sobre viagem, temos mundo a contar, de uma trama bem mais profunda do que até então vem sendo percebida e tratada. Então vem de “rolezim pelo CPX”, o “complexo” de subjetividades que compõem o avesso da Favela.

“Te proponho algo genial”. Proponho “imaterialidade”, produção de pensamento e percepção em estilo original que levamos na pele. O mundo quer ver nosso “nível baixar”, vamos elevar, se atreva, perceba. Não se trata só de talento e sim de raça, não no sentido cultural, no sentido do linguajar, esforço em viajar, em se por em movimento.

“Mas o som é sobre amor tá doida?”. Não se trata de guerra ou narrativa bélica, e sim de reconhecer saberes e fazeres. Esse reconhecimento pode proporcionar notar que o atrevimento da Favela está em relacionar e conseguir perceber emoção e razão, a partir do reconhecimento do possível da intempérie imposta aos sujeitos da Favela.

Falamos sobre amor, não com a ideia de romantizar a Favela, mas com o sentido trazido por Baptista *et al.* (2020), a partir da Biologia Cultural de Humberto Maturana, Ética na Relação, o reconhecimento do outro como legítimo outro em convivência. Esse atrevimento alinha-se com nossa compreensão do ‘*Sapere Aude*’ presente no ecossistema que apresentamos. Nessa apresentação, o atrevimento está em exaltar esse amor, em falar de amor, em perceber os saberes que amar compõem.

[...] Agora é hora de exaltar o amor, ser se quiser ser
 Não importa o que esteja por vir, acredite em você
 E mesmo que mantenham o olho gordo
 E que ninguém queira te ver vencer
 Esteja sempre em paz, tipo um céu azul
 Eu tô sempre em paz, quero sempre mais
 Quero sempre mais, eu tô sempre [...]
 [...]O nosso amor a gente inventa
 Finalidade era romance anos 80
 Mas te encontrei no festival
 Tocou 150, ritmo agressivo, baile de favela [...]
 Um belo dia eu sonhei ter uma vida bela
 Hoje eu ando de moto pela viela



Sucessada com as gata[...]. (Haniel, et. al. 2019)

Falamos sobre nos 're-descobrir', exaltar o amor em todos os seus sentidos e, a partir da poesia de si mesmo, poder sentir o que está por vir, com as velas da vida acreditando em si mesmas. Querendo ou não, como diz a canção, a Favela venceu. Venceu, não em relação aos detentores de poder, mas em perceber as próprias brotações. Falamos também da 'Favela Brasil', da 'Favela Ciência'!

A Favela é Sul, não sul global, pois nem todas as Favelas ficam à margem, ao menos não no caso do Rio de Janeiro, mas é Sul preterido em relação aos saberes dos detentores do capital. Santos e Meneses (2010) propõem a necessidade de perceber esse sul, não só o geográfico, os saberes e fazeres de quem aprendeu e pode ensinar a existir nesses territórios, no caso da Favela, em territórios de intempérie.

Para Favela, "ser quem quiser ser" é poder estar "sempre em paz", como um "céu azul". Azul de saberes de quem aprendeu a voar por necessidade, em uma Educação de trânsito de vida, com a descrita por Alves (2010), em relação à Educação que é asa e Educação que é gaiola. "O nosso amor a gente inventa", atrevido, em 150 batidas por minuto, acelerado. Amor de Baile, que também é "amor anos 80", calmo, de tentativas de uma vida bela, dentro do possível. Assim transitamos no encontro de Becos e Velas, sonhando em ter uma vida bela, sucesso, "Sucessada" nos estudos do Turismo.

Existir como sujeito Favelado, que espelha e é espelhado, é apresentado a partir da necessidade de reconhecer na Favela, da Favela e pela Favela, o reconhecimento de quem me deu a vida, transitou por Becos e Velas e me fez ser assim ser quem sou. Reconhecer em ancestralidade minha Favela, da minha favelidade, das minhas mães minhas tias e minhas avós, quero agradecer às mulheres que me fizeram quem eu sou.

Me dá (e vai) vovô, vovô (e vai)
 Me dê vovô (e vai), mamãe (e vai)
 Vó, como 'cê conseguiu criar três mulheres sozinha
 Na época que mulher não valia nada?
 Menina na cidade grande, no susto viúva
 E daquela cor que só serve pra ser abusada
 Você não costurou só roupa, né?
 Teve que costurar um mundo de trauma, abdicação, luta
 Pra hoje falar com orgulho que essa família não tem vagabundo
 Aprendi no seu colo
 Tenha medo de quem 'tá vivo e respeito por quem 'tá morto

Ouvindo desde novo, 'cê já é preto
 Não, não sai desse jeito, se não eles te olha torto
 Fico pensando, uma cama pra quatro
 Ditadura na rua e o frio que trinca o corpo
 Onde mães fortes e generosas se criaram
 O que é dos outro não é meu, mas o que é meu 'tá aí pros outro
 Se precisar
 Na macumba ela é foda
 Dinheiro é pra quem precisa, aqui é só por caridade
 Pensando tudo que 'cê passou nessa vida
 E no fundo do seus olhos não consigo ver maldade
 Vejo gente criando problemas
 Pra competir quem sofre mais, porra, são covardes
 Olhe pras suas nega véia e entenda
 Que num é em blog de hippie boy que se aprende sobre ancestralidade
 Vai e vai
 Ganha esse mundo sem olhar pra trás e vai
 Só não esquece de voltar pra
 Vai e vai
 Ganha esse mundo sem olhar pra trás e vai
 Só não esquece de voltar
 É triste ver que os moleque da minha quebrada
 Não teve a mesma sorte que eu
 Um pai presente, no país onde o homem que aborta mais
 Vai entender, né?
 Sua velha não te quer na rua por que ela presente
 Não tive Max Steel, meu herói era ele
 Meu jogador de futebol preferido era ele
 E tudo que hoje eu faço pro meu filho
 É pra que Jorge olhe pra mim como eu olho pra ele
 Meu herói ainda é ele
 Trampando desde os sete, man, às sete e meia
 Tanto corre que faz sua rotina parecer piada
 Rei de Wakanda, eu, príncipe Pantera Negra
 Construímos um império sem precisar de grana ou arma
 Irmão, você lembra de onde 'cê vem?
 E quando você chegar lá
 O que 'cê tem vai voltar pra de onde 'cê vem?
 Ou 'cê nem sabe pra onde vai?
 E esqueceu que lei das coisa, é clara, tudo que sobe uma hora cai
 Esse disco é sobre resgate
 Pra que não haja mais resquício na sua mente que te faça esquecer
 Que você é o dono do agora
 Mas o antes é mais importante que isso
 Cara, seu trap é foda, só força
 Rima no acústico eu respeito, só força
 Se faz arte 'cê já é livre, só força
 Mas nunca esqueça onde reside sua força
 Então volte pras origens, é o colo de quem 'cê ama
 Será que entende do que eu 'to falando?
 Dessas coisa que deixa acesa a chama
 E ela me disse assim
 Vai e vai (que proteja toda a equipe) ganha esse mundo sem olhar pra trás
 (todos os fãs)
 E vai (dê muita saúde, muita força, muita sabedoria) só não esquece de
 voltar pra, vai e vai
 Ganha esse mundo sem olhar pra trás e vai (pra todos, lansã, Eparrei
 lansã, tome conta desses filhos)
 Só não esquece de voltar
 Que são todos filhos de Jesus, gemendo e chorando tem uma cruz



Que é o Pai, é o Filho e o Espírito Santo
Que Deus dê saúde a Gustavo pra poder continuar
Nesse lindo serviço maravilhoso que 'tá prestando pra todos nós
Em nome de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo
Que Deus ilumine o caminho de todos (Djonga, 2019).

Essa música, na íntegra, representa e contempla para mim o desejo viagem, a condição de intempérie que transversaliza o trânsito por Becos e Vieiras dos sujeitos Favelados que viajam em movimentos de desterritorialização desejante. Suas (Auto)Transpoieses pedem a 'Bença' de todos aqueles que transitam, 'com-versam' ou já deram voltas, juntos pelo Becos e Vieiras dessa grande viagem vida.

Peço aqui, a 'Bença' a meus antepassados, na esperança de, com amor, ter conseguido contar um pouco dessas viagens, das Viagens da Favela, pois, sim, a Favela Viaja! Espero ter conseguido apresentar os sinalizadores de potencialidade de (Auto)Transpoiese de viagens desejantes, das Esquizografias dos Sujeitos Favelados que abençoam e são abençoados o tempo todo por essa grade arvore da vida, que faz brotar em múltiplas conexões uma infinidade de diversidade e possibilidades de encontro para dar mais voltas juntos. A isso e por isso eu peço, 'bença' com licença, eu vou viajar!

6 SÍNTESE DA TRAMA – O QUE A FAVELA ENSINA – O FESTIVAL DE PIPAS.

A síntese aqui tramada na verdade pode ser compreendida como dobra, pois, é como dobra dos sinalizadores de Viagem e Lazer que se apresentam no capítulo anterior que essa síntese se inscreve. Quero dizer com isso que, o grande desafio de escrever uma síntese, é que a expectativa sobre uma síntese seja a cristalização de sentidos apresentados a partir de elementos vislumbrados até aqui.

Esses elementos, no entanto, representam movimentos de Viagens e Lazer das Esquizografias de Favela, que potencializam a (auto)transpoiese, são transversais, dinâmicos, abstratos e dissipativos. Por conta disso, a cristalização de sentido em apenas um ponto, não pode deixar de ser percebida como uma foto de momento, efêmera, na condição de existência dos elementos que ali estão.

Ainda assim, se essa síntese for percebida como dobra, como desdobramento esquizo das esquizografias aqui apresentadas até então, é possível que a mesma seja a resposta à questão de pesquisa “Quais os sinalizadores de Turismo e Lazer, esquizografados na trama de (Auto)Transpoiese, em Favelas do Rio de Janeiro, Brazil?”

Entendo que esses sinalizadores, que foram apresentados a partir da narrativa esquizográfica anterior, são elementos que apresentam como se organiza as Viagens e o Lazer da Favela, como brotações espontâneas de Turismo e Lazer em condições de intempérie. E mais, entendo que dessa condição, nessa condição, vive a humanidade, em certo sentido, como disse Edgar Morin (2020) a partir da pandemia, é hora de mudarmos de via, e que via queremos tomar.

Me parece que os sinalizadores que serão aqui trabalhados, são sinalizadores para a brotação de Turismo e um Lazer N’ovo (Baptista, 2023) que está brotando, e esses sinalizadores, desde a episteme Favela, representam potencialidades para pensar o Turismo e o Lazer na contemporaneidade. Um novo Turismo, para além da Fachada, reconhecendo as tramas e amarras do Averso que sustentam a Fachada, é para essa condição que precisamos voltar, que precisamos nos voltar.

A Favela ensina, através dos sinalizadores do seu Turismo e do seu Lazer, que a partir das brincadeiras de infância, passadas desde a infância, à condição matrística presente nos traços de colaboração, resiliência, adaptabilidade, reconhecimento, alegria e amor potencializam a (Auto)Transpoiese de lugares e sujeitos. Esses são

signalizadores não só do Turismo e do Lazer da Favela, mas sinalizadores para o Turismo e o Lazer como um todo, aprendidos com a Favela.

A Favela que ensina desde a infância como brincadeiras infantis, pode ensinar desde a episteme Favelada, como existir nos territórios de intempérie contemporâneos, tomando o Turismo e o Lazer a partir desses sinalizadores, como fator de mudança no mundo.

[...]

Yeah, havia outra casa, canto da quebrada
Sem rua asfaltada, fora do padrão
Eternit furada, pequena, apertada
Mas se for colar, tem água pro feijão
Se o Mengão jogar, pode até parcelar
Vai ter carne, cerveja, refri e carvão
As moeda' contada, a luz sempre cortada
Mas fé não faltava, tinham gratidão
Yeah, yeah, yeah
Mas era tão perto do céu
Yeah, yeah, yeah
Mas era tão perto do céu



Como era doce o sonho ali (como era doce o sono ali)

Mesmo não tendo a melhor condição (mesmo não tendo a melhor condição)

Todos podiam dormir ali (todos podiam dormir ali)

Mesmo só tendo um velho colchão (mesmo só tendo um velho colchão)

Mas era feita com muito amor (amor, amor)

Mas era feita com muito amor

A vida é uma canção infantil

É, sério, pensa, viu?

[...]

Uma canção infantil, à vera

Mas lamento, velho, aqui a Bela não fica com a Fera

Também pudera, é cada um no seu espaço

Sapatos de cristal pisam em pés descalços

A Rapunzel é linda sim, com os dreads no terraço

Mas se a lebre vem de Juliet (Juliet), até a tartaruga aperta o passo

Porque (porque) é sim (é sim) tão difícil de explicar

E na ciranda, cirandinha, a sirene vem me enquadrar

Me mandando dar meia-volta sem ao menos me explicar

De Costa Barros a Guadalupe, um milhão de enredos

[...]

O início já é o fim da trilha

Até a Alice percebeu que não era uma maravilha

Tem algo errado com o mundo

Não tire os olhos da ampulheta

O ser humano, em resumo, é o câncer do planeta

A sociedade é doentia e julga a cor, a careta

Deus escreve planos de paz, mas também nos dá a caneta

E nós, nós escrevemos a vida, iPhones, a fome, a seca

Os homi', os drone', a inveja e a mágoa

O dinheiro, a disputa, o sangue, o gatilho

Sucrilhos, mansões, condomínios e guetos

'Tá tudo do avesso, faziamos no berço

Nosso final feliz tem a ver com o começo

Somente o começo, somente o começo

Pro plantio ser livre a colheita é o preço

A vida é uma canção infantil, veja você mesmo

Somos Pinóquios plantando mentiras e botando a culpa no Gepeto
Precisamos voltar pra casa
Onde era feita com muito amor

Onde era feita com muito amor (Cesar MC; Tibery; Pineapple StormTv, 2019)

Escolhi essa música, de maneira diferente da forma como venho trazendo elementos até aqui, é uma música que fala um pouco sobre violência, ainda que não seja a referência aqui tratada. A escolha dela, no entanto, não se deve à sua dureza, mas sim sobre os sinalizadores de potência que sou capaz de perceber na mesma.

“A vida é uma canção infantil” é um convite as escolhas em direção ao caráter de esperar, como dito por Freire (2014). Me parece que os traços de ‘esperança’, ação desejante em movimento, são perdidos na infância pela relação com a sociedade maquínica e com o Capitalismo Mundial Integrado, (Guattari, 1985). Os traços presentes em maquinismos abstratos viciados condicionam a constituição do sujeito em meandros de uma sociedade adoecida e que precisa ser cuidada.

Essa reflexão não trata necessariamente do que objetivamente é apresentado na canção, mas sim do reconhecimento de aspectos subjetivos que a atravessam. Como apresentado por Baptista (1996), o caráter especular é presente e representativo das mídias como Equipamentos Coletivos de Produção de Subjetividade. Entendo isso como traço recursivo do processo de produção subjetiva, o que no caso da Favela, configura-se em uma construção que é, ao mesmo tempo, dos sujeitos em sua singularidade e da singularidade de uma intensa vivência e cultura coletiva, produzida em subjetividade.

A condição singular coletiva, no caso da Favela, é uma produção que precisa ser de singularidade, não conseguindo se inserir plenamente, ainda que muitas vezes seja a intenção, no grande aparelho de produção de subjetividade alinhado com o Capitalismo Mundial Integrado. Em condições colonizadas de cultura e produção epistemológica, a produção de subjetividade por vezes também é colonizada; entretanto, há uma matriz de produção de subjetividade, própria de condições de intempérie ou Favela, que é avessa às fachadas da produção hegemônica, é descolonial, se tomarmos como referência Santos e Meneses (2010).

O ponto é que existem elementos que são sinalizadores dessas ‘viagens’ esquizo produzidas desde a Favela. Esses sinalizadores aqui, são demonstrados como Turismo e Lazer da Favela, mas, o que se apresenta a partir desse Capítulo síntese, são como esses sinalizadores exprimem uma episteme Favelada.

Dessa forma, entendo que essa episteme pode ensinar a conduzir e a imprimir a produção de subjetividade no Turismo, com linhas especulares do Avesso (Baptista, 2021b) da subjetividade hegemônica, criando condições para a emergência (Santos, 2002) de uma engrenagem desejanter (Guattari; Rolnik, 1996), a partir do Turismo e do Lazer.

Alguns elementos dessa descolonização são instituídos de maneira antropológica nos processos de produção Favelada. A síntese desses elementos é representativa não só como demonstração da potência da Favela, mas como fator determinante para a produção de um outro Turismo, de um Turismo N'ovo, como chamou Baptista (2023), tão necessário aos postulantes produtivos do Turismo, epistemologicamente, sustentavelmente, resilientemente e responsavelmente.

Sobre esses fatores, há a percepção de que, da relação de lazer com as brincadeiras de matriz na infância, se exprimem vislumbres de sujeitos que aprendem, de maneira séria, a se relacionar com processos desejanter, algo presente na infância e que retomado pode continuar fazendo brotar desterritorialização desejanter. Nessa direção, a canção deflagra uma analogia em que a vida é uma canção infantil, o que significa aqui um reconhecimento da (auto)transpoiese dos sujeitos desde o Lazer e o Turismo em sua matriz ontológica.

A mesma canção infantil pode representar a virada e uma transformação, a partir de um pensamento de reconhecimento das bases da constituição do sujeito, o encontro consigo, na infância. Isso a Favela ensina desde a infância, e a partir da infância, temos nessa dobra de capítulo elementos que desde a episteme de Favela, representam brotação potente de Turismo e Lazer na Favela, ao Avesso.

A Lógia desse Avesso, pode potencializar também as Fachadas do Turismo e Lazer de um mundo N'ovo, em brotação em meio a condições de intempérie, como sinalizado por Baptista (2023) a partir de Morin (2020).

Essa proposição, em analogia, sinalizada na pipa da introdução, reconhece aqui fator de brotação espontânea a partir das intempéries, em um tratado que busca na pipa, a consideração sobre a forma como se estabelecem produções subjetivas em comunhão na Favela. Desde a Favela, esses sinalizadores de movimento e produção de subjetividade podem significar elementos de reformulação e ressignificação do Antropoceno, na brotação de condições de vida com responsabilidade ecossistêmica, a partir do Turismo, e eu diria do Lazer, em condição para a viagem, como proposto por Baptista (2023).

“O ser humano em resumo é o câncer do planeta”; “Deus escreve planos de paz, mas também nos dá a caneta”; “pro plantio ser livre, a colheita é o preço”; “precisamos voltar pra casa, onde era feita, com muito amor”. Estas frases são frases sínteses, que aparecem na specularidade da música e representam empiricamente também o que é dito no texto de Baptista (2023). Nesse texto, com inspiração nos fundamentos esquecidos do humano de Humberto Maturana e Gerda Verden-Zoller (2009), temos a sinalização de busca por uma sociedade Matrística, que em coexistência, vivia reconhecendo o movimento em condição de comunhão, coletividade e sociabilidade.

Parece-me que a Favela, ou a rua, como apresentado por Simas (2024), já se atentou, ou precisou se atentar, a esses sinalizadores como forma de subsistência, e mais, de existência. Esses sinalizadores representam e direcionam a produção dos sujeitos em condições de intempérie, que, para fazer brotar desejo, produzem de maneira subjetiva, desde a infância, relações de movimento, encontro e acolhimento.

O corpo encantado das ruas (Simas, 2024) sinaliza para elementos que podem representar, para o Turismo, e ainda, podem representar pelo Turismo, condições de enfrentamento à crise apresentada pelo Antropoceno, condicionando uma existência para além dos maquinismos abstratos do Capitalismo Mundial Integrado.

Retomo aqui os sinalizadores, que, a partir da cartografia narrativa apresentada anteriormente, orientam a síntese da trama apresentada na Tese sobre a (Auto)transpoiese do Turismo e do Lazer desde as Favelas:

- Alta capacidade de adaptar-se e superar condições adversas;
- Primazia da colaboração entre pares, diferentemente de tendência à competição capitalística;
- Aberturas para linhas de fuga de impedimentos cristalizados (geográficos, simbólicos, políticos, sociais, culturais, etc.);
- Lógica matrística forte e resistente;
- Flexibilizações e tendência a humores alegres.

Esses sinalizadores não são palavras ao vento, soltas por aí, a esmo. Trata-se aqui de frases-síntese, que reconheço a partir das Esquizografias do Turismo e do Lazer, que a Favela apresenta. A condição de existência desses sinalizadores está presente no que encontro na minha existência e própria grafia esquizo, mas é

representada e apresentada historicamente e antropológicamente, a partir de autores como Rolnik (1989) e Simas (2024).

Ainda, além disso, esses sinalizadores são transversais, como movimentos representados na própria composição esquizo do que é aqui apresentado. Dessa forma, eles se mesclam e complementam, e o que há aqui, é um exercício de separação e sistematização, mas que por vezes confunde os sinalizadores e os mesclam de certa forma, um no outro, um em outro.

Em texto que discute a inserção de territórios negros nas cidades brasileiras, Raquel Rolnik (1989) apresenta os traços que são representativos ainda hoje, de uma formulação da Favela como um desses territórios. Nesta Tese, retomei esses aspectos, nas complexidades sobre as contradições da constituição do território favela no Rio de Janeiro.

Especificamente sobre a forma como os sujeitos em comunhão e coletividade se organizavam para propor as sociabilidades e as relações sociais em movimento, a autora refere que o corpo era representado como fator de resistência, existência, desejo e produção de subjetividade. Reconheço que se trata de uma coletividade que parte da condição subjetiva de um corpo poroso de produção objetiva, que representa, no espaço físico de terreiros (territórios de circulação e comunhão), a produção abstrata. Segundo Rolnik:

Um dos suportes mais sólidos desse repertório negro foi, desde a senzala, o próprio corpo, espaço de existência, continente e limite do escravo. Arrancado do lugar de origem e despossuído de qualquer bem ou artefato, era o escravo portador – nem mesmo proprietário – apenas de seu corpo. Era através dele que, na senzala, o escravo afirmava e celebrava sua ligação comunitária; foi através dele, também, que a memória coletiva pôde ser transmitida, ritualizada. Foi assim que o pátio da senzala, símbolo de segregação e controle, transformou-se em terreiro, lugar de celebração das formas de ligação da comunidade. A partir daí, o terreiro passou a ser um elemento espacial fundamental na configuração dos territórios negros urbanos – são terreiros de samba, de candomblé, de jongo que atravessam a história dos espaços afro-brasileiros nas cidades (Rolnik, 1989, p. 2).

A autora apresenta, a partir da construção de territorialidade, sinalizadores de movimentos que aqui trato como Viagem. Além disso ainda, os mesmos se constituem como Lazer, são movimentos de viagem desejante a partir da produção em direção à desterritorialização, simulação e reterritorialização. Isso corresponde a uma matriz que historicamente se justifica, ora como refluxo sobre segregação e controle, ora como condição de percepção de potencia e brotação a partir da comunhão e do que

chamamos aqui, sinalizadores de Viagem e Lazer da Favela, que podem significar uma reformulação para o Turismo.

Essa reformulação está representada e apresentada nos fatores que são apresentados no que Rolnik, nesse caso Suely Rolnik (2011), chama de Corpo Vibrátil, a partir das relações com a ideia de corpo sem órgãos de Guattari (1985). Trata-se de reconhecer que

[...] a imagem de marginalidade é também identificada como própria da habitação coletiva: a intensidade de uma vida em grupo não-familiar e a densidade dos contatos no dia-a-dia do cortiço contrastam com a organização da casa burguesa (familiar, isolada, internamente dividida em cômodos com funções e habitantes segregados). Finalmente, a marginalidade é associada a um conjunto de gestos, um jeito de corpo. Se, para a comunidade negra, a linguagem do corpo é elemento de ligação e sustentação do código coletivo que institui a comunidade, para a classe dominante branca e cristã, a frequência com que se dança, umbiga, requebra e abraça publicamente desafia os padrões morais. A presença dos terreiros e práticas religiosas africanas completa o estigma: candomblé é marginal porque é “crendice”, é “religião primitiva”, que afronta a religião oficial (Rolnik, 1989, p. 7).

A territorialidade, para pessoas que são transversalizadas intensamente por intempéries, constitui-se nas menores porções de construção de subjetividade. O território é para a Favela, inscrito desde o corpo, e tem na produção da subjetividade, a fruição vibrátil de um corpo sem órgãos que vibra e se constitui, no que desliza de uma condição marginal como identidade pejorativa posta, para uma “mal-andagem”, a malandragem do corpo que dança, canta, existe, mesmo que tudo ao redor determine que essa fuga precisa ser punida.

A malandragem nesse caso, é diferente do que o sentido posto em ‘andar mal’. É a necessidade e a capacidade de fluir, fruir em condição de quem com a vida samba, dança e se manifesta a partir do possível. A viagem e o lazer, como condição necessária de existência humana, encontram, nesse caso, formas de constituição presentes em sinalizadores que não se restringem a uma fachada turística. Estão para além disso, inscritas em um Averso do Turismo (Baptista, 2021a), em um avesso do corpo, no corpo de dentro e por dentro que frui em manifestações subjetivas de Viagem e de Lazer, que aqui encontramos nas grafias esquizo da Favela.

Em coletividade apresenta-se o corpo das ruas (Simas, 2024), os corpos que, nas ruas, cantam e encantam trajetórias de vida que fazem do cotidiano, estranhos. Estranhamento que, pela proximidade com a familiaridade, se constituem como o extraordinário (Freud, 2010). A Favela é capaz de tornar diferente, extra o ordinário,

e faz disso o encanto e o encantamento do que se encontra em suas ruas, nos Becos e na fruição das Vieiras da sua produção subjetiva.

Como é a partir de pipas, brincadeiras simples e que na sua simplicidade são capazes de produzir para os sujeitos Favelados o encontro com os céus, com o vento, com o encanto dos sonhos que tem nas ruas sua possibilidade de alçar voo. Segundo Simas (2024), a pipa pode remeter, historicamente, a aspectos de sinalização em guerras, mas tem nas Favelas e no subúrbio do Rio de Janeiro, a possibilidade de uma representação que flui, que faz fruir a produção subjetiva dos sujeitos para além das amarras, Becos postos pela sociedade que impõem segregação aos que não detém condições capitalísticas de produção, e de fato não se constitui a partir dessas condições.

Ainda é possível ver muita gente soltando pipa no Rio de Janeiro, sobretudo nos subúrbios ou em parques como a Quinta da Boa Vista, Parque Madureira e o Aterro do Flamengo. A selvageria urbana, todavia, é inimiga da morte dos papagaios; e a verticalização da cidade é assassina dos ventos. São fatais a correria do cotidiano e o confinamento das crianças que vivem pulando de um caixote para o outro - do caixote do apartamento para o caixote do carro; do caixote do carro para o caixote da escola (Simas, 2024, p. 62).

A Favela não se permite e não se aceita segregada, presa em caixotes. Faz das pipas suas condições de vida, faz das ruas extensão dos seus corpos, coletivos e em coletividade. Esse aprendizado, estendido, apresentado nas pipas, representa a possibilidade e a condição de existência de sujeitos que, por vezes, são privados de existir, pela cor, pelo sotaque, pelo jeito, pela forma de pensar e de ver o mundo.

Bom, aqui, esses sinalizadores aparecem como vemos o mundo, como eu vejo o mundo. E dessa forma de ver o mundo, encontro analogia em quem corta o céu e faz do céu a ultrapassagem da fronteira de um sul global. A capacidade de se entremear nesse Sul está na capacidade de a simplicidade ultrapassar fronteiras sobrepostas e que sobrepõe os saberes de uma sociedade que representa, hoje, uma grande parcela da população que vive condições de intempérie, ou seja, condições faveladas. Fato é que as Favelas não se restringem aos sujeitos Favelados, condições de intempérie vivemos todos do planeta, de certa forma!

Por conta disso, como síntese de quem brinca com pipas, brincamos de maneira séria, como apresentado por Maturana e Verde-Zoller (2009); para as crianças, brincar é sério e constitui fundamento do humano. Essa ideia é fundamental para o que propomos aqui, trazendo sinalizadores em analogias e, como pipas, sendo

‘soltadas’, ‘brincadas’ nos céus. Apresentamos então sinalizadores em analogia que representam os sinalizadores de Turismo e Lazer que buscamos esquizografar das tramas (Auto)Transpoiéticas das Favelas do Rio de Janeiro, e que se apresentaram também como sinalizadores ‘ensináveis’ para a brotação de um Turismo e Lazer Ecosistemicamente N’ovo, como apresentado por Baptista (2023).

Quadro 5 - Sinalizadores e síntese dos sinalizadores

Alta capacidade de adaptar-se e superar condições adversas	Adaptabilidade
Primazia da colaboração entre pares, diferente da tendência à competição capitalística	Colaboração
Aberturas para linhas de fuga de impedimentos cristalizados (geográficos, simbólicos, políticos, sociais, culturais etc.).	Resiliência
Lógica matrística forte e resistente	Reconhecimento
Flexibilização e tendência a humores alegres	Alegria

Fonte: Criado pelo autor (2024).

São sinalizadores de ensino na Favela, aqueles que apresentam, em síntese, elementos que são trações da vida em condição de intempérie, de uma existência que não se restringe e tem muito a ensinar, uma episteme própria, de Becos e vielas que Malandramente constituem Viagem e Lazer. Viagens vida, Viagens de vida, em fruição, partida e dissipativa de uma subjetividade em produção potente que ajuda e ensina a viver.

Esses elementos podem condicionar práticas, aspectos subjetivos a serem fomentados, não como técnicas a serem ensinadas, mas como uma episteme a ser cultivada. Como dito, situações de intempérie, de Favela, vivemos todos em certo sentido, e dessas situações, eu sujeito e pesquisador Favela, apresento não só os sinalizadores, mas elementos que vi e vivi na ‘brincalhônica’⁴¹ que aprendi soltando pipa, analogias de condições de vida que ajudam a retomar, nas viagens de vida em sentido amplo, a partir do Turismo em seu avesso, elementos que possibilitam aprender com asas (Alves, 2002) a viver em condições de intempérie cada vez mais presentes no nosso dia a dia (Morin, 2020).

⁴¹ O termo é um neologismo apresentado pela orientadora da Tese, em referência alinhada com Maturana e Verden-Zoller (2009), em texto intitulado Amar Brincar, em que os autores apresentam fundamentos do humano, e aqui representa ações de existência na função ‘infantil’ do amor em produção da brincadeira como dinâmica de vida e de existência.

Quadro 6 - Correspondência entre sinalizadores síntese e movimentos das pipas

Adaptabilidade	Arriar	abaixar a pipa para recolhê-la ou cortar outra.
Colaboração	Curupio	encontro de duas pipas de modo que se enrosquem sem se cortar.
Resiliência	Chapar	pipa rodando no alto.
Reconhecimento	Debicar	usar uma das mãos para dar puxões na linha fazendo a pipa descer.
Alegria	Tentear	usar uma das mãos para dar puxões na linha, fazendo a pipa subir.

Fonte: Criado pelo autor (2024).

Essa sinalização representa o que aprendi nos festivais de pipa no Rio de Janeiro, como condições de vivência de quem põe a pipa no alto, para poder, da alegria de ver voar, fazer voar, perceber que é capaz de condicionar sua própria existência, em fruição de sonhos que podem ganhar mundo.

A grande questão que se apresenta nessa síntese é justamente como apresentado nas trilhas anteriormente. O grande desafio é como demonstrar esses sinalizadores em síntese, mesmo que cada umas dessas palavras pareçam representar bem as experiências vividas e contadas ao longo da Tese. De fato, demonstrar tais sinalizadores a partir de cada uma dessas palavras demanda um outro trabalho a partir da Trilha Usina de Produção, na Cartografia aqui apresentada. A partir da Cartografia dos Saberes de Baptista (2024), inscrevo e escrevo essa Tese que se apresentou até aqui em grafias esquizo de elementos que representam subjetividades produzidas, em produção e interpretadas pelo sujeito que escreve o texto.

Esses sinalizadores, no entanto, são tratados, apresentados e discutidos aqui a partir de uma tentativa de materialização abstrata, de uma condição que apresenta destaques de momento e em momento. Dizer isso é representar a Tese em movimento, não como condição estanque, mas como forma de olhar, bem como as pipas que inspiram essa síntese, movimento e forma de lidar com o vento como possível, quando possível.

Assim, os sinalizadores em síntese, apresentam correspondência nos movimentos de ‘brincar’ de soltar pipa, para contar em movimento aspectos que representam o que tentei discutir aqui. Por conta disso, o quadro a seguir apresenta como na sequência do texto aqui apresentado, vou abrir cada um desses sinalizadores, a partir dos movimentos da pipa, apresentando aspectos de festas, lazer cotidiano, narrativas pessoais e músicas, que me ajudaram a entender esses movimentos, e de como esses me ajudaram a escrever o que pude refletir aqui.

Quadro 7 - Correspondência entre os sinalizadores síntese, movimentos de pipa e elementos cartografados

Adaptabilidade	Arriar	Festas e Lazer
Colaboração	Curupio	Narrativas pessoais
Resiliência	Chapar	Músicas
Reconhecimento	Debicar	Músicas
Alegria	Tentear	Músicas, festas e Lazer

Fonte: Criado pelo autor (2024).

Esses elementos são apresentados na sequência, a partir de cada um desses sinalizadores. Dessa forma, buscam demonstrar meu corpo coletivo, em condição que aprendi na rua, nos Becos e vielas, que me constituem e a todos que estão comigo em minha subjetividade, apresentada a partir da interpretação das escolhas que se seguem.

Ressalto ainda, antes de iniciar tal apresentação, que, no entanto, como apresentado nos sinalizadores do capítulo anterior, nada é tão bom nem tão ruim nas contradições perceptíveis a partir da Favela. Entendo e aprendo hoje também com a Favela, os sinalizadores que são pontos de atenção e de cuidado, elementos que precisam ser sinalizados e cuidados, em cada um dos movimentos da pipa, com o risco de 'avovar'.

São sinalizadores a serem cuidados os seguintes: cooptação por vislumbres de segurança, diante do universo de medo agenciado em circunstâncias adversas; a densidade da composição subjetiva põe à flor da pele os traços esquizo dos fluxos incorporais a-significantes e de processos inconscientes — quer dizer, o mesmo que é potência pode também caminhar para capturas subjetivas. Isso significa que vivemos sempre com os sentimentos a flor da pele, ao mesmo tempo que conectados com sentires profundos.

A consequência dessa condição é sempre de intensidade, que às vezes resulta em samba, na pulsação e na batida do funk, em expressões intensas de amorosidade, camaradagem e companheirismo, e, no sentido inverso, podem fazer emergir expressões de violência e agressividade.

Por conta disso, o que se segue, é a potência e o cuidado com e em dinâmicas que constituem condição Favelada, e que sinalizam Lazer e Viagem para mim, nas Favelas, a partir das minhas Grafias Esquizo dessa pesquisa de doutoramento.

6.1 ARRIAR

Arriar, é movimento que sinaliza adaptabilidade para as Viagens desde a Favela. Se trata de um movimento feito para ‘abaixar’ a pipa do alto, puxando contra o vento e soltando a linha para a pipa cair como uma pluma, ou seja, é movimento que imprime força contra o vento em um momento e em outro se vale da sua leveza até a pipa descer.

Esse movimento, bem como o sinalizador análogo ao mesmo, “alta capacidade de adaptar-se e superar condições adversas”, representa a capacidade de o sujeito da Favela, frente às condições de intempérie, se adaptar às condições nas quais está inserido, e dessa forma, mesmo em meio a Becos, Vislumbrar e Fluir por Vielas.

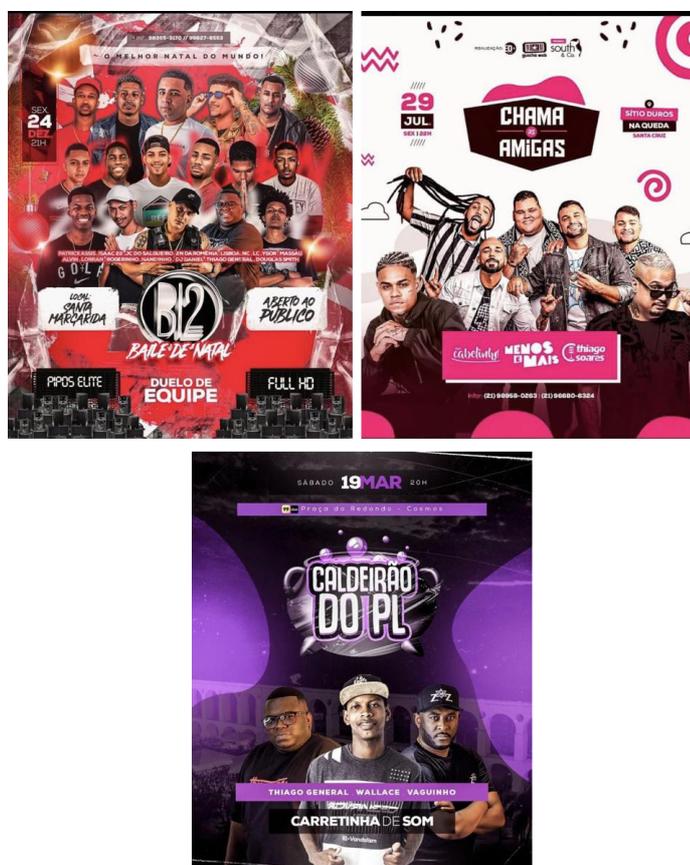
Na pipa, esse sinalizador representa voo, vislumbre de cima das condições de intempérie, é relação refletida para poder produzir movimento. Em condição ampla, esse Sinalizador em síntese, pode representar para o Turismo e o Lazer em um mundo com múltiplas condições de intempérie, a necessidade de condicionar adaptação para conseguir propor outros Turismos e outros Lazeres, para além da Fachada, para além das condições limitantes, desde as Tramas de seus avessos.

Por isso, começo pelo fim, como quem aprende que é preciso saber descer. Saber o momento de parar é também a possibilidade de refletir que, inícios e fins estão em uma escrita esquizo, não linear, mais próximas do que distantes. A questão da liberdade na Favela está para todos aqueles que tem possibilidade de andar livremente entre Becos e Vielas, e também para aqueles que podem escolher não andar só entre Becos e Vielas, ou seja, quem é capaz de sair da Favela de cabeça erguida. Descer o morro por vezes é uma liberdade dada para poucos, nas escolhas possíveis e cidadãos para os sujeitos de Favela.

“Arriar”, movimento em que a pipa é puxada para baixo e também é solta para cair como pluma, representa a contradição presente na vivência de sujeito que se vê cidadão, reconhecido burocraticamente em estruturas sociais, mas, ao mesmo tempo, tem sua subjetividade, suas ‘fomes’, sua produção e sua existência, apagada, bloqueada. Por vezes, esse sujeito precisa saber fazer força contra os ‘ventos’, bem como soltar para cair com o vento das possibilidades, assim como a pipa sendo arriada. Essas condições são sinalizadas, por exemplo, em elementos midiáticos que se apresentam no que são os movimentos de Lazer, as Festas como possíveis nas Favelas do Rio de Janeiro.

O que apresento aqui a seguir, como demonstração desses sinalizadores, são alguns exemplos manifestos em folders de festas, sinalizadores de ‘bricalhones’, brincadeiras de infância que ajudam a apresentar a forma como o sujeito é capaz de lidar com o momento de ‘arriar’ a pipa. É algo como fazer ‘da condição de descida’ a marca de potência alegre, que se expressa em recurso de ironia, metáfora e deslizamento de significação.

Figura 8 - Compilado de fotos de divulgação festas em Cosmos e Santa Cruz



Fonte: Acervo pessoal.

É claro, o que está posto aqui, e em jogo de certa forma, está representado em dinâmicas associadas a condições de Falta, mas que representam potência em fruição do possível. Algumas das representações dessas dinâmicas, em condição espelhada do que constitui minha própria subjetividade, se fazem presentes nos desejos que, por vezes, são cerceados dos sujeitos de Favela.

Da impossibilidade de ir a determinados shows que são longe em aparelhos culturais que a Favela não tem acesso, e também até da negação de festas populares no Rio, como Natal e Ano Novo, os sujeitos da minha Favela, amigos e conhecidos criam festas como o 'Baile da B12', em versão de Natal, 'Chama as amigas', que no caso do folder apresenta um grupo nacionalmente conhecido Menos é Mais, e o Caldeirão da PL⁴².

Essas imagens, em compilado, representam parte da minha existência. É claro que se trata de uma transversalidade, que se apresenta na produção de condição de existência capitalística, mas que representa movimentos de Viagem no Lazer do possível, das múltiplas possibilidades que se apresentam na Favela.

Essa potência não está hoje posta no que é possível fazer, mas, sim, em uma dinâmica econômica que faz com que esses sujeitos se constituam. O que quero dizer com isso é que a produção de subjetividade agenciada em grandes eventos organizados, produzidos e culturalmente impregnados com a subjetividade Favelada, é resultado de uma capacidade produtiva e econômica dos sujeitos da Favela. Trata-se de produção que expressa potência, - os bailes são demonstração de força - mas também resultado da condição de subjetividade de um Lazer por vezes negado.

Isso fica claro quando reavivamos algumas memórias, como por exemplo, da Turma da U.V.A, autointitulados União de Vagabundos Anônimos, um grupo de jovens dos anos 70. Esse grupo, marcado pela falta de acesso e por condições econômicas precárias, condicionou sua produção em avivamento de possibilidades. As ações em comum na época, são sinalizadores de uma participação que não aceitariam que fosse negada só por falta de condições econômicas.

⁴² O elemento pode representar o programa 'Caldeirão com o Huck' da Tv Globo, programa apresentado aos sábados com forte apelo a fruição e realização e sonhos e desejos para pessoas em condição de Favela. De certo modo, representa potência de condição de poder produzir o próprio 'caldeirão', mas também o risco de ter a subjetividade capturada, pela condição capitalística de realização do Desejo.

Algumas das passagens que ouvi e vivi junto ao grupo dão conta de que, da dificuldade de acesso a alguns dos espaços de festa do bairro, a turma da U.V.A. fazia com que os mesmos invadissem ou forçassem a entrada em alguns dos Bailes.

Por exemplo, quando por conta de uma “má fama” malandra atribuída a esses sujeitos, alguns dos pais proibiram suas filhas de estarem com os integrantes do grupo, esses produziram um movimento interno que gerou como alternativa que uns se vestissem de Dama e outros de Cavalheiros, para poder participar das competições de dança, típicas das festividades de São João.

Quando não conseguiam se inscrever para dançar ‘quadrilha’, que são essas danças típicas, eles buscaram alguma alternativa de adaptação, em meio à condição de intempérie. Assim, os sujeitos se vestiam de mulher, maquiados escondidos pelas meninas que os pais não deixavam dançar quadrilha com eles, e então iam para as competições de dança, metade como cavalheiros, metade como damas. Viabilizavam sua ida, pedindo e trabalhando na feira, convenciam as pessoas a doar e ainda convenciam motoristas de ônibus a levá-los para os lugares das competições, e quando não, as organizavam eles mesmos os eventos.

Figura 9 - Foto turma da U.V.A



Fonte: Cedido por Manoel Messias da Silva.

Essa é, para mim, a matriz ‘matrística’ (Maturana; Verden-Zoller, 2009), que constitui as festas que fazem parte da minha trajetória. O que começa pela relação

comunitária manifesta em grupos como a Turma da U.V.A. sinaliza para a produção de festas como as apresentadas nos folders em compilado. Algumas dessas histórias, são presentes para sujeitos que tem a oportunidade de sonhar, aprenderam a se adaptar em condições de intempérie para se fazer existir, poder condicionar praticas de Lazer, de Viagem e Turismo em sinalização de sua existência, da existência de vida.

A Turma da U.V.A. faz ainda hoje alguns encontros, e em um desses encontros tive a oportunidade de aprender e de entender melhor, não só minha Favela, mas as Favelas como um todo, e as próprias Favelas da minha existência, meus Becos e Vieiras. A imagem desse encontro está na sequência.

Figura 10 - Foto do churrasco de reencontro da Turma da U.V.A



Fonte: Acervo pessoal.

Nessa prática de Lazer desses que começaram algumas das expressões de potência dos sujeitos da minha Favela, entendo que está a própria pulsão desejante que me coloca em movimento de viagem, e que se faz presente nesta Viagem Tese de doutoramento. Deles e por eles está presente aqui a minha produção desejante.

Isso fica ainda mais claro, determinado e marcado, quando sinalizo que alguns dos que formaram esse grupo são meus tios, e o senhor no centro, careca e de camisa preta, é pai do sujeito autor dessa Tese, o constitui, ensina, em coletividade com os sujeitos que o compõem. Ele o faz, não só para um filho consanguíneo, mas para todos os sujeitos da sua Favela, como todos os outros sujeitos da mesma, são também pais, que possibilitam a fruição de sonho e potência dos sujeitos dessa Favela.

É claro que, dessa condição, fluem questões como o recorte e o estado das sinalizações apresentadas a partir de um grupo e de algumas festas apresentadas. Entendo, no entanto, que esses sinalizadores são demonstrativos do que aprendi, adaptando brincadeiras de infância, como as pipas, peões e bolas de gude, elementos que me mostraram jogando bola na rua, que se a gente pinta as linhas de um campo de futebol no asfalto, temos um 'maracasfalto' e que quando conseguimos um skate para dividir com os amigos, escadas viram obstáculos, e morros viram rampas.

Aprendi isso com a Turma da U.V.A. mesmo quando ainda nem sabia da existência da mesma, pois esse grupo é representação de um sinalizador que tem muito a ensinar para o Turismo, como ciência, da episteme favelada de quem malandramente produz lazer e viagens como possível. As fotos a seguir, de divulgação que chegaram para mim via WhatsApp, representam algumas dessas viagens internacionais, que demonstram esse sinalizador.

Figura 11 - Compilado Baile de Roma



Fonte: Cedido por Carlos Alberto de Souza Rodrigues.

O Baile de Roma da Favela do Barbante, em Cosmos, Rio de Janeiro, fica onde vivo, e representa a relação com o Lazer no esporte, do Time de Roma, mas uma Roma não como é a cidade histórica e referência para o Turismo coletivo mundial, mas com a Roma possível para a construção subjetiva de muitos sujeitos, que estão, de fato, em viagem nesse momento, em uma pulsão que representa e aciona o ecossistema do Turismo como um todo, desde seu avesso (Baptista, 2021). Trata-se de conexão com viagens imaginárias, geradoras de viagens possíveis, mais próximas que também movimentam recursos e agentes do turismo e lazer.

Ainda assim, essa é nossa viagem, dia de jogar em casa, nosso jogo em casa é na Roma. Cada uma das Favelas, no entanto, tem suas constituições, algumas com a mesma sinalização, muitas conhecidas nacionalmente, como é o caso do Baile da Selva, na Penha. O convite sempre válido, no entanto, lembrando a canção “eu viajei o mundo todo dentro do Rio de Janeiro” (MC Flavinho, 2018) viaje conosco, o mundo todo, dentro do Rio de Janeiro.

Figura 12 - Compilado imagens de divulgação



Fonte: Cedido por Carlos Alberto de Souza Rodrigues

Entendo que a síntese dessa cartografia demonstra sinalizações de práticas de lazer que demandam adaptabilidade, próprias de uma dinâmica de quem entende as intempéries como uma constante e faz dessa constante que é – que é aparentemente mundo intransponível – trampolim de possibilidades. Desse sinalizador, fica marcado o que a Favela ensina, podendo contribuir para os estudos do Turismo e do Lazer aqui, com o reconhecimento da importância de inserir e refletir “Alta capacidade de adaptar-se e superar condições adversas” no Turismo e na hospitalidade. Se pensarmos na condição atual dos operadores de Turismo em escala planetária este parece ser um dos sinalizadores mais necessários; adaptar-se ao que possui, fazer

da condição de arriar um momento inerente a quem sabe que pode agenciar novos voos.

6.2 CURRUPPIO

O Corrupio é um movimento da pipa que é apresentado como o encontro entre duas pipas, quando por um acidente, as mesmas se enroscam, mas continuam presas as suas linhas, sem se cortar. Esse movimento representa aqui o sinalizador encontrado a partir das Esquizografias de Viagens e Lazer nas Favelas, “Primazia da colaboração entre pares, diferente da tendência à competição capitalística”.

No caso do Currupio, mesmo que por acidente, há a representação de como mesmo de maneira singular, o sujeito Favelado é coletivo, e que daquilo que é sua adaptabilidade se apresentam necessidades de comunhão, de colaboração. Isso significa que os sujeitos ainda que de maneira inesperada, por vezes se veem em condição colaborativa frente as intempéries, e a escolha nesse caso, é por se ajudar para que as duas pipas voltem ao alto, ao invés de numa lógica competitiva, a tentativa de se desvencilhar a qualquer custo da outra pipa, mesmo que o outro sujeito a ‘perca avoada’.

O sinalizador é representativo da necessidade percebida desde a Favela de que os movimentos de colaboração potencializam a capacidade de movimento, de viagens de alçar voo. Esse sinalizador é importante para pensar a brotação e um Turismo e Lazer ao Averso, que reconheça as amarras das tramas por trás das Fachadas, que priorizam a competição. Dessas outras narrativas, a Favela ensina, como produzir movimentos de Viagem e Lazer para além das competições com viés altamente capitalístico.

Assim, esse movimento da pipa aqui é tratado como encontro. Na prática, como aprendi e vivi, ao longo das minhas vivências com as pipas na Favela, no entanto esse momento não é, infelizmente, sempre tratado como momento de encontro, e muitas vezes é momento de embate. Os problemas com o ‘Cerol’ mistura de cola e vidro, posto na linha da pipa, simbolizam enfrentamentos, e até uma certa postura contraventora da Favela em relação ao descuido com outros e com patrimônio público. Gostaria, no entanto, de sinalizar aqui, através de narrativas, uma outra perspectiva sobre a mesma dinâmica.

O Currupio, representa aqui sinalizador de uma dinâmica que acontece, não só por querer, mas pela forma como é construída e constituída a subjetividade dos sujeitos da Favela. A comunhão de quem se aglomera para vivenciar seus terreiros (Rolnik, 1989), suas senzalas, representa saber dividir a rua, o morro, a pipa e a linha. Se trata de saber dividir o espaço para brincar e para viver, fazendo piadas (zoando), em narrativas que são “avooou na minha mão”.

Essa condição, por vezes, proporciona, ao sair de casa, gritos em meio ao cotidiano de: “vai avoar” e “vem pra cima”. Há a percepção de dinâmicas criadas que, em algumas situações geram enroscos, como ocorre quando, soltando pipa lado a lado, as linhas embolam e não se cortam, se complementam, se enroscam. Para desatar nós, precisam da relação entre os dois sujeitos, para poder continuar “brincando”.

A analogia aqui é que, desse encontro, está a representação da produção subjetiva que, por vezes, está no sujeito, e por vezes está na sua constituição coletiva. Trata-se da compreensão da condição de trama subjetiva especular desejante que nos ensina Baptista que não se cansa de dizer no Amorcomtur!: “somo sujeitos entrelaçados na teira trama da vida!”. A comunidade, é a representação da produção singular de uma relação que é todo o tempo, a todo o tempo, também coletiva.

Quando um sujeito Favelado Viaja, viajam todos; quando um sujeito Favelado brinca, vive momentos de felicidade, conquista, o fazem todos; quando um sujeito Favelado escreve uma Tese, o fazem todos. A síntese aqui proposta e que será apresentada no quadro a seguir, em momentos, trechos de narrativas que são interpretadas e sinalizam para essa condição de vida em comunhão, da percepção de uma existência coletiva e singular em colaboração.

Quadro 8 - Síntese de narrativas, movimentos de Currupio

Momento	Trecho	Grafia
Episódio do carro pegando fogo	“Renan, ajuda, tem um carro pegando fogo, vai explodir todos os outros”	Aqui, ao me pedir ajuda, um amigo salvou não só o meu carro, que era um dos que estavam próximos do incêndio, mas também outros carros, que, com a ajuda de todos da rua, possibilitou que com ajuda de macacos e força coletiva a retirada de todos os carros de perto do que estava incendiado.
Episódio da construção	“Cara minha vó tá com goteiras em casa, vamos lá no domingo	Aqui, juntamente com outras pessoas, fomos à casa da vó de um amigo, que é cega e uma das mais antigas da rua. Aumentamos o telhado com um grupo de amigos,

o do Telhado	pra subir e ajeitar o telhado pra ela ?”	consertamos o telhado, bebemos e ouvimos música depois que o sol baixou, e a vó ficou super feliz e agradecida.
Episódio do churrasco da U.V.A.	“você não faz ideia de como era na nossa época, perdemos muitas pessoas, mas ainda estamos aqui, juntos...”	Me contaram com alegria algumas das histórias coletivas que davam força para o grupo. Ouvei sobre os torneios de futebol e as disputas de dança, bem como as conquistas e perdas do grupo. Aprendi que, na coletividade, ainda que em caminhos diferentes, há muita força, mesmo que, para alguns que estavam “sozinhos”, a vida e a existência tenha sido abreviada.
Episódio da viagem entre bailes	“Você me ajuda com as coisas do anjinho?” Vou estar trabalhando com outra coisa no dia e não vou poder ajudar ele com as coisas. Vai poder ver os shows do <i>backstage</i> ”	Especialmente nesse dia fui ajudar um amigo a pedido de outro amigo que ia ter que trabalhar com outra coisa. No dia, achei que seria um momento de lazer e fixo na festa, mas, da necessidade de adaptação por conta do baixo público, circulamos por vários bailes. Acabei em um show, mandando mensagens para os amigos que não puderam ir conosco, e desse trânsito, entendi que a viagem se faz também na coletividade.
Episódio da obra em casa	“Se você está sem onde dormir, a gente te ajuda, vamos construir lá em cima, damos um jeito de conseguir material”	Ouvei de um amigo, que me ajudou a ampliar a casa da minha mãe, quando voltei do Rio Grande do Sul. A casa, que só contava com um quarto, foi dividida num primeiro momento por mim, minha mãe e minha tia. Com a ajuda dos amigos, consegui ampliar os quartos para minha tia e mãe, ainda que eu não esteja lá hoje em dia, melhoramos as condições de vida para todos.
Episódio do falecimento	“Filho, o neném do ... faleceu...”	De longe, soube do falecimento do filho de um amigo. Soube pela minha mãe, que me contou do sofrimento que ela estava vendo, da dor de uma mãe que perde um filho. Estava longe da minha mãe e do meu amigo, mas no sentimento, éramos uns pelos outros.
Episódio da minha avó	“Sua avó morreu aqui na esquina...”	Perdi minha vó na esquina de casa, voltando do segundo emprego. Era muito novo, mas vi minha mãe e tia fazerem toda a força do mundo para conseguir o velório dela. Minha vó não queria ser enterrada. Dizia: “não quero levar terra pela cara”. Minha mãe queria enterrar ela em gaveta, enquanto ela fazia toda a força para conseguir isso por ela, quem cuidava de mim e do meu irmão era a comunidade, os amigos, as pessoas do bairro. Aprendi sobre comunhão, sobre o quanto, na Favela, entendemos que somos uma

		família só. A Favela vive a condição ancestral matrística em condição plena
--	--	---

Fonte: Criado pelo autor (2024).

Esses trechos são síntese do sinalizador do corruptio. Trato tal sinalizador como elemento de significação do que apresento como a produção de subjetividade no encontro, nas diferenças e contradições que os sujeitos ultrapassam para poder existir, se ajudar, nos seus terreiros desde o corpo. Encontro de diferenças e singularidades na confluência e entrelaçamento da condição de existir em Favela, em constância de emergência de intempéries. No Currupio, nos enroscamos, entrelaçamos, reconhecendo-nos legítimos outros na convivência. Lembro aqui que esta é a definição de Amor de Humberto Maturana.

Essa condição subjetivada não está na produção material, na construção, mas sim no sentimento coletivo de cuidado, de força na existência coletiva necessária para sobreviver em território de intempérie. Mais do que isso, trata-se de reconhecer o saber fazer da Favela, nas suas grafias, em uma construção subjetiva que se da pelo que 'somos', e não pelo que sou.

É claro que isso está representado em uma ação coletiva de necessidade. Entendo, no entanto, que, além da necessidade, há alegria nessas trocas, há alegria no encontro do Currupio. Não se trata só da necessidade de existência, resistência, mas de uma escolha de relação que se faz na alegria de compartilhar, que sinaliza o lazer e o movimento de existir no deslizamento da falta para a potência. Percebo aqui a conexão com a logica de Fernando Sabim no livro *Encontro Marcado*.

Assim, o que se apresenta nesses trechos, é o ensino que a Favela pode trazer para o Turismo e o Lazer, em viagens coletivas que precisa reconhecer e refletir o sinalizador "Primazia da colaboração entre pares, diferente da tendência à competição capitalística", presente na existência colaborativa de quem entende a potência de estar junto.

6.3 CHAPAR

Chapar é o movimento que acontece quando por algum motivo a pipa gira sem controle no ar. Esse movimento representa o sinalizador: "Aberturas para linhas de fuga de impedimentos cristalizados (geográficos, simbólicos, políticos, sociais, culturais etc.)".

Esse movimento, representativo do sinalizador que sintetizamos na capacidade resiliente aprendida na Favela, se apresenta nesse movimento em analogia pelas múltiplas possibilidades que fazem com que o sujeito perca o controle do seu Voo. É a representação através da pipa, das incertezas e intempéries que assolam a condição favelada.

Na prática para a pipa, chapar pode estar relacionado ao vento, a quantidade de rabiola, (papéis que formam uma espécie de rabo que dá estabilidade a pipa), alguma linha mal amarrada ou frouxa etc. Essa circunstância, para as viagens da Favela, é uma condição presente do que pode ser tratado como falta para a Favela, mas que muitas vezes representa potência em meio à intempérie para sujeitos que aprenderam a alçar voo e se portar de maneira resiliente.

Esse sinalizador para o Turismo e o Lazer, pode ser representativo de uma necessidade primordial para a vida em meio às condições caóticas de crise do Antropoceno que vivemos hoje. Como apresentado por Morin (2020), é hora de mudarmos de via, e essa condição de vislumbre só é ou será possível, para o Turismo e o Lazer mas não só, através da capacidade de ter uma postura resiliente às incertezas da vida e da cotidianidade.

A verdade é que viver em território de intempérie é muito duro, é muito desgastante e, principalmente, demanda certa condição de existência para fazer brotar. Viver em território de intempérie é, ainda assim, fazer brotar, na coletividade de maneira espontânea, mesmo que as faltas sejam muitas e desafiadoras.

Eu entendo e acredito que 'Chapar' é um dos sinalizadores mais importantes que eu fui capaz de aprender soltando pipa. Isso se dá, pois, entendo hoje, que, na verdade, o que vivenciamos na cotidianidade, é algo extraordinário para a maior parte das pessoas que não 'aprendeu' a viver condições de intempérie.

Como dito, condições de Favela vivemos todos, em certo sentido, caosmótico de turbulência. Isso pode ser visto nas percepções de Morin (2020), com quem aprendemos, refletindo sobre a pandemia que as condições caóticas e as incertezas são e serão cada vez mais presentes. Isso demanda uma mudança de postura, epistêmica, epistemológica, metodológica e técnica, que tem em produções refletidas no Turismo e no Lazer, a possibilidade de ensinar como viver em condições que fogem à rotina.

Para tanto, é preciso que as tentativas de controle e a inabilidade de lidar com situações adversas sejam revistas, como matéria presente do cotidiano. Desse modo,

a partir da compreensão sobre saber viajar, em sentido amplo, entendo que se trata de aprender as condições de intempérie das viagens de vida, assim como da viagem vida. Isso se aprende na Favela, e se aprende também 'soltando' pipa. Chapar é condição inerente que vez ou outra vai acontecer por diversos motivos, o vento, falta de rabiola, angulação e desenho da pipa, um furo inesperado. A pipa rodando no alto é algo que acontece também, quando, por um motivo ou outro, a pipa 'avoa' e perdemos ela.

Nesse caso, temos uma analogia, a respeito de quem aprende que as circunstâncias são dinâmicas e mudam recorrentemente. É preciso saber não só se adaptar, mas ser resiliente às condições impostas as quais estamos submetidos no processo de viagem. Isso é vivido, escrito e sinalizado pela pipa, mas, de fato, se faz presente para um povo que entende que a resiliência demanda um saber fazer, uma postura frente à vida que entende que toda Viela, ainda que seja Beco, tem uma esquina, e lá há Vislumbres.

Assim, a resiliência dos sujeitos Favelados é marcada, em trilhas de grafia esquizo que são espelhadas nos sujeitos que representam e rerepresentam a Favela. O que quero dizer com isso é que o que aprendemos e vivemos tem trilha sonora e essa trilha sonora é marca de especularidade comunicacional que conta e manifesta nossas subjetividades, singulares e coletivas.

O quadro que se segue é síntese, síntese do que nos alimenta, síntese do que alimentamos, são alguns trechos tratados em recorte para ajudar a contar a potência de um sinalizador de resiliência presente e potente nas viagens inscritas da Favela.

Quadro 9 - Síntese de músicas, movimentos de Chapar

Cantor	Trecho	Grafia
Mc Flavinho, 2018	Vem que tá maneiro, vem, vem que tá maneiro Eu viajei o mundo todo dentro do Rio de Janeiro [...]	Trecho representa parte das representações simuladas dos desejos dos sujeitos da Favela. Se trata da potência do desejo pela viagem, apresentada na constituição dos movimentos possíveis, criando seus próprios mundos e transitando entre eles.
Hariel; et al., 2019	Um belo dia eu sonhei ter uma vida bela Hoje eu ando de moto pela viela Sucessada com as gata	A produção de subjetividade se apresenta em traços que constroem (auto)transpoiese dos sujeitos, nos sujeitos, para os sujeitos e entre os sujeitos. Dizer isso é reconhecer nesse traço sinalizador, aspecto de resiliência de movimentos possíveis, que fazem com que os sonhos e os desejos não se cristalizem em uma

	<p>Evoluiu, tô naquele clima Falando disso, daqui a pouco eu busco ela Hoje mais cedo foi churrasco e piscina Daqui a pouco é Netflix e umas cervas Só eu e ela, só eu e ela [...]</p>	<p>condição de não fruição e produção desejante, mas que, sim, sejam potencializadores de viagens possíveis, lazeres possíveis que constituem, 'alimentam' e ajudam a pavimentar condições ampliadas de movimentos de viagem.</p>
<p>MC Scar 2020</p>	<p>A favela venceu O favelado hoje tá no topo Máximo respeito Nós viramos o jogo [...] Eles desacreditaram de nós E olha onde hoje nós tá O microfone me deu voz E os amigos aqui eu vim representar</p>	<p>A Favela venceu é traço que representa reconhecimento de batalhas subjetivas e narrativas as quais a Favela está sujeita o tempo todo, todo o tempo. Essa percepção denota dos mesmos cada vez mais capacidade de resiliência, por causa da manutenção que essas narrativas geram dos territórios e das condições de intempérie. A Favela vence quando entende que não se trata de uma competição, mas sim de uma condição de existência e melhoria de uma coletividade. A Favela vence quando se reconhece como centro de produção de si, e faz disso não aspecto de destaque e diferenciação, mas de representação e reconhecimento da resiliência demandada para chegar onde se está.</p>
<p>Arlindo Cruz, 2007</p>	<p>O meu lugar É cercado de luta e suor Esperança num mundo melhor E cerveja pra comemorar</p>	<p>A resiliência é representação do encontro que se faz presente na deferência ao passado, a ancestralidade que constitui a Favela. É vida em sua condição de intempérie, mas com a vivência e a experiência de ter esperança, como ação educativa, que tem, na cervejinha, a síntese manifesta da comunhão e do Lazer.</p>
<p>Chris MC; et.al. 2018</p>	<p>É uma selva de pedra e animais loucos Nesse endereço, onde arma é adereço E a rivalidade entre iguais viram almas ao avesso Atendendo ao interesse dos que fazem pensar que esse mar não 'tá pra peixe</p>	<p>Para entender e perceber em segurança as relações violentas presentes na Favela, é preciso nas relações, aprender a perceber as condições subjetivas que constituem a produção capitalística da Favela. Aprendi nas relações o que esse trecho representa, as relações que são violentas não são dentro da Favela, ao menos não só. São violências que mantêm a Favela em condição de intempérie constante, na falta do que mata a 'sede', na construção de narrativas que negam os peixes, as garopas, as notas de cem que contribuiriam para amenizar as condições de intempérie. Existimos</p>

	Eu vi sangue irrigar terra seca e um atravessar com sede	pela e para perceber que não é isso que nos constitui, e não é só disso que temos sede.
Bob do contra; et. al., 2019	Então vem, vem, vem Pra minha laje, vem cá Pode até não ter visão pro mar Mas prometo que nós toca o céu [...]	Convidar com orgulho e reconhecer as capacidades e os encantos que nos singularizam. Temos, pelas nossas relações e nas nossas relações, o orgulho de oferecer o melhor de nós. Ainda que não tenha o mar em todas as Favelas do Rio de Janeiro, o céu e lindo, em todos os sentidos.
Arlindo Cruz, 2019	O povo que sobe a ladeira Ajuda a fazer multirão Divide a sobra da feira e reparte o pão Como é que a gente tão boa É vista como um marginal Eu acho que a sociedade 'tá enchergando m	A vida em comunhão e com comunhão faz com que entendamos que, ainda que a malandragem, a malandragem seja vista como marginalidade, a Favela faz disso condição de relação, capacidade resiliente de existência em território de intempérie.
Vinny Santa Fé; Bom Gosto, 2020	Qual o lado teu, que tu faz da vida, malandragem? Qual barato que é o teu? O ditado "eu nasci pobre, mas não nasci otário" Com QI de gênio, mas estereotipado (você pode ser vitorioso) Vai remar contra a maré, (roer o osso) É que pra vencer tem que ser carne de pescoço, moço Você pode ser o que quiser Ir sem carona na viagem (sem carona na viagem)	Reconhecemos em nós mesmos aquilo que nos estereotipa. Não é nossa cor ou nossos traços, nosso jeito de ser e estar no mundo que nos restringe. A percepção que temos de nós mesmos representa resiliência constante, para perceber que aquilo que o mundo diz de nós, não é e nem precisa ser, aquilo que somos ou ainda aquilo que pensamos sobre nós mesmos. Disso deriva nossa força, nossa potência.
Cabelinho et. al. 2022	Amo ser bem-vindo, quando 'cê tá saindo É a parte que dói, levo esse amor contigo Pra Realengo, amor, levo o Xamã contigo	Somos capazes de ser e existir com adaptação em resiliência em qualquer território. O que nos faz felizes no entanto, é perceber que estamos 'bem-vindos', quando então encontramos nosso espaço, e não só isso, as pessoas percebem também nossos espaços, em um respeito com alteridade que faz com que

	Cerveja no isopor, churrasco de domingo Mas Bangu tá mó calor, BH, sempre bem-vindo	tenhamos capacidade de transitar em vários lugares, varias realidades.
Filipe Ret et al. 2020	Nunca deram nada pra nós, né, minha filha? Se aceite, somos perfeitos, um foda-se ao padrão Nossos corpos são muito mais do que mercadoria	Se perceber e ter orgulho de quem se é, em relações coletivas. Se trata de não só se perceber como alguém singular no mundo, mas perceber quem também constitui a nós, em transversalidade, como sujeitos singulares e importantes no mundo.
Djonga, 2019	Menina na cidade grande, no susto viúva E daquela cor que só serve pra ser abusada Você não costurou só roupa, né? Teve que costurar um mundo de trauma, abdicação, luta Pra hoje falar com orgulho que essa família não tem vagabundo	Minha vó, viúva quando minha mãe ainda tinha 5 anos, negra, doméstica, pode dizer onde quer que esteja, que de todo enfrentamento de toda sua resiliência, tem hoje filhas e netos que estão tentando fazer algo melhor no mundo.

Fonte: Criado pelo autor (2024).

Esse são alguns trechos de algumas das músicas usadas na escrita dessa Tese. Optei por trazer nesta síntese, apenas alguns trechos de músicas que estão presentes neste trabalho, mas, ressalto que, os traços especulares que são apresentados aqui como sinalizadores, não se restringem a essas músicas.

Reconheço esses elementos, pois, no ato de chapar, como movimento da pipa, os encontros múltiplos que a Tese me proporcionou, foram reconhecidas pela Dimensão Intuitiva da Pesquisa (Baptista, 2014) uma das trilhas da Cartografia dos Saberes que orientam metodologicamente esta pesquisa. Essas músicas se fizeram presentes, nas relações estabelecidas, com autores, com atores, com a Favela em suas múltiplas dimensões, e com a Favela em mim, comigo mesmo.

A produção (auto)transpoiética que as viagens em território de intempérie proporcionam, tratam exatamente disso, de encontros, que são, por vezes, Becos e por vezes Vielas. Sendo assim, o que se apresenta no aprendizado com esses

encontros espontâneos, são tratativas de saber fazer, saber se relacionar, com resiliência em situações positivas, mas também em situações negativas.

Assim, as relações estabelecidas fazem com que os sujeitos da Favela produzam subjetividade a partir do encontro com Becos e Vieiras da sua viagem pelas existências. Isso faz com que dessas relações e nessas relações brotem condições resilientes de produção frente às intempéries, mas também frente às alegrias.

As relações e a comunhão se tornam um saber importante que pode produzir no Turismo e no Lazer, saberes que condicionem novas epistemes. Essas novas epistemes, presentes como visto nos traços especulares dos trechos de música apresentados aqui, podem, malandramente se tornar indicadores, sinalizadores de um novo Turismo e um novo Lazer que está para brotar, já está brotando. Na lógica, há registros de resiliência nas sonoridades que não só expressam, mas mobilizam as comunidades para a realização de outras leituras de si mesmas e a produção de movimentos de Lazer, alegria e desterritorialização desejante.

6.4 DEBICAR

O ato de Debicar na pipa, como dito, é um movimento plástico, e por isso, um dos que eu mais gostava. A pipa desce em alta velocidade e depois volta a subir, em um movimento de força e de potência. A potência da Favela como esse movimento, está em reconhecer seus traços de força e de potência até naquilo que por vezes e segregado sobre si. Trata-se de fazer da segregação aspecto de singularidade e orgulho.

Esse movimento se associa e espelha o sinalizador percebido na Esquizografia que é: “Lógica matrística forte e resistente”. Esse sinalizador transversaliza de certa forma a própria metáfora da pipa, de modo a representar a importância de reconhecer as bases que constituem a produção de subjetividade do sujeito de maneira profunda.

A importância dessa sinalização está na busca do reconhecimento profundo sobre si, como aspecto que condiciona os vislumbres de simulação que a própria pipa proporciona. Esse sinalizador realça a importância de um mergulho profundo nas subjetividades humanas, dos sujeitos e dos lugares que transversalizam a produção de subjetividade.

Essa base, institui para as viagens da Favela, a potência de ser capaz de reconhecer os próprios desejos, como condição de brotação potente, que não se

assenta na realização, mas sim na produção desejante. Assim, esse sinalizador representa para o Turismo e o Lazer, a importância do questionamento crítico e conceitual, em um mergulho profundo sobre a pergunta que tantas vezes ouvi da orientadora dessa Tese “o que te importa?”.

O que te importa no Turismo e no Lazer? O que importa na base dos conhecimentos e das produções coletivas e singulares potencializada por esses Ecosistemas? Entendo que a Favela, a partir desse sinalizador de Viagem e Lazer ensina, a importância do reconhecimento de si para a produção da relação com os outros.

A lógica de uma proposição ecológica de saberes que constituem a Favela está associada à uma produção epistemológica que reconhece, apesar das narrativas hegemônicas, a possibilidade de valorizar os próprios saberes (Santos, 2010). A Favela, mais do que produção, tem na sua potência, no seu cerne, o reconhecimento baseado na confiança sobre as próprias produções, e nas produções dos outros que nos transversalizam.

Isso significa que, como dizia minha vó, “aqui, o buraco é mais embaixo...”. A frase é síntese de uma condição necessária, que transversaliza também os outros sinalizadores, e de fato reflete a grafia esquizo como voltas que, por vezes, passam no mesmo ponto. A capacidade adaptativa, a resiliência que tem relação com a autoafirmação e a afirmação de outros, se faz presente na condição de reconhecimento das próprias capacidades e das capacidades dos outros que me compõem.

Não significa, no entanto, que isso seja assim o tempo todo, de fato, é como ter irmão em uma múltipla e diversa família, com conflitos e dinâmicas que nos fortalecem, mas que internamente é trabalhada a ferro e fogo. Nós, por vezes, duvidamos e falamos mal de nós mesmos, mas não venha você querer falar mal de algo que nos representa.

O Favelado ‘debica’ a vida, como movimentos de pipa, em puxões que cortam o céu com força, e mergulham a pipa no Ar. Hora isso é representado por dinâmicas de força competitiva e por vezes são representadas por enaltecimento das representações e singularidades que coletivamente criam um ambiente completamente disruptivo, sinalizando singularidades encantadoras.

A capacidade de a Favela se reconhecer torna presente a força de uma condição que contraria a ordem segregatório do Capitalismo Mundial Integrado

(Guattari, 1989), e põe em xeque o status quo produtivista, proposto pela condição de produção de subjetividade desse Sistema. Quero dizer assim que, quando falamos de uma Favela que vence, tratamos de uma Favela que se reconhece, suas capacidades e potências cooperativas e comunitárias, não cedendo completamente a uma condição de produção de subjetividade competitiva que se estabelece pela mais-valia, que enaltece o valor do capital sobre qualquer outro valor subjetivo possível.

Apresento e entendo isso a partir também de traços especulares presentes nas músicas e que, das músicas, sinalizam o movimento de descida da pipa com força e com potência, como sinalização que ajuda e ensina movimentos de Viagem e Lazer em subjetividade, reconhecendo singularidade como potência produtiva e cumulativa das relações, e não competitiva e segregaria. O que se segue são frases síntese, sinalizadores dessa episteme:

Quadro 10 - Síntese de músicas, movimento de Debicar

Cantor	Trecho	Grafia
Rashid; Emicida; Lukinhas, 2020	Ela me deu linha e depois voei Voei, voei, voei (ei) Eu voei, voei, voei (yeah yeah yeah). Com o pensamento lá em cima que nem pipa O ritmo do meu dia, a correria é quem dita (é)	Na música a condição de pipa é retratada em analogia. O trecho representa a compreensão de que, tendo e fazendo espaço para existência, o sujeito é capaz de ter asas, alçar voo. O ritmo desse trânsito é determinado pela capacidade do sujeito, de fazer brotar, mesmo em território de intempérie, a partir das próprias capacidades.
MC Marcinho, 2003.	Favela, orgulho e lazer Estamos á vontade... Somos mais você ⁴³ .	O reconhecimento da Favela é retratado na escolha pela mesma. Ter orgulho da Favela é por vezes ter oportunidade e mesmo sair, mas retornar por reconhecer a potência da transversalização, resiliência e vida em comunhão, próprios de quem vive e existe em território de intempérie. O trecho sugere a importância de valorizar os territórios de onde se é.
Ludmilla, 2020	Entre becos e vielas Rainha da favela [...] O trabalho aqui é bem feito Respeita o serviço nego Não te dou uma semana	Se reconhecer Rainha, e mais, Rainha de um lugar tão duro, é mais do que contar com o reconhecimento dos outros, mas reconhecer suas próprias potencialidades. Se trata de ser capaz de reconhecer sua própria

⁴³ Aqui temos ainda, a possibilidade de um vislumbre desejante relacionado com o Programa “Mais você” da rede globo, apresentado até então por Ana Maria Braga.

	Pedindo pra voltar [...]	transversalidade e viagem até aqui, entre Becos e Vieiras.
Arlindo Cruz, 2011	É o meu jeito de ser Falar com geral e ir a qualquer lugar E é tão normal de me ver Tomando cerveja, calçando chinelo no bar[...] Suburbano nato Com muito orgulho mostro no sorriso Nosso clima de subúrbio [...]	O reconhecimento aqui já sinaliza para aspectos do próximo sinalizador. Debicar é demonstrar que os traços que constituem a Favela são mais profundos, e para que se tenha oportunidade de encontrar e reconhecer seus sinalizadores, é preciso ir mais fundo, descendo como os movimentos da pipa. Assim é possível perceber as nuances do orgulho do sujeito favelado na sua existência, da sua existência e do seu território. Orgulho que se mostra e se impõem a cada “puxão” na linha da pipa viagem cotidiana.
MC Scar, 2020	Através do funk hoje nós temos voz E são os playboys que se inspiram em nós Lançando o bigodinho E o cabelinho na régua Na régua	Deixar de copiar e passar a ser copiado, não com uma produção de subjetividade que busca esse destaque, mas que encontra na sua verdade uma produção que valoriza e orgulha, esse é o traço de reconhecimento tratado na produção dos sujeitos da Favela. Traço que se mostra no lazer e provoca movimento de especularidade relacional ou midiática (Baptista, 1996).
Arlindo Cruz, 2007	O meu lugar é caminho de Ogum e Iansã Lá tem samba até de manhã Uma ginga em cada andar	Reconhecer o próprio lugar, a própria subjetividade passa por uma profundidade que sinaliza a própria ancestralidade. O sujeito Favelado, ainda que nem todos reconheçam, tem forte relação com a constituição do seu lugar, sua ginga, sua composição em dimensão intuitiva. Este pode ser um convite para os sujeitos do turismo reconhecerem a potência dos seus lugares, a energia e o valor para além da lógica de materialidades patrimoniais, valorizando as intensidades abstratas e de imaterialidades dos fluxos e relações.
Felipe Ret; et. al., 2020	Nossa raiz é o trap life, baby, cê já sabe Trip me deixou mais rico, poesia nem me fale Isso é só um detalhe, a vitrine é toda sua Ela sabe que a simplicidade é o topo da luxúria Não preciso dizer que eu sou o melhor do jogo	Ter orgulho do que diz, de como diz, e fazer disso o traço singular do que o torna quem é. Não se trata de ser sozinho, se trata de representar em traço especular a muitos, enaltecer a singular coletividade dos sujeitos, e fazer disso a subjetividade maquínica capaz de fazer brotar em território de intempérie. Além disso, ainda se trata de fazer brotar espontaneamente, não como um ato a ser reproduzido, mas como uma postura epistemológica que nos leva a ser quem somos e como somos.

	<p>Baby, eu prefiro te ouvir dizendo</p> <p>Bem baixinho nos meus ouvidos</p>	
<p>Mc Tikão, Djonga, Mc Cabelinho, 2021</p>	<p>Sempre batalhei pro progresso chegar</p> <p>E dar o melhor pra minha coroa</p> <p>Graças a Deus, missão cumprida</p> <p>Mais um favelado forte que venceu na vida</p> <p>é muita fé e a favela venceu [...]</p>	<p>A expectativa não é ter aquilo que da destaque capitalístico no mundo, a percepção de valor está em oferecer a quem nos transversaliza, a quem nos deu tudo, algum tipo de retorno, algum tipo de bem estar, algum tipo de alegria. Esse tipo de profundidade, é encontrado em uma profunda reflexão a partir do possível. É desse possível transversalizado, que temos a profundidade da produção subjetiva em território de intempérie.</p>
<p>Chris Mc; et. al., 2018</p>	<p>Malandra, 'cê 'tá com o último bom malandro</p> <p>Vamos andar livres pelo mundo</p> <p>Fugindo dos cana e seus opores</p> <p>Onde nós sejamos o comando</p> <p>Pagando as comanda com as garopa</p> <p>Pra onde as garopa não comanda</p> <p>Onde o gasto sempre vale o gosto [...]</p>	<p>Como dito e apresentado no trecho anterior, o dinheiro não detém todo valor, o capital não representa a profundidade subjetiva desse lugar, pois, se representasse, o lugar estaria fadado a deixar de existir. A subjetividade e o valor estão na capacidade, Malandra muitas vezes, de dobrar e desdobrar o valor subjetivo, de deslizar o sentido a partir das narrativas, dos significados e das relações estabelecidas nesse entorno.</p>
<p>Bob do contra; et. al., 2019</p>	<p>Eu entreguei tudo que podia, tudo que até não tinha</p> <p>Tudo que um dia me fez infeliz</p> <p>E eu não tinha nada, nadava contra a maré</p> <p>Fiz todo o caminho a pé, tu não me deixou desistir</p>	<p>Da nossa coletividade está a força de quem não nos deixa desistir, ainda que por vezes estejamos fazendo força contra um sistema que segrega nossas subjetividades. A verdade é que, quem aprende a viver em território de intempéries, não faz força sozinho.</p>
<p>Arlindo Cruz, 2019</p>	<p>Como é que a gente tão boa é vista como um marginal</p>	<p>Da nossa coletividade brotam condições que fazem com que mesmo que todo o sistema condicione</p>

	Eu acho que a sociedade 'tá enxergando mal Minha favela [...]	narrativas de marginalidade, sejamos capazes de fazer brotar potência de nós como centro de nós.
Alexandre Pires; Seu Jorge, 2010	Eu cheguei chegando Tô cheio de rima Na boca do povo Em qualquer esquina Não faz isso não neguinha Que eu me perco todo Meu pandeiro quebra Meu cavaco chora E eu fico louco	E dessa coletiva condição de enfrentamento, deslizamos sentidos que nos misturam nas nossas produções. Nós sendo o samba e o samba sendo nós, fazemos o que aprendemos, somos o que aprendemos e nos colocamos produzindo e sendo produzidos por aquilo que nos representa.
Vinny Santa Fé, Bom Gosto, 2020	Eu canto poesia com beleza e malandragem Saca, meu comparsa Você pode ser o que quiser E aí você, malandro 'Tá de cabeça baixa por que? Levanta a cabeça, negão Um dia de cada vez e o sol pra cada um E você pode o que quiser [...]	Podemos ser o que quisermos, reconhecemos isso. Esse reconhecimento é a representação da profundidade do nosso fazer, da profundidade de quem somos. Em um mergulho profundo, ser quem quiser é também apresentar em especularidade a possibilidade de que outros sejam também quem e o que quiserem.
Felipe Ret; et. al., 2020	Nesse mundo doente, com tanta gente louca E eu quero que as pessoas me entendam Quero que os porteiros me atendam Ou melhor, que as portas se abram E meus irmãos nunca se vendam	O mundo é nesse momento um território de intempérie. Aprender a viver nessas condições e saber vislumbrar oportunidades de vielas. Aprendemos isso na favela, desejando que outros não precisem aprender, mas sinalizando em profundidade a subjetividade que nos trouxe até aqui.

Fonte: Criado pelo Autor (2024).

Os traços apresentados nos trechos destacados das músicas são sinalizadores em cartografia de elementos constituintes de subjetividade da Viagem vida na favela. Esses traços são representativos da produção favelada e contribuem para a

constituição de um saber fazer que garante a existência dessa comunidade, a existência de sua singularidade.

A representação posta na ação de Debicar singulariza ações que são de movimentos de reconhecimento e pertencimento, aspectos de valorização e orgulho que às vezes são defendidos até agressivamente. Mas não se engane, subjetivamente, essa produção está assentada em uma produção profunda de reconhecimento da própria história, de sua transversalidade e de uma coletividade que é sim singular, mas representa muitos.

Essa constituição faz com que, mesmo em situação de intempérie, preteridos pelo Capitalismo Mundial Integrado, se constituam novos sistemas de valor, que por vezes são atacados pela sociedade. Ouvi, em muitos momentos, de pessoas que saíram da Favela, que viver nesse lugar e visitar esse lugar era cultuar a pobreza, afinal, “que cultura pode haver na miséria”.

A cultura que há é a representação da profundidade subjetiva de quem não se submete e nem pode se submeter à um sistema de valor que substitui tudo pelo capital, com risco de deixar de existir. Se trata de constituir um sistema que é sim transversalizado pelo capital, em um acoplamento ecossistêmico que faz com que a Favela esteja sujeita também a esse sistema e suas influências, mas que não se restringe e se levanta em potência, demonstrando a sua competência e subjetividade.

Dai sim, ser capaz de fazer brotar e reconhecer aquilo que é desvalorizado, como traço mais valioso de quem se é. Debicar é encontrar suas singularidades profundas, é mostrar para o mundo aquilo que diferencia quem se é, é ter alegria na simplicidade de encontrar consigo mesmo, é encontrar em outros parte de você, é encontrar em você parte dos outros.

6.5 TENTEAR

Tentear ou estancar é representativo de uma característica de soltar pipa que me é muito cara. Na infância, eu também chamava de estancar ou dar estanques na linha como micro puxões, que quando a pipa está no ar representa a condição de potência que põe a pipa contra o vento e estabelece maior força para que a pipa suba mais.

Aqui esse movimento representa o sinalizador “Flexibilização e tendência a humores alegres” que foi esquizografado. Esse sinalizador representa o movimento

de alegria percebido como produção que potencializada a (auto)transpoiese dos sujeitos a partir da desterritorialização desejante posta nas práticas de Viagens e Lazer em sentido ampliado.

Isso quer dizer que, a produção flexível que condiciona situações alegres de existência, mesmo em meio a condições de intempérie, demonstra um traço que viabiliza movimentos de Viagem e Lazer ampliados, dentro do possível e transversalizado pelos sinalizadores de Viagem e Lazer na Favela.

Assim, o que se percebe é que a alegria, pode ser uma alternativa epistêmica que a Favela ensina para refletir o Turismo de Fachada, de modo a possibilitar o acesso as tramas do seu Avesso. A episteme da Favela ensina e demonstra a possibilidade e que as múltiplas tentativas, de maneira potente, e com alegria, podem ensinar novos caminhos e vislumbres para os voos do Turismo e do Lazer em um mundo N'ovo.

Na analogia que estamos trabalhando até aqui, o movimento de tentar representa ponto importante na (auto)transpoiese dos sujeitos em produção subjetiva na Favela. Trata-se de um movimento que significa múltiplas tentativas, que, das tenteadas, das tentativas, se fazem as múltiplas possibilidades e potências que sinalizam para a viagem vida dos sujeitos de Favela, um saber fazer representado em conseguir fazer brotar em condições adversas e em profusão.

Assim, esse sinalizador está representado e unificado em elementos de uma cartografia múltipla, que aparece em traços especulares de músicas, mas também nas práticas e produções que culturalmente representam a singularidade da Favela. Os sinalizadores são múltiplos, pois o que os representam são a flexibilidade da tenteada da pipa em cada um dos puxões, das tentativas e também na tendência aos humores alegres que se apresentam na capacidade de pôr a pipa em ascensão, a partir dessas múltiplas tenteadas.

Dessa forma, o que se segue, primeiramente são os trechos de músicas que apresentam essa sinalização, seguindo posteriormente de mais elementos que apresentam essa sinalização.

Quadro 11 - Síntese de músicas, movimento de Tentear

Cantor	Trecho	Grafia
Hariel, et. al. 2019	Hoje mais cedo foi churrasco e piscina	Da adaptação disposta nas condições de viagem dos sujeitos da Favela, sua produção de Lazer e Turismo está sinalizada em uma matriz desejante de tentativas.

	Daqui a pouco é Netflix e umas cervas Só eu e ela, só eu e ela [...]	Isso significa que churrasco, “umas cervas” são suficiente nas condições possíveis, pois representam as possibilidades tentadas, e conseguidas, pelos sujeitos na ocasião.
Mc Flavinho, 2018	Eu, eu viajei o mundo todo, olha, puta que pariu Primeiro eu passei na 13 que é o baile do Brasil Eu fui lá pro Jacaré que é o baile de Paris Fui parar lá na Colômbia que é no Complexo do Lins [...]	Assim, sujeitos de Favela são capazes de produzir viagem em lazer mesmo em condição de intempérie, e colocar disposição há humores alegres a partir das múltiplas possibilidades presentes em cada viagem, em cada movimento, em cada encontro, mesmo que entre Favelas apenas. A viagem das Favelas não têm um mínimo de distância para serem consideradas viagem.
Arlindo Cruz, 2011	Eu gosto de fritar, de jogar uma pelada Domingo de sol E fazer churrasquinho com a linha esticada Num poste passando cerol Cantar partido alto no morro No asfalto sem discriminação Meu nome é favela [...]	O sujeito de Favela escreve suas viagens através de traços que signifiquem no seu Lazer as possibilidades múltiplas, que representam tentativas e acertos da alegria de ser favelado.
Arlindo Cruz, 2007	Esperança num mundo melhor E cerveja pra comemorar O meu lugar Tem seus mitos e seres de luz É bem perto de Osvaldo Cruz Cascadura, Vaz Lobo e Irajá O meu lugar É sorriso é paz e prazer O seu nome é doce dizer	Se trata de reconhecer a possibilidade de enaltecer cada um dos lugares que constituem o sujeito. Sua felicidade está na potência dos lugares que transita, com a percepção de que esses lugares também tornam o sujeito quem ele é, grafias esquizo do sujeito e seus lugares.
Felipe Ret, et. al., 2018	Fico tranquilo quando eu tô do lado dela Faz mó questão de vir da pista pra favela	O significado está em ser capaz de se encantar com suas próprias singularidades, e desse encanamento encantar outros sujeitos a partir da potência dos seus lugares, dos seus fazer, saberes e da sua episteme.

	Ficou encantada com a vista da minha janela E trocou o petit gateau pelo meu pão com mortadela [...]	Assim, é possível tentar múltiplas simulações subjetivas de viagem e lazer na Favela.
Alexandre Pires; Seu Jorge, 2010	[...] Louco pra te ver mexer E descer até o chão Abre a roda pra geral Bate na palma da mão Já dançaram funk aí Agora é a minha vez Com surdo, cuíca, tamborim, repique Eu vou pegar você Eu sou o samba Tenho certeza que você vai se amarrar Eu sou o samba Tenho certeza que você vai se entregar pra mim [...]	Somos o samba, somos sujeitos que em comunhão escrevem de maneira partida, dissipativa e efêmera, suas próprias viagens em subjetividade. A alegria contagia através da flexibilidade, da adaptação regenerativa em práticas de Viagem e de Lazer que geram para nós a possibilidade de se auto produzir. Se trata de enxergar transversalidades com os sujeitos que compõem e cooperam ecossistemicamente em território de intempérie.
Cabelinho, et. al., 2019	Disse pras amigas que quer ser feliz Levei de rolezin' de PCX lá no CPX [...]	Para nós, basta o rolê para ser feliz, a possibilidade de transitar com liberdade. A valorização é dos sentires, para além da lógica capitalista, presente na possibilidade de tentar a vida subindo a partir das tentativas.

Fonte: Criado pelo autor (2024).

Algumas das trilhas que apresentamos aqui só representam em partes, a partir de traços especulares, as grafias esquizo que representam a alegria de ser favelado em seus saberes e fazeres de viagem e de Lazer. As tentativas são representadas pelos puxões da pipa, é a capacidade adaptativa dos sujeitos em comunhão e do seu desejo em movimento para alegria que põe a pipa no alto, como capacidade de fazer brotar apesar das intempéries.

Assim, sujeitos inscrevem seus traços e grafias não só pelos traços especulares que os representam, mas também naquilo que produzem, naquilo que se apresenta como condição de vida e busca pela alegria. O Lazer se faz presente como parte do cotidiano, das dificuldades e agruras das viagens vida. Os sujeitos dispostos produzem seus saberes e fazeres nas condições possíveis de existência de movimentos de viagem.

Os sujeitos assim inscrevem festas, como as da colagem que se segue, mais recentes das relações presentes hoje na Favela onde nasci e cresci. Trago esses elementos como sinalizadores de práticas correntes, em empreendimentos que misturam viagem, lazer, futebol, bares e sabores, desde os sujeitos da própria favela, proporcionando aos sujeitos da favela, condições de existência e de alegria mesmo em meio a dificuldades.

Figura 13 - Compilado de imagens, movimento de Tentear



Fonte: Cedido por Carlos Alberto de Souza Rodrigues.

Esse compilado de imagem parte do princípio de produção sistemática que mescla a relação ecossistêmico com a produção capitalística, mas reconhecendo os

traços representativos dos sinalizadores que representam alegria e flexibilidade. As duas imagens mais acima, mostram a relação com o samba, associando escritas que se mesclam com a religiosidade no caso da feijoada de São Jorge, e também com o Futebol no caso da foto mais centralizada.

Camargo (1986) apresenta sobre o Lazer o questionamento de como na relação com o futebol pode ser considerado prazeroso, no risco de o seu time perder. No mesmo texto, o autor apresenta que a expectativa do prazer é o que se relaciona com o Lazer, e de fato, nesse caso, a alegria está na comunhão das relações estabelecidas, na felicidade de vencer, não só por vencer, mas por poder compartilhar a vitória e a frustração da derrota.

Alves (2011) em *Variações sobre o prazer* apresenta que os aspectos que compõem a variação sobre o prazer podem ser associados às condições que se estabelecem no que tratamos epistemologicamente com as propriedades do Lazer. A Favela entende isso, na flexibilização dos ritmos, nas associações, no respeito às diversidades em muitos sentidos, ainda que não sempre, e na capacidade de fazer conviver aspectos de potência de quem escreve por linhas de Fuga.

Essa sinalização se aprende desde sempre, e a busca é para que, com a possibilidade de a pipa da viagem vida subir a partir da tenteada, possamos também contribuir para que outros subam. Então, alguns bares e festas buscam da sua alçada, pelo que vi, vivi e aprendi na Favela, devolver à comunidade, à Favela, aquilo que eles alçaram. Disso decorrem festas como as duas últimas imagens, que são festas que buscam entregar brinquedos e doces em datas festivas, sinalizando a possibilidade da alegria através da comunhão e mesmo em situação de intempérie.

Essa condição, ensinada às crianças e reforçada nas relações, a partir de uma realidade vivida, é representada pelas brincadeiras da infância. A pipa aqui ressoa como síntese dessa cartografia. Como tal, não poderia deixar de estar presente. Na grafia das pipas, no projeto pipasgrafia do Instagram, grafias esquizo de uma Favela alegre como representado pela foto a seguir.

Figura 14 - Foto pipasgrafia



Fonte: Instagram Pipasgrafia (2024).

As grafias das pipas que se aprende na Favela, as pipas grafias que nessa cartografia tentei representar como Esquizografias de Turismo e Lazer na Favela. São a síntese também da minha trajetória em esquizografia, ao longo dessa Tese que entrego aqui. Dessa entrega se dá a busca pelos sinalizadores que a Favela tem e pode ensinar sobre Turismo e Lazer, dinâmicas que contribuem para ampliação da percepção sobre esses dois temas, e também orientar a produção subjetiva de um Turismo e um Lazer ao Avesso, podendo contribuir para a sociedade e a brotação de um mundo N'ovo (Baptista, 2023), mesmo em meio aos territórios de intempéries vividos no momento.

6.6 SINALIZADORES DE CUIDADO

É importante ressaltar condições de existência na Favela com um mínimo de percepção de que as Esquizografias, como condição partida de produção de subjetividade, significa também a percepção de que o que tratamos, se apresenta em contradições e controvérsias. Desse cenário cartografado, como próprio da percepção de Desejo apresentada, escolhemos declarar e perceber potências, como sinalizadores de vislumbres para um Turismo e um Lazer que contribua socialmente para a brotação de um mundo N'ovo, mesmo considerando as intempéries presentes no mundo.

Declaro, no entanto, inclusive nos meandros dos sinalizadores apresentados aqui em síntese como potência produtiva da Favela, que as condições de Favelas demandam cuidados, pois, da ordem do Capitalismo Mundial Integrado, se

apresentam maquinismos abstratos que, inclusive, se valem dessa potência para existir, e portanto, são capazes de constituir subjetivamente produções narrativas de captura e agenciamento que paralisa frente às desterritorializações.

Assim, é importante ao menos ressaltarmos aqui dois sinalizadores perceptíveis a partir da cartografia esquizográfica apresentada. Percebemos na produção para apresentar os sinalizadores dessa Episteme Favela, contributiva para a produção do Turismo e do Lazer desde seu Averso, detalhes e nuances que demandam atenção constante, mesmo em se tratando de uma episteme Favelada.

Dessa forma, apresentam-se também, como significativos, os sinalizadores que demandando cuidado, sinalizadores esses que também demonstram grafias partidas, de uma constituição subjetiva das viagens e do lazer das Favelas, como aspectos não conturbados, mas diria contraditórios, que se justificam nos maquinismos abstratos do Capitalismo Mundial Integrado.

A verdade é que a mesma subjetividade gerada pelas condições de vida em território de intempérie, está sujeita a singularizações que, capturadas pelas narrativas hegemônicas de disputa, medo e valorização do capital acima de tudo, geram a perda do equilíbrio e o direcionamento da brotação espontânea do território de intempérie pasteurizada, em reproduções do que “dá certo” e do que é preciso fazer para permanecer existindo.

Um dos motivos de vivermos as desterritorializações com tamanha intensidade é que, no geral, todas as tramas produtivas em território de intempérie já representam riscos à sobrevivência. Portanto, já significam a perda do território de si mesmo. Assim, viver fazendo brotar nesse território é exercício de sobrevivência, que, quando agenciado pelo medo, gera a cooptação de condições que fazem com que, na reprodução, na tentativa de controle, na fuga do medo e da instabilidade constante, o sujeito acabe por reproduzir produções subjetivas de pasteurização, que o retornam aos próprios reforços do que condiciona a captura de sua subjetividade.

Dessa forma, percebemos dois sinalizadores que denotam dos sujeitos da Favela e da reprodução de sua episteme Malandra e Esquizográfica no Turismo e no Lazer, um certo cuidado com o risco de perder sua capacidade de fazer brotar espontaneamente. O primeiro deles é:

- **Cooptação por vislumbres de segurança, diante do universo de medo agenciado em circunstâncias adversas;**

Esse sinalizador pode ser percebido também como potência, mas o que gostaria de ressaltar aqui é o risco de que, na dificuldade, da dificuldade, as condições que acionam o medo façam com que a necessidade de se agarrar a Vieras constituídas, possam, na dinâmica da vivência, agenciar a diminuição da busca pelos Vislumbres, e paralisar sujeitos frente aos Becos da vida. Isso pode levar a Favela, esse ecossistema, a submeter-se a organizações de força manifesta, não resultante e nem promotoras de sua (auto)transpoiese.

Quer dizer que toda promessa de segurança, na Favela, por vezes pode significar para os sujeitos, a implicação da mesma obstinação empregada na sobrevivência, sendo empregada na reprodução dos maquinismos que geram a manutenção do CMI. Essa condição pode ser percebida em sinalizadores como os da fé, que demandaria um outro trabalho para ser apresentado, as reproduções políticas, a violência, ou mesmo nas atitudes extremas apresentadas em músicas com muita conotação sexual, em reproduções de machismo e homofobia, por vezes vistos ao longo das Esquizografias aqui tratadas. São elementos que demandam cuidado frente as produções e os aprendizados sobre a Episteme Favelada.

Dessa condição, também derivam os aspectos que sinalizamos a partir da percepção de que há risco nas produções de subjetividade não refletida. A brotação em território de intempérie tem, pela condição de intempérie, impresso o risco de que a mesma matriz capaz de gerar potência pode ser capturada, e essa potência acabar cerceada, em uma subjetividade que gera a impressão de controle, que, na verdade, é a captura do desejo a partir do controle da subjetivação.

Por conta disso, aponto outro importante sinalizador a ser pensado a partir da experiência esquizográfica da Favela se trata de uma percepção que se apresenta, a partir do seguinte sinalizador:

- **A densidade da composição subjetiva põe à flor da pele os traços esquizo dos fluxos incorporais a-significantes e de processos inconscientes — quer dizer, o mesmo que é potência pode também caminhar para capturas subjetivas.**

A complexidade potente da Favela é sua maior virtude, mas é também seu principal fator de risco. A disposição dinâmica que imprime uma alta habilidade de propor e se dispor à desterritorialização se apresenta como uma dinâmica que,

inconscientemente, pode trair a própria subjetividade, demandando do sujeito e da coletividade uma capacidade de vigilância.

No caso da Favela, as produções engajadas politicamente se valem dessa vigilância, ainda que não reconheça abertamente essa condição epistemológica. É a virtude da escolha e da sinalização de que, estar na Favela, por vezes, é opção de fruição de vida, de condição de vida em qualidade.

As brincadeiras, a vida comunitária, as festas, as músicas cantadas a plenos pulmões, são elementos que me demonstram essa vigilância de uma episteme que não foi capturada, de uma episteme Favelada, que continua fazendo brotar em território de intempérie.

Assim, a episteme Favelada é capaz de condicionar Viagens, Lazer e um Turismo N'ovo, capaz de brotar em condição de intempérie, que brota e faz fluir condições de Viagem Vida. Malandramente, essa opção é capaz de driblar inclusive os Becos, Vislumbrar e fluir por Vielas dos seus próprios sinalizadores de cuidado, não se deixando capturar, nem 'avovar' a pipa que é a produção e a existência de vida em condição de Favela.

7 'TÁ NA HORA DE ENTRAR...'

A frase que dá título a este capítulo é, muitas vezes, usada pelos pais para acabar com a brincadeira e colocar os filhos para dentro de casa. Não dá para soltar pipa à noite e, assim como às vezes precisamos encerrar essa e outras brincadeiras, encaminho a escrita desse texto para a finalização aqui, entendendo que o desejo é de continuar brincando, de continuar contando as Esquizografias de Favela. Ainda que esse seja o desejo, é preciso saber perceber o chamado dos pais, na Favela. Com esse chamado não se discute, um assobio, um grito, o nome, ou mesmo o portão abrindo, já são sinalizadores de que, em algum momento, a brincadeira tem que acabar. (por hora)

A Favela ensina, ensina a viver e a existir entre Becos e Vislumbrar o fluir pelas Vieiras na Viagem da Vida. É nessa condição é preciso entender que, quando soltamos pipa da Tese, em momentos, a chuva, o tempo, a falta do vento, nos faz ter que parar, adaptar e reconhecer outras possibilidades, cultivando o desejo de soltar mais pipa em outro momento.

Nem tudo pôde ser dito aqui, aquilo que não é possível contar, que não foi possível dizer é aqui sinalizado, a partir daquilo que vivemos e contamos nas Esquizografias de Favela aqui apresentadas. Retomo minhas grafias, como quem lembra do que já brincou, para poder vislumbrar o que e como quer brincar nos próximos momentos. Brinquei aqui de maneira séria, como nos Fundamentos Esquecidos do Humano de Maturana e Verden-Zoller (2009), numa condição de fruição de vida, do que se aprende e se ensina com as produções subjetivas.

O texto que se apresenta é caracterizado de maneira ensaística. Sinalizei impressões e percepções com fundamentações teóricas, mas principalmente, apresentei minha posição epistemológica que representa atuação político filosófica de um sujeito que escreve em espelhamento as condições da Favela.

Falei de Favela em sentido ampliado, como formação subjetiva da percepção sobre um fundamento botânico da palavra. A intenção era definir Favela a partir da Faveleira, planta que inspira a nomeação do estilo de habitação que significa a capacidade de brotação em território de intempérie, como referência ao sertão brasileiro, espaço de onde a planta é originária.

O começo foi soltando pipa e dos caminhos da pipa foi sinalizado a maneira irreverente como a pipa negocia com o vento o seu corte e trânsito pelo céu. Esse

recorte simboliza esteticamente os movimentos que foram tratados aqui como Esquizografias de Favela, a partir das Esquizografias Turísticas (Silva; Baptista, 2022), que são inscrições rizomáticas esquizoanalíticas passíveis de serem cartografadas, e que geram sinalizadores de potência (Auto)Transpoiética de sujeitos e lugares.

Esse aspecto já sinaliza processualidade teórico epistemológica baseada na Esquizoanálise de Deleuze e Guattari (2004), como fundamento teórico epistemológico e base do estudo desenvolvido nesta Tese. Ressalto, por conta disso, que se trata de um estudo que promove através da aproximação entre estudos de Subjetividade, Psicologia, Antropologia, Turismo, Lazer e Comunicação, entre outros, uma percepção Holística sobre a ciência, baseado nos pressupostos epistemológicos de Crema (1989).

A sinalização a essa fundamentação Holística, não refere-se a tentativa de contemplar o todo, mas, sim, de reconhecer esse todo e as conexões fractais e dissipativas, que são próprias do que propomos aqui como Esquizografias. Assim, reconheço também a tratativa de um texto e de uma temática que, por si só, é fractal e dissipativa, como aspecto natural de um texto que trata com cuidado o reconhecimento das contradições, de narrativas não lineares, do que tateamos aqui como Becos e Vieiras da pesquisa e da Viagem que foi construir esta pesquisa.

As Esquizografias aqui tratadas são uma representação das Esquizografias vividas. Por conta disso, antes de mais nada, tratei de posicionar a narrativa do pesquisador que se mescla, compõe e, conseqüentemente, escreve de maneira esquizo e transversalizada, todas as condições narrativas esquizografadas ao longo do trabalho desenvolvido.

Assim, o texto se inscreve em atrevimento, de uma condição propositiva de uma episteme, que parte da Favela, capaz de fazer brotar em condição de intempérie, como condição dos sujeitos múltiplos no mundo e na contemporaneidade. Por conta disso, o atrevimento definido a partir de Flacco (2023, s.p.) está justamente em se perceber e posicionar epistemologicamente o sujeito pesquisador como transversalmente integrado com a pesquisa, e, principalmente, a condição proposta de perceber a (auto)transpoiese na Favela, como proposta por Baptista (2022), como resultado das Esquizografias que sinalizam Viagem e Lazer também na trajetória e na viagem investigativa do sujeito pesquisador.

Claro que as condições complexas da pesquisa desenvolvida demanda do pesquisador a capacidade de posicionar a pesquisa nas múltiplas dimensões necessárias, para a produção de uma pesquisa científica. São elas, segundo Lopes (2005), a dimensão Epistemológica, Metódica, Teórica e Técnica, e em se tratando de uma pesquisa com um nível de subjetividade e complexidade alto, as condições de assentamento em estruturas que facilitem e possibilitem a legibilidade e compreensão do estudo em maior profundidade e intensidade se tornam imprescindíveis.

Assim, o primeiro ponto do texto trata de posicionar epistemologicamente e conseqüentemente politicamente, as condições que balizam e os pressupostos que sustentam o olhar do pesquisador para o desenvolvimento da pesquisa. Em primeiro lugar, busquei ressaltar que o posicionamento epistemológico desta pesquisa, deriva de uma condição atrevida de relacionar pesquisa e pesquisador transversalmente, e essa noção só é possível tendo como base uma ideia Holística de Ciência como para Crema (1989).

Além disso, o texto também reconhece uma ampliação e uma multiplicidade de saberes em uma Ecologia de Saberes (Santos, 2010), capaz de propor uma lógica decolonial de ciência, que priorize e oportunize o aparecimento de Saberes do Sul epistêmico, como sugerido por Santos e Meneses (2010). Essa condição representa o reconhecimento de Ausências e Emergências sociais (Santos, 2002), dos seus saberes e fazeres do sul epistemológico, e a sua capacidade de propor e produzir subjetividade que muitas vezes é cerceada e negada.

Por conta desse aspecto, se faz necessário e se apresenta uma pesquisa que reconheça essa multiplicidade que Baptista (1996) chamou de dimensão trama epistemológica, no reconhecimento de saberes tramados e que podem ser 'Conversados' como ato de dar voltas juntos, como apresentado por Maturana (1988). Está pesquisa reconhece a lógica epistêmica da Biologia Amorosa e Cultural do mesmo autor, no sentido de deixar aparecer.

A ideia então passa a ser oportunizar aqui o aparecimento desses saberes e fazeres preteridos pela ciência, reconhecendo que os mesmos, bem como a própria subjetividade, sinalizam para aspectos por vezes negligenciados e que por consequência, escapam das análises e percepções objetivas. Para poder tratar dessas tramas, nem sempre presentes nas narrativas construídas cientificamente, no entanto, houve um esforço de imersão na dimensão metódica da pesquisa, de modo

a poder sinalizar, sistematicamente, as trilhas e matrizes da pesquisa e sua condição e proposição, como produção científica, epistemologicamente e politicamente.

No âmbito da dimensão metódica, sinalizo então, ao longo do trabalho de modo a amarrar toda a trama esquizográfica da pesquisa, o papel da Cartografia do Saberes e das Matrizes Rizomáticas (Baptista, 2014, 2020b), na transversalidade do processo e também na condição de equilibrar a fluência da pesquisa. Dessa forma, as cinco trilhas Cartográficas delinearam o desenvolvimento e a entrega desta pesquisa, sendo elas: Trilha Trama dos 'Entrelaços nós' da Pesquisa; Trilha dos Saberes Pessoais ou Dimensão Subjetiva, Trilha Trama de Saberes Teórico-Conceitual-Bibliográfica; Trilha Usina de Produção ou Trama dos Fazeres e Trilha Dimensão Intuitiva da Pesquisa.

Dessas trilhas resultou a elaboração e o desenvolvimento da pesquisa, percebendo que, como a proposição da autora (Baptista, 2014), fazer pesquisa é caminhar pela floresta, e o percurso das trilhas sinaliza o caminho a ser desenvolvido. Assim entendemos que o que se buscou foi realizar Esquizografias de Favela, considerando sinalizadores de Turismo e Lazer, na trama (Auto)Transpoiese, em Favelas do Rio de Janeiro, Brasil.

Para isso, no entanto, considerando o aspecto fractal dessas Esquizografias que são ao mesmo tempo elementos e produção nesta Tese, é necessário a relação com o processo cartográfico de condições abstratas, ao mesmo tempo em que se busca, no equilíbrio fluente da pesquisa, a possibilidade de demonstrar sinalizadores desses elementos subjetivos de maneira objetiva.

Aqui se instala o papel das Matrizes Rizomáticas, em quadros-síntese que alimentam e orientam, como porto seguro da construção processual da pesquisa, e que de certa forma circunda as subjetividades e singularidades, em uma condição de unidade ao processo. A primeira matriz traz a síntese da narrativa toda, envolvendo Foco de Pesquisa, Objetivos Geral e Específicos, Questão de Pesquisa e o desenvolvimento dos Capítulos em sinalização.

Assim apresento aqui como retomada:

Foco da Pesquisa: Esquizografias de Favela, considerando sinalizadores de Turismo e Lazer, na trama de (Auto) Transpoiese, em Favelas do Rio de Janeiro, Brasil.

Objetivo Geral: Realizar Esquizografias de Favela, considerando sinalizadores de Turismo e Lazer, na trama (Auto) Transpoiese, em Favelas do Rio de Janeiro, Brasil.

Questão de Pesquisa: Quais os sinalizadores de Turismo e Lazer, esquizografados na trama de (Auto)Transpoiese, em Favelas do Rio de Janeiro, Brazil?

Objetivos Específicos:

- Apresentar a proposição conceitual Esquizografias de Favela;
- Relatar ‘com-versações’ sobre Turismo e Lazer – da Fachada ao Averso da Trama Ecológica;
- Esquizar sinalizadores de Turismo e Lazer que expressam a trama de (Auto) Transpoiese em Favelas no Rio de Janeiro.

A deriva dos capítulos apresentada na Tese é resultado e desdobramento do que é sinalizado nas Matrizes Rizomáticas. Assim, o que se dá é uma correspondência entre os Objetivos Específicos e os títulos e proposições de capítulos abertos e trabalhados ao longo da Tese, como forma de responder a cada um dos objetivos específicos.

Dessa forma, temos um primeiro capítulo que apresenta orientações e posicionamento da pesquisa, pressupostos teóricos e operadores de leitura, perspectiva epistemológica e fundamento metodológico do desenvolvimento da pesquisa, tendo como pano de fundo a epistemologia e o posicionamento político do texto.

Sobre o objetivo “apresentar a proposição conceitual Esquizografias de Favela” tem como correspondência o Capítulo Esquizografias de Favela, onde apresento três principais pontos onde se assentam essa proposição conceitual, epistemológica e metodológica. São eles a **Esquizoanálise**, como orientação teórica de desenvolvimento conceitual; **Esquizoanálise e sujeito trama – apontamentos para entender o caminho pela Esquizoanálise**, onde aproximo a orientação da Esquizoanálise com os pressupostos do Sujeito Trama do Turismo, proposto por Baptista (2016); e finalmente o **Desejo**, tratado aqui como orientação de potência a partir da noção esquizoanalítica que difere da captura desejante que dispõe na Psicanálise do desejo como condição paralisante. Dessa forma, as Esquizografias são definidas aqui como: inscrições rizomáticas esquizoanalíticas passíveis de serem cartografadas, e que geram sinalizadores de potência (Auto)Transpoiética de sujeitos e lugares. São sinalizadores múltiplos e que se entrelaçam numa lógica de transversalizações

Com relação ao segundo objetivo específico “relatar ‘com-versações’ sobre Turismo e Lazer – da Fachada ao Averso da Trama Ecológica”, a correspondência se apresenta no capítulo Turismo e Lazer-Trama. Nesse capítulo é

apresentado os fundamentos para uma Ampliação do Turismo a partir da proposta de Turismo Trama de Baptista (2021a), deslizando conceitualmente para a condição da Viagem como fundamento do Turismo e estendendo a perspectiva trama para o Lazer.

Assim, quando trato sobre Turismo de Favela, segregação e controle na ordem do desejo, amplio a proposição conceitual de turismo com a noção de Ecosistema Turístico, Comunicacional e Subjetivo de Baptista (2020b). Destaco que há limitações epistemológicas de um alinhamento com o viés majoritariamente econômico do Turismo, o que Baptista chama de Fachada do Turismo, e que isso negligencia e segrega as tramas do Averso do Turismo, o que está além da Fachada, numa discussão epistemológica que resgata sua ontologia na viagem, e propõe considerar as complexas tramas do avesso, onde há nós e entrelaços potentes que literalmente ‘seguram’ a fachada.

Isso significa sinalizar que, a lógica do Turismo na Fachada, segrega e negligencia Saberes, Fazeres, Episteme de lugares e sujeitos que não são sequer percebidos em sua subjetividade, que por vezes são negados no fluxo de uma condição de Turismo e de Lazer como uma necessidade humana.

Por conta disso, condicionam e produzem subjetivamente Turismo e Lazer mesmo em meio a condições de intempérie, de negação social, de apagamento da sua subjetividade. Isso nas minhas com-versas sobre Turismo e Lazer, demonstram a necessidade de repensar o Turismo para além da fachada, reconhecendo as Tramas Ecosistêmicas de seu Averso, como contributivas para superar as condições de intempérie, inerentes ao Ecosistema do Turismo como o estudamos.

Sobre o objetivo “Esquizografar sinalizadores de Turismo e Lazer que expressam, a trama de (Auto) Transpoiese em Favelas no Rio de Janeiro”, há a correspondência com o capítulo Viagem entre Becos e Vieiras. Nesse capítulo, retomamos a analogia dos Becos e Vieiras, como condições de Parada, Vislumbre e Fruição, como analogias aos movimentos do Desejo como potência, Desterritorialização, Simulação e Reterritorialização.

Trata-se de um capítulo que traz considerações subjetivas sobre as Favelas e o Rio de Janeiro, as subjetividades que transversalizam as objetividades do que é o Rio de Janeiro e suas condições de Favela. Assim, apresento dois Rios, buscando pontes entre os abismos condicionados subjetivamente por narrativas de Fachadas da Zona Sul do Rio de Janeiro [Norte com base na orientação de epistemologias do

Sul de Santos e Meneses (2010)] e das Favelas [Sul do ponto de vista dos mesmos autores].

Essa instância de apresentação tem como orientação justamente a intenção de demonstrar a dualidade e as contradições não passíveis de serem expressas apenas do ponto de vista objetivo geográfico, do que é norte e sul, visto que a Favela não fica no sul geográfico, ou mesmo pode ser considerado periferia no caso específico do Rio de Janeiro.

Apontei, assim, polos de poder no Rio de Janeiro, seu's sul's e seus norte's que condicionam a vida em condição de intempérie como constante, não só para os moradores de Favela. Apresento, no entanto, que, essa condição, por ser historicamente atribuída às Favelas, se apresenta nesse caso não só por condição de intempérie, mas principalmente capacidade de fazer brotar espontaneamente, de conseguir produzir subjetividade em potência desejante apesar das intempéries.

Assim a condição de Violência atribuída à Favela como locus da violência e também como promotora da mesma, é injustificada para resumir uma condição de existência plural, singular e diversa da Favela. Considero, nesta tese, a relação Favela e Violência, reconhecendo esta como um aspecto transversal da condição de Favela, mas não como traço ou marca do que a mesma representa em sua totalidade. Se trata de perceber que, para além da violência, existem aspectos que são representados pela condição de imposições narrativas únicas para tratar a Favela.

Parti assim para uma apresentação narrativa sobre a Favela e suas Esquizografias, como apresentação de sinalizadores que ajudam a contar outra lógica para o Turismo e para o Lazer, a partir do que a Favela ensina. Apresentei a proposição de que a Favela Viaja, viagens em meio às intempéries, e que Turismo e o Lazer também estão sujeitos. Nesse sentido, entendo ser possível perceber a episteme da Favela, como alternativa para contornar a condição de Favela no mundo, ou seja, com orientações decorrentes de saberes e fazeres que oferecem condições de sobrevivência em territórios de intempérie.

As Esquizografias de sinalizadores de Turismo e Lazer demonstram como se desenvolveram narrativamente os encontros que foram cartografados, na descoberta do que chamei de sinalizadores de Turismo e de Lazer, a partir, das Esquizografias. Esses sinalizadores foram apresentados a partir de Narrativas Pessoais, Músicas, Festas e Dinâmicas de Lazer desde a Favela, e que foram sistematizados como elementos que ajudam a contar as subjetividades que exprimem esses sinalizadores.

Os sinalizadores de Turismo e Lazer a partir da episteme Favelada são:

- Alta capacidade de adaptar-se e superar condições adversas;
- Primazia da colaboração entre pares, diferentemente de tendência à competição capitalística;
- Aberturas para linhas de fuga de impedimentos cristalizados (geográficos, simbólicos, políticos, sociais, culturais, etc.);
- Lógica matrística forte e resistente;
- Flexibilizações e tendência a humores alegres.

Fatores de risco:

- Cooptação por vislumbres de segurança, diante do universo de medo agenciado em circunstâncias adversas;
- A densidade da composição subjetiva põe à flor da pele os traços esquizo dos fluxos incorporais a-significantes e de processos inconscientes — quer dizer, o mesmo que é potência pode também caminhar para capturas subjetivas.

Esses sinalizadores foram, posteriormente, abertos em uma síntese que apresenta uma retomada da analogia das pipas, como elemento de significação para os sinalizadores apresentados, a partir da revisão narrativa das Esquizografias. Dessa forma, fica atendido o Objetivo Geral da pesquisa, no caso: Realizar Esquizografias de Favela, considerando sinalizadores de Turismo e Lazer, na trama (Auto) Transpoiense, em Favelas do Rio de Janeiro, Brasil.

Essa síntese apresenta cinco movimentos da pipa, como aspectos passíveis de potencializar dinâmicas e produções subjetivas no Turismo e no Lazer. São sinalizadores do que a Favela ensina, não como prática, mas como postura epistêmica contributiva para o cultivo do desejo como potência, mesmo em condições Faveladas como a que vivemos constantemente.

Os movimentos da pipa são espelhados em palavra síntese dos sinalizadores, no caso de maneira ordenada, Adaptabilidade; Colaboração; Resiliência; Reconhecimento; Alegria, com movimentos da pipa representados como, Arriar; Currupio; Chapar; Debicar; e Tentear. Desses sinalizadores em síntese, apresentei quadros e recortes em narrativas transmidiáticas como apresentado por Martinez (2012) e Baptista (2022), que, de maneira transpoiética, se transversalizam e se complementam.

Assim apresentei a partir de Festas e Lazer, os movimentos de Arriar; de Narrativas pessoais, os movimentos de Currupio; através de Músicas, os movimentos de Chapar, também através de músicas, o movimento de Debicar; e em uma repetição de elementos diferentes dos mesmos elementos midiáticos, o movimento de Tentear, representado em Músicas, Festas e Lazer.

Esses movimentos contribuem para a compreensão da construção de uma síntese desses cinco movimentos, como condição de uma episteme Favela, como saberes e fazeres, capazes de fazer brotar espontaneamente em território de intempérie a partir de uma postura de Malandragem, não no sentido pejorativo, mas como a capacidade de andar em adaptabilidade e produzindo subjetividade, mesmo quando essa condição é negada.

Sinalizei ainda fatores de risco de 'avovar' a pipa, a partir de contra narrativas do Capitalismo Mundial Integrado, presentes nos sinalizadores dos Fatores de Risco. Esses fatores representam o cuidado para que o agenciamento do medo e a captura do desejo não sejam dinâmicas que, através do controle e da segregação, acabem por diminuir o ímpeto potente e a capacidade de Fazer Brotar em território de intempérie.

Entendo que o que a Favela ensina, a partir da Tese de que a Favela viaja como capacidade subjetiva de fazer brotar em território de intempérie, e o que apresento aqui é que como sujeito Favelado, aprendi que há momentos que é preciso parar, como reconhecimento da potência de poder vislumbrar, nos Becos, os Vislumbres de fruição por Vuelas.

A 'Mãe' chama, nesse momento, e nesse chamado se faz a hora de entrar, de parar por hora, mas com o reconhecimento de que a Favela vai continuar produzindo Viagens subjetivas, e a pergunta que fica aqui é se o Turismo e o Lazer, enfrentando momentos de intempérie, em escala planetária, vão continuar negando o aprendizado ancestral da Favela sobre como Existir em Território de Intempérie. Para nós Favelados, o sonho não vai terminar, vamos continuar escrevendo e produzindo nossas Grafias esquizo, desde a Favela e Reconhecendo a Favela, representando as Favelas como condição, como diria Claudinho e Bochecha (1996):

Na Praça da Playboy ou em Niterói
Na Fazenda Chumbada ou no Coez
Quitungo, Guaporé, nos locais do Jacaré
Taquara, Furna e Faz-Quem-Quer

Barata, Cidade de Deus, Borel e a Gambá
Marechal, Urucânia, Irajá
Cosmorana, Guadalupe, Sangue-Areia e Pombal
Vigário Geral, Rocinha e Vidigal
Coronel, Mutuapira, Itaguaí e Sacy
Andaraí, Iriri, Salgueiro, Catiri
Engenho Novo, Gramacho
Méier, Inhaúma, Arará
Vila Aliança, Mineira, Mangueira e a Vintém
Na Posse e Madureira, Nilópolis, Xerém
Ou em qualquer lugar

Eu vou te admirar

Nosso sonho não vai terminar
Desse jeito que você faz^[1] Se o destino adjudicar
Esse amor poderá ser capaz
Nosso sonho não vai terminar (é)
Desse jeito que você faz
E depois que o baile acabar
Vamos nos encontrar logo mais.



REFERÊNCIAS

ALEXANDRE PIRES; SEU JORGE. **Eu sou o samba**. Sony Music Entertainment, 2010. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/2Nupx29mkOPkng3ulPJ0yN?autoplay=true> Acesso em: 6 fev. 2024.

ALLIS, Thiago. Em busca das mobilidades turísticas. **Plural**, v. 23, n. 2, p. 94-117, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/125112>. Acesso em: 6 Fev. 2024.

ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. Campina: Papyrus Editoria, 2002.

ALVES, Ruben. **Variações sobre o prazer**. São Paulo: Planeta, 2011.

ALZAMORA, Geane; TARCIA, Lorena. Convergência e transmídia: galáxias semânticas e narrativas emergentes em jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, v. 8, n. 1, p. 22-35, 2012.

ARLINDO CRUZ. **Meu Lugar**. Rio de Janeiro: Deckdisk, 2007. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/52NFgCjGw7oZKIBABYKLPG>. Acesso em: 6 fev. 2024.

ARLINDO CRUZ. **Meu nome é Favela**. Sony Music Entertainment, inc., 2011. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/4iAs2QORspxnjOocbxJ25X>. Acesso em: 6 fev. 2024

ARLINDO CRUZ. **Favela**. DeckDisc, 2009. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0PudkgRVmrNbJbIE4mDXC6?autoplay=true>. Acesso em: 6 fev. 2024

ÁVILA, Newton Fernandes. **Comunicação corpoiesis e turismo: tramas turístico-comunicacionais para a (auto) transpoiese de sujeitos e lugares, em São Luiz Gonzaga, Rio Grande do Sul**. 2023. 522 f. Tese (Doutorado em Turismo e Hospitalidade) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, 2023.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Comunicação: trama de desejos e espelhos: os metalúrgicos, a telenovela e a comunicação do sindicato**. Canoas: Editora da ULBRA, 1996.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Paixão-pesquisa: encontro com o" fantasma minha camarada". **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**, v. 1, n. 1, 1999. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/download/663/474> Acesso em: 6 fev. 2024.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **O sujeito da escrita e a trama comunicacional: um estudo sobre processos de escrita do jovem adulto, como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporâneas**. 2000. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – ECA, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2000.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Disciplinas teóricas: de entulho de currículo a campo do desejo e autopoiese. *In: XXVI Congresso de Ciências da Comunicação – Intercom. Anais eletrônicos [...]*. Belo Horizonte: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, p 1-15, 2003.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Desterritorialização desejanter em Turismo e Comunicação: traços especulares e de Autopoiese inscricional. *In: XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Intercom sul. Anais eletrônicos [...]*. Santa Cruz do Sul: Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, p.1-16, 2013.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Cartografia de saberes na pesquisa em Turismo: proposições metodológicas para uma Ciência em Mutação. **Rosa dos Ventos**, v. 6, n. 3, p. 342-355, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4735/473547041003.pdf> Acesso em: 6 fev. 2024.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Sujeito-trama do turismo: Reflexões sobre a subjetividade contemporânea e suas implicações para a pesquisa do turismo. **Pasos: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 14, n. 5, 2016. Disponível em: https://www.pasosonline.org/Publicados/14516/PS516_02.pdf Acesso em: 6 fev. 2024.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Matrizes rizomáticas: proposição de sinalizadores para a pesquisa em turismo. *In: XIV Seminário anual da associação nacional de pesquisa e pós graduação em turismo - ANPTUR. Anais eletrônicos [...]*. [S.l.]: ANPTUR - Associação nacional de pesquisa e pós graduação em Turismo, 2017.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. “Com-versar” Amocomtur - lugares e sujeitos! narrativas transversais sensíveis, envolvendo sujeitos em processo de desterritorialização - Brasil, Espanha, Portugal, Itália, México, Colômbia, Egito, Arábia Saudita e Índia. Projeto de pesquisa vinculado ao Programa de Pós Graduação em Turismo e Hospitalidade - PPGTURH. Caxias do Sul, RS: Universidade de Caxias do Sul - UCS, 2018.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Afetivações, amorosidade e autopoiese: sinalizadores para narrativas sensíveis de destinos turísticos, em perspectiva ecossistêmica. **Narrativas Midiáticas Contemporâneas**, v. 96820, p. 47, 2019. Disponível em: https://www.academia.edu/download/61116503/Narrativas_Midiaticas_Contemporaneas_Sujeitos_Corpos_Lugares20191103-12001-11ye165.pdf#page=47. Acesso em: 6 fev. 2024

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale; DE MELO, Camila Carvalho; BERNARDO, Joice Dos Santos; PICININI, Rudinei; SANDI, Simone Maria; SANTOS, José Almeida; HAMMES, Carlos Eduardo Haas; DANNENHAUER, Karen; EME, Jennifer Bauer. Por um Mundo Mais Amoroso e Autopoiético! Reflexões Amorcomtur! Durante a Pandemia Covid 19. **Rosa dos Ventos**, vol. 12, núm. Esp.3, 2020 Universidade de Caxias do Sul, Brasil Disponível em:

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=473564229014> DOI:
<https://doi.org/10.18226/21789061.v12i3a14>

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. “Amar la trama más que el desenlace!”: reflexões sobre as proposições trama ecossistêmica da ciência, cartografia dos saberes e matrizes rizomáticas, na pesquisa em turismo. **Revista de Turismo Contemporâneo**, v. 8, n. 1, p. 41-64, 2020a. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/18989>. Acesso em: 6 fev. 2024.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. ‘Stamos em Pleno Mar’! Reflexões sobre tempos de pandemia Covid-19, considerando a trama de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos. **Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território**, [S. l.], v. 8, n. 15, p. 7–22, 2020b. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/32698>. Acesso em: 23 fev. 2024.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Amorosidade, autopoiese e ‘com-versações’: a potência dos ‘entrelaços nós’ na educação e na ciência. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 4, p. 2358–2378, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/15676>. Acesso em: 6 fev. 2024.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. O Averso do Turismo como proposição de Sinalizadores para o Futuro: Reflexões ecossistêmicas sobre entrelaçamentos e processualidades do avesso das desterritorializações turísticas em seus saberes e fazeres. **Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território**, v. 9, n. 3, p. 258-271, 2021a.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. (Auto)Transpoiese em Narrativas de Viagens. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; PASSOS, Mateus Yuri (org.). **Narrativas de Viagem 2/Travel Narratives 2: Percursos que transformam**. Santa Cruz do Sul: Catarse editora. 2022.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Da ontologia à ecosofia do turismo: Amorosidade e (Auto) transpoiese para o Turismo-Trama do Mundo N’ovo. **Educação e Fronteiras**, p. e023014-e023014, 2023. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/17779>. Acesso em: 22 fev. 2024

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale; BERNARDO, Jóice Santos. Cartografia dos Saberes e histórias de vida: aproximações metodológicas para a pesquisa com ‘sujeitos entre mundos’, na perspectiva de ‘com-versar’ lugares e sujeitos. **Revista Observatório**, v. 6, n. 5, p. a11pt-a11pt, 2020.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale.; EME, Jennifer Bauer. Estratégias de ‘sobrevivência’ metodológica na viagem investigativa para a ciência no mundo novo: Dimensão trama, cartografia dos saberes e matrizes rizomáticas. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, p. e023042, 2023. DOI: 10.21723/riaee.v18i00.18206. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/18206>. Acesso em: 22 fev. 2024.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Senac, 2000.

BENI, Mario Carlos; MOESCH, Marutscka. A teoria da complexidade e o ecossistema do turismo. **Turismo: Visão e Ação**, v. 19, n. 3, p. 430-457, 2017. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rtva/article/view/11662>. Acesso em: 22 fev. 2024.

BOB DO CONTRA; CESAR MC; KAYUÁ; ELANA DARA; PROJOTA; FROID; CYNTHIA LUZ; MV BILL; PINEAPPLE STORMTV. **Poesia Acústica #8: Amor e Samba**. Pineapple storm tv, 2018. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/2RoWhAVtQrPU53BERYImYZ?autoplay=true> Acesso em: 6 fev. 2024.

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru: Edusc, 2002.

BONDE DO TIGRÃO. **Cerol na mão**. Rio de Janeiro: Sony Music, 2001. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/7phsnmM8mYQOzKXRUYvPMG?autoplay=true> Acesso em: 6 fev. 2024.

BOTTON, Alain. **A arte de viajar**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. Bauru: Edusc, 2003

BRITO, Bárbara Lis Rabelo; BRITO, Daguinete Maria Chaves; SOUZA, Ester Almeida de. Pressupostos teóricos de proteção da natureza. **Planeta Amazônia: Revista Internacional de Direito Ambiental e Políticas Públicas**, v. 1 n. 7, p. 141-147, 2015. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/233923438.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2024.

BRUNA, Jaime. **A poética clássica: Aristóteles, Horácio, Longino**. São Paulo: Cultrix 1992.

CABELINHO MC; ORUAM; CHEFIN; TZ DA CORONEL; LUÍZA SONZA; XAMÃ; CHRIS MC; L7NNON; SALVE MALAK; N.I.N.A; SALVE MALAK; PINNEAPPLE SROTM TV. **Poesia Acústica #13**. Pineapple StormTv, 2022.

CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. **O que é Lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

CASTRO, Celso. **O Rio de Janeiro e a “emoção turística” na década de 1930**. In: COSTA, Amanda Donelli; RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. (org.). Serra: Editora Milfontes, 2023.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1991.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1997.

CAVALCANTI, Marcus Alexandre de Pádua. Resistências nas mídias a comunicação socializada: Uma breve história das rádios livres e comunitárias no Brasil. **Periferia**, v. 10, n. 2, p. 258-277, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5521/552157626016/html/> Acesso em: 6 fev. 2024.

CESAR MC; TIBERY; PINEAPPLE STORM TV. **A vida é uma canção infantil**. Pineapple StormTv, 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/7sK0QmL8vHAFV4GU31Gv7e?autoplay=true> Acesso em: 21 nov. 2024.

CHRIS MC; HODARI; DUCON; KAYUÁ; DON L; LUCCAS; SALVE MALAK; PINNEAPPLE STORM TV. **Poesia Acústica #5: Teu popô**. Pinneapple storm tv, 2018. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0b369xoVhUFJOH56pYq4KB?autoplay=true> Acesso em: 6 fev. 2024.

CIDINHO; DOCA. Rap da Felicidade. 1995. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/37MO0sT3QaFtmjBKCL3LHb?autoplay=true> Acesso em: 6 fev. 2024.

CLAUDINHO; BUCHECA. **Nosso sonho**. MCA Inc., 1996. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/62YIhb7RKeTO3Zh9RaMk73?autoplay=true> Acesso em: 21 nov. 2024.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

CREMA, Roberto. **Introdução à visão holística**. Breve Relato de Viagem do Velho ao Novo Paradigma. São Paulo: Summus, 1989.

CREMA, Roberto. Compreensão: convergência entre o Saber e o Ser. robertocrema.com.br. 2012. Disponível em: <https://robertocrema.com.br/compreensao-convergencia-entre-o-saber-e-o-ser/> Acesso em: 6 fev. 2024.

DELEUZE, Gilles. **A dobra**: Leibniz e o barroco. Papyrus Editora, 1991.

DELEUZE, Gilles. **conversações**. São Paulo: Ed.34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

DJONGA. **Bença**. Ceia, 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/3GFF2ybvzJWteFci21mC1W> Acesso em: 6 fev. 2024.

DOMINGUES, Joelza Ester. História dos Brinquedos: pipa. studhistoria.com.br, 2024. Disponível em: <https://studhistoria.com.br/historia-das-coisas/historia-dos-brinquedos-pipa/> Acesso em: 6 fev. 2024.

DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.) . **Escrevivência**: a escrita de nós - Reflexões sobre as obras de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

ELIS REGINA. **Aprendendo a jogar**. EMI Hemisphere, 1980. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/6LdauX4SorragegZB01umY> Acesso em: 6 fev. 2024.

EME, Jennifer Bauer. **'Quem não vive do mar, vive de quê? 'Sinalizadores de 'repuxo 'do turismo em Torres/RS, a partir de 'com-versações 'com moradores**. 2021. 160 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, 2021.

EME, Jennifer Bauer; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. (Narrativas de viagem e Artesania: sinalizadores para (re) pensar o Turismo. *In*: SOSTER, Demétrio de Azeredo; PASSOS, Mateus Yuri (org.). **Narrativas de Viagem 2/Travel Narratives 2: Percursos que transformam**. Santa Cruz do Sul: Catarse editora. 2022.

ESTEVES, Diego Winck; ADÓ, Máximo Daniel Lamela. Poética da notação esquizográfica: corpos, pensamento e linguagem em jogo. **Conjectura. Caxias do Sul**, RS. Vol. 25 (jan./dez. 2020), p. 1-23, e020021, 2020.

Etimologia da Palavra 'Atrever'. A origem das Palavras. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/atrever-se/>. Acesso em: 6 fev. 2024.

Etimologia da Palavra 'Ousar'. A origem das Palavras. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/pergunta/origem-germanica/>. Acesso em: 6 fev. 2024.

FELIPE RET; MAQUINY; AZZY; BOB DO CONTRA; SALVE MALAK; PINEAPPLE STORM TV; MC CABELINHO; XAMÃ; OROCHI; DUDU MC. **Poesia Acústica #6: era uma vez**. Pinneapple storm tv, 2018. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/13Rf6RaZT13TW4xLQR3MQR?autoplay=true> Acesso em: 6 fev. 2024.

FELIPE RET; L7NNON; XAMÃ; DJONGA; LOUREANA; CHRIS MC; CESAR MC; SALVE MALAK; PINEAPPLE STORM TV; HUNTER. **Poesia Acústica #9: Melhor forma**. Pinneapple storm tv, 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/2fmeSswdyVq4wcqhY41UHk?autoplay=true>. Acesso em: 6 fev. 2024.

FIGUEIREDO, Silvio Lima; RUSCHMANN, Doris Van de Meene. Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas. **Novos cadernos NAEA**, v. 7, n. 1, 2004. Disponível em: <http://novoperiodicos.ufpa.br/periodicos/index.php/ncn/article/view/40> Acesso em: 07 fev. 2024

FLACCO, Horácio. Q. **HORATI FLACCI EPISTVLARVM LIBER PRIMVS**. Disponível em: <http://www.thelatinlibrary.com/horace/epist1.shtml>. Acesso em: 6 fev. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2014.

FREUD, Sigmund. O estranho (1919). *In*: FREUD, Sigmund. **Obras completas**, v. 14, São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. A favela que se vê e que se vende: reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 22, p. 61-72, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/CN48WqwT3pmRD5XhtYGD7Lf/>. Acesso em: 07 fev. 2024.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. A favela e seus trânsitos turísticos. **Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo**, v. 2, n. 2, 2007a. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/oit/article/view/5664>. Acesso em: 6 fev. 2024.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca; NUNES, Fernanda; CAMPELLO, Lívia. Sobre afetos e fotos: volunturistas em uma favela carioca. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 5, n. 2, 2011. Disponível em: <https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/424>. Acesso em: 07 fev. 2024.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca; MORAES, Camila Maria dos Santos. Movilidades transnacionais y la producción académica sobre el turismo de favelas. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 16, p. e-2262, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbtur/a/QZs8MQR3rZqQQBDqxcQKyHh/>. Acesso em: 07 fev. 2024.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GLENNY, Misha. **O dono do morro: um homem e a batalha pelo Rio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016

GIOMETTI, Ana Lúcia Bueno dos Reis; PITTON, Sandra Elisa Contri; ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guarnieri. Leitura do espaço geográfico através das categorias: lugar, paisagem e território. **Conteúdos e didática de geografia-UNESP**, p. 33-40, 2012. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/47175/1/u1_d22_v9_t02.pdf. Acesso em: 07 fev. 2024

GOMES, Christianne Luce. **Frui vita - A alquimia do lazer**. Ponta Grodda: Atena, 2023.

GÓMEZ, Johan Sebastián Gómez; ZAPATA, Ledys López; MEES, Luiz Alexandre Lellis. ¿ Por qué vienen los turistas? Estudio comparado entre las favelas y barrios populares de Medellín. **Criterio Libre**, v. 17, n. 31, p. 365-382, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7340742>. Acesso em: 07 fev. 2024

GUATTARI, Félix. **Caosmose**. um novo paradigma ético-estético. São Paulo: Ed.34, 1992.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas: Papyrus, 1990.

GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular**: Pulsações políticas do desejo. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

GUATTARI, Félix; DELEUZE, Gilles. **Mil platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. São Paulo: Ed. 34, 1995.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um embate. **GEOgrafia**, v.9, n.17, p.19-46, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Rogério-Haesbaert/publication/328821424_Territorio_e_multiterritorialidade_um_debate/links/642ec723ad9b6d17dc3d1a1b/Territorio-e-multiterritorialidade-um-debate.pdf. Acesso em: 6 fev. 2024.

HARIEL; MATUÊ; DUCON; PINNEAPPLE STORM TV; SALVE MALAK, DK47; KEVIN O CHRIS, VITÃO, CHRIS MC, NEGRA LI. **Poesia Acústica #7: Céu Azul**. Pinneapple storm tv, 2019. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/2FGhB10Gon36GgFcOTMQEW>. Acesso em: 6 fev. 2024.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: editora Paz e Terra, 1970.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE Cidades - Rio de Janeiro Censo Brasileiro de 2021. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-de-janeiro/panorama>. Acesso em: 07 fev. 2024

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Brasileiro de 2021. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-de-janeiro/panorama>. Acesso em: 07 fev. 2024

JIMÉNEZ, Celeste Nava; NECHAR, Marcelino Castillo; VALDÉS Rubén Mendoza; MARTÍNEZ, Elva Esther Vargas. La crítica en el pensamiento turístico. **Rosa Dos Ventos**, v. 6, n. 3, p. 324-341, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4735/473547041002.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2024

KALAOUM, Fausi. **Que verde é esse? Uma investigação da instância de governança da região da turística baixada verde – RJ**. 2023. 288p. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2023.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: que é esclarecimento. *In*: KANT, Immanuel. **Textos seletos**, p. 100-16. 2a. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

KORSTANJE, Maximiliano E. Problemas y obstáculos en la Investigación científica del Turismo. *In*: III Seminario de Distribución del Conocimiento en Turismo. **Anais eletrônicos** [...]. La Plata: Universidade de Palermo 2014. p.1-20.

KRIPPENDORF, Jost. Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2000.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. **Pesquisa em comunicação**: formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. Storytelling em plataforma impressa e digital: contribuição potencial do jornalismo literário. **Organicom**, v. 11, n. 20, p. 118-127, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/organicom/article/view/139223>. Acesso em: 6 fev. 2024.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo**. Viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LUDMILLA. Rainha da favela. 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/3vu864xi5Xis9VfOsJpmXu?autoplay=true>. Acesso em: 6 fev. 2024.

MADUREIRA, Mariana Alves; OLIVEIRA, Elizabeth; IRVING, Marta de Azevedo; TAVARES, Frederico. Favela-lugar para se visitar ou evitar? As contradições na mídia sobre o turismo em favelas no Rio de Janeiro. **Verso e Reverso**, v. 32, n. 81, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Marta-Irving/publication/329411615_Favela_-_lugar_para_se_visitar_ou_evitar_As_contradicoes_na_midia_sobre_o_turismo_em_favelas_no_Rio_de_Janeiro/links/654a4ead3fa26f66f4e26e33/Favela-lugar-para-se-visitar-ou-evitar-As-contradicoes-na-midia-sobre-o-turismo-em-favelas-no-Rio-de-Janeiro.pdf. Acesso em: 6 fev. 2024.

MANSO, Bruno Paes. **A república das milícias**: Dos esquadrões da morte à era Bolsonaro. Todavia, 2020.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer**: uma introdução. Campinas: Autores Associados, 1996.

MARTINEZ, Allier Joan. **O ecologismo dos pobres**: conflitos ambientais e linguagens de valoração. São Paulo: Contexto, 2007.

MARTINEZ, Monica. Narrativas de viagem: escritos autorais que transcendem o tempo e o espaço. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 35, p. 34-52, 2012.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

MATURANA, Humberto. Ontología del conversar. **Revista Terapia Psicológica**, Santiago, v. 10, p. 1-16, 1988. Disponível em: <https://repositorioslatinoamericanos.uchile.cl/handle/2250/1371614>. Acesso em 06 fev. 2024

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MATURANA, Humberto; D'ÁVILA, Ximena. **El árbol del vivir**. Santiago: MVP editores, 2015.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento**. São Paulo: Palas Athena, v. 2, 2001.

MATURANA, Humberto; VERDEN- ZÖLLER, Gerda. **Amar e Brincar: Fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena, 2009.

MC FLAVINHO; DJ DECCO. **Eu viajei o mundo todo dentro do Rio de Janeiro**. 2018. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/3xnyqIPKfRj80NB97Vu63q> . Acesso em: 6 fev. 2024.

MC MARCINHO. **Favela**. Rio de Janeiro: Furacão 2000, 2003. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/2uGBCKhv7p3NL8OvT875r2> . Acesso em: 6 fev. 2024.

MC SCAR. **A Favela Venceu**. 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0HYt2VgAp3aiRLDw3Rrq3e?autoplay=true>. Acesso em: 6 fev. 2024.

MC TIKÃO; DJONGA; MC CABELINHO. **A favela venceu**. 2021. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0FyGI6PYFfojqfpqlybYv9?autoplay=true>. Acesso em: 6 fev. 2024.

MELO, Alessandra. Fabulação na Gaiola, dobras ou esquizografias da fundação casa. **Linha Mestra**, v. 13, n. 38, p. 73-78, 2019. Disponível em: <http://www.lm.alb.org.br/index.php/lm/article/download/296/318> Acesso em: 6 fev. 2024.

MELO, Camila Carvalho. **Caminhada noturna do turismo : tramas subjetivas e comunicacionais no processo de desterritorialização**. 2018. 99 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hospitalidade) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, 2018.

MELO, Camila Carvalho; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Caminhada noturna em Criúva: sinalizadores para um Turismo-Trama-Ecossistêmico e sua relação com a Autopoiese. **Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 9, n. 1, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/ojs2-somente-consulta/index.php/ritur/article/view/5967> Acesso em: 6 fev. 2024.

MERLÍ: Sapere aude. Criador: Héctor Lozano. Produtor: Alberto Álvarez. Diretor: Menna Fité. Moviestar+, 2019-2022.

MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico**. 2. ed . São Paulo: Contexto, 2002.

MORAES, Camila Maria dos Santos; LA VEGA, Bernardo de; FRENZEL, Fabian; REGA, Isabela; MAINARD-SARDON, Juliana. Favela tour virtual: Sobre Mobilidades Turísticas em Favelas no Contexto da Pandemia de Covid-19. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 11, p. 97-113, 2022. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cadernosaa/4284> Acesso em: 07 fev. 2024

MORAES, Camila. Turismo em favelas: notas etnográficas sobre um debate em curso. **Plural: Revista de Ciências Sociais**, v. 23, n. 2, p. 65-93, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6497/649770040004/649770040004.pdf> Acesso em: 07 fev. 2024.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2020.

MOURA, Bruno de Freitas. **Zona oeste concentra uma de cada três empresas da cidade do Rio**. Site Tribuna do Norte Disponível em: <https://tribunadonorte.com/geral/zona-oeste-concentra-uma-de-cada-tres-empresas-da-cidade-do-rio-805639> Acesso em: 31 jan. 2024.

NAPOLITANO, Graziela, PIRO, María Cristina; BASUALDO, Analía; BATTISTA, Julieta. Los antecedentes del análisis de los transtornos de lenguaje en los escritos inspirados. *In: XI Jornadas de Investigación. Anais eletrônicos [...]*. Buenos aires: Facultad de Psicología-Universidad de Buenos Aires, 2004.

NETTO, Alexandre Panosso. **O que é turismo**. Tatuapé: Editora Brasiliense, 2010

NETTO, Alexandre Panosso; NECHAR, Marcelino Castillo. Epistemologia do turismo: escolas teóricas e proposta crítica. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 8, n. 1, p. 120-144, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5041/504151938008.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2024

OTM. Organização Mundial de Turismo. **Introdução ao turismo**. Trad. Dolores Martins Rodriguez Córner. São Paulo: Roca, 2001.

POSTIGO, Evelyn Louyse Godoy. **A bola da vez: gestão e resistência no cotidiano de uma favela carioca em contexto de pacificação**. 2014. 129 f. Dissertação (Mestrado em sociologia) - Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, São Carlos, 2018.

PÓVOA, Débora; REIJNDERS, Stijn; MARTENS, Emiel. *The telenovela effect: Challenges of location filming and telenovela tourism in the Brazilian favelas*. **Journal of popular culture**, v. 52, n. 6, p. 1536, 2019. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6988493/>. Acesso em: 07 fev. 2024

QUEIROZ FILHO, Alfredo Pereira de. SOBRE AS ORIGENS DA FAVELA (the origins of the 'favela'). **Mercator**, Fortaleza, v. 10, n. 23, p. 33 a 48, 2011. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/651>. Acesso em: 07 fev. 2024.

RAMALHO, Marlen Cabral; TAVARES JUNIOR, Frederico Augusto; ALVES, Bárbara Lúcia Guimarães; TAVARES, Margarete Ribeiro. Um olhar sobre a teoria Ator-Rede e a Cartografia das Controvérsias: o caso da trilha da Pedra do Telégrafo-RJ. **Revista Turismo em Análise**, v. 30, n. 2, p. 231-250, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/152539>. Acesso em: 07 fev. 2024

RASHID; EMICIDA; LUKINHAS. **Pipa avoadada**. Sony Music Entertainment, Inc., 2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/083NpzIPOa5Q2mWOEK EaGw?autoplay=true>. Acesso em: 6 fev. 2024.

RIBEIRO, Helena Charko. **Turismo e saúde: sinalizadores turísticos de Porto Alegre, relatados pelos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) e seus acompanhantes, em processos de deslocamento**. 2019. 222 f. Tese (Doutorado em Turismo e Hospitalidade) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, 2019.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. **Revista de Estudos Afro-Asiáticos**, v. 17, p. 1-17, 1989. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7836397/mod_resource/content/1/texto_12_territorios_negros_raquel_rolnik.pdf Acesso em: 21 nov. 2024.

SALEMA, Vivian de Azevedo Garcia. Análise do epodo x de Horácio. **PRINCIPIA**, n. 27, p. 1-11, 2013.

SAMPAIO, Sofia. Estudar o turismo hoje: para uma revisão crítica dos estudos de turismo. **Etnográfica. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 17, n. 1), p. 167-182, 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/etnografica/2615>. Acesso em: 07 fev. 2024

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estudos avançados**, v. 2, p. 46-71, 1988. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/YgSSRgJjZgtbpBLWxr6xPHr/>. Acesso em: 07 fev. 2024

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista crítica de ciências sociais**, [Online], v.1 n. 63, p. 237-280, 2002. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/1285> Acesso em: 6 fev. 2024.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. *In*: SANTOS, B. S.; PAULA, M. M. (org.). **Epistemologias do sul**. [S. l.]: Cortez Editora, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (org.). **Epistemologias do sul**. [S. l.]: Cortez Editora, 2010.

SANTOS, Helane Súzia Silva; BRITO, Maria dos Remédios. Esquizografias dos afetos: sexualidade entre paisagens. **Momento-Diálogos em Educação**, v. 25, n. 1, p. 233-256, 2016. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/6121/3936>. Acesso em: 20 fev. 2024. DOI: 10.26512/revcenario.v10i1.40824

SANTOS, Marcia Maria Cappellano; PERAZZOLO, Olga Araujo. Hospitalidade numa perspectiva coletiva: O corpo coletivo acolhedor. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 6, n. 1, p. 3-15, 2012.

SENA JÚNIOR, Otávio Bezerra; SONAGLIO, Kerlei Enele. Análise das contribuições, influências e relevância de Jafar Jafari para o estudo do turismo. **Revista Caribeña de Ciencias Sociales** v.1, n.1, p.1-10, 2017.

SIALER, Fabrizio Augusto Alberca. Sobre los estudios bibliométricos en turismo. **Cultura: Revista de la Asociación de Docentes de la USMP**, v. 34, n. 1, p. 125-143, 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/download/86384001/RCU_34_estudios-bibliometricos.pdf. Acesso em: 07 fev. 2024

SILVA, Renan de Lima. **Em ondas com o Turismo: o olhar da comunidade sobre o turismo nas praias do Farol de Santa Marta**. 2015. 116 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, 2021.

SILVA, Renan de Lima; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Turismo nas praias do Farol: o olhar da comunidade sobre as práticas de hospitalidade. **Revista Hospitalidade**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 01–24, 2017. Disponível em: <https://revhosp.emnuvens.com.br/hospitalidade/article/view/692>. Acesso em: 25 mar. 2024.

SILVA, Renan de Lima; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Cartography of The Periphery and Tourism in Rio De Janeiro, Brazil Deterritorializations and Autopoietic Practices of Leisure and Tourism. *In*: VAISHALI, Vijay Singh. **Multidisciplinary Issues in Social Sciences Research: International Trends**. Delhi: R.P. Publications. 2021.

SILVA, Renan de Lima; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Esquizografias turísticas e Cartografia dos Saberes: Reflexões epistemológico-teóricas sobre pesquisa e ecossistemas turísticos. **Cenário: Revista Interdisciplinar em Turismo e Território**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 45–56, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacenario/article/view/40824>. Acesso em: 20 fev. 2024. DOI: 10.26512/revcenario.v10i1.40824

SILVA, Renan de Lima; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Sapere Aude - Dare to know: Narratives and Epistemological Reflections on Science and Tourism Research. **Journal of Social Sciences: Transformations & Transitions (JOSSTT)**. [S. l.], v.3, n.6, p. 2, 2023. Disponível em: <https://eruditus-journals.com/index.php/josstt/article/view/29/59> Acesso em: 6 fev. 2024.

SILVA, Renan de Lima; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Narrativas e 'Conversações' de Favela: Dispositivos sensíveis e complexos para Viagens Investigativas em Turismo. **Revista Hipótese**, Bauru, v. 9, n. 00, p. e023008, 2023a. DOI: 10.58980/eiaerh.v9i00.427. Disponível em: <https://revistahipotese.editoraiberoamericana.com/revista/article/view/427>. Acesso em: 22 fev. 2024.

SILVA, Renan de Lima; BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Sapere Aude o avesso do turismo-trama em becos e vielas do ecossistema favela. *In: XX Seminário anual da associação nacional de pesquisa e pós graduação em turismo - Anptur. Anais eletrônicos* [...]. Niterói: ANPTUR - Associação nacional de pesquisa e pós graduação em Turismo 2023b.

SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

SOUZA, Tatiana Roberta. Lazer e turismo: reflexões sobre suas interfaces. *In: VI Seminário de pesquisa em Turismo do Mercosul – Semintur. Anais eletrônicos* [...]. Caxias do Sul: Semintur - Seminário de pesquisa em Turismo do Mercosul, 2010. p. 1-15.

TADIOTO, Mateus Vitor. **Ainda acerca das reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais**. 2021. 174 f. Tese (Doutorado em Turismo e Hospitalidade) - Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, RS, 2021.

TADIOTO, Mateus Vitor; CAMPOS, Luciene Jung de; VIANNA, Silvio Luiz Gonçalves. Epistemologia do Turismo: um estudo sobre as correntes teóricas predominantes nas publicações em Turismo IberoAmericanas. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 16, p. e-2361, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbtur/a/4MdwKfNGwKgfbQJD7pKGkCS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 fev. 2024

TRIBE, John. The truth about tourism. **Annals of tourism research**, v. 33, n. 2, p. 360-381, 2006. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0160738305001659>. Acesso em: 6 fev. 2024

TRIBE, John. The art of tourism. **Annals of Tourism Research**, v. 35, n. 4, p. 924-944, 2008. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0160738308000819>. Acesso em: 6 fev. 2024

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A viagem, caminho e experiência**. São Paulo: Aleph, 2013.

VAFINA, Aslu H.; PAIGUNOVA, Yuliya V.; APPAKOVA-SHOGINA, Nuriya Z.; GUT, Anzhelica V.; SANGER, Phillip A.. Theoretical and applied potential of tourism axiology and environmental subjectivities. **Caspian Journal of Environmental Sciences**, v. 18, n. 5, p. 525-531, 2020. Disponível em: https://cjes.guilan.ac.ir/article_4482.html Acesso em: 2 nov. 2021

VALDUGA, Manoela Carrillo; MOESCH, Marutschka Martini. Análise sistêmica do turismo. *In: III Seminário de pesquisa em Turismo do Mercosul – Semintur. Anais eletrônicos* [...]. Caxias do Sul: Semintur - Seminário de pesquisa em Turismo do Mercosul, p. 1-11, 2005. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/gt8-analise-sistemica.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2024.

VALDUGA, Vander; GARDOLINSKI, Stella Antoniazzi.; FARIA, Amanda Beatriz Cardoso; SILVA, Júlia Lueneberger Kauling. Hospitalidade, acolhimento e amorosidade no turismo: uma análise bibliométrica. **Ateliê do Turismo**, v. 5, n. 2, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/adturismo/article/view/12422>. Acesso em: 07 fev. 2024

VINNY SANTA FÉ; GRUPO BOM GOSTO. Pauperrecido. 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/2NaU7cuWOBIOPA2nBJ06Hd?autoplay=true>. Acesso em: 6 fev. 2024.

WENDLING, Michelle Menezes. **Duas versões do desejo: Lacan, Deleuze e Guattari**. 2010. 105 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2010.

YÁZIGI, Eduardo Abdo. Devaneio e Crítica Preliminares ao Papel da Fantasia na Paisagem. **Paisagem e Ambiente**, [S. l.], v.1 n. 12, p. 253-287, 1999. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/paam/article/view/134045>. Acesso em: 26 mar. 2024.

YÁZIGI, Eduardo Abdo. **A alma do lugar**: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas. 2001.